

O livro "Roteiro Pastoral" foi editado pela UEB e pela ARCA em 1971.

Possui o formato A5 (13 x 18 cm) como livro de lombada quadrada.

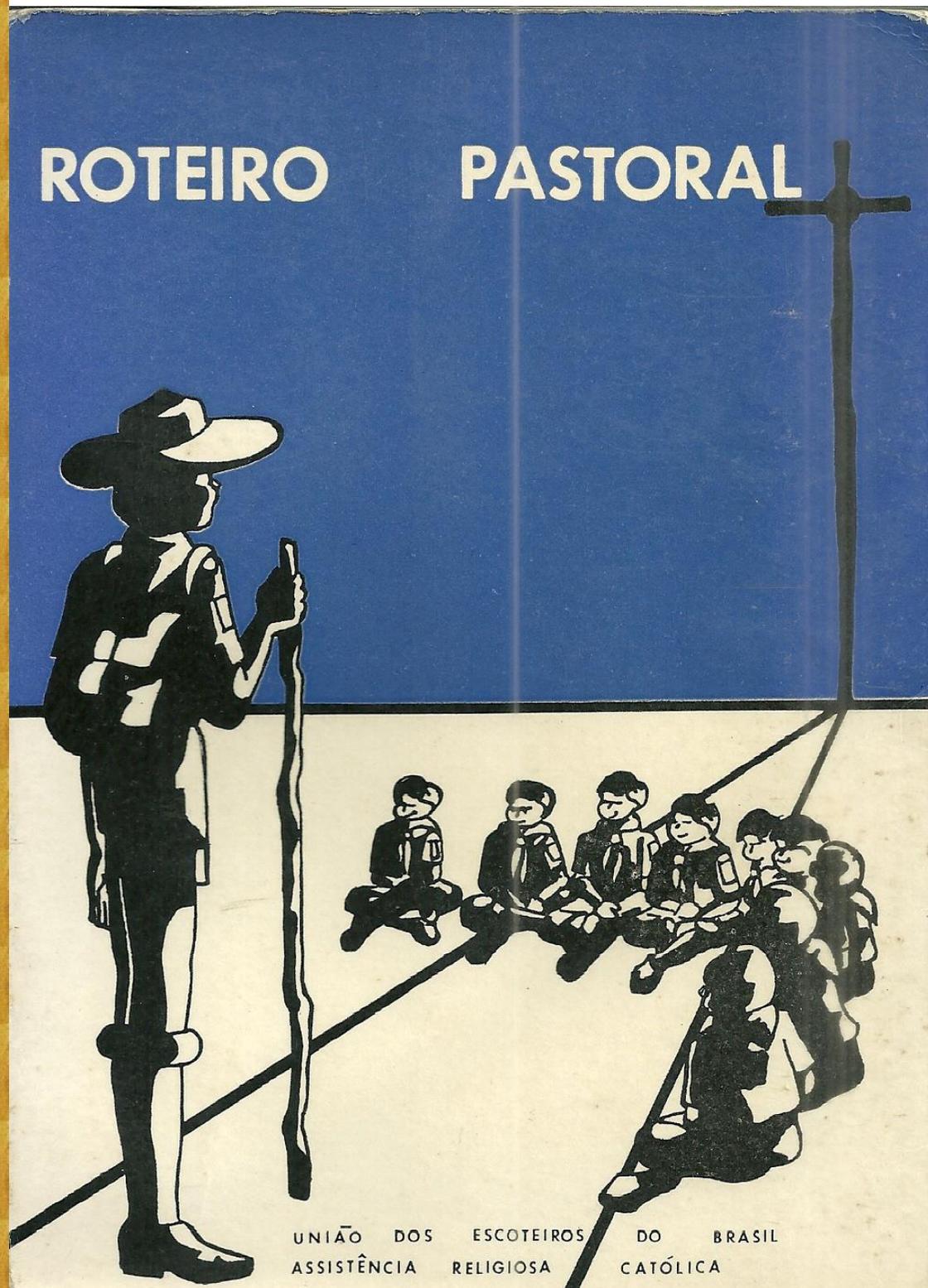
Com capa colorida em 2 cores (azul e preto) papel 120gr plast.

Possui 340 páginas brancas impressas em preto, e mais 6 ilustrações coloridas.

O original deste livro nos foi emprestado por Eurico Souza Leite Filho, vindo de Portugal.

"Uma vez Escoteiro, sempre Escoteiro"

A digitalização e montagem deste PDF foi feita pelo chefe Paulo Cabello do site: www.lisbrasil.com



UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
ASSISTÊNCIA RELIGIOSA CATÓLICA

**Roteiro
Pastoral**



**UNIÃO DOS
ESCOTEIROS
DO BRASIL**

ASSISTÊNCIA
RELIGIOSA
CATÓLICA

ROTEIRO PASTORAL

**Orientações Pastorais para
os Chefes e Assistentes
Religiosos, com esquema de
Adestramento Religioso para
Lobinhos, Escoteiros,
Escoteiros-Seniors, Pioneiros
e explicações das
Especialidades.**

Este Livro é uma publicação
de Frei Edgar München, ofm
— Assistente Nacional
Religioso Católico da U.E.B.
com a colaboração do Clã
João XXIII de Petrópolis
e do Centro de Pastoral
Catequética de Nova Iguaçu.

Ilustrações:
Eliane Nemy Mourão

1ª EDIÇÃO
Rio de Janeiro - Guanabara
Novembro de 1970
Janeiro de 1971

IMPRIMA-SE

D. Paulo Evaristo Arns, ofm
Arcebispo Metropolitano de São Paulo
Secretário de Educação da CNBB
Membro do Conselho Nacional da UEB
São Paulo, 21 de novembro de 1970
Prof. Oscar de Oliveira
Presidente da U.E.B.
Comissão Executiva Nacional, Ofício 366/70
Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1970

I. Prefácio

A ORIENTAÇÃO da sociedade é hoje, talvez como nunca na História, democrática. Mas já percebiam os antigos gregos que a democracia é extremamente exigente para com as lideranças. Não se escolhe um bom orador para comandar um navio. Cada coordenador de grupo se convence rapidamente de quanto é decisiva a sua ação e como é fatal dispersar-se a generosidade dos melhores grupos, sem uma orientação firme.

O princípio fundamental será integrar o jovem dentro de uma realidade total, canalizando suas forças tôdas para o bem da comunidade. Foi por isso que o Documento sôbre as Elites, de Medellín, estabeleceu como primeira recomendação pastoral: “Não se separe esta pastoral — própria das elites — da pastoral tôda da Igreja”. Ser Chefe significa de certa forma encarnar tôda a Igreja. Ser-lhe o sinal visível. Interpretar para a comunidade a vida e as normas de vida do Cristo, e representar junto ao mesmo Cristo a comunidade que lhe é confiada.

Admira então que o Chefe, dentro do movimento religioso do Escotismo, deva ter aquela “fé pessoal, adulta, interiormente formada, operante, e constantemente confrontada com os desafios da vida atual?”

O grande Livro do Chefe será pois o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Insubstituível em sua vida, transformar-se-á lentamente em fonte de inspiração para o relacionamento e a formação de seu grupo.

Por outro lado, o Chefe vive o drama de todos os componentes de seu grupo. As aspirações mais profundas e as limitações mais dolorosas serão assumidas por êle. Nenhuma atuação pode tornar-se a histórica, se ela quiser ser eficiente. Assim como o motorista é todo ouvido e toda atenção para os mínimos ruídos e instrumentos de alerta de seu carro, assim o Chefe estará com o ouvido colado à personalidade de cada um dos membros de seu grupo. Poderíamos até dizer: Não existe orientação pastoral desligada da realidade. Jesus reuniu os mais diversos tipos e as mais diversas profissões e soube conduzi-los todos a um “colégio”, onde não houvesse apenas soma de qualidades, mas ação de grupo e possibilidade ampla de expansão de cada apóstolo.

A formação se opera menos por palavras, ensinamentos ou princípios do que pela irradiação da personalidade. O evangelista verificou com muita precisão que Jesus chamou os Doze “para estarem com Êle”, e só depois os enviou. A fé se transmite desta forma: Quem crê, e vive em coerência com esta crença, está transformando o seu ambiente e transmitindo a mesma fé e a mesma vivência. Os Escoteiros têm prática disto: Ao armarem o seu foguinho de acampamento, percebem como um graveto passa o fogo a outro graveto, uma acha incendeia a outra, e o calor gostoso se irradia por todo um mundo escuro e frio. Mas é preciso que haja

um primeiro início de fogo. Eis a missão do Chefe, ser êsse início. A fé é o fogo que Cristo veio trazer à Terra. Como Êle aceitou o Pai, o Chefe aceita o Cristo. O grupo aceita o Chefe. E um aumenta o entusiasmo do outro.

Assim, torna-se evidente que o Chefe terá a grande preocupação de levar o seu grupo a viver da Fraternidade e para a Fraternidade. Quem não possui o dom de unir e de fortalecer a união não merece o nome de Chefe. Quem não faz crescer as pessoas tôdas na firmeza de caráter e na doação de tôda sua riqueza pessoal pode ser um tirano eficiente, mas não será nunca um Chefe cristão.

Poderíamos ainda avançar. O Chefe é capaz de transformar as próprias limitações em virtudes, aproveitando o grupo para uma terapia eficiente e cristã. A fôrça de Deus se manifesta na fraqueza, e a fraqueza permite que o grupo consolide uma amizade, capaz de durar pela vida em fora. O importante, no entanto, será sempre o espírito que a tudo anima. O Escoteiro não poderá contentar-se com atos. Não conseguirá observar os 10 pontos de sua Lei, caso o interior do coração, a personalidade, não se transforme numa fonte para os atos, numa disposição e numa fôrça para a observância da lei. Comunhão de vida, amizade profunda, exigência crescente, grupo coeso, vivência de ideais e tudo o que o Escotismo visa, há de ser alimentado por esta fôrça interior que o Chefe transmite e que êle próprio recebe sempre de nôvo do Espírito de Jesus.

Temos hoje a mais profunda convicção de que ser Leigo significa ser Povo de Deus, Igreja. Daí a responsabilidade única de o Chefe ser o apóstolo que cria,

alimenta e desenvolve esta comunidade humana, a quem Deus deu o mais importante de todos os títulos — o título de *seu Povo* e *sua Família*.

a) DOM PAULO EVARISTO ARNS, O.F.M.
Secretário Nacional de Educação da CNBB
Membro do Conselho Nacional da U.E.B.

2. Apresentação

MENSAGEM AOS CHEFES E ASSISTENTES RELIGIOSOS

QUISÉRAMOS ser capazes de contagiar-vos com a fé que temos no Movimento Escoteiro. Estamos seguros da riqueza do método escoteiro, fortemente convencidos do serviço que sua aplicação pode prestar à juventude brasileira, e temos uma grande confiança em que os Chefes e Assistentes religiosos serão capazes de levar adiante a tarefa que assumiram e firmaram com a Promessa Escoteira, empenhando a própria honra.

Por isso, ao apresentar o "Roteiro Pastoral" aos prezados Chefes e Assistentes Religiosos, sentimo-nos orgulhosos e otimistas. Nosso orgulho e otimismo se baseiam numa ação pastoral de conjunto, coordenando esforços para seu melhor adestramento religioso.

Ao lerem êste livro verão que nada há de espetacular nem difícil. Encontrarão apenas ações muito simples, orientações concretas para a ação pastoral, enfim uma rota a seguir para maior eficiência no adestramento religioso.

Pedimos sòmente dinamismo, constância e muita lealdade para estas coisas simples que são imprescindíveis na ação pastoral entre os escoteiros.

Não pedimos heroísmo. A Assistência Religiosa Nacional quer apenas ação reflexiva e madura no cumprimento fiel do que corresponde a cada um.

Nós, Chefes e Assistentes Religiosos, somos guardiães de um método que aceitamos e pelo qual nos comprometemos.

O Escotismo, sendo um método genial de educação, que tende a formar integralmente o jovem por meio de um tríptico adestramento, o faz fisicamente forte, mentalmente alerta e moralmente reto, valendo-se do Lar, da Igreja e da Escola. Necessita não só conservar seu fundamento espiritual, mas fortalecê-lo mediante o desenvolvimento dos valôres religiosos. E é por isso que temos recorrido sempre à Igreja em busca de orientação para os jovens e hoje pretendemos ampliar esta orientação através dêste Roteiro Pastoral.

Convém que reflitamos sôbre a responsabilidade que assumimos ao sermos investidos no cargo de "Chefes". Como Chefes e Assistentes Religiosos, nos comprometemos com o nosso meio ambiente, com o nosso Grupo Escoteiro, com a pessoa do rapaz, com a nossa fé, e sentimo-nos responsáveis. Nosso método responde às necessidades da nossa época — conquistar a juventude para um ideal, descobrir com ela os valôres espirituais e humanos, dar o primado à pessoa humana.

Convém lembrar que o Escotismo não é pròpriamente um movimento apostólico, mas êle se abre ao influxo santificador da Igreja que cuida de seus filhos onde quer que êles se encontrem, e os educa não apenas para a vida futura, mas também, como ensina o Concílio, para sanear as estruturas humanas e consagrar o mundo a Deus. É esta uma das razões dêste livro que

visa aprofundar nosso conhecimento das bases sobre as quais devem fundamentar-se as relações entre Assistentes Religiosos e Chefes.

Nossa época necessita de Chefes — homens decididos a comprometer-se, que se sintam solidários com o seu meio ambiente, que estejam dispostos a realizar a palavra de Cristo: “Não há melhor prova de amor do que dar a vida pelos outros”.

Desde a Boa Ação do Lobinho e do Escoteiro, o Escotismo, bem conduzido e fundamentado no adestramento religioso, forma a nossa juventude para o serviço à comunidade e para a caridade autêntica.

No entanto, mais que tudo isso queremos, pela ação pastoral entre a juventude escoteira, descobrir os valores espirituais, a confiança, o sentido da pessoa humana, a verdadeira caridade que só tem sentido se devidamente fundamentados em Deus.

Os jovens de hoje sentem, às vezes, sem que eles mesmos se dêem conta, uma necessidade imensa de Deus. Sentem, no entanto, vergonha. Cremos que o Escotismo pode orientá-los nesta busca de Deus e descobrir a verdadeira amizade do grande Chefe Jesus Cristo, pela ação pastoral orientada pela Igreja.

Por isso, se o Escotismo não está devidamente fundamentado sobre os valores religiosos (Lei e Promessa) deixaremos de lado o essencial. Não podemos contentar-nos em dizer: “O Assistente Religioso deveria participar mais em nossas atividades”... “isto é tarefa do Assistente Religioso...” É certamente desejável, mas nem sempre possível e não é também o verdadeiro problema.

Reconhecemos que nossas Alcatéias, Tropas e Clãs são viveiros de cristãos autênticos na medida em que os

Chefes e Assistentes Religiosos coordenam seus esforços na ação pastoral comum, baseada no exemplo pessoal de uma vivência cristã autêntica e no aprimoramento do adestramento religioso.

A União dos Escoteiros do Brasil, através da Assistência Religiosa, tem-se preocupado constantemente com a formação religiosa tanto dos Chefes como dos rapazes.

Na perspectiva desta ação pastoral de conjunto, os Assistentes Religiosos e os Chefes devem refletir sobre a natureza e a direção de caminhos que o Escotismo traça na questão do adestramento religioso.

Na situação atual o esquema de Cursos de adestramento religioso (DEVERES PARA COM DEUS, APERE, ADERE) e a literatura especializada (ESCALADA, ROTEIRO PASTORAL, A GRUTA DO LÔBO, DEVOCIONÁRIO, POLÍTICA RELIGIOSA etc. . .) oferece amplas possibilidades para melhorar o padrão da vivência religiosa no Escotismo do Brasil.

O que é importante é convencer-nos que o Escotismo responde à necessidade da nossa juventude, e a nossa ação comum de Chefes e Assistentes Religiosos contribuirá plenamente para construir um Brasil melhor, com cidadãos conscientes e cristãos autênticos.

Pe. FREI EDGAR MÜNCHEN, o.f.m.
Assistente Nacional Religioso Católico
Licenciado em Filosofia

3. Regulamentação da Assistência Religiosa

A. P. O. R. — PRINCIPIOS, ORGANIZAÇÃO E REGRAS

Capítulo I — Fins e Orientação:

Secção 1 — Princípios Gerais

1.1 — A União dos Escoteiros do Brasil (U.E.B.), fundada em 4 de novembro de 1924, tem seus estatutos registrados na forma da Lei constituindo uma Sociedade Civil, de âmbito nacional, de utilidade pública, destinada à educação extra-escolar, como órgão máximo do Escotismo brasileiro e a quem cabe a orientação e fiscalização do Movimento Escoteiro no Brasil.

1.2 — O Escotismo é o movimento educativo criado na Inglaterra em 1907, por Baden-Powell, com a denominação de “Boy-Scouts”, cujo objetivo é desenvolver a boa cidadania nos rapazes pela formação do caráter.

1.3 — Este objetivo é alcançado educando os jovens no hábito da observação, da disciplina, da obediência, da confiança em si e da iniciativa; desenvolvendo nêles o espírito e a prática da reverência a Deus, do amor à Pátria, da lealdade e da generosidade para

com todos; ensinando-lhes atividades manuais que lhes sejam pessoalmente úteis e a prestar serviços que sejam úteis ao próximo; promovendo-lhes o desenvolvimento de suas potencialidades físicas, mentais, sociais, morais e espirituais visando ao auto desenvolvimento integral da pessoa.

1.4 — Os princípios e atividades da U.E.B. são estabelecidos sobre a base moral da Promessa do Escoteiro e da Lei do Escoteiro.

1.5 — A Promessa do Escoteiro, prestada por Escoteiros, Escoteiro Seniores e Pioneiros na Investidura, e renovada quando passam de um para outro Ramo, é a seguinte:

Prometo pela minha honra fazer o melhor possível:
Para cumprir meu dever para com Deus e a minha Pátria;
Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião;
Obedecer à Lei do Escoteiro.

1.6 — A Promessa do Lobinho, da forma adaptada à idade, prestada na Investidura, é a seguinte:

Prometo fazer o melhor possível:
Para cumprir meu dever para com Deus e a minha Pátria;
Obedecer à Lei do Lobinho e fazer todos os dias uma
[boa ação..

1.7 — Os Escotistas e Dirigentes na Investidura, ou na posse de um cargo, prestarão a Promessa da Regra 1.5 acrescentando: — “Servir à União dos Escoteiros do Brasil”.

1.8 — Os estrangeiros prestarão as Promessas das Regras 1.5 e 1.6, dizendo após “deveres para com Deus” a frase: “a minha Pátria e o Brasil”.

1.9 — A Promessa do Escoteiro entender-se-á segundo os ditames da consciência de cada um, sem obe-

diência a qualquer idéia sistemática, mas sem reservas mentais.

1.10 — A Lei do Escoteiro é a seguinte:

- I — O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais do que a própria vida.
- II — O Escoteiro é leal.
- III — O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.
- IV — O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros.
- V — O Escoteiro é cortês.
- VI — O Escoteiro é bom para os animais e as plantas.
- VII — O Escoteiro é obediente e disciplinado.
- VIII — O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.
- IX — O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.
- X — O Escoteiro é limpo de corpo e alma.

1.11 — A Lei do Lobinho é a seguinte:

- I — O Lobinho ouve sempre os Velhos Lóbs.
- II — O Lobinho faz somente aquilo que deve.

1.12 — O método escoteiro caracteriza-se pelos seguintes pontos básicos:

- I — Lei e Promessa.
- II — Sistema de Patrulhas.
- III — A Boa Ação.
- IV — Aprender fazendo.
- V — Levar em conta o ponto de vista do rapaz.
- VI — Formação pessoal pela orientação individual.
- VII — Sistema de Distintivos de Classes e de Especialidades.

VIII — Vida ao ar livre, através do campismo e excursionismo.

IX — Sistema de Grupos divididos em Seções separadas de cada Ramo, tendo cada uma delas número limitado de rapazes e chefia própria.

X — A Fraternidade Mundial dos Escoteiros.

Secção 3 — Orientação Religiosa

3.1 — O Escotismo é um movimento franqueado a todos os que crêem em Deus. A U.E.B. respeita e estimula a prática da religião dos seus associados e Grupos Escoteiros, e afirma que nenhum dos seus membros pratica o Escotismo sem cumprir seus deveres para com Deus através de sua própria religião. Inclui e facilita em todos os programas de reuniões gerais, acampamentos e ajúris, o culto e prática das confissões religiosas dos participantes.

3.2 — A orientação religiosa dos Grupos Escoteiros deve ser a seguinte:

a) Todo Escoteiro deve ter uma Religião e seguir fielmente seus preceitos.

b) Quando o Grupo fôr composto de Escoteiros de uma mesma religião, seus Chefes devem ser obrigatoriamente da mesma religião e têm, como obrigação indeclinável, zelar pelas práticas e instrução religiosa, do mesmo, de acôrdo com o Assistente Religioso.

c) Quando o Grupo fôr composto de Escoteiros pertencentes a diversas religiões, seus Chefes devem respeitar as religiões de seus Escoteiros verificando que cada um observe seus deveres religiosos. Nos acampamentos e reuniões tôdas as preces deverão ser de caráter simples e de assistência voluntária.

d) Nos Grupos de denominação religiosa os Escoteiros prestarão provas de religião estabelecidas pelo Assistente Nacional Religioso do respectivo credo, como con-

dição para serem promovidos às diversas classes; nos demais Grupos deverão ser exigidas as mesmas provas de religião, desde que possam ser prestadas na forma determinada nas Regras 3-5 e 3-6.

e) Os Escoteiros têm o dever de assistir às cerimônias religiosas do seu próprio culto e o direito de isolar-se no próprio acampamento para orações coletivas e individuais, bem como para o estudo de sua religião.

f) É vedado aos Chefes tornar obrigatório o comparecimento dos Escoteiros a cerimônias religiosas que não as do seu próprio credo.

g) Quando a religião de um Escoteiro proibir-lhe assistir às cerimônias ou práticas de outra religião, os Chefes devem zelar pelo estrito cumprimento deste preceito.

3.3 — A U.E.B. reconhece oficialmente os Assistentes Religiosos Nacionais, Regionais, Distritais e de Grupos Escoteiros, nomeados pela autoridade religiosa competente, e apóia as suas atividades com o objetivo da formação moral e religiosa dos membros do Movimento Escoteiro pertencentes às respectivas religiões, cujo cuidado nesse setor lhes é confiado plenamente.

3.4 — A Assistência Religiosa compreende exercício do ministério sacerdotal relativo a cada religião ou culto em favor dos seus adeptos, realizado num ambiente de absoluto respeito pelas crenças alheias de modo a que possa cada um desobrigar-se de seus deveres religiosos e satisfazer os ditames de sua consciência e aos imperativos de sua fé.

3.5 — Os Grupos Escoteiros precisam ter Assistentes Religiosos das diferentes religiões dos seus Escoteiros, cada um deles nomeado pelo Assistente Religioso Regional ou Assistente Religioso Distrital da sua religião. Cabe aos Assistentes Religiosos dos Grupos a instrução e a tomada de provas de religião.

3.6 — Na falta de Assistente Religioso, os Chefes e as Entidades Patrocinadoras se entenderão com os Sacerdotes ou as autoridades religiosas da igreja freqüentada pelos rapazes, ou com os seus pais, encarregando-os da instrução e tomada de provas de Religião e da comunicação, por escrito e assinada, de que o rapaz passou nas provas de religião exigidas para a promoção de determinada classe.

3.7 — Os Assistentes Religiosos poderão assistir às reuniões de todos os órgãos dirigentes, no âmbito de sua assistência, tendo voz ativa em todos os assuntos relacionados com sua religião e poderão transmitir comunicações, pedidos e sugestões das organizações religiosas que representam.

B. REGIMENTO INTERNO

Capítulo VII — Assistência Religiosa

Art. 237 — A U.E.B. reconhece oficialmente os Assistentes Religiosos nomeados pela autoridade religiosa competente, e apóia as suas atividades com o objetivo da formação moral e religiosa dos membros do Movimento Escoteiro pertencentes às respectivas religiões, cujo cuidado nesse setor lhes é confiado plenamente.

Art. 238 — A Assistência Religiosa compreende o exercício do ministério sacerdotal relativo a cada religião ou culto em favor dos adeptos, realizado num ambiente de absoluto respeito pelas crenças alheias de modo a que possa cada um desobrigar-se de seus deveres religiosos e satisfazer os ditames de sua consciência e aos imperativos de sua fé.

Art. 239 — A Assistência Religiosa está a cargo dos seguintes Assistentes dos vários credos, designados cada um deles pela maior autoridade competente de sua religião:

a) *Assistente Nacional* — que será o representante oficial de sua religião perante o Movimento Escoteiro Nacional e coordenará a assistência nacional religiosa do seu credo.

b) *Assistentes Regionais* — com funções semelhantes junto às Regiões Escoteiras.

c) *Assistentes Distritais* — com as mesmas funções junto aos Distritos Escoteiros.

d) *Assistentes de Grupo Escoteiro* — encarregados da instrução e formação religiosa dos membros do respectivo Grupo.

Art. 240 — Os Assistentes Distritais Católicos cujo Distrito Escoteiro seja sede de Diocese terão a denominação de Assistente Diocesano e coordenarão o trabalho dos demais Assistentes Distritais da mesma Diocese.

Art. 241 — O Assistente Nacional Religioso, os Assistentes Regionais Religiosos e os Assistentes Distritais Religiosos exercem individualmente suas funções, coordenando os trabalhos dos Assistentes Religiosos de seu credo, organizando atividades religiosas de conjunto e zelando pela prática dos deveres da religião que representam, pelos membros do Movimento Escoteiro a ela pertencentes.

Art. 242 — Os Assistentes Religiosos poderão assistir às reuniões de todos os órgãos dirigentes, no âmbito de sua assistência, tendo voz ativa em todos os assuntos relacionados com sua religião e poderão transmitir comunicações, pedidos e sugestões das organizações religiosas que representam.

Art. 243 — Os Assistentes Religiosos Regionais e Distritais apresentarão, a tempo, as indicações das datas de festividades religiosas a que devem comparecer os escoteiros da sua religião, para inclusão no Calendário.

Art. 244 — O Escoteiro-Chefe, os CC.RR. e os CC.DD., conforme o caso, poderão convocar os Assistentes Nacionais, Regionais ou Distritais Religiosos, respectivamente, dos vários credos, a se reunir em Conselho de Assistentes Religiosos sob sua presidência, para estudo e solução de questões de caráter geral, com exclusão das questões religiosas.

C. REGULAMENTO DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA CATÓLICA DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Título I: Finalidade

Art. 1 — A A.R.Ca. visa dar assistência aos católicos do movimento escoteiro e incrementar a prática do escotismo nos meios católicos nas paróquias, nos Colégios Católicos, etc.

Título II: Organização

Art. 2 — A cada escalão escoteiro corresponde uma função de Assistência. Conforme o P.O.R. a organização da A.R.Ca. é a seguinte:

Assistente Nacional Religioso Católico na Comissão Executiva Nacional;

Assistente Regional Religioso Católico na Comissão Executiva Regional;

Assistente Local Religioso Católico na Comissão Executiva Local;

Assistente Religioso Católico do Grupo Escoteiro.

§ Único — Nas Regiões, onde houver mais de uma diocese, o Assistente Regional Religioso Católico será assessorado por Assistentes Diocesanos, designados pelos respectivos Bispos.

Art. 3 — Atribuições do Assistente Nacional Religioso Católico (A.N.R.C.):

1. o A.N.R.C. representa a autoridade eclesiástica junto à Direção Nacional da U.E.B. (P.O.R. 3-7);

2. ao A.N.R.C. cabe assistir às reuniões da Cm. E.N., reconhecendo-se-lhe voz ativa em todos os assuntos relacionados com a Religião Católica Apostólica Romana, e podendo transmitir comunicações, desejos e sugestões das autoridades eclesiásticas (P.O.R. 3-9);

3. o A.N.R.C. organizará uma Comissão Assessôra, composta de uma Subcomissão de Sacerdotes e outra de Leigos, que por sua vez poderá formar equipes, como seja Equipe de Publicidade, ou Equipe de Formação, necessárias ou úteis ao desenvolvimento dos trabalhos da A.R.Ca. ficando o A.N.R.C. responsável tanto perante a Autoridade Eclesiástica, como perante a Direção Nacional da U.E.B.;

4. o A.N.R.C. ajudará os Assistentes Regionais e os Assistentes Diocesanos na organização da A.R.Ca. regional e diocesana;

5. o A.N.R.C. apresentará um relatório anual à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como também à Cm. E.N. da U.E.B.

Art. 4 — Atribuições do Assistente Regional Religioso Católico (A.R.R.C.):

1. o A.R.R.C. é o representante da Autoridade Eclesiástica junto à Direção Regional (P.O.R. 3-7);

2. ao A.R.R.C. cabe assistir às reuniões da Cm. E.R. reconhecendo-se-lhe voz ativa em todos os assuntos relacionados com a Igreja Católica Apostólica Romana, e podendo transmitir comunicações, desejos e sugestões da Autoridade Eclesiástica das Dioceses situadas dentro da Região Escoteira (P.O.R. 3-9);

3. o A.R.R.C. apresentará, a tempo, as indicações das datas de festividades religiosas a que devem comparecer os Escoteiros Católicos, para inclusão no Calendário da Região (P.O.R. 3-10);

4. após a Missa, em cursos de Chefes, o A.R.R.C. ou quem o estiver representando, deve fazer uma palestra sobre a formação religiosa do Chefe e sua atuação no Grupo Escoteiro;

5. o A.R.R.C. com o apoio do A.N.R.C. procurará organizar a A. R. Ca. em tôdas as dioceses dentro da Região Escoteira;

6. no caso que o Bispo Diocesano não tenha ainda nomeado um Assistente Diocesano, o A.R.R.C. cuidará dos interesses dos Escoteiros Católicos, com licença do Bispo Diocesano;

7. o A.R.R.C. enviará um relatório anual das suas atividades e da situação da A.R.Ca. na Região à Cm. E.R. e ao A.N.R.C.

Art. 5 — Atribuições do Assistente Local Religioso Católico (A.L.R.C.):

1. o A.L.R.C. é o representante da Autoridade Eclesiástica junto à Cm. E.L. (P.O.R. 3-7);

2. ao A.L.R.C. cabe assistir às reuniões da Cm. E.L., reconhecendo-se-lhe voz ativa em todos os as-

suntos relacionados com a Igreja Católica Apostólica Romana e podendo transmitir comunicações, desejos e sugestões das Autoridades Eclesiásticas que representa (P.O.R. 3-10);

3. o A.L.R.C. apresentará, a tempo, as indicações das datas de festividades religiosas a que devem comparecer os Escoteiros Católicos, para inclusão no Calendário do Distrito Escoteiro (P.O.R. 3-10);

4. o A.L.R.C. deve ser ouvido na aprovação da fundação ou suspensão de Grupos Escoteiros Católicos;

5. quando um candidato a Chefe Escoteiro declarar que é católico, o A.L.R.C. poderá verificar a autenticidade da sua fé.

Art. 6 — Atribuições do Assistente Diocesano (A.D.):

1. o A.D. é o representante do Bispo Diocesano, que zelará pela A.R.Ca. no movimento escoteiro dentro dos limites da Diocese;

§ 1. se a sede da Diocese fôr a sede da Região Escoteira, o A.R.R.C. será o A.D.;

§ 2. se a sede da Diocese fôr a sede do Conselho Local, o A.L.R.C. será o A.D.;

2. o A.D. procurará Assistentes Religiosos para cada Conselho Local e para cada Grupo Escoteiro, que tiver membros católicos;

3. o A.D. cuidará da observância das Regras do P.O.R., mormente em relação às provas de religião, que devem ser prestadas por todos os católicos (P.O.R. 3-2d e 3-5; idem 12-3, 12-4, 12-5; 15-3, 15-4, 15-5, 18-4, 18-5, 18-6; 21-5);

4. o A.D. aproveitará seu contato com os Srs. Párocos (reuniões do Clero) para propagar e incentivar o movimento escoteiro nas paróquias;

5. o A.D. visitará anualmente os Grupos existentes na Diocese, para verificar o trabalho dos Assistentes Religiosos de Grupo, a tomada de provas de religião, formação religiosa dos Chefes, assistência religiosa no acampamento, etc.;

6. nas Dioceses, onde não existe o movimento escoteiro, o A.D. indicará ao Comissário Distrital, e, em sua falta, ao Comissário Regional, a possibilidade da criação de um Conselho Local e auxiliará na sua organização;

7. o A.D. promoverá um retiro anual para Chefes e Escoteiros;

8. o A.D. organizará a Páscoa Escoteira Coletiva, precedida de uma boa preparação;

9. o A.D. promoverá um curso (fim de semana) para as especialidades religiosas;

10. o A.D. solicitará aos Superiores de Seminários Maiores, Casas de Formação, a licença de dar, de vez em quando, uma conferência sobre o Escotismo e suas vantagens na educação da juventude católica;

11. o A.D. mandará um relatório anual de suas atividades e da situação do escotismo nos meios católicos ao Bispo Diocesano, ao A.R.R.C. e ao A.N.R.C.

Art. 7 — Atribuições do Assistente Religioso Católico do Grupo Escoteiro:

1. o Assistente R.C. representa a Autoridade Eclesiástica no Grupo Escoteiro;

2. é facultado ao Assistente assistir às reuniões do Conselho do Grupo;

3. o Assistente R.C. tem como dever principal a formação religiosa e moral de todos os membros católicos do Grupo, inclusive os Chefes;

4. o Assistente R.C. explicará as provas de religião e verificará o progresso religioso dos membros do Grupo;

5. no Grupo Escoteiro Católico o Assistente R.C. :
a — tomará parte nas cerimônias e ajudará na preparação das mesmas;

b — colaborará na escolha de todos os adultos que devem ser indicados para exercer um cargo no Grupo;

c — poderá, junto com a direção do Grupo, organizar um programa religioso como parte de colaboração do mesmo na vida paroquial;

d — fará tudo para participar das atividades do Grupo, principalmente do acampamento anual, não somente para celebrar a Santa Missa, mas também para poder aproveitar desta ocasião para conhecer melhor os acampantes. No caso de impedimento, procurará um substituto;

e — o Assistente R.C. que também exerça a chefia do Grupo tem a grave obrigação de procurar e formar Chefes, a fim de entregar a direção do Grupo, ficando somente com a Assistência Religiosa.

Título III: Nomeações

Art. 8 — o A.N.R.C. é nomeado pelo Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, mediante solicitação da Cm.E.N. da U.E.B.

O Escoteiro-Chefe, em nome da Direção Nacional, expedirá o Certificado de Nomeação (P.O.R. 23-10);

Art. 9 — o A.R.R.C. é nomeado pelo Bispo Diocesano da sede da respectiva Região Escoteira, mediante solicitação da Cm.E.R. e consultados os Srs. Bispos da Região.

A nomeação será comunicada pela Região à Direção Nacional e ao A.N.R.C.

O Escoteiro-Chefe expedirá o Certificado de Nomeação (P.O.R. 23-10).

Art. 10 — o A.L.R.C. é nomeado pelo Bispo Diocesano da respectiva jurisdição, mediante solicitação da Cm.E.L. interessada.

A nomeação será comunicada pelo Cms. Local à Região e ao A.R.R.C.

O Certificado de Designação será expedido pelo Comissário Distrital (P.O.R. 23-8).

Art. 11 — o Assistente Religioso Católico do Grupo será nomeado pelo A.L.R.C., mediante solicitação da Cm.E.Gr., se aprovado pelo Bispo Diocesano.

A nomeação será comunicada pelo A.L.R.C. ao Cs.L., à Região e ao A.R.R.C.

O Certificado de Designação será expedido pelo Comissário Distrital (P.O.R. 23-8).

§ único — se o Grupo Escoteiro depender duma entidade religiosa, a solicitação será feita pela autoridade máxima dessa entidade.

Art. 12 — Tratando-se de Religioso (do Clero Regular), ainda se precisa para todas as nomeações a aprovação do Superior.

Art. 13 — Anualmente os Assistentes Religiosos devem pedir a renovação da inscrição (P.O.R. 23-1).

Título IV: Duração do Mandato

Art. 14 — Em princípio, cada Assistente Religioso terá seu mandato “usque ad revocationem”, senão tiver expresso o contrário na provisão que lhe foi dada.

§ único — Aconselha-se que as nomeações de A.N.R.C. e de A.R.R.C. sejam dadas por um prazo determinado, podendo ser prorrogado.

Art. 15 — No caso de não cumprir as obrigações do ofício ou por outro motivo grave, o A.D. pode suspender o mandato de Assistente Religioso do Grupo Escoteiro. O A.D. comunicará a suspensão à Cm.E.Gr., avisando previamente a Autoridade máxima diocesana, que agirá conforme o caso.

Título V: Estatuto Pessoal

Art. 16 — O Assistente Religioso Católico do Grupo Escoteiro fará a promessa escoteira perante a Cm.E.Gr., com a presença do A.L.R.C., se possível.

Art. 17 — O uso dos privilégios só será dado pelo A.N.R.C. que é o autorizado a pedi-los.

Art. 18 — Os Assistentes Religiosos usarão o distintivo escoteiro de lapela na batina ou no hábito.

Os privilégios sobre o uso do uniforme concedidos nas Renarc anteriores pelos Srs. Bispos continuarão em vigor.

Título VI: Administração

Art. 19 — De dois em dois anos o A.N.R.C. convocará uma Renarc (Reunião Nacional de Assistentes Religiosos Católicos), onde deverão comparecer ao menos todos os Assistentes Regionais.

Art. 20 — Entre uma Renarc e outra os Assistentes Regionais procurarão reunir os Assistentes Locais e Diocesanos.

Art. 21 — Os Assistentes Diocesanos devem estar continuamente em contato com os Assistentes do Grupo e aproveitarão as reuniões do Clero, para as reuniões dos mesmos, se fôr penoso reuni-los em outro dia.

Título VII: Publicações

Art. 22 — A A.R.Ca. publicará uma revista, denominada “Azimute”, que será o órgão oficial do serviço da A.R.Ca.

Art. 23 — A equipe de publicidade da Comissão Assessôra publicará livros, folhetos e obras escoteiras, originais ou traduzidos e a Agenda do Escoteiro Católico de acôrdo com a finalidade da A.R.Ca. e mediante aprovação da Cm.E.N. da U.E.B.

Título VIII: A A.R.Ca. e a C.I.S.C.

Art. 24 — A U.E.B. foi aceita no dia 4 de julho de 1959 como membro da Conferência Internacional de Escotismo Católico (C.I.S.C.), devendo esta representação ser exercida pela A.R.Ca. por intermédio da Cm.E.N. da U.E.B. São representantes da U.E.B. nas reuniões anuais do Conselho da C.I.S.C. o A.N.R.C. e um dos membros leigos da Comissão Assessôra, proposta pela A.R.Ca. e accito pela Cm.E.N. da U.E.B.

Art. 25 — Para as reuniões da Conferência, realizadas de dois em dois anos, a U.E.B. poderá enviar como representantes sacerdotes e leigos de boa formação religiosa e escoteira, indicados pela A.R.Ca. e aceitos pela

Cm.E.N., a fim de tomarem parte nos círculos de estudos, organizados pela C.I.S.C.

Título IX: A A.R.Ca., e as Outras Religiões

Art. 26 — a A.R.Ca. respeita a convicção religiosa de todos os membros do movimento escoteiro.

§ único — A A.R.Ca. tem o direito e a obrigação de explicar aos católicos os erros e devoções falsas, contrários à doutrina da Igreja.

Art. 27 — A A.R.Ca. reafirma o princípio básico do Escotismo de que não sejam aceitas no movimento pessoas que se manifestem abertamente ateus, ou que pela vida particular mostrem não ter autoridade nem caráter, porque não tenham moral.

Título X: A A.R.Ca. e os Membros Católicos da U.E.B.

Art. 28 — A A.R.Ca. considera membros seus todos os que se inscreveram na U.E.B. como católicos, e julga seu dever primário fazer um apostolado intenso para levar a todos a uma vida verdadeiramente cristã de católico praticante.

§ único — Todo Chefe católico deve procurar fazer o mais breve possível um curso suplementar de religião (Deveres para com Deus, ecumênico — ADERE — Adesamento Religioso do Escotista — APERE — Aperfeiçoamento Religioso do Escotista), que poderá ser substituído por um curso de religião por correspondência, organizado pela A.R.Ca.

Aprovado pela Direção Nacional da U.E.B. e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

4. A Ação Pastoral no Escotismo

A. O ESCOTISMO, UM MOVIMENTO EDUCACIONAL

1. As três constantes

PODE-SE dizer que o gênio do fundador Baden-Powell resume-se em ter descoberto e em ter pôsto em prática três princípios psicológicos fundamentais que favorecem, com muita felicidade, o desenvolvimento da personalidade do adolescente.

a) O SISTEMA DE PATRULHA

Tôdas as atividades das Tropas Escoteiras devem desenvolver-se no seio de um pequeno grupo de 6 a 8 rapazes, que se chama Patrulha. A vida da Patrulha organiza-se sob a direção direta de um dos rapazes, cuja competência técnica e influência sobre os companheiros foram constatadas pela Chefia da Tropa.

O rapaz aceita a autoridade de seu chefe de Patrulha — o monitor. Com efeito, é natural aos rapazes de 11 a 15 anos procurarem a companhia de um grupo de rapazes da mesma idade e que têm idênticas aspirações. Juntos, os rapazes pensam e executam planos e aventuras de surpreendente vigor. É a idade dos grandes ideais: o

educador deve mostrar por esta etapa da vida um respeito religioso, uma simpatia real, profunda, corajosa, alegre. Porque, no íntimo do adolescente, é a vida que quer nascer e a graça que se anuncia.

Diversas manifestações da vida da Patrulha:

— Tódas as atividades da Tropa são organizadas nas Patrulhas e realizadas pelas Patrulhas;

— os encargos serão dados a cada um dos rapazes de cada Patrulha;

— os usos e costumes da Patrulha; nome da Patrulha, animal, totem, grito da Patrulha, diário da Patrulha, canções, preces, Padroeiro da Patrulha, bandeira, canto da Patrulha na sede etc.;

— as excursões da Patrulha;

— as boas ações da Patrulha;

— os jogos da Patrulha;

— o Fogo de Conselho da Patrulha, os números dela para o Fogo de Conselho da Tropa;

— o estudo ou discussão dos temas do adestramento religioso;

— as reuniões da Patrulha;

— no campo, a vida da Patrulha: instalação e atividades;

— a tarefa confiada a um Escoteiro pelo Chefe ou o Assistente Religioso, com o consentimento prévio do Monitor;

— a discussão, na Patrulha, de uma falta cometida por um de seus membros;

— a comemoração em Patrulha dos aniversários ou outros fatos a festejar dos seus membros;

— tódas as atividades da Patrulha deve ser organizada no Conselho da Patrulha;

— o Monitor: um rapaz esperto, capaz de refletir e decidir.

b) O ESPÍRITO AVENTUREIRO

Não pensamos aqui na aventura no sentido rigoroso de uma expedição longínqua, cuja preparação foi cuidadosamente planejada, e cuja realização pode compreender um período de 10 dias a um ano. Pensamos em aventura no sentido psicológico; poderíamos defini-la assim: “uma atividade que projeta o EU fora de si”.

Com efeito, com a energia inata dos 11 aos 15 anos, surge na alma dos adolescentes esta necessidade incoercível de experimentar êste comêço de personalidade que acaba de nascer. Êle sente, enfim, no seu interior, bastante fôrça física, bastantes aptidões intelectuais ou técnicas, que o convencem de que também êle pode sair-se bem das proezas, dos planos, das realizações susceptíveis de chamar a atenção dos adultos. Ê assim que nascerá a confiança em si, o prazer de viver, e, talvez, a partida para a realização de um grande ideal.

Ê evidente que a aventura por êles empreendida não tem proporções comparáveis às praticadas pelos adultos. Devemos reconhecer que o dinamismo da ação, das atitudes, da excursão, tira sua energia, principalmente, da imaginação. Os trabalhos e as expedições que os Escoteiros incluem no programa foram o objeto das discussões na reunião da Patrulha. Naquele canto secreto e íntimo, onde a imaginação viva dos jovens cria as paisagens, amplia o panorama, multiplica as personagens e “refaz a história”.

O Chefe escoteiro e o Assistente Religioso devem saber “jogar o jôgo” com uma grande flexibilidade de espírito e um raro senso de renovação.



Construir

Aquêles que não sabem construir dedicam-se à tarefa inglória de destruir. O pensamento pode e deve orientar à ação, mas nunca pode substituí-la. Os que vivem no mundo da fantasia substituem a ação pela imaginação.

Construir é ação!

O Escoteiro constrói.

Constrói o altar de Deus para a celebração do sacrifício da Missa. Constrói o Reino de Deus pela fé, pelo testemunho e pelas boas ações diárias!

Manifestações do gosto pela aventura:

- Acampamentos inspirados em épocas históricas: acampamentos romanos, russos, índios, atômicos;
- Acampamentos inspirados em atividades dos adultos: de marinheiros, dos descobridores, dos alpinistas, dos missionários;
- Canções escoteiras, compostas pelos Escoteiros, nas quais se fazem alusões a fatos acontecidos no acampamento;
- Excursão de Patrulha para a conquista das montanhas;
- Fogo de Conselho que relembre uma batalha, um fato histórico ou uma parábola do Evangelho;
- O canto de marchas militares;
- Os trabalhos de decoração de locais com sinos cabalísticos;
- As embarcações originais e expedições a terras inexploradas;
- Refazer o itinerário das Cruzadas e dos Cavaleiros andantes;
- Tôdas as atividades técnicas com objetivo concreto.

c) A INSISTÊNCIA NA CONFIANÇA

Uma verdade primordial reencontrada pelo Escotismo: fazer com que a criança tenha plena confiança em si. É sempre difícil, ao adulto, lembrar-se dos problemas da vida exatamente como êles foram ao nível da infância. A idade e as sinuosidades da vida dão ao homem adulto a impressão de que o caminho percorrido, pontilhado de lembranças indeléveis, constitui uma história rudemente vencida, que pode servir de exemplo à história de qualquer vida humana. Apesar dessa impressão imaginária a história do adulto é rica, porque um espírito pessoal a viveu e a construiu por sua própria iniciativa. A educação não consistiria portanto em indicar, aos

jovens, o caminho a seguir, mas em indicar os meios a utilizar para “fazer a sua vida”. Porque tôda vida é, rigorosamente, uma aventura pessoal e inédita.

É portanto necessário ter confiança no rapaz.

O rapaz possui sua bagagem de possibilidades e de virtudes humanas e cristãs. A ação do Espírito Santo quer penetrar nesta alma e recomeçar uma nova obra que não seja semelhante a nenhuma outra. A Sabedoria de Deus é infinita e não iria se limitar à imitação de um êxito, por mais brilhante que fôsse. Devemos crer na virtude divina na alma da criança. Jesus não disse: “Tragam a Mim os pequeninos”, mas sim “Deixem vir a Mim”. . . Como não compreender, por estas palavras, que o Autor da vida depôs um dinamismo tal na alma infantil, que esta não possa procurar, tateando, através de prudentes riscos, seu itinerário próprio?

É necessário acreditar no rapaz e nêle confiar, porque sômente a experiência adquirida com o fim de conhecer e provar a vida forma o fundo mais rico da personalidade humana. As experiências coroadas de sucesso produzem uma nova fôrça de ação, fazem surgir a confiança em si mesmo e conduzem a novos desenvolvimentos na educação pessoal.

Mesmo os fracassos têm seu valor. É possível imaginar uma existência que o fogo da ação não chamuscou? As experiências que parecem não dar frutos imediatamente acumulam pouco a pouco, no silêncio das lembranças, uma coleção de fatos que revivem na hora das resoluções e das reflexões. Tôdas as nossas exortações, todos os nossos conselhos e sermões não terão nenhuma ressonância em uma alma que nada sofreu ou não provou a amargura de um meio sucesso, de uma ação que falhou ou de uma pequena ambição abortada.

Enfim, o rapaz tem necessidade, para desenvolver-se, da presença adulta, de alguém que tenha nêle confiança. A vida desenvolve-se em contato com a vida; e a forma de vida, que o rapaz em desenvolvimento mais exige, é aquela que, após ter conhecido os contratempos da experiência, não abdicou diante das tarefas de amanhã e muito menos diante das possibilidades do porvir. Porque crer no futuro com otimismo não significa encher a jovem geração de tôdas as nossas concepções de vida, mas, sim, suscitar nela as energias que nos pareçam mais fortes do que tôdas as dificuldades possíveis do futuro.

Esta confiança nós podemos inculcar através dos projetos de aventuras dos rapazes, bem como das diversas atividades da vida da Patrulha. Mas, particularmente, é a estruturação da Tropa que fornecerá a maioria das ocasiões para apelar para as possibilidades dos Escoteiros.

Na estruturação da Tropa, pressupomos no quadro da Chefia a presença do Assistente Religioso com a função específica de orientar e transmitir o adestramento religioso aos Chefes, Monitores e Escoteiros. Esta estrutura está fundamentada numa pedagogia consciente. Por isso afirmamos:

— É importante a presença do *Assistente Religioso* nas reuniões da Chefia e da Corte de Honra.

— Nestes organismos, quando reunidos, é necessário auxiliar o jovem Escoteiro a formar sua opinião pessoal sobre os problemas em pauta, formulá-los bem, e defendê-los.

— Saber assumir sãbiamente os riscos.

— Comentar delicadamente um erro ou uma imprudência.

— Ressaltar os sucessos obtidos.

— Dar, no Conselho de Chefes, a máxima responsabilidade aos Monitores.

— Se fôr necessário prever perigos ou ressaltar pontos de vista que parecem despercebidos, fazê-lo não como um juiz de tribunal, mas sim como irmão mais velho e experimentado.

— Mostrar que, como adulto, admira e confia nos Escoteiros.

2. O Escotismo, um movimento educacional, com espírito cristão.

Parece evidente que tal método educacional, baseado no regime de confiança e de responsabilidade individual, nas delícias da natureza cheia de encanto, no convite aos rapazes a desenvolverem sua exuberância natural, possui um poder de fascinação incomparável. Mas é necessário ter a coragem de afirmar que o método tem alguns riscos, por causa mesmo de seu poder de atração sobre a imaginação dos jovens. Nós nos permitimos assinalar alguns perigos que nem sempre temos sabido evitar:

a) ESQUECEMO-NOS QUE O ESCOTISMO É UM MÉTODO PARA FORMAR O CRISTÃO

É o perigo fundamental do método; está na origem de todos os outros. Com efeito, quando a Tropa encontrou o ritmo de vida e o treinamento que cativa os jovens e os conduz, com sucesso, à aquisição das provas de classe e especialidades ou à preparação febril de acampamentos, poderá acontecer que a Chefia se descuide da orientação cristã de toda organização.

Evidentemente existe uma quantidade enorme de questões na orientação religiosa que, normalmente, deveriam nos lembrar as finalidades a serem atingidas pelo

método. Mas, aí, ainda existe o risco de cair numa simples formalidade, sem impregnar com o espírito cristão.

b) **CORREMOS O RISCO DE DESENVOLVER UM GÊNERO DE VIDA QUE SE AVIZINHA DO ESTOICISMO**

A competição e a emulação são fatores poderosos no Escotismo. A vida em plena natureza, o regime de vida no campo, a privação do conforto e das facilidades da cidade, incitam os jovens a aceitar surpreendentemente programas de privação. Eles dão provas de resistência e enrijamento que espantam os seus familiares.

Devemos interrogar-nos sobre os verdadeiros motivos que alimentam tal comportamento. Não é erro imaginário se verificarmos que alguns rapazes pensam que a vida cristã está reservada aos tipos tímidos e franzinos, enquanto que os tipos formidáveis são aqueles que colocaram uma panóplia de distintivos de Especialidades na manga do uniforme.

c) **CORREMOS O RISCO DE DESENVOLVER UMA MENTALIDADE INFANTIL QUE SE FIXA PARA TÔDA A VIDA**

A falta de meditação e raciocínio impede o espírito de amadurecer; os programas escoteiros plenos de realização formidáveis e de proezas, cada qual mais alegre, correm o risco de afogar toda a possibilidade de parar e refletir sobre os verdadeiros objetivos que devemos atingir. Os jovens crescem e não se decidem a assumir suas responsabilidades na sociedade, porque guardam, de tal modo, em sua mente, recordações escoteiras, que ficam

com a impressão inevitável e o desejo inconsciente de que a vida é feita para se divertir.

3. **FORMAÇÃO POSITIVA**

Queremos indicar algumas coisas que poderão nos ajudar a evitar estes riscos:

a) **NOÇÕES BÁSICAS**

Nosso ensinamento cristão deve ser centrado em torno de algumas noções básicas.

Inicialmente devemos conduzir os meninos a descobrir o verdadeiro sentido de seu Batismo. Todas as nossas palestras devem ter como ponto inicial ou terminal este advento fundamental da vida do cristão. No batismo, ele foi gratificado com a dignidade de um prêmio infinito e chamado a cumprir, no mundo, um papel que se tornou indispensável para a glória de Deus.

Necessitamos insistir sempre a respeito de tal assunto, para descobrirem a verdadeira significação de Escoteiro; um cristão que quer seguir o Cristo por um atalho mais rude e áspero. Esta definição deveria tornar-se um lema, uma motivação. Os rudes não são, necessariamente, os mais intrépidos, ainda que Deus queira ver se desenvolver todos os recursos que Ele depôs na alma de seus filhos.

Em torno desta idéia, meditemos nos textos dos Evangelhos para dar aos nossos rapazes o fruto de nossa própria contemplação mística. Muitas vezes nossas exortações tomam o aspecto de "lição já conhecida".

Se quisermos fazer nascer a consciência do Batismo e dos seus valores, devemos em primeiro lugar, nós, os Chefes e Assistentes Religiosos, ter compreendido, com renovado fervor, o convite do Senhor.

b) A IMPERIOSA NECESSIDADE DO SILÊNCIO

É talvez o conselho mais urgente na nossa atualidade escoteira. Nós não colhemos, em parte alguma, os frutos e as vantagens do silêncio. Todavia, nossos acampamentos nos fornecem os mais belos locais, que a natureza oferece ao homem para a contemplação mística. Façamos menos, tenhamos menos confiança na nossa palavra do que na ação da graça no silêncio da consciência.

Estes poucos momentos de imobilidade e silêncio poderiam ser utilizados para relembrar simplesmente algumas palavras do Assistente Religioso ditas no momento da ação de graças ou da prece noturna.

Por que não convidar os Escoteiros a anotarem, no seu caderno, as reflexões que ocorrem de uma observação, de um conselho, de um sermão, de um aviso do Chefe ou do Monitor ou da visão de um belo panorama?

Por que rezear, no decorrer de uma excursão, de fazer um alto no cume de uma montanha, para se reencontrar, só com o Criador, sem outros comentários?

Por que não convidar uma vez ou outra um Escoteiro a fazer comentários pessoais após uma Missa, após um dia de excursão ou acampamento bem aproveitado, ou de uma saída cheia de imprevistos?

Não há razão em cremos que os minutos de silêncio possivelmente aborrecerão os meninos; se cremos, verdadeiramente, na graça de Deus, temos de Lhe oferecer

uma ocasião de agir, silenciosamente, no íntimo de nossas almas.

B. DELIMITAÇÃO DAS FUNÇÕES

1. A dupla Chefe-Assistente Religioso

Foi um grande favor da Providência Divina ter permitido à nossa juventude o nascimento do Escotismo no Brasil. O Movimento Escoteiro em nossa Pátria aumentou e prosperou, tendo sempre grande apoio da Igreja, das Paróquias, dos Colégios e Instituições Religiosas que patrocinam 70% dos Grupos Escoteiros existentes. Dêste modo é desenvolvida, na União dos Escoteiros do Brasil, uma sólida presença mista em todos os escalões da Chefia: O responsável leigo (Chefe) e o sustentáculo espiritual (Assistente Religioso).

O papel do responsável leigo

Estas duas autoridades, o Chefe e o Assistente Religioso, não dividem as funções em duas partes iguais. Cada um tem um papel definido por funções precisas.

O Chefe e seus Assistentes são os responsáveis pela organização e execução cristã do método escoteiro; o que significa exatamente:

- pensar e organizar cuidadosamente todo o programa de atividade escoteira, de acôrdo com o método oficial da União dos Escoteiros do Brasil;
- executar êste programa com espírito perseverante e respeitando a psicologia infantil;
- cuidar da formação cristã que o método deve produzir e contribuir para criar um clima de vida cristã no meio escoteiro.

O papel do Assistente Religioso

A Igreja sempre mostrou uma grande receptividade a este Movimento, e nunca hesitou em fornecer os Assistentes Religiosos de que êle necessita, mas mesmo assim não podemos considerar o Escotismo como uma obra que dependa da Igreja; devemo-nos habituar a compreender que este método educacional pertence, em primeiro lugar, aos pais. Como para com tôdas as obras educacionais, a Igreja quer, aqui, exercer seu direito de vigilância e seu direito de santificação.

É absolutamente indispensável fazer compreender aos pais que o Grupo Escoteiro não quer, absolutamente, substituí-los e tomar conta de seus filhos sem levar em consideração sua autoridade; muitas vezes a família entrega a formação de seus filhos ao Grupo Escoteiro justamente porque um Padre parece ser o encarregado de governar todo o barco. Este sentimento é, para nós, muito honroso, mas, também, é de nosso dever nos preocuparmos com este modo de pensar.

O papel de Assistente Religioso pode ser resumido em 3 itens:

a) O Assistente Religioso exerce, em nome da Igreja, *um direito de vigilância* sobre este método educacional;

êle deve estar portanto atento:

- à orientação geral da vida do Grupo;
- ao uso equilibrado das forças da natureza humana, em relação às possibilidades dos meninos;
- às razões profundas que animam tôda a atividade do Grupo;
- à atmosfera cristã que deve reinar neste mundo de atividades educacionais;

— à eficácia decisiva que o método mostra para a formação realmente cristã.

b) O Assistente Religioso deve cuidar da *santificação dos jovens*,

esta finalidade será sua principal função, a qual pressupõe:

— uma presença simpática e desejada na maioria das reuniões, principalmente às reuniões dos Chefes;

— um conhecimento da alma infantil e do adolescente;

— um esforço para tornar compreensível aos Escoteiros os ensinamentos da Igreja, a fim de suscitar uma vida verdadeiramente cristã;

— um grande espírito de despreendimento, a fim de aceitar que a formação não se faça somente por êle;

— uma paciência a tôda prova a fim de esperar a hora da graça e evitar apressar as decisões da vida interiores dos jovens.

c) O Assistente Religioso deve transmitir aos Chefes sua *experiência* e seu *valor pessoal*.

Evidentemente, o Assistente Religioso é, muitas vezes, o mais velho dos componentes da direção; êle pode portanto levar a êstes os frutos de seu labor e de sua cultura, mas com certas restrições:

— o valor humano do Assistente Religioso não deve se impor como autoridade, mas se fazer aceitar;

— o Assistente Religioso deve evitar tornar-se a "vedete" do Grupo, porque este papel pertence ao Chefe;

— é necessário usar uma grande discrição para adquirir a confiança de seus chefes;

— o Assistente Religioso deve ser, sob este aspecto, um espírito observador, como o sentinela da torre de vigilância.

2. As relações da dupla Chefe-Assistente Religioso

É evidente que esta distinção dos papéis de Chefe e de Assistente Religioso é mais fácil de dizer do que de praticar. Cada um conhece uma educação que lhe é própria, e sempre temos a tendência a impor e fazer triunfar a educação que a nós deu tão bons resultados!

Para guiar as relações do Assistente Religioso com o Chefe poderíamos considerar os três pontos seguintes:

- em primeiro lugar, ele deve *conhecer* seus Chefes, seus hábitos de vida, suas necessidades e seu valor, sua concepção a respeito de autoridade e educação; sua família e suas ocupações;

para adquirir tais conhecimentos é necessário terem frequentes contatos, fazerem refeições juntos, organizarem passeios, nos quais não se tratará de questões referentes ao Escotismo.

- *respeitar* seus Chefes
aceitar que tenham uma outra maneira de interpretar as coisas, aceitar que os Chefes pratiquem um escotismo diferente daquele que se tenha conhecido, nunca repreender os Chefes em público, elogiar suas boas ações e devotamento.
- formar seus Chefes
discutir com eles os diversos métodos educacionais, propor um estudo da filosofia da educação, provocar trocas de idéias sobre espiritualidade, a fim de despertar o desejo de se aprofundar na doutrina da nossa religião, enfronhar os Chefes a respeito das diretrizes dos Papas em matéria de educação e sociologia,
- preparar, com eles, as mensagens religiosas que eles mesmos deverão transmitir aos rapazes.

C. AS ATIVIDADES RELIGIOSAS

a) PODÊRES E PRIVILÉGIOS DO ASSISTENTE RELIGIOSO

O Indulto apostólico de que gozam todos os Assistentes Religiosos Escoteiros lhes foi concedido em 1935. Lembremos em traços gerais:

1) O privilégio do Altar portátil.

Faculdade de celebrar a Missa em barracas e em plena natureza, sobre uma pedra sagrada, em todos os lugares, contanto que seja este lugar honesto e decente.

Se se celebrar em plena natureza, é necessário proteger o altar em três faces, de modo a evitar a dispersão das Sagradas Espécies.

2) A faculdade de ouvir em confissão os jovens, os empregados em serviço no campo ou no Grupo, mesmo fora dos limites da Diocese.

3) Os beneficiários.

Os Assistentes Religiosos nomeados e os auxiliares, isto é, os requisitados pelo tempo de duração de determinada atividade escoteira, podem beneficiar-se do Indulto. Ainda mais, o Assistente Religioso do campo pode autorizar um padre de passagem pelo acampamento a celebrar na barraca e ouvir em confissão os acampantes. É imprescindível que este padre visitante tenha sido aprovado pelo seu Ordinário, para ouvir em confissão os fiéis.

O Indulto menciona expressamente que, na medida do possível, os jovens participem da Santa Missa na Igreja Paroquial, aos Domingos e dias santos de guarda, para edificação mútua, tanto dos paroquianos como dos Escoteiros. No entanto tôdas as pessoas que participam da missa celebrada no Altar portátil cumprem o preceito dominical. A cortesia obriga que o Pároco do lugar seja avisado que vamos acampar nos domínios de sua Paróquia. É isto ainda mais necessário se acampamos em uma Diocese que não seja a dos acampantes.

b) O ADESTRAMENTO RELIGIOSO

As antigas provas de religião foram substituídas pelo adestramento religioso. Com isto evitamos a cilada tão fácil das lições de religião, com perguntas e respostas.

Devemos aproveitar o adestramento religioso para que predomine mais a prática da vida cristã sobre o fator saber.

Todos os artigos do adestramento religioso procuram provocar uma participação precisa na vida cristã, suscitar uma inquietação real e prática, a fim de quebrar a inércia espiritual dos jovens. Partindo dos conhecimentos adquiridos na Igreja e na escola, nos é possível apresentar aos Escoteiros gestos e atos que estimularão os Escoteiros a viverem cotidianamente as obrigações de seu batismo.

É necessário, muito cedo, penetrar nos tesouros contidos nos Evangelhos. Com efeito, nosso esforço não deve ser somente o de mostrar, aos meninos, que todos os conhecimentos religiosos que eles têm estão nos textos dos Evangelhos, mas sim, que eles devem ser uma chamada, uma mensagem, um convite pessoal de Cristo.

Não se trata, no adestramento religioso, de fazer um caderno para cada Escoteiro, a fim de que ele se dê conta se "passou" em todos os itens mencionados em cada etapa.

O Assistente Religioso ou o Chefe devem aproveitar o fim das reuniões da Tropa, para explicar em poucas palavras um artigo, bem como sua aplicação. Durante um mês deve-se voltar à mesma idéia que se encaminha para uma ação precisa, objetiva. No decorrer do tempo e nos nossos contatos com os rapazes, nas nossas palestras e troca de idéias, poderemos verificar o que conse-

guimos em nossas exortações, como o rapaz modificou sua vida, bem como se adquiriu alguns hábitos religiosos. Dêste modo, no fim do semestre, ou no fim de um ano, o Assistente Religioso ficará feliz ao constatar que êste ou aquêle Escoteiro aproveitou os ensinamentos ministrados e passou nas provas de classe.

Isto pressupõe que o Sacerdote conversou frequentemente com o rapaz, mesmo que não seja seu confessor habitual, e que propôs a cada um os meios de praticar o programa de vida enunciado no Adestramento Religioso.

c) AS ESPECIALIDADES RELIGIOSAS

As Especialidades Religiosas representam uma ótima oportunidade para um aprofundamento maior na religião. A conquista das especialidades deve ser estimulada constantemente na Alcatéia ou na Tropa, tanto pelos Chefes, como pelo Assistente Religioso. Não há dúvida de que as Especialidades Religiosas também fazem parte da conquista do adestramento. Boa Alcatéia, uma Tropa eficiente são aquelas que, entre outras coisas, têm elevado número de especialidades.

No dia em que os Lobinhos e Escoteiros não tiverem mais interesse para progredir no caminho do adestramento, o Grupo Escoteiro se acaba. Convém notar que não são os meninos que descobrem que têm numerosos passos a dar em busca das Especialidades: Um Grupo em pleno dinamismo depende do entusiasmo do Chefe e do Assistente Religioso.

d) VIDA RELIGIOSA NO CAMPO

É no acampamento escoteiro que a vida religiosa encontra o melhor campo de aplicação. A grande natureza, deixada intacta após o gesto do Criador, inspira nobres sentimentos e abre a alma a profundas reflexões. O acampamento é o momento melhor para a formação cristã.

Eis algumas observações práticas:

- procurar um lugar um pouco afastado, para armar barraca capela;
- em cada missa limitar-se à explicação de um aspecto da liturgia;
- fazer com que os Escoteiros construam o altar, a estante e a credência;
- confiar aos Escoteiros as funções litúrgicas previstas nas especialidades religiosas;
- bênçãos: do campo (após a instalação terminada); do nicho da Virgem, do pão (uma vez, ao meio-dia, é suficiente);
- não multiplicar as preces na Tropa, mas de preferência por Patrulha;
- a prece da noite, pela Tropa toda, deve ser curta, variada e sincera;
- fazer participar o maior número possível de Escoteiros nas atividades religiosas, dando a cada um, de acôrdo com sua capacidade, uma missão.

e) A PALAVRA DO ASSISTENTE RELIGIOSO

Ao Assistente Religioso compete dizer algumas palavras ao terminar o dia, ao fim de uma reunião, ao iniciar-se uma atividade, etc.; com isto queremos mostrar a importância maior do espiritual sobre o método. Saibamos dar o melhor de nosso coração nestas ocasiões, que se nos apresentam, para fazermos ouvir a palavra do

Senhor. Porque é em verdade ao Senhor que os jovens querem sempre conhecer melhor.

A palavra do Assistente Religioso deve ser direta: dirigir-se a jovens que creiam na vida, que estão convictos de terem uma missão a cumprir neste mundo.

Simples: os jovens não têm capacidade espiritual para se embarçarem em sábias dissertações ou exortações melosas de piedosismo sem exigências.

Imaginação: é sempre de extrema importância apoiar nossa alocação em comparações tiradas da natureza ou da vida de qualquer personagem.

O melhor herói é Cristo. "Tôda ou quase tôda biografia encerra conselhos úteis para vencer na vida, mas nada existe de melhor nem mais infalível, que a de Cristo". (B.P. no livro: "A escola da vida").

5. Sugestões para a Ação Pastoral

ATÉ AQUI fizemos a exposição de algumas idéias que podem servir como base de trabalho do Assistente Religioso na ação pastoral junto aos Escoteiros. Agora sugerimos pistas de ordem prática, como sugestão, para ajudar êste trabalho pastoral.

A. A NECESSIDADE DE UMA PASTORAL DE CONJUNTO

Conscientizados do valor da caridade no Cristianismo, a pastoral de Conjunto é básica para o nosso objetivo. Todos: Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos (chefes) devem fazer o esforço e ter vontade para uma caridade integral. Uma séria pastoral de conjunto pede unidade de critérios na Assistência Religiosa junto aos Escoteiros. Nisso está o segredo de identificar o nosso trabalho com a visão da Igreja do Concílio Vaticano II.

Todos os elementos de trabalho (Chefe e Assistente Religioso) devem participar no esforço comum e devem ter vivas comunicações de experiências neste campo pastoral.

B. ABERTURA E DIÁLOGO

A Igreja de hoje promove o diálogo existencial ao nível humano. Quer dizer, a abertura ao contato amigável para a promoção em comum do bem da comunidade, segundo a obra do Evangelho. A Igreja também quer investigar os valores inerentes às diversas religiões. Insiste no diálogo religioso, em especial no Escotismo que é ecumênico, o que servirá para preparar os caminhos do Senhor.

Tudo o que ajuda para a unidade está de acôrdo com a íntima missão da Igreja. Pois Ela é no Cristo Sacramento o Sinal e Instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano. A Igreja fala para todos, sejam ou não seus filhos, para superar tôdas as desarmonias nacionais ou raciais, neste espírito familiar de filhos de Deus e assim garantir a coesão interna das legítimas associações humanas.

Os católicos devem reconhecer e valorizar os bens verdadeiramente cristãos, que procedem do patrimônio comum, que se encontram entre nossos irmãos separados.

Não devemos esquecer o princípio de liberdade religiosa. Todos os homens devem estar livres de coação dos grupos da sociedade e de pessoas particulares, de forma que em matéria religiosa não se obrigue a ninguém para obrar e trabalhar contra a sua consciência nem impedir a ninguém atuar conforme a ela em particular e em público, só ou associado com outros, dentro dos limites devidos.

C. PRINCÍPIOS GERAIS

O Assistente Religioso, permanecendo no lugar que lhe compete, exerce três influências sôbre o Escoteiro:

a) Ação direta como amigo, como orientador, como conselheiro.

b) Ação indireta por meio da família do rapaz, dos Chefes e dos companheiros de Patrulha.

c) Finalmente sua ação de colaboração com o Chefe, onde o espírito escoteiro anima e ajuda a criar um ambiente e programa para a educação integral, sem esquecer a religiosidade do rapaz. Essa ação se estende às reuniões do Conselho de Chefes, ou do grupo ou de cada seção onde há oportunidade para dar a sua contribuição, para garantir a parte espiritual. Essas intervenções devem ser diretas, curtas e cheias de amor.

Existem normas que orientam o trabalho pastoral de acordo com a missão do sacerdote e o caráter próprio do Escotismo.

A Primeira é o sentido de Igreja, que deve condicionar toda ação de conjunto, não esquecendo a voz da Igreja que dá as linhas de ação e prioridades, respeitando as iniciativas. E na sua ação com os escoteiros leva-los-á a usar o senso de equipe e as riquezas comunitárias do sistema para formar entre os rapazes as diversas comunidades:

a) *Comunidade de fé*, como vivência da consagração e compromisso pelo Batismo e como expressão da fé diante da comunidade.

b) *Comunidade litúrgica* que é manifestação do mistério de Cristo e a natureza da vida da Igreja, como renovação do Mistério Pascal pelo sacrifício e os sacramentos em torno dos quais gira a vida litúrgica.

c) *Comunidade de amor* que é uma vivência da amizade entre os Escoteiros e com todos os homens. Supõe unidade de todos os membros da comunidade entre si e em Cristo. Esta comunidade se realiza não só na convivência, na ajuda mútua, e na ação comum para a obtenção dos objetivos do Movimento, senão também pela abertura por um compromisso para a ação fora do grupo escoteiro.

A Segunda linha é o sentido da Revelação, quer dizer, o encontro com Deus pela Sagrada Escritura, da natureza, dos outros, de todas as vivências e símbolos muito ricos que o Escotismo contém.

O programa escoteiro que leva o rapaz a tomar consciência de si mesmo, a responsabilizar-se, que insiste no sentido da aventura, da excursão, do acampamento dá chance para usar em profundidade a idéia do Êxodo como descrição extraordinária do que é a vida do povo de Deus.

O sentido de Encarnação é outra linha importante para a pastoral escoteira, que leva à ação e à fidelidade na vida humana, ao valor que tem o temporal na realização cristã pessoal e comunitária, que torna realidade a frase de Teilhard de Chardin: "Em nome de nossa fé, temos o dever e direito de apaixonar-nos pelas coisas da terra".

Os altos ideais escoteiros e sua obtenção por uma programação progressiva pedem não apenas uns conhecimentos senão uma mudança real de mentalidade, de atitudes e de valores que se assimilam. Isto é oportuno para insistir na realidade pascal da vida do cristão pela conversão e pela morte ao pecado para ressuscitar com Cristo.

Finalmente a Secularização e o Pluralismo são realidades pelas quais Deus está talvez "significando" algo à sua Igreja: Deseja que ela seja mais aberta e dialogante, que a Igreja não deverá orientar sua pastoral para a multiplicação de estruturas fechadas. Daqui se segue que a orientação do trabalho pastoral deve ter em conta as características que definem o Movimento Escoteiro: Sua natureza temporal, sua finalidade educativa e seu

caráter de movimento aberto, pluralista, ecumênico, mas aceitando sempre a Deus.

O Espírito do Escotismo pede se sigam com fidelidade as normas traçadas pelo Concílio Vaticano II sobre Liberdade Religiosa e o Ecumenismo.

O escotismo é um método de ação que se deve adaptar a cada um em particular; é perigoso ter nêle, em matéria de pastoral, planos de ação muito concretos. Do ponto de vista típico do Escotismo podemos acrescentar às linhas gerais, de pastoral, outros elementos de apoio que o método escoteiro oferece a fim de poder aplicar os princípios pastorais da Igreja.

O método do Escotismo sugere ao Assistente Religioso que na sua ação em vez de proibir e prevenir (não que desconheça a realidade do pecado e da tentação) pense que para prevenir o mal antes de mais nada faça o bem. Sua preocupação constante deve ser que os rapazes também façam o bem e mostrar para êles objetivos concretos. Este princípio é aproveitável por uma vida litúrgica concreta e ativa, sugerindo aos chefes alguns programas com uma idéia central inspiradora que seja vivida em diversas formas e em tôdas as atividades técnicas e que são a unidade das mesmas, e que deixe assim vivências concretas em matéria religiosa, comunitária e moral.

Outro elemento que pode ser usado é educar o rapaz pelo rapaz. O Escotismo sabe utilizar com muita finura os melhores elementos para ajudar aos outros. O Assistente Religioso deverá ter especial interesse em aproveitar neste sentido os chefes de secção, os guias de Tropa, os monitores, os primos, etc... A côrte de honra de cada Secção dá excelente oportunidade para realizar êste trabalho.

O Assistente Religioso deve saber o que é a Promessa e o que significa esta Promessa na vida do rapaz. O fato de que um rapaz se comprometa "voluntária" e "solenemente" a ser bom, puro, disciplinado, é um elemento pastoral excelente. Esta promessa deve, pois, ser preparada nas semanas anteriores por reflexões, conversas pessoais, e por uma "vigília da Promessa" muito bem feita.

A Promessa é um compromisso da parte do rapaz para viver a Lei Escoteira. Esta lei deve ser conhecida, meditada, sentida e vivida pelo Assistente Religioso para poder falar com convicção aos rapazes, pois para um escoteiro nada mais belo há na terra que a Lei Escoteira.

O espírito cavalheiresco tem importância dentro do Escotismo, e por sua lei participar dêle. O fundador falou duma Cavalaria moderna. O Assistente Religioso não deve reproduzir artificialmente as formas antigas da cavalaria, senão encontrar a alma dessa cavalaria e poder projetar a realidade dessa cavalaria moderna que lutará e salvará nossa sociedade contemporânea. Neste sentido o Assistente Religioso poderá aproveitar a vida e o exemplo de tantos heróis do Brasil e do mundo; os santos, os missionários são motivos muito bons para despertar profundos sentimentos nos escoteiros.

As boas ações diárias têm por fim criar no rapaz a necessidade, consciência do serviço, de ajuda aos outros na solução de seus problemas. Seu papel na formação do sentido social é importante e decisivo. O Assistente Religioso deve inspirar, dar sentido às boas ações para obter seu fim, dará sobretudo um conteúdo sobrenatural e uma motivação eclesial às mesmas ações boas que os rapazes praticaram.

O Assistente Religioso deve perceber as imensas possibilidades que apresenta a vida ao ar livre. No campo, na vida rude, os rapazes se vêem obrigados a triunfar sobre os obstáculos para viver. Ali praticam, entre eles, a verdadeira vida fraternal e encontram magníficas ocasiões de renunciar ao seu egoísmo. Pelo estudo e a observação da flora e da fauna, da contemplação da paisagem o Assistente Religioso pode conduzir os rapazes até Deus Criador e Pai.

D. LITURGIA E ESCOTISMO:

Se o grupo escoteiro está formado por católicos, a importância da Liturgia na formação cristã dos mesmos é muito grande. Liturgia é a fonte e o auge de toda vida cristã.

Motivar nos rapazes a participação consciente, ativa e frutuosa, por meio duma adequada formação litúrgica realizada pelo Assistente Religioso.

Há vários elementos que favorecem notavelmente a vida litúrgica no grupo escoteiro: Grupo pequeno de dimensões humanas facilmente integrável na assembléia litúrgica autêntica.

A vida litúrgica no acampamento não é só a Missa. Não esquecer a liturgia da oração da manhã e da noite; dar importância especial ao culto da Palavra por celebrações, leituras bíblicas com reflexão em comum, pregação adaptada ao conteúdo cristão, etc. . .

Há que destacar-se a importância do canto litúrgico, especialmente dos textos mais importantes da missa e dos salmos.

Convém que o "programa litúrgico" para a vida do grupo escoteiro seja elaborado por todo o grupo e ele

mesmo realizará posteriormente a análise e revisão do mesmo. Todos na elaboração devem comprometer-se e ter funções concretas no seu desenvolvimento.

Importa muito a seleção dos temas das celebrações litúrgicas, que devem estar de acordo com os temas fundamentais da vida escoteira e do acampamento, a fim de projetar sobre eles a Palavra de Deus e levá-los à conversão no culto a Deus pela sua integração no sacrifício de Cristo.

E. SISTEMA ESCOTEIRO E AÇÃO PASTORAL:

1. O Escotismo é um sistema coerente; da integridade do sistema depende sua força pedagógica.

O Assistente Religioso terá que procurar a integração orgânica dos valores religiosos no sistema escoteiro.

2. A grande força pedagógica do Escotismo se baseia na criação de um ambiente próprio, cheio de estímulo e valores; a influência dos Chefes se exerce principalmente através dos fatores organizados naquele ambiente escoteiro. São influências indiretas do ponto de vista dos Chefes.

O Assistente Religioso terá que organizar os valores e fatores religiosos de tal forma, que se integrem no ambiente escoteiro. Sua influência será indireta.

3. O sistema escoteiro é ativo por excelência; os rapazes aprendem fazendo.

O Assistente Religioso fará aprender a vida religiosa mandando os rapazes fazer ativamente as várias práticas religiosas.

4. O mistério do Escotismo está no fato de ser "um grande jôgo", isto é, um contínuo "Faz de conta" empolgante.

O Assistente Religioso terá que fazer praticar a vida religiosa por uma absorção ou assimilação no mesmo "Faz de conta".

5. O sistema escoteiro é essencialmente social, isto é: educação em grupos de trabalho (patrulha), dentro de grupos maiores.

O Assistente Religioso terá que apresentar a vida religiosa no seu aspecto social de atividade de grupo.

6. O sistema escoteiro aproveita sadiamente do gôsto do rapaz pelo símbolo.

O Assistente Religioso usará o rico simbolismo católico para apresentar os valores religiosos.

7. Os Chefes ocupam seu lugar, como adultos, mas dentro do grande jôgo, do contínuo "Faz de conta".

O Assistente Religioso terá que ocupar seu lugar, como adulto e como representante de Deus e de sua Igreja, mas dentro do grande jôgo.

6. O Escotismo como Método de Educação Integral

A CONSIDERAÇÃO global do homem representa um elemento constitutivo da educação, porquanto, sem isto, não podemos falar de verdadeira educação. Educar, em seu sentido mais autêntico, significa o esforço de formar o homem. Ora, êste só se realizará plenamente quando é desenvolvido em tôdas as suas dimensões.

No caso contrário, dever-se-ia falar de simples instrução, onde aparece, com certa evidência, a intenção depreciativa, e mais ainda, o desejo de polemizar o sistema escola, que infelizmente ainda vigora e se limita a dar ao jovem uma instrução puramente intelectual. Com exatidão expressa-se H. G. Elwess: "Formar da criança um homem significa plasmar simultâneamente o corpo, o espírito e a alma. Com o exclusivo desenvolvimento do corpo, obteríamos, como resultado inevitável, um magnífico animal, o que não seria educação, mas simples criação; por outro lado, o desenvolvimento exclusivo do cérebro acarreta o perigo de formar um espírito falso e pernicioso; e, se pretendêssemos orientar todos os esforços para o cultivo da alma, dificilmente os jovens trilhariam tal caminho".

Nenhuma exclusividade pode ser tolerada em educação, pois, como afirma Nicolau Petruzzellis, se é ne-

cessário educar o jovem para que tenha os pés presos à terra, é também indispensável que ele se atire com operosa aspiração para os mais elevados ideais. Faz-se mister educar simultaneamente o sentido do real e o cultivo do ideal.

De resto, todos conhecem os graves desastres ocasionados por qualquer tipo de unilateralismo em matéria de educação. Infelizmente, a experiência registra sobejos exemplos. Quantas vezes, a educação, por demais intelectual, nada mais consegue que atingir um abstrato intelectualismo, que opera exclusivamente em termos de geometria ou análise, mesmo quando era o caso de empregar a intuição ou a síntese! Quantas vezes, a educação, porque desenvolve exclusivamente o espírito científico, esquece o aspecto estético ou moral do homem, produzindo aquela "forma mentis" que tudo estereotipa e tudo sufoca! Quantas vezes, a educação, exagerando o desenvolvimento exclusivo do aspecto religioso da personalidade humana, culmina num estúpido fideísmo, bem afastado, certamente, da vigorosa fecundidade espiritual, própria do cristianismo.

O Escotismo, empenhado em se realizar precisamente no campo educacional, visa a encaminhar o jovem até a máxima culminância de seu valor humano, suscitando-lhe "qualidades intelectuais aprimoradas, bem como disposições puramente físicas e morais", convencido de que somente aqui neste mundo ele poderá atingir o máximo valor social e o mais alto significado religioso.

O ideal do desenvolvimento harmônico do homem encontra no Escotismo sua máxima expressão na divisa: "Be prepared-Estote parati", palavras, que, em certo sen-

tido, representam um imperativo categórico para cada jovem escoteiro. Escreve Baden-Powell: "A divisa dos escoteiros é: Sempre Alerta! Significa que você está bem preparado, sempre em estado de prontidão mental e física para cumprir o seu dever. Estar mentalmente bem preparado, por se ter disciplinado para obedecer a todas as ordens, e também por ter pensado antecipadamente em todas as situações e acidentes que possam ocorrer, de modo que você saiba fazer a coisa certa no momento exato, e esteja realmente com vontade de fazê-la. Estar fisicamente bem preparado, por se ter feito forte, ativo, e, principalmente, capaz de fazer a coisa certa no momento exato, e fazê-la na realidade".

Todo o homem tem, no percurso de sua vida, obrigações individuais e sociais a cumprir; cada qual tem uma função específica a desempenhar. É necessário incutir-lhe consciência, vontade e capacidade para afrontar tais encargos. Preparar-se para a vida! Eis o sentido que devemos dar à divisa do Escoteiro; eis também o mais autêntico significado da concepção integral da educação escoteira. Nela entram os mais diversos aspectos educacionais, desde o moral e religioso ao físico; desde o intelectual e sensorial ao técnico e estético; desde o social até o especificamente cívico. Talvez Baden-Powell não tenha sido original em nenhum deles, porquanto não inventou nada de novo. Contudo, originais, originalíssimas são a síntese e toda a construção por ele apresentadas.

Todavia, esse método global do Escotismo não significa apenas multilateralidade de interesses, mas também a profunda convicção da impossibilidade de fracionar a ação educativa, distinguindo nela movimentos

e aspectos isolados ou afirmando que êsses devam ser desenvolvidos separadamente, em determinados períodos. A ação educativa é sempre unitária e, se não podemos tolerar nenhuma exclusividade, muito menos poderemos admitir qualquer espécie de sucessão cronológica. Na verdade, é impossível educar verdadeiramente o físico do jovem prescindindo de sua formação moral, ou desenvolver o intelectual, menosprezando sua sensibilidade estética ou religiosa ou ignorar sua educação sensorial. O jovem, como o adulto, é um todo único, cujos diversos aspectos nada mais são que múltiplas facêtas de um só ser.

Haverá quem não perceba que tudo está em perfeita consonância com a linha tradicional da pedagogia cristã? Leiamos com atenção a *Encíclica Divini Illius Magistri* de Pio XI para tomarmos disso consciência: "Nunca deve perder-se de vista que o sujeito da educação é o homem, o homem todo, espírito unido ao corpo em unidade de natureza, com tôdas as suas faculdades naturais e sobrenaturais".

7. O Problema de Adestramento Religioso no Escotismo

SABEMOS que o Escotismo não é religião, embora seja profundamente religioso. Baden-Powell nunca teve dificuldade em dizer que um "Ateu" não pode ser Escoteiro. A crença em Deus é básica para quem deseja ser Escoteiro. A crença num Deus Único, individual, fonte de tôda a vida, de tudo o que existe.

Poderia ser bom encher páginas na reflexão dêste pensamento; mas não interessa para o nosso estudo neste livro.

Mais urgente, mais imediato, mais prático, é meditar na parte do problema diário, na realidade de nosso trabalho pastoral junto aos escoteiros.

A realidade de cada dia, que existe em nosso trabalho pastoral, é que todo rapaz, na medida que êle está identificado com a idéia do que é ser "ESCOTEIRO", na medida que êle está mais ativo na idéia de "Serviço", de entregar-se aos outros, também está aberto ao *Sentimento de Deus*.

Não poderíamos dizer que, rapazes muito piedosos, preocupados por temas religiosos, sejam sempre os Escoteiros ideais, os que mais corajosamente se ocupam na ação e mais sentido social levam nas suas motivações vitais.

Mas a primeira observação permite tirar boas conclusões. Dela virão as deduções seguintes: Se queremos bons escoteiros, escoteiros autênticos, temos que formar Escoteiros com sentimento religioso.

Se um escoteiro, hábil em todas as técnicas de Acampamento, com magnífico espírito de serviço aos outros, apresenta também sua devoção religiosa, poderemos estar mais tranqüilos.

Devemos empregar toda nossa energia para dar aos Escoteiros um sentido religioso, cujo fundamento se encontra na Lei e na Promessa.

Quem sabe alguém esteja tentado para a solução mais simples de "Colar" no rapaz uniformizado e habilidoso as "Artes" de acampador junto com uma prática religiosa externa, aprendida por repetição das provas religiosas, sem importar o "como", tirando ao fim um produto que mais merece o nome de "Artefato".

Precisamos encontrar um caminho, uma solução prática para que os Dirigentes do Escotismo, juntamente com os Assistentes Religiosos, possam transmitir os ensinamentos e infundir a vivência da Religião.

Alguém poderia apressadamente, e com muita simplicidade, propor uma revisão nos cursos de adestramento e nos programas dos diversos ramos: alcatéia, tropa e clã, definindo o programa religioso das diversas denominações ecumênicas. Isto resolveria uma parte do problema, pois terão apenas um conhecimento histórico, uma informação geral, uma repetição do que já aprenderam nas igrejas, colégios ou escolas dominicais. Isto não será solução para o problema e nossa preocupação permanece, por isso perguntamos: "Como ensinar aos nossos Escoteiros a serem homens verdadeiramente religiosos?"

Antes de ensaiar uma resposta lembremos que os Escoteiros autênticos são fruto de uma formação integral. E mais, para os Escoteiros a Religião não é uma coisa secundária complementar, que pode estar ou não estar. Escoteiro sem uma Religião contradiz os termos da Promessa e da Lei, por isso a Religião faz parte do todo. Lembremo ainda que o aspecto religioso no escotismo não é apenas problema dos Assistentes Religiosos dos diversos credos. Todos somos a Igreja, por isso os chefes e adultos do Movimento são apóstolos leigos que devem dar o testemunho da vivência religiosa.

Para dar uma resposta mais definitiva à nossa pergunta, devemos ser iluminados pela luz de alguns conceitos:

1) O Escotismo é um método pedagógico que pretende ajudar ao menino e ao adolescente a terminar sua evolução até chegar à condição de homem adulto, autêntico e íntegro, com todas as suas potencialidades prontas para doar-se à comunidade à qual pertence.

Por meio do programa escoteiro logramos assegurar a personalidade do jovem para enfrentar a realidade, evitando reações ou decepções que prejudiquem o desenvolvimento do indivíduo e sua adaptação social.

2) O Escotismo visa também assegurar a expressão livre das potencialidades criativas entre seus semelhantes. O jovem assim formado pelo escotismo, aberto à possibilidade de criar, de amar, chegará certamente à expressão religiosa que é uma conclusão ulterior e final de toda a evolução bem lograda.

Assim entendemos mais facilmente o que Baden-Powell quis dizer com a frase: "A Religião não se ensina, se infunde". Com a educação integral o Escotis-

mo aspira a que todo o Escoteiro alcance uma atitude religiosa e seja de fato um homem com convicções religiosas bem profundas.

Entendemos assim por que a Assistência Religiosa não insiste tanto nos ensinamentos religiosos, nas provas de religião com pergunta e resposta. Insiste sim num programa que desperte no menino, no adolescente, os sentimentos religiosos ao ponto de conseguir sua expressão na forma de uma vivência religiosa bem profunda.

No programa do adestramento escoteiro, tanto técnico como religioso, há pontos e detalhes básicos que, como Chefes e Assistentes Religiosos, não podemos ignorar.

Devemos conhecê-los para bem aplicá-los e assim esperar bons resultados.

A. O EXEMPLO PESSOAL DO CHEFE

O Chefe deve ter conhecimento de que é visto pelos escoteiros como a encarnação da Lei e da Promessa, com uniforme ou sem êle, no acampamento ou na sede, no trabalho ou no lar.

Neste exemplo do Chefe é fundamental a prática religiosa do seu credo e a atitude diante da vida, inspirada no serviço aos outros com sentimento sobrenatural.

Tarefa específica dos Assistentes Religiosos é despertar a consciência dos Chefes para a grande missão de apóstolos leigos na Tropa, na Alcatéia, no Clã de Pioneiros, com seu exemplo pessoal e a vivência religiosa profunda.

B. A OBSERVAÇÃO DA NATUREZA

Pela natureza entramos em contato direto com a criação que nos aproxima das fontes vitais, pois tudo na natureza é vibração, mudança, renovação ou continuação de um ciclo. Salientamos a contemplação do firmamento e dos fenômenos meteorológicos. Poucas coisas nos fazem ficar de joelhos em reconhecimento de nossa pequenez como contemplar a grandeza do Universo. Tudo isto nos levará a um sentimento profundo de Deus e a uma atitude religiosa convicta.

C. O SENTIDO DO SERVIÇO E AUTORIDADE EM FUNÇÃO DO AMOR

No Escotismo há uma organização jerárquica, mas sempre em função de serviço. Servir é uma honra. Pelo serviço temos consciência do nosso próprio valor. O grêdo é destacar esta autoridade como serviço e despertar nos escoteiros os sentimentos religiosos.

D. O FOGO DE CONSELHO

É o momento em que fazemos uma parada no fim do dia. Todos se reúnem para celebrar com muita alegria o trabalho terminado.

A fogueira é o momento oportuno para fortalecer o vínculo do amor entre os homens, para esquecer as ofensas do dia, para afirmar vontades.

Bem podem testemunhar aqueles que já participaram de um fogo de conselho como o momento final, antes de terminar o fogo, é oportuno para a oração. A

palavra inspirada do Chefe cai como o orvalho para refrescar as almas dos escoteiros. Não precisamos muitas explicações nem argumentos para sentir que Deus está em nós.

E. A ATMOSFERA RELIGIOSA NO ACAMPAMENTO

Sejam momentos breves, mas oportunos e precisos, como por exemplo a oração da manhã, da noite, a bênção dos alimentos, a celebração eucarística no acampamento.

As orações sejam dirigidas pelo Chefe ou pelos próprios Escoteiros que encontram expressões originais para externar seu sentimento religioso.

Se conhecemos o valor religioso destes pontos e os aplicarmos com a devida cautela podemos estar tranquilos que o sentimento religioso aparecerá entre os nossos escoteiros e se transformará em autêntica vida cristã.

É importante fomentar entre os escoteiros a prática religiosa espontânea, em momentos de livre escolha.

Isto permite avaliar a inquietude religiosa dos mesmos. As atividades religiosas sejam organizadas em tempo livre, dando oportunidade a todos os credos de satisfazerem seus deveres para com Deus. Não deve faltar a espontaneidade e nenhum escoteiro seja forçado por disciplina a cumprir seus deveres religiosos.

Se enfocarmos assim o problema do adestramento religioso no escotismo podemos ficar tranquilos de que a nossa ação pastoral terá seus frutos nos dias de amanhã e estamos colaborando na formação integral de melhores cidadãos e melhores cristãos.

8. As Exigências do Adestramento Religioso

A. ADESTRAMENTO RELIGIOSO PARA LOBINHOS CATÓLICOS

1. Pata-Tenra:

As provas de Pata-Tenra para fazer a Promessa e conquistar o respectivo distintivo, em assunto religioso, são as seguintes:

Ter participado de 3 (três) atividades sobre assuntos especificados no Livro "Roteiro Pastoral" e "A Gruta do Lobo".

2. Primeira Estrêla:

Ter participado de 10 (dez) atividades sobre assuntos à escolha, dos especificados no Livro: "Roteiro Pastoral" e "A Gruta do Lobo".

Incluem-se na contagem as três atividades das quais participou como Pata-Tenra. Demonstrar à Aquelá que conhece o assunto.

3. Segunda Estrêla:

Ter participado de 20 (vinte) atividades sôbre assuntos à escolha, dos especificados no livro: "Roteiro Pastoral" e "A Gruta do Lôbo".

Incluem-se na contagem as 10 (dez) atividades das quais participou como Lobinho de Primeira Estrêla.

Demonstrar à Aquelá que conhece o assunto.

4. Cruzeiro do Sul:

Para ser Lobinho com o distintivo de Cruzeiro do Sul deve possuir, além dos requisitos para a Segunda Estrêla, ao menos uma Especialidade Religiosa.

B. ADESTRAMENTO RELIGIOSO PARA ESCOTEIROS CATÓLICOS

1. Noviço:

As provas de Noviço para fazer a Promessa Escoteira e conquistar o respectivo distintivo, em assunto religioso, são as seguintes:

Participar ativamente em 3 (três) reuniões na Tropa, sôbre os temas especificados no Livro: "Escalada":

- a) "Uma Promessa Importante";
- b) "Uma Lei a Seguir";
- c) "Fundamentos Bíblicos da Lei Escoteira.

2. Escoteiro de 2.^a Classe:

Para ser Escoteiro de 2.^a Classe e conquistar o respectivo distintivo, requer-se:

1. Participar ativamente em 10 (dez) reuniões sôbre temas, à escolha, dos especificados no livro: "Escalada". Incluem-se na contagem os dez temas dos quais participou como noviço.

2. Fazer um trabalho por escrito, sôbre assunto bíblico, à livre escolha, ilustrado com recortes de revista.

3. Fazer um altar, na sede ou no acampamento, em honra de Nossa Senhora.

3. Escoteiro de 1.^a Classe:

Para ser Escoteiro de 1.^a Classe e conquistar o respectivo distintivo, requer-se:

1. Participar ativamente em 20 (vinte) reuniões sôbre temas, à escolha, dos especificados no livro: "Escalada". Incluem-se na contagem os dez temas dos quais participou como Escoteiro de 2.^a Classe.

2. Saber organizar e levar a efeito, com a sua patrulha, a representação de uma cena evangélica.

3. Preparar um elemento da patrulha para uma Especialidade Religiosa.

C. ADESTRAMENTO RELIGIOSO PARA ESCOTEIROS SENIORES CATÓLICOS

1. Noviço Sênior:

As provas de Noviço-Sênior para fazer a Promessa e conquistar o respectivo distintivo, em assunto religioso, são as seguintes:

1. Participar ativamente em 3 (três) debates na Tropa, sobre assuntos à escolha, dos especificados no livro: "Escalada".

2. Fazer uma pesquisa bíblica, ilustrada com recortes de revistas, sobre a Lei Escoteira.

2. Escoteiro-Sênior de 2ª Classe:

Para ser Escoteiro-Sênior de 2ª Classe e conquistar o respectivo distintivo, requer-se:

1. Participar ativamente em 12 (doze) debates, sobre assuntos à escolha, dos especificados no livro: "Escalada". Incluem-se na contagem os três debates dos quais participou como Noviço-Sênior.

2. Exposição e liderança na Tropa de um debate, sobre assunto à escolha, especificado no livro: "Escalada".

3. Escoteiro de 1.ª Classe:

Para ser Escoteiro-Sênior de 1ª Classe e conquistar o respectivo distintivo, requer-se:

1. Participar ativamente em 20 (vinte) debates sobre assuntos à escolha, dos especificados no livro: "Escalada". Incluem-se na contagem os doze debates dos quais participou como Escoteiro-Sênior de 2ª Classe.

2. Exposição e liderança na Tropa de dois debates sobre assuntos religiosos da atualidade, à livre escolha.

3. Ter participado de Retiro Espiritual.

4. Escoteiro da Pátria:

Para ser Escoteiro da Pátria deve possuir, além dos requisitos para a 1ª Classe, ao menos uma Especialidade Religiosa.

D. ADESTRAMENTO RELIGIOSO PARA PIONEIROS CATÓLICOS

Considerando que os Pioneiros já são jovens adultos achamos por bem não fixar por demais os assuntos religiosos a serem abordados nas reuniões do Clã. Daremos oportunamente sugestões e temas atualizados sobre assuntos religiosos na revista "Sempre Alerta" ou em circulares específicas aos Pioneiros.

Sugerimos como base para o estudo e debate a seguinte literatura:

- a) A Bíblia Sagrada (Antigo e Novo Testamento)
- b) O Novo Catecismo Holandês
- c) Os Documentos Pontifícios: "Mater et Magistra" e "Populorum progressio"
- d) Os Documentos de Medellín
- e) Revista "Sedoc" da Editôra Vozes, para discutir e estudar assuntos religiosos da atualidade.

Exigências do Adestramento Religioso para:

Escudeiro:

— Ter participado de, ao menos, três debates sobre assuntos religiosos sendo que um debate deverá ser dirigido pelo Escudeiro.

Pioneiro:

— Ter participado de cinco debates sobre assuntos religiosos, tendo dirigido e orientado, ao menos, dois desses debates.

— Apresentar, por escrito, uma pesquisa sobre assunto religioso-social.

Insígnia de BP

— Ter dirigido sete debates, na reunião do Clã, sobre assuntos religiosos ou sócio-religiosos.

— Apresentar, por escrito, uma pesquisa teológica sobre assunto à livre escolha ao Assistente Nacional Religioso Católico (enviar ao endereço da Direção Nacional).

9. Princípios do Escotismo

A. O QUE É O ESCOTISMO?

O ESCOTISMO foi projetado por Lord Baden-Powell of Gilwell para ajudar aos jovens a se transformarem mais facilmente em homens autênticos.

O Ideal do Escotismo é a eficiência individual para servir melhor aos outros, isto é, o que se chama verdadeira cidadania. Isto se consegue pelo exemplo pessoal do Chefe e o estímulo constante dado aos rapazes para seu desenvolvimento por meio das atividades de que gostam. São os atributos do caráter, saúde, trabalho manual e serviço aos outros.

O movimento é uma fraternidade de alegria, que procura nos jogos, nas atividades, acampamentos, nos trabalhos e na Boa Ação combater o egoísmo.

B. CARACTERÍSTICAS DA PEDAGOGIA ESCOTEIRA:

O Escotismo como método educativo tem como base o carinho e a confiança pelo valor de cada rapaz, pelo seu destino, pela capacidade de cada um de se apaixonar pela própria formação, por meio de uma disci-

plina na alegria e na liberdade. O Escotismo incentiva a cada rapaz responder a sua vocação e "remar a nave".

A característica do Escotismo é o otimismo para formar os jovens através de uma Lei, pensando na pessoa, na sua realização humana. Esta Lei é ratificada por uma promessa em que o jovem empenha a sua honra. Concebe o homem como um ser em constante construção pela sua adesão a uma hierarquia de valores "livremente optados, assimilados e vividos, por um compromisso responsável e uma conversão constante". O método Escoteiro é progressivo. Um caminho que segue o curso da evolução psicológica do rapaz e apresenta para êle novas metas de perfeição e leva-o a maior plenitude.

O Escotismo é uma forma de vida em que a aventura é parte integrante: aventura que significa procura, renúncia das seguranças burguesas, juventude de espírito, senso da admiração da beleza e da verdade, procura humilde na descoberta dos passos de Deus por tôda a parte.

É próprio do método pedagógico do Escotismo o equilíbrio entre a pessoa e a comunidade. O Escoteiro é um homem útil que sabe conviver. Em cada etapa da formação do Escoteiro existe uma escola em que aprende a solidariedade e a fraternidade, o senso da aventura compartilhada. O espírito de serviço aparece como a responsabilidade que uns têm pelos outros. Não é dom; é dever sagrado. O Escotismo é uma experiência de vida comunitária vivida por uma comunidade com aspirações verdadeiras, mas também por uma comunidade muito concreta de símbolos e sinais.

Nada tem sentido no Escotismo senão existem intercâmbios pessoais. O Escotismo não só forma pessoas,

senão que o faz através das pessoas. A figura do Chefe educador é de importância definitiva. É a encarnação viva de tudo aquilo que o menino e o rapaz se propõe como ideal de vida; é quem presta ajuda a cada rapaz para que desenvolva em si as qualidades que são as suas características pessoais. O Chefe é quem descobre as aspirações, necessidades e soluções do Grupo e de cada rapaz. Êle orienta ao rapaz para que seja pessoa e ao grupo para que seja comunidade. Enfim êle deve harmonizar as diferenças e antagonismos no grupo.

Resumindo, poderíamos dizer que o Escotismo como método pedagógico tem as seguintes características:

a) Ponto de partida são a equilibrada fé na natureza do homem e a necessidade de reconhecer as exigências do educando.

b) O objetivo principal é a personalidade; e fim concreto é o Espírito Escoteiro.

c) É um método de educação integral que se esforça em formar o homem e êle não é autenticamente homem, se não se desenvolve em tôda a direção.

d) O Escotismo é método de educação ativa porque:
— Insiste na necessidade de colaboração dos rapazes na sua própria educação.

— Concede grande importância à vida ao ar livre.

— Usa o método das investigações e pesquisas pessoais e da experiência concreta.

— Dá grande valor ao trabalho técnico e produtivo, desenvolvendo-o individualmente em equipe.

— Faz com que o rapaz assuma responsabilidades concretas.

— Dá importância ao jogo em tôda atividade.

C. FINALIDADE CONCRETA DE CADA RAMO NO ESCOTISMO:

Na Alcatéia dos Lobinhos se apresentam objetivos concretos: Ajudar o menino de 7 a 11 anos a integrar na

sua vida a autoridade de seus Chefes e iniciá-lo na convivência com os outros. Por isso a Alcatéia tem a significação de uma "Família Feliz" onde se aprende a conviver por meio de jogos e atividades manuais.

A Tropa Escoteira aproveita o espírito de agrupação do adolescente e organiza a patrulha para ajudar na educação social. Capacita ao rapaz, pelos conhecimentos e habilidades, para o serviço da comunidade e abre aos poucos novos horizontes no desenvolvimento das suas qualidades e de sua orientação profissional.

A Tropa Sênior responde às necessidades dos rapazes de 15 a 18 anos, dando forma às suas primeiras inquietações de juventude dentro de um sistema de Patrulhas conforme a idade para realizar uma operação em benefício de seu progresso pessoal e da Tropa realizando assim a passagem entre a Tropa e o Clã de Pioneiros.

O Clã de Pioneiros olha para o mção que precisa encontrar-se a si mesmo, ter segurança, achar sua união com a sociedade, integrar-se na comunidade e formar uma comunidade de vivência e de trabalho. A sua dimensão comunitária como líder chamado a servir em qualquer pôsto à comunidade é fundamental como fim do Clã de Pioneiros.

Existe um outro ramo no Movimento Escoteiro, importante: É o Escotismo de Extensão: Escotismo dos doentes e aleijados. Este ramo tem o imenso efeito de lograr que êsses rapazes do momento em que são Escoteiros se sentem normais, têm segurança nas possibilidades de viver e ao mesmo tempo percebem suas obrigações.

10. A Religião como Base do Escotismo

UMA ORGANIZAÇÃO como a nossa seria imperfeita em seu fim, se não procurasse para seus membros o conhecimento da Religião" (Baden-Powell: Escotismo para Rapazes).

Sim, o Escotismo é, por definição, fundamentalmente religioso.

Tôda instituição, para que seja nobre, tôda obra humana, para que seja benéfica, deve ter aspirações espirituais capazes de subordinar as materiais.

Baden-Powell criou, sem dúvida, o mais maravilhoso sistema educativo: toma o homem, quando é ainda um material fãcilmente manejável, tira-o do ambiente envenenado nas cidades e coloca-o no meio do maravilhoso espetáculo da natureza; é ali que, de uma forma sutil, frente a extensos horizontes, o espírito do Escotismo vai penetrando na alma do rapaz, e desta contemplação, ante a ordem maravilhosa que reina na criação, vão nascendo nêle os sentimentos de retidão, de respeito, de disciplina.

Mas Baden-Powell, pedagogo formado na escola da experiência, deu-se conta que a retidão, o respeito, e a disciplina, embora tivessem alto valor educativo, não eram suficientes, por si mesmos, para formar o homem

completo. E Baden-Powell, velho soldado, curtido debaixo do fogo de muitos sóis, deve ter perguntado: "Para que serve ao homem uma rígida disciplina se não tem amplidão de intenções?" Foi aí que brotou na mente do Fundador o mais maravilhoso de seus conceitos:

"TODO ESCOTEIRO DEVE TER UMA RELIGIÃO E SEGUIR SEUS PRECEITOS"

Aqui está a base fundamental da obra de Baden-Powell: a Religião. Ele se deu conta que assim seu método se completava e, com grande sentimento de responsabilidade, o dotou com a espiritualidade.

"Todo Escoteiro deve ter uma religião..." Qual? Qualquer que seja, mas "uma religião". Não fala Baden-Powell da religião do egoísmo, como não fala tampouco da religião do pensamento, nem da que nasce da superstição e da ignorância.

"Uma religião". Qual? A que tenha o rapaz, contanto que estabeleça deveres e outorgue direitos; a que marque um caminho reto onde o respeito seja coletivo e individual; a que dê normas morais para uma conduta também moral.

"Todo o Escoteiro deve ter uma religião..." quer dizer: um conjunto de normas morais para seguir e praticar, com um fim determinado. Não ficam pois incluídas neste conceito as pseudo-religiões, aquelas que nascem de interesses materialistas, aquelas para as quais basta unicamente fazer certo bem e evitar o mal, aquelas que têm finalidades partidárias, políticas ou econômicas. Não, pois todos esses conceitos não cabem dentro do Escotismo. Os ateus, os indiferentes, não podem ser escoteiros.

A obra de Baden-Powell tem sido uma obra para o futuro. Nasceu da necessidade de uma nova juventude: sã, forte e limpa, no físico, no espiritual e no intelectual. Tem sido, pois, uma obra de esperança, como esperança é toda a relação com a juventude. "O jovem Escoteiro", diz Monsenhor Kelly, "tal como Baden-Powell e seus sucessores o conceberam, é a personificação da esperança". Mas não basta ser disciplinado e ter esperança no futuro, sem ter, além disso, a Fé. A esperança, por constante que seja, não conseguirá nada sem as luzes da Fé. Com disciplina, ganha-se o presente; com a Fé, ganha-se o futuro. O Escotismo trata, pois, de ganhar o futuro, por isso é crente.

O Escotismo não é uma religião, ao contrário, é um método que se socorre da religião para integrar-se em sua totalidade. Trata-se de formar homens completos, e nunca se poderia sustentar que um homem seja completo se lhe falta o essencial: a formação do espírito. Baden-Powell declarou a um capelão dos Escoteiros Belgas:

"O Escoteiro é antes de tudo um crente; eu repudio todo Escotismo que não tenha a religião como base".

Não faltam, nas diferentes partes do mundo, aquêles que, convencidos de sua própria deficiência espiritual, afirmem que o Escotismo é neutro. Para êstes, a religião ocupa um lugar inteiramente secundário; contentam-se com um "critério racional e exato do universo", recorrem ao sentimentalismo naturalista mais ridículo ou ao panteísmo mais exagerado; abrigam-se em seus próprios pensamentos e fazem de sua linha de procedimento mais ou menos reta o baluarte de sua neutralidade religiosa. É então que dizem: "O Escotismo é neutro, não necessitamos de Deus para fazer o bem e evitar o mal, é-nos sufi-

ciente a razão; somos Escoteiros, mas não temos nada com a religião...! É assim? Então como se justifica a Promessa, a Lei e a Boa Ação? A êstes, pois, que tomam a obra da criação como se fôsse um saco, e a sacodem para desfazer-se de Deus, teria que contestá-los com as palavras do poeta:

“... Se fazeis guerra a Deus, e se dais morte ao mito.

Com que ides, então, encher o infinito?”

O Escotismo tem como base própria a Religião. Suprima-se-lhe a Religião e não restará dêle senão normas mais ou menos úteis para triunfar no presente, mas não para triunfar no futuro.

Baden-Powell não era materialista, pelo contrário, estava dotado de uma delicada espiritualidade. Não podia, pois, ter criado um sistema material, sem o sujeitar ao espiritual.

Sem êste sentimento espiritual, como teria podido falar de Deus e de suas obras? Como teria podido lutar por uma juventude melhor e por uma fraternidade espiritual mundial? Como teria pretendido uma paz, nascida da paz dos corações?

Sua Santidade o Papa Pio XI disse aos Escoteiros:

“Muito maior será vosso vigor, vossa fôrça e a nobreza de vosso caráter, nos anos vindouros, se, com crescente afinco e lealdade, seguides agora vossos ideais e cumprirdes vossos deveres de Escoteiros; se, com mais fidelidade, continuardes apreciando o espiritual como superior ao material e subordinardes o material ao espiritual, pondo vosso pensamento em Deus e nas lições da Fé, muito mais acima de qualquer outro pensamento”.

Não sem razão o Fundador colocou estas palavras traçadas com dedo de fogo no princípio da Promessa:

“Prometo, por minha honra, fazer o melhor possível para cumprir meu dever para com Deus...” Aí está a base de todo o sistema: primeiro o dever e a lealdade para Deus. Se sua intenção tivesse sido outra, teria faltado à sinceridade, ao mencionar isto na Promessa.

Corroborando isto, no “Guia do Chefe Escoteiro” encontramos estas palavras de Baden-Powell: “O Escotismo eleva o nível moral do mais empedernido velhaco e inculca nêle os princípios da fé em Deus. Isto, juntamente com a obrigação que têm os Escoteiros de fazer diariamente uma Boa Ação, formam a base do dever para com Deus e seus semelhantes; com seus ensinamentos os pais ou o diretor espiritual podem construir mais facilmente o edifício da Fé”.

Escreve John Wilson, Diretor do Escritório Mundial:

“O ideal da Associação é desenvolver o caráter, alma e corpo da juventude, no espírito de Baden-Powell, e portanto, dirigir, guiar e desenvolver o Movimento Escoteiro: para assegurar a conversão de jovens, educados num espírito religioso, moral, democrático e patriótico, em bons cidadãos e para fomentar a fraternidade entre todos os Escoteiros do mundo”.

Assim, pois, quem quer que pretenda fazer Escotismo, esquecendo-se do princípio da Religião ou da base da espiritualidade, deve desistir de seus propósitos ainda que adote o resto do método. Caberia aqui recordar aquelas terríveis palavras de Cristo no Evangelho. “Quem não está comigo, está contra mim”. Portanto, da mesma maneira no terreno Escoteiro, ou se é Escoteiro completo conforme as normas do Fundador, ou não se é Escoteiro.

No Escotismo, como na religião, não existem os meios têrmos, e, se existem, não se recomendam.

Escotismo que não seja religioso não é Escotismo.

II. Pensamento do Fundador

QUE PARTICIPAÇÃO deve ter a Igreja no Movimento Escoteiro? Até que grau pode o Movimento Escoteiro unir-se à Igreja como instituição?

Encontramos a resposta no P.O.R. (Princípios, Organização e Regras) que diz: Regra 3-2:

a) Todo o Escoteiro deve ter uma Religião e seguir fielmente seus preceitos.

b) Quando o Grupo fôr composto de Escoteiros de uma mesma religião, seus Chefes devem ser obrigatoriamente da mesma religião, e têm como obrigação indeclinável zelar pelas práticas e instruções religiosas do mesmo, de acôrdo com o Assistente Religioso.

c) Quando o Grupo fôr composto de Escoteiros pertencentes a diversas religiões, seus Chefes deverão respeitar as religiões de seus Escoteiros, verificando que cada um observe seus deveres religiosos. Nos acampamentos e reuniões tôdas as preces deverão ser de caráter simples e de assistência voluntária.

d) Nos Grupos de denominação religiosa os Escoteiros prestarão provas de religião estabelecidas pelo Assistente Nacional Religioso do respectivo credo, como condição para ser promovido às diversas classes; nos demais Grupos deverão ser exigidas as mesmas provas de

religião, desde que possam ser prestadas na forma determinada nas Regras 3—5 e 3—6.

e) Os Escoteiros têm o dever de assistir às cerimônias religiosas do seu próprio culto e o direito de isolar-se no próprio acampamento para orações coletivas e individuais, bem como o estudo de sua religião.

f) É vedado aos Chefes tornar obrigatório o comparecimento dos Escoteiros a cerimônias religiosas que não as de seu próprio credo.

g) Quando a religião de um Escoteiro proibir-lhe assistir as cerimônias ou práticas de outra religião, os Chefes devem zelar pelo estrito cumprimento dêste preceito.

Do anterior se depreende que, além de fixar como condição “sine qua non” que todo Escoteiro deve ser um religioso praticante, existe liberdade de credo em matéria religiosa dentro do Movimento Escoteiro.

O Escotismo é crente, mas não constitui uma religião, nem é patrimônio de determinado credo religioso. Dentro dêle, cabem tôdas as crenças, igualmente cabem tôdas as raças e tôdas as classes sociais. É precisamente esta liberdade em matéria religiosa que deu ao Movimento sua universalidade e sua UNIDADE. “Todo Escoteiro deve ter uma religião...”.

O mesmo Baden-Powell comenta as normas anteriores, no “Escotismo para Rapazes”, dizendo:

“Deu-se certa elasticidade, voluntariamente, em matéria religiosa, a fim de que as diferentes organizações e sociedades tenham liberdade para utilizar nossos métodos. Assim, cada um poderá dar suas direções religiosas. Em nossa Associação, como temos convivência com rapazes de tôdas as crenças, não podemos estabelecer regras mais fixas, ainda que o queiramos”.

O Escotismo recebe em seu seio todo aquê que tiver amplidão de intenções e que quiser tomar como norma voluntária de procedimento a Promessa e a Lei Escoteira. Ao receber um nôvo membro, exige-se dêle que tenha uma religião definida, insiste-se com êle para que a cumpra e pede-se-lhe que respeite as crenças e práticas religiosas dos demais. Nisto reside o êxito da conjunta diversidade confessional do Escotismo.

Se o Movimento Escoteiro tivesse sido criado como atributo de uma determinada denominação religiosa, não teria sido recebido pelas demais e não teria passado de mais uma tentativa de educação sectária. O Escotismo sendo sinônimo de tolerância e de mútuo entendimento como base para a fraternidade mundial teria fracassado se tivesse esquecido, no aspecto religioso, de dar as normas para essas relações. É esta posição, tolerante e respeitosa, que ditou os têrmos do P.O.R.

Esta é a posição do Escotismo em face da religião; aceitação de tôda a crença religiosa, respeito e tolerância para todos os demais e liberdade de ação no cumprimento dêsses deveres. O papel da Igreja no Escotismo não é se ocupar com a parte técnica ou administrativa e, sim, de ocupar-se com o lado espiritual e moral.

O Escotismo é um auxiliar da Igreja, como o é do lar, da escola e do Estado; mas não se torna uma parte da Igreja, como tampouco da escola, do lar, nem do Estado. O Escotismo tem sua própria autonomia, que não pode nem deve perder, sujeitando-se inteiramente a uma determinada crença religiosa ou política, sob pena de perder, com sua autonomia, seu caráter mundial, seu espírito de fraternidade e sua excelência como método formativo do caráter.

12. O Lugar Reservado à Religião na Educação Escoteira

E' CERTAMENTE indiscutível que a religião ocupa um lugar de grande relevância no âmbito da educação escoteira e que esta, enquanto relacionada com a educação moral, apresenta-se, sem exagêro algum, como fundamento indispensável.

Uma organização como a nossa faltaria a seu verdadeiro objetivo se não infundisse em seus adeptos a consciência da religião.

B.P. constatou, entretanto, que na educação tradicional incorreu-se no gravíssimo êrro de tê-la ensinado mal: "Se a religião fôsse tratada como coisa necessária à vida quotidiana, ela nada perderia em profundidade e ganharia em eficácia. A religião pode e deve ser ensinada à criança, mas não de modo afetado ou misterioso e lúgubre. Apresentada em seu aspecto heróico e como qualidade quotidiana de todos os homens autênticos, o rapaz está sempre pronto para recebê-la. Não é necessário, absolutamente, que o ensino da religião seja sempre in-sôso".

Baden-Powell distingue dois aspectos do problema religioso: um diz respeito à prática da religião, o outro atende ao espírito religioso. No primeiro caso, mister se faz incentivar a prática da religião, respeitando a religião

de cada jovem, sem pronunciar-se por nenhuma delas. O pensamento de Baden-Powell é que não pode, em absoluto, existir educação e mormente educação do tipo escoteiro, sem a ajuda e apoio da religião, uma vez que esta representa para o jovem um poderoso impulso para o melhoramento de si mesmo: por isso, a Comissão Mundial do Escotismo, sob inspiração direta do Fundador, sintetizou, em quatro itens fundamentais, as diretrizes que orientam o Movimento Escoteiro do ponto de vista religioso. Os quatro itens são os seguintes:

a) é de esperar que cada escoteiro pertença a algum credo religioso e freqüente os serviços religiosos de sua Igreja;

b) quando uma Tropa é composta de membros todos eles da mesma religião, é recomendável que o Chefe assegure a instrução religiosa e a observância do respectivo credo em combinação com o respectivo Assistente Religioso e como fôr julgado melhor;

c) quando uma Tropa é composta de Escoteiros pertencentes a várias religiões, eles devem ser estimulados a freqüentar os serviços de sua própria Igreja. Nos acampamentos, qualquer forma de prece diária ou de serviço religioso dominical deve ser de caráter o mais simples e amplo possível, sendo o comparecimento facultativo e voluntário;

d) quando as leis da religião proíbem a um escoteiro a assistência a qualquer função religiosa que não seja da própria igreja, os Chefes ou o Grupo deverão providenciar a observância rigorosa desta lei por todos os escoteiros entregues a seu contróle.

Com o intuito de favorecer êste aspecto da educação integral, quase tôdas as Associações Escoteiras acrescentam às várias provas técnicas exigidas para passar de classe alguns conhecimentos ou qualidades que dizem respeito especificamente à religião e não tanto ao Escotismo como tal.

Assim a União dos Escoteiros do Brasil, através da Assistência Religiosa, ditou as normas do adestramento religioso, que se encontram no P.O.R. e nos livros especializados da Assistência Religiosa.

Devemos porém ressaltar que Baden-Powell estava firmemente convencido de que a instrução religiosa, as cerimônias oficiais e até mesmo o contato regular com o Assistente Religioso, conquanto necessários, não são elementos em si suficientes para criar na alma do jovem, bem como na alma do homem em geral, aquêle profundo sentimento religioso, que brota da vivência íntima da religião.

Não menos convencido estava êle de que precisamente esta vivência íntima e profunda é a base para qualquer forma concreta e particular da religião, pois essencialmente trata-se sempre da vida interior do homem, de sua mais íntima consciência.

Ora, a educação escoteira visa precisamente a esta interioridade do sentimento religioso. Na verdade, se é certo que o homem nada vale se não acredita em Deus e não obedece às suas leis, por outro lado, também é evidente que a religiosidade do homem não pode ser reduzida a uma simples fórmula, capaz, no máximo, de lhe servir de tema para a meditação, reservada para os domingos; não, ela deve ser sentida, vivida, como algo que é necessário pôr em prática a tôda a hora, a cada instante de nossa vida.

Dêste modo, no Escotismo, a religião, bem como as demais virtudes requeridas do escoteiro, apresentam-se como hábitos que devem ser adquiridos a todo o custo, como *habitus* que deve transformar o íntimo da pessoa. Por isso, sem receio algum, podemos atribuir também à

religião o qualificativo de positiva, com que já especificamos a moral escoteira e que está em perfeita harmonia com a orientação ativista própria de todo êste método educativo. O objetivo é fazer sentir a presença de Deus em tôdas as ações executadas pelo jovem, é conseguir que Deus se torne de fato Alguém para o rapaz, que o jovem aprenda a recorrer a Êle nos perigos materiais ou espirituais: “Quando você estiver praticando alguma ação má, pense em Deus e você sustará imediatamente o ato, e ainda: sempre que você participar de um bom jôgo ou de algo de agradável, ou conseguir fazer alguma coisa boa, deve agradecer-lhe, nem que seja com uma palavra ou duas, como ao dar graças durante a refeição”.

As ocorrências com que se defronta a vida concreta do escoteiro propiciar-lhe-ão os ensejos e meios geradores e propulsores desta intensa espiritualidade religiosa; quando o Escoteiro pratica os exercícios matinais de ginástica, êle eleva o pensamento para Deus, rende-lhe graças por tê-lo criado e implora sua bênção para o dia que começa; quando vive em contato com a natureza, sente a presença real e ativa daquele que tudo fêz; quando, no acampamento, contempla as brilhantes estrélas no longínquo firmamento, emocionado, evoca a lembrança daquele que é a Grandeza e o Esplendor.

Contudo, o mais importante é que tudo isto brota espontâneamente na alma do jovem, sem nenhuma imposição externa, sem superestruturas ou esforços desnaturais, atingindo, por isso mesmo, profundidades jamais conseguidas por outros caminhos. A vida do Escoteiro, com maior ou menor consciência do fato, apresenta-se como uma contínua conversação com Deus, uma contínua e apaixonada procura do Infinito.

Entretanto, não se vá pensar que uma espiritualidade, nascida e incentivada nestes moldes, se identifique com sentimentalismo ou panteísmo ou que, no mínimo, possa fâcilmente conduzir a tais erros. A idéia do espírito religioso, apresentada pelo Escotismo de Baden-Powell, é bem mais clara e muito mais simples que a imaginamos. Diz-nos Baden-Powell que ela se fundamenta sôbre dois pontos apenas:

1^o) amar e servir a Deus;

2^o) amar e servir ao próximo.

Quem não vislumbra aqui o mais autêntico e genuíno ensinamento proposto pelo Cristianismo? Em vão procuraremos no Escotismo formas de catolicismo, com muita razão repudiadas pelos adversários do cristianismo e sobretudo pelos que o vivem em tôda a sua profundidade. O jovem encontra aqui a plena realização do seu instinto religioso purificado, isento de tudo quanto possa minimizá-lo ou desfigurá-lo. O Deus experimentado pelo Escoteiro é antes de tudo um Deus de amor, ao qual devem ser reconduzidas tôdas as coisas da vida; em nome dêste Deus, o jovem empenhar-se-á por informar sua vida, segundo os moldes dêsse amor, concretizando-o continuamente em ações reais e efetivas: “Já é alguma coisa ser bom; mas é muito melhor fazer o bem”.

Compreendemos agora perfeitamente por que, segundo o Escotismo, não pode, em absoluto, existir formação religiosa que não esteja em íntimo nexos com a formação moral; compreendemos, outrossim, por que é de todo inconcebível qualquer forma de Escotismo em que falte a religião ou não se admita a existência de Deus.

13. Escotismo e suas Relações com a Igreja

ALGUMAS NORMAS QUE ORIENTAM AS RELAÇÕES DO ESCOTISMO COM A IGREJA:

1. *Conservar a unidade das Associações Escoteiras, seja qual fôr a crença religiosa de seus membros.*

UNIDADE: palavra que sempre devemos ter presente em nossos pensamentos e em nossas atividades. Alguém disse: "A união faz a fôrça"; pois bem, a fôrça mundial do Escotismo está em sua unidade. Existem muitos países, muitas Associações Escoteiras, muitas religiões e raças, não obstante, só existe um Escotismo: o de Lord Baden-Powell, e êste Escotismo exige que, apesar das diferenças religiosas de seus membros, se conserve a unidade fraterna, à base de entendimento, tolerância e compreensão.

Querer classificar os Escoteiros segundo sua crença religiosa equivaleria a estabelecer uma hierarquia em que umas religiões ficariam por cima das demais. No terreno moral e dogmático uma religião pode ter maior elevação de pensamentos e de intenções que tôdas as demais, mas no terreno Escoteiro todos os credos religiosos desempenham o mesmo papel; a formação, segundo suas próprias normas, da espiritualidade do Escoteiro. Por isso no Escotismo tôdas as religiões são respeitadas.

Pretender dar ao Escotismo um caráter exclusivamente religioso, excluindo tôda consideração para com as crenças dos demais, seria torcer as finalidades do Movimento. Já o disse o Padre Jesuíta Jacques Sevin em sua obra "O Escotismo": "Estamos em presença de uma obra de educação e não de piedade, e se o Escotismo toma, a um tempo, a religião como base e como finalidade, equivaleria a fazê-lo aparecer como um movimento análogo ao do "Exército da Salvação".

Isto quer dizer: O Escotismo com uma só tendência, e com uma só finalidade, daria lugar à aparição de Associações Escoteiras de uma só denominação religiosa, que entorpeceriam os sentimentos de fraternidade e acabariam com a unidade do Movimento.

2. *Que os Estatutos de cada Associação dêem oportunidade para que tôdas as religiões possam participar do Escotismo sem contrariar suas próprias doutrinas.*

Os Estatutos das Associações devem ser uma porta aberta a tôdas as religiões, secundando a orientação do P.O.R., de modo que as religiões possam utilizar o Escotismo conforme suas próprias normas, mas sem constituir-se em problemas para as demais religiões. Todo obstáculo neste assunto repercutirá na Associação. A redação dessas normas internas deve ser muito clara, pois qualquer ambigüidade em matéria religiosa pode prestar-se a múltiplas interpretações e portanto a múltiplos problemas que não têm solução satisfatória.

Esta oportunidade para tôdas as religiões não se deve interpretar no sentido de que tôdas devam participar da mesma maneira e medida nas Associações, mas sim,

que tôdas devem ter as mesmas facilidades para desenvolver seus programas de formação religiosa, entre seus próprios membros, sem que se lhes oponham obstáculos.

É oportuno fazer notar aqui que, em determinadas circunstâncias, uma religião pode bem ter certa e maior influência na Associação, quando a totalidade dos componentes pertença a ela, e quando os interesses das minorias religiosas não sejam prejudicados no mínimo ponto pelos da maioria. Nada se deve estranhar se uma Associação, com preponderância católica, protestante, etc., chegue a ter atividades e tendências mais relacionadas com sua religião, já que o próprio número de seus cren-tes assim o determina; mas, apesar disto, já ficou bem estabelecido que aqueles que não pertencem à religião da maioria têm liberdade de abster-se dela para con-correr às suas próprias práticas.

Sabe-se que nos países latino-americanos a quase totalidade de Escoteiros é católica, e por isso é natural que as medidas tomadas para a organização e bom fun-cionamento das Associações tenham critério católico. Não obstante, não quer isto dizer que, ainda nestes casos, se justifique a exclusão das demais crenças. Prova disto é a existência de Grupos abertos em alguns países dos quais participam indivíduos de tôdas as religiões com os mes-mos privilégios e prerrogativas dos católicos.

3. *Que os Ministros dos diferentes cultos sejam utili-zados, mais como Diretores Espirituais do que como Escotistas.*

Os Assistentes Religiosos ou Capelães são de primor-dial importância no Escotismo como colaboradores do

Chefe Escoteiro e como diretores morais do Movimento Escoteiro. O Chefe, por mais preparação e vontade que tenha, não pode cumprir totalmente o plano de forma-ção. Há uma parte que o Assistente Religioso deve desem-penhar: a formação espiritual dos rapazes e a ideologia moral do Movimento. Por isso o ensino do dogma e a direção das consciências foram deixadas em mãos das pessoas autorizadas: os Assistentes Religiosos.

Nos Grupos Patrocinados, que dependem de insti-tuições religiosas, deve-se cuidar, tanto quanto seja pos-sível, de não fundir em uma só duas personalidades: a do Chefe Escoteiro e a do Assistente Religioso. O Chefe Escoteiro deve ser, preferencialmente, um leigo com pre-paração técnica e trabalhar de acôrdo com o Assistente Religioso do Grupo. Seria inconveniente, tanto que o Chefe Escoteiro interfira nas atribuições do Assistente Religioso, como que o Assistente Religioso interfira, sobre-tudo quando tem alguma experiência escoteira, se imis-cua, mais do que o devido, no Grupo, ultrapassando suas funções. Pode-se evitar isso, elaborando prèviamente os programas de trabalho de comum acôrdo entre os dois. Cada um tem uma importante missão a cumprir. O ideal é que em cada Grupo haja um Chefe e um Sacerdote, mas não um Chefe-Sacerdote, nem um Sacerdote-Chefe.

4. *Interessar as diferentes denominações religiosas, na conveniência de preparar Assistentes Religiosos, que tomem a seu cargo a parte espiritual do Movimento.*

Enquanto não se dispuser de número suficiente de Assistentes Religiosos para os Grupos Escoteiros, o pro-grama formativo não será uma completa realidade. Inte-

ressa às diferentes igrejas que se ocupam da juventude proporcionar os meios necessários para vigiar as consciências. Isto só se pode obter com os Assistentes Religiosos; mas não com Assistentes Religiosos nascidos de uma inclinação ocasional pelo Movimento, com muito entusiasmo e com nenhuma preparação; e sim, com Assistentes Religiosos preparados para o papel que vão desempenhar.

Disso nasce a necessidade de Cursos para Assistentes Religiosos. As Associações devem interessar as altas hierarquias neste sentido, na segurança de que é a única forma de ter Assistentes Religiosos Escoteiros, preparados magistralmente para tomar a seu cargo a parte espiritual do Movimento.

5. *Cooperação das diferentes denominações religiosas para a fundação de Grupos Escoteiros patrocinados pelas igrejas, paróquias, escolas dominicais, comunidades, etc.*

Esta cooperação é inteiramente conveniente e eficaz. Conveniente, porque as próprias instituições religiosas podem avaliar a vantagem do Método Escoteiro para realizar mais facilmente sua missão espiritual; e eficaz, porque, vivendo estes Grupos no seio mesmo das instituições religiosas, representam uma garantia para os pais de família, que lhes dão todo seu apoio e consideração.

6. *A criação de "comissões assessôras", uma para cada diferente denominação religiosa, que prestem sua ajuda aos conselhos nacionais.*

A ingerência do elemento religioso na direção das Associações tem sido tema de profundas discussões. Uns

defendem a ampla intervenção religiosa, outros por sua vez preconizam absoluta abstenção.

Para este assunto, é conveniente encontrar uma boa solução: pode-se distinguir entre associações de totalidade de uma denominação religiosa (v.g. a católica) e associações de elementos de diversas crenças.

No primeiro caso, a autoridade eclesiástica nomeia o Assistente Religioso Nacional que toma parte no Conselho Nacional. Os Grupos de outras religiões que se puderem formar terão seus Assistentes Religiosos particulares.

No segundo caso, sugere-se a criação de "COMISSÕES ASSESSÔRAS" junto ao Conselho Nacional da Associação, uma para cada uma das denominações religiosas interessadas no Movimento. Qual seria seu objetivo? Servir de união entre a instituição escoteira e a instituição religiosa, para coordenar mutuamente suas atividades. Como seria seu funcionamento? Inteiramente autônomo, relacionado com o Conselho Nacional, mas sem formar parte dêle. Como se integraria? Com cinco ou sete membros, dos quais um seria representante do Conselho Nacional, e os demais, membros proeminentes da respectiva denominação religiosa.

Estas "Comissões Assessôras" assim constituídas e funcionando sob estas bases livrariam os Conselhos Nacionais da pesada responsabilidade da formação religiosa dos Escoteiros, e não constituiriam nenhum problema, porque, sendo seu funcionamento autônomo, não poderiam intervir diretamente na direção das Associações. Em troca, por esse meio, as denominações religiosas teriam, por sua vez, ampla liberdade de trabalho no terreno espiritual, sem temor de intromissões alheias, isto é, teriam



o ambiente propício para desenvolver suas práticas e afirmar suas crenças.

7. *Obter apoio moral das diferentes autoridades religiosas por meio de opiniões, decretos, ou recomendações a respeito.*

Este é um complemento do anterior, e mais do que complemento, deve chegar a ser uma consequência. Quando as diversas autoridades religiosas tiverem comprovado o valor do Método Escoteiro, e o tiverem visto viver sob seu patrocínio, serão as primeiras em recomendá-lo e em animá-lo a seguir adiante na sua nobre missão. Os últimos Soberanos Pontífices da Igreja Católica, em múltiplas ocasiões, recomendaram e abençoaram a obra de Baden-Powell, reconhecendo assim a bondade de seus empreendimentos.

Mas estas recomendações, decretos, etc. devem ser ativados e divulgados para que cheguem com tóda a amplitude e despertem nos filiados êsse sentimento de confiança que inspira tudo o que tem uma origem religiosa; confiança que por sua vez trará o apoio moral e material para o Movimento Escoteiro.

14. O Assistente Religioso no Escotismo

A. PRINCÍPIOS GERAIS:

O ESCOTISMO nasceu mais das considerações práticas que teóricas. Sua estrutura se levantou aos poucos pelas experiências e ensaios concretos. Quem deseja compreender com exatidão e a fundo o Escotismo, quem deseja captar a autêntica eficácia educativa, seu poder de atração sobre a alma jovem e suas possibilidades de expansão deve forçosamente preparar-se para esta tarefa. Não podemos limitar nosso conhecimento teórico a uma leitura apressada de algumas páginas sobre Escotismo, ou a um simples manual, ou declarações de algum chefe.

É absolutamente necessário que sintamos o espírito escoteiro e participemos quanto possível das suas múltiplas atividades e cursos de adestramento. Como Educador é impossível usar o Escotismo sem aceitar pessoalmente o ideal de vida que propomos aos rapazes.

O Escotismo é um movimento orgânico de perfil muito definido, que possui sua própria legislação nos Estatutos, P.O.R. (Princípios, Organização e Regras) e Regimento Interno. Possui uma organização hierárquica com autoridades competentes em cada ramo. Logo é necessário têrmos conhecimento de tal legislação e orga-

Diálogo-ideal-amor

Saber viver é aprender a olhar o mundo, as coisas e os homens com os olhos voltados para o alto, para um ideal, para o amor.

O Chefe, em diálogo com seus escoteiros, indica o ideal e ensina o caminho certo para o amor a Deus e aos homens.

nização para podermos realizar um trabalho de colaboração. É de importância vital estabelecer as delimitações claras das funções e responsabilidades que correspondem aos Assistentes Religiosos e aos Chefes dirigentes do Movimento para um profícuo trabalho em mútua colaboração.

Nos casos em que, por ausência dos elementos dirigentes capacitados, os Assistentes Religiosos devem assumir alguma função auxiliar, deve procurar-se agir com muito cuidado para evitar que essa suplência seja suplantação permanente, como demonstrou a experiência, e devemos procurar o mais rápido possível remediar essa situação.

O Escotismo, como movimento educador da juventude, oferece à Igreja grandes possibilidades pastorais e exige dela uma maior consciência de sua responsabilidade na assistência religiosa aos seus membros.

Já que o Movimento Escoteiro oferece uma excelente oportunidade de diálogo ecumênico entre os membros de distintas confissões religiosas, convém promover em nível nacional e internacional encontros com as autoridades religiosas dos diferentes credos.

Para que o Assistente Religioso possa fazer direito sua mais importante função que é ser amigo e conselheiro dos Escoteiros, deve possuir e cultivar, entre outras coisas, as seguintes atitudes:

— Capacidade para o diálogo.

— Sabedoria confidencial para ganhar a confiança do rapaz, por meio da compreensão e aceitação tal qual ele é.

— Disponibilidade para receber sempre os rapazes; nunca ter nada mais importante a fazer do que receber, atender aos rapazes, sem limite de tempo.

— Preocupação por cada caso como se fôsse o único, já que cada vivência é uma coisa única e pessoal.

— Sinceridade acima de tudo, jamais atitude de salvar as aparências.

— Preocupação por todos os problemas dos rapazes, sem desculpa, de que os Assistentes Religiosos se preocupam só pelos problemas espirituais.

O Assistente Religioso Escoteiro, com formação ascética, teológica e conhecimentos do Escotismo, procure também ter conhecimentos de psicologia, sociologia, do desenvolvimento e técnicas do Adestramento, sem esquecer a dinâmica de grupo.

B. A FIGURA DO ASSISTENTE RELIGIOSO

Juntamente com a figura do Chefe, dos seus Assistentes e Instrutores focalizamos o Assistente Religioso, que desempenha relevante e decisivo papel no Escotismo Brasileiro.

O Escotismo está imbuído de sentimento religioso e a formação que procura inculcar no jovem é profundamente espiritual e moral. Por isso, o Assistente Religioso encontra aí as portas abertas e pode desempenhar sua função específica, sem dificuldades, sem intrigas; ao contrário, até mesmo com perfeita naturalidade.

Não resta a menor dúvida de que o problema dos Assistentes Religiosos não é fácil de ser solucionado. A experiência já nos ensinou. Permitam, no entanto, afirmar que isto não depende tanto do método e do sistema escoteiros, mas antes da mentalidade de muitos Assistentes Religiosos e do modo pelo qual abordam o Escotismo. Na verdade, jamais poderemos considerar o Escotismo como simples método educativo, voltado única-

mente para o acabamento do trabalho familiar e escolar; o Escotismo é um Movimento completo em si, que procura, como vimos, desenvolver todo um conjunto de valores específicos, isto é, a assimilação de uma mentalidade típica e de um especial estilo de vida. A missão do Assistente Religioso pode ser aqui verdadeiramente grandiosa, porquanto ele é o portador da vida sobrenatural, é o mensageiro da palavra de Deus; condição indispensável todavia é que ele saiba penetrar no espírito do Escotismo, adotando para si, de certo modo, o mesmo ideal dos Chefes e dos rapazes, no meio dos quais exerce seu sublime ministério. Em outros termos, quero acentuar que, existindo um dever, um esforço, um estilo escoteiro, negligenciá-los para seguir outros caminhos de formação espiritual, conquanto também legítimos, significa, em última análise, deformar a fisionomia espiritual do jovem Escoteiro. Um Assistente Religioso que quiser cumprir, também aqui, sua missão em toda a sua profundidade, não deve, a meu ver, aceitar sem mais nem menos o cargo de Assistente Religioso só porque tal cargo lhe foi impôsto ou designado de cima. Deverá antes refletir sobre o significado e o valor do método, conhecê-lo a fundo e de modo concreto. Em certo sentido, pode-se mesmo afirmar aqui o que se diz a propósito do Chefe: para trabalhar entre os jovens, com probabilidade de feliz êxito, o Assistente Religioso deve antes sentir e viver, ele próprio, como Escoteiro. Ele será para os jovens o "irmão mais velho", que o antecede, abrindo-lhe o caminho que conduz ao Divino Mestre. . . Não se improvisa um Assistente Religioso, assim como não se improvisa nenhum profissional digno dêste nome. Se todo o trabalho educativo é uma arte; e se,

por conseguinte, de qualquer educador se requer um conveniente cabedal de conhecimentos e um adequado tirocínio, com tanto maior razão isto deve ser exigido para uma forma de educação tão delicada e tão perfeita como o Escotismo.

Nem sequer excogitemos, pois, que a presença do Assistente Religioso no seio do Escotismo deturpe seu primitivo espírito e o conduza a formas de piedade, que não se harmonizem plenamente com a mentalidade e o ideal escoteiros; pelo contrário, se o Assistente tiver penetrado a fundo o sentido de sua posição e das exigências que lhe são feitas, tornar-se-á um elemento indispensável, para as atividades do Chefe, que nêle experimentará sempre o apoio fraterno, o guia seguro, o incentivo permanente.

De resto, sempre que o Assistente Religioso entra no Escotismo com mentalidade diversa, a resistência ou, melhor, a desconfiança dos rapazes e dos Chefes colocam-no numa posição desagradável, até sentir-se em contradição consigo mesmo.

Quais os princípios fundamentais que devem orientar a ação do Assistente Religioso?

Em primeiro lugar, ele deverá assimilar a linguagem dos jovens e, nos discursos, nos sermões que faz, deverá abordar temas condizentes com as necessidades reais, com as naturais exigências e características de seus rapazes.

Em segundo lugar, como decorrência lógica do primeiro requisito, deverá orientar espiritual e quase sempre confessionalmente a cada jovem em particular, apelando sempre para seus deveres de Lobinho, de Escoteiro ou de Pioneiro, pois seu crescimento na graça deverá ser um crescimento na graça de um escoteiro.

Em terceiro lugar, levando em consideração o caráter ativo do método escoteiro, êle não poderá limitar-se a uma simples *fuga do pecado*, mas incumbe-lhe a obrigação de exigir mais, pois o escoteiro criou para si maiores deveres que os inerentes ao comum dos jovens; além disto, propor-lhes-á uma forma ativa de piedade, através da qual o jovem se sinta de fato impulsionado a viver concretamente os valores religiosos.

Em outros termos, trata-se aqui de educar os jovens para a exploração "das coisas de Deus, das experiências exteriores para o significado mais íntimo dos processos da vida".

Daí a importância do contato com a natureza; daí também a importância dos trabalhos manuais de utilidade religiosa; das conversações e dos debates, especialmente entre os rapazes de maior idade; das reflexões mentais e das atentas considerações, sugeridas pelo Assistente Religioso diante de acontecimentos da vida circunstante; das pesquisas na vida real, com as respectivas prestações de contas por escrito; do conjunto de orações espontâneas, etc. Eis a função do Assistente e eis o seu trabalho e o segredo para levá-lo a feliz termo.

Contudo, se afirmávamos antes que muito difícil e complicada é a solução do problema dos Assistentes Religiosos, o motivo desta asserção reside no fato de serem poucos, infelizmente, os sacerdotes capazes de assumirem tal encargo; acresce que justamente êstes, via de regra, estão assoberbados por mil outras ocupações. Verificamos, com alegria, que já há grande esforço para solucionar o problema, mormente por parte das autoridades eclesiásticas, que incentivam e apóiam sempre mais o trabalho pastoral junto aos Escoteiros, através da Assistência Religiosa.

Conviria ter presente, por outro lado, que uma formação de tipo escoteiro só pode ser utilíssima a qualquer Sacerdote, pois esta lhe proporciona excelente ocasião para levar ao pleno desenvolvimento as próprias qualidades, mesmo naturais, como resistência física, coragem, capacidade para se sair bem de apuros, etc., qualidades de que sempre mais sentirá a falta, num mundo em que claramente vai desaparecendo aquêlo halo de respeito, que outrora circundava a figura do Sacerdote.

Existe ainda uma última facêta do problema. Muitos Assistentes Religiosos, uma vez adquirido certo conhecimento do método e da vida escoteira, influenciados talvez por outras associações confessionais nas quais a figura do Padre desempenha papel dominante sob todos os pontos de vista, tendem a usurpar o ofício, de competência exclusiva do Chefe. Trata-se evidentemente de um êrro, muito funesto, pois, segundo renovadas insistências do próprio Baden-Powell, cada qual desempenha, no Movimento, um cargo bem preciso e especificado. Acresce que o respeito àquilo que é da competência e da responsabilidade de cada membro representa, no fundo, uma condição mais que necessária para atingir o fim colimado. Daí a importância verdadeiramente decisiva das relações que se estabelecem entre o Chefe e o Assistente. Sòmente uma colaboração constante e fraternal entre ambos possibilitará a criação de uma atmosfera favorável para fomentar nos jovens a plena consecução daquela formação para a qual se canalizam os esforços de todos.

Por um lado, o Chefe, mormente se ainda môço, deverá reconhecer a maior experiência de seu Assistente e, por isso, aceitar trocas de opiniões com êle,

sôbre os problemas que surgem no seio de sua Tropa, procurando pôr, depois, em prática seus conselhos.

Por outro lado, cabe ao Assistente depositar confiança no seu Chefe, compreender-lhe os problemas e as exigências e reconhecer sua proeminência sôbre qualquer assunto especificamente técnico.

Seja como fôr, o principal será sempre o mútuo entendimento, a mútua colaboração, obtidos em espírito de profunda amizade, pois está patente que as funções educativas de ambos se assemelham ou, melhor, se completam mútuamente.

C. A PRESENÇA DO ASSISTENTE RELIGIOSO NO ESCOTISMO

O escotismo confessa um método de educação profundamente religioso. Baden-Powell queria que o escotismo fornecesse um conhecimento sólido da religião e que esta influenciasse tôda a vida do jovem. Ele sabia muito bem que sômente a religião traria um impulso bastante poderoso para permitir à criança consentir em renunciar e a fazer sacrifícios exigidos pela promessa, as virtudes e a lei escoteiras. Na formação integral da juventude, êle queria apoiar-se sôbre a religião e em Deus.

Muito cedo os educadores católicos adotaram o escotismo para formar cristãos autênticos. Em cada festa de grupos escoteiros, o Assistente Religioso aparece como um guia espiritual ao mesmo tempo sendo um colaborador da educação. Viu-se então realizar uma verdadeira fusão Chefe-Assistente Religioso semelhante à harmonia que existe entre a cabeça e o coração do corpo humano.

Olhemos agora de mais perto o papel específico do Assistente Religioso no meio de uma unidade (Alcatéia, Tropa ou Clã). Inútil dizer que sua presença deve ser eminentemente sacerdotal. No escotismo como noutros lugares, o padre deve dar o Cristo às almas e ser para seus dirigidos como a presença visível de Deus entre os homens. Será preciso dizer que lhe basta ser padre para cumprir bem a função de Assistente Religioso? Parece que não. Porque esta função entra no papel pastoral do padre onde as qualidades pessoais e o valor dos métodos desempenham um papel importante na formação dos cristãos.

O Cristo formou seus Apóstolos pela vida ativa. Teve fé na força educativa de seu contato e de seu exemplo. Esclarece sua inteligência partindo das realidades de sua vida cotidiana e lhes fêz viver pela ação o ideal que lhes havia feito nascer no coração por seu exemplo e sua palavra. Através da vida ao ar livre, fêz-lhes descobrir a Deus e a necessidade de esforço. Não esqueceu tampouco o estimulante da vida em comum onde se aprende as riquezas e as exigências da vida social e onde se encontra um apoio no esforço para um mesmo ideal e uma sã emulação na marcha para o progresso coletivo.

O verdadeiro Assistente Religioso entra portanto no grande jôgo escoteiro e o conhecimento aprofundado dêste método serve-lhe para transmitir a vida do Cristo. Examinemos sua ação segundo os três traços dominantes do escotismo: o método ativo, o ar livre, e a vida de equipe.

1. MÉTODO ATIVO. O Escotismo é um método de formação integral. Seu fundador teve o mérito de en-

contrar um sistema educativo que se dirige ao mesmo tempo à alma, ao espírito e ao corpo dos jovens. Teve principalmente a felicidade de suscitar sua colaboração por meios adaptados aos seus centros de interesse. A atração que daí resulta os impele a fazer esforços conscientes e de seu gosto, esforços necessários a toda verdadeira formação.

O Assistente Religioso utiliza o mesmo método ativo para transmitir o Evangelho. Ele sabe bem que sua vida atrai os jovens na medida que ela encarna o ideal evangélico sob o aspecto do qual sua psicologia os sensibiliza. Quem poderá esquecer e ressonância de santidade que despertou no fundo dos corações o Assistente Religioso bom e jovial da Alcatéia. O Assistente Religioso entusiasta e compreensivo da Tropa e finalmente o padre, refletido e prestativo, que conversa e caminha com os pioneiros?

Na Missa o grupo escoteiro se reúne em frente ao altar que ele construiu com suas próprias mãos. Gosta de dialogar com o Assistente Religioso e cantar em cântico os louvores do Senhor. Sua participação é inteligente, porque, ajudado pelo Assistente Religioso, preparou-se por uma reflexão comum a fim de compreender a liturgia da Palavra de Deus.

A experiência religiosa única do campo provém também do fato de que o Assistente Religioso vive continuamente com os jovens. Ele pode dêsse modo, por ocasião das atividades escoteiras, fazer-lhes sobressair os motivos sobrenaturais que dão às suas funções e ações todas as virtudes inerentes. Revela-lhes concretamente as grandezas de ideal evangélico que contém uma vida conforme a Lei e às virtudes escoteiras. Além disso a

experiência religiosa do campo marca fortemente os jovens porque estes vivem separadamente por grupos restritos, tendo assim a ocasião de se comprometer pessoalmente na afirmação de sua fé: orações da manhã e da noite, orações antes e depois das refeições, têrço em patrulha, vias-sacras públicas, etc.

Desta maneira, estes gestos positivos ajudam ao desenvolvimento de sua vida cristã e a fortificam tanto mais profundamente, sendo eles feitos pessoal e espontaneamente.

2. A VIDA AO AR LIVRE. Toda educação supõe um meio que favoreça a expansão dos jovens que se deseja formar. Este meio, no escotismo, é a natureza. "O ar é a chave do sucesso; é por ele que o escotismo existe" (Baden-Powell, "O Guia do Chefe Escoteiro"). O escoteiro é portanto chamado a viver duas ou três semanas por ano em plena natureza e este campo anual deve ser o cume de sua vida escoteira.

Esta vida ao ar livre torna-se para o Assistente Religioso pretexto precioso na formação espiritual dos rapazes. Ela lhes oferece primeiramente a oportunidade de fazer-lhes experimentar através das belezas e esplendores da natureza a majestade do poder de Deus. Ele os inicia então na ação de graças e no reconhecimento para com Deus. Os jovens aprendem depressa que no campo estão à mercê da Providência que lhes envia a chuva e o bom tempo. Maravilhosa ocasião de lembrar a todos sua dependência total diante de Deus, que os aperfeiçoamentos da vida mecanizada e progressista com todas as suas facilidades os fez esquecer.

A vida na natureza permite ao Assistente Religioso fazer apreciar aos jovens a riqueza do silêncio, da paz,

que somente são perturbados pelos ruídos da própria natureza, o canto dos pássaros, o crepitar do fogo...

Ensina-lhes então que o silêncio conduz facilmente ao recolhimento, à oração, ao contato íntimo com Deus. Faz-lhes mesmo experimentar destes momentos de união com Deus ao redor de um fogo que se apaga, de uma noite estrelada, momentos da alegria pura que iluminarão os dias sombrios de sua vida.

Enfim, esta vida rude fixa a criança ou o adolescente ao real. Eles saem freqüentemente de uma vida artificial, obriga-os a arregaçar as mangas e lhes pede um esforço contínuo e demorado. O Assistente Religioso aproveita então estes momentos inevitáveis de descanso ou de desânimo para ensinar aos seus jovens escoteiros o sentido do esforço, o sentido da cruz que somente o Cristo lhes dará a coragem de carregar.

Terminando, esta vida do campo oferece ao Assistente Religioso a ocasião de fixar uma direção espiritual séria. Porque o fato de partilhar a vida dos jovens permite ao Assistente Religioso descobrir suas tendências profundas e aos escoteiros de encontrar de perto um padre do qual eles se sentem amados e compreendidos.

3. A VIDA EM COMUNIDADE. Nada mais fácil para jovens do que agrupar-se em torno de um Chefe amado e admirado. Para canalizar esta tendência, o escotismo imaginou o sistema de patrulha, pequeno grupo autônomo e homogêneo que se basta a si mesmo, onde cada membro tem sua parte de responsabilidade bem precisa e à frente do qual se acha um chefe da idade dos jovens, protótipo do escoteiro perfeito e seu líder nato. No meio desta patrulha nasce uma sã emulação e um natural encorajamento para o bem. Este sistema

repousa então sobre duas grandes constantes da natureza humana: a sociabilidade que ele racionaliza e desenvolve inculcando aos jovens o sentido da hierarquia e o respeito da autoridade; a ação do semelhante sobre o semelhante que ele utiliza para formar no bem e na virtude. Estas duas leis, o Assistente Religioso utiliza-as para desenvolver nos rapazes o sentido da Igreja hierárquica e para orientá-los para o apostolado cristão.

a) Sentido da Igreja:

A patrulha é um corpo social no qual os membros são muito dependentes uns dos outros. O jovem escoteiro constata logo que sua inércia, sua falta de interesse, seus defeitos, sua irresponsabilidade prejudicam o bem-estar de toda a patrulha enquanto que estes dons, suas qualidades, sua aplicação no cumprimento das tarefas, que lhe são confiadas, contribuem para seu progresso. Também se dá conta de que suas virtudes, seus bons exemplos atraem e fazem progredir seus companheiros. Não vê ele outrossim o valor da obediência aos seus chefes? Não terá visto ele que, por sua desobediência às ordens dos chefes, sua patrulha deixou de ganhar uma vitória num jogo ou numa excursão?

Eis para o Assistente Religioso outras tantas ocasiões favoráveis para inculcar aos seus escoteiros, à mercê de um encontro individual ou mesmo em conjunto, no fim do dia, o sentido da Igreja. Não lhe é fácil fazer compreender a seus jovens o papel responsável que eles têm para com o Corpo Místico; que, por exemplo, a incúria de um só diminua a Igreja, enquanto que seus esforços virtuosos te-la-iam elevado em cada um de seus membros. Finalmente, que ocasião única de ensinar a

todos o valor da obediência para com os Chefes da Igreja, o Papa e os Bispos, para engrandecer a Igreja através do mundo.

b) Apostolado:

A grande virtude escoteira é sem contradição a dedicação que se traduz no serviço ao próximo. Ela é mesmo o objeto de uma lei especial: "O escoteiro é feito para servir e salvar seu próximo".

O escotismo fornece por si ao Assistente Religioso um meio inteiramente apto a iniciar seus jovens no apostolado. Ele se esforça em particular em lhes fazer conhecer esta lei psicológica, isto é, da ação do semelhante sobre o semelhante, noutros termos — do exemplo, para fazer disto um "apostolado" do semelhante sobre o semelhante donde decorre este cuidado de praticar o bem, de dedicar-se, de dar-se, não somente para fazer triunfar sua equipe, mas ainda para atrair os companheiros para uma maior fidelidade ao Cristo. Incita-os sobretudo a continuar este mesmo esforço apostólico em sua família e na escola. Porque a única maneira de salvar o próximo é dar-lhe o Cristo.

Assim ele forma também seus chefes nesta visão apostólica. Apresenta-lhes seus serviços de chefe como um serviço feito a Deus e à Igreja. Faz-se deste modo, a exemplo de Cristo, verdadeiro servo de seus escoteiros. E o escotismo não se torna para eles a ocasião de saciar seu instinto natural de dominação. Habitua enfim seus chefes a trabalhar de maneira desinteressada conduzindo-os a sacrificar por vezes certos escoteiros mais notáveis para permitir-lhes servir à Igreja nas fileiras da Ação Católica especializada.

A presença do Assistente Religioso no escotismo traz portanto vantagens apreciáveis. Os chefes são os primeiros beneficiados. Porque nêle encontram um educador nato sobre quem podem apoiar-se para perfazer sua formação espiritual e sobre quem contam para descobrir os diferentes planos de sua ação educativa ao pé dos escoteiros. Que tesouro precioso para um chefe, este homem que pode dar-lhe a moeda de sua experiência de educador de almas. Assegura ainda ao escotismo seu máximo de eficácia educativa garantindo-lhes com dois desvios possíveis: o neutralismo e o egoísmo. Evitará o primeiro lembrando aos chefes que, se é justo em educação contar sobre a natureza intimamente boa de cada jovem, esta natureza tem entretanto necessidade de ser purificada, sustentada e sobrenaturalizada pela graça. Quanto ao segundo, prevenirá pondo com vantagem o escotismo ao serviço da comunidade eclesial. O escotismo de Baden-Powell deseja formar cidadãos para o serviço da pátria, e filhos dedicados à Igreja.

Ninguém se admirará portanto de ver o escotismo fornecer à Igreja numerosas vocações sacerdotais e religiosas e uma falange de apóstolos leigos e generosos, disciplinados e prontos a tôdas as tarefas apostólicas às quais a Igreja os convida.

D. O ASSISTENTE RELIGIOSO E A UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

A União dos Escoteiros do Brasil reconhece oficialmente os Assistentes Religiosos Nacionais, Regionais e Distritais de Grupos Escoteiros nomeados pela autoridade religiosa competente e apóia as suas atividades

com o objetivo da formação moral e religiosa dos membros do Movimento Escoteiro pertencentes às respectivas religiões, cujo cuidado nesse setor lhes é confiado plenamente.

Cabe, portanto, aos Assistentes Religiosos dar assistência religiosa aos membros católicos do Movimento Escoteiro e incrementar a prática do Escotismo nas paróquias e colégios. A função específica do Assistente Religioso é ocupar-se da formação moral e religiosa dos rapazes, aproveitando as características originais do Escotismo, em estreita colaboração com os Chefes. A formação integral no Escotismo só é possível, tendo como base a união entre Chefes e Assistentes Religiosos. O Escotismo não é só técnica, nem só religião. Nos assuntos técnicos cabe aos Chefes a direção. Somente em casos graves quando as determinações administrativas e técnicas prejudicam a formação moral e religiosa, o Assistente Religioso deverá intervir, mas com muita prudência.

A U.E.B. estabeleceu, juntamente com a A.R.C.A., as normas que determinam as atividades do Assistente Religioso e a forma como ele receberá a sua nomeação e as respectivas credenciais. (Confira nas páginas anteriores deste livro a Regulamentação da Assistência Religiosa.)

E. O ASSISTENTE RELIGIOSO E OS LOBINHOS

Para poder trabalhar com os Lobinhos o Assistente Religioso precisa antes de mais nada conhecer a infância e crer nela e em seus maravilhosos recursos naturais

e espirituais. É essencial acreditar no Lobismo e em seu valor como método educativo, aceitando o jôgo e o ambiente dos Lobinhos.

O Assistente Religioso não deve chegar como um estranho às reuniões e atividades dos Lobinhos. Necessita saber usar a linguagem e o ambiente da Alcatéia, que conheça o marco imaginativo no qual se desenvolve a vida de uma Matilha. Para isso recomendamos a leitura do livro "Kim" de Rudyard Kipling.

O Assistente Religioso poderá usar de maneira especial as histórias, as anedotas da vida dos grandes homens, dos santos, as atividades concretas, os jogos com fundo religioso. O Lobinho não terá paciência para escutar sermões abstratos. Por isso tenha presente a mentalidade da criança, ainda incapacitada para o pensamento racional e especulativo, capaz de conhecimentos experimentais e da intuição poética. Assim as conversas do Assistente Religioso para ir aos poucos colaborando na formação do sentido religioso, a consciência moral, o sentido comunitário da fé.

Para lograr os efeitos do método pedagógico do Lobismo devem usar-se os elementos básicos para criar ambiente da vida religiosa onde o exemplo do Assistente Religioso e dos Chefes, a ação decidida e conjunta não pode faltar. O Assistente Religioso deverá esforçar-se para que a vivência religiosa seja sempre agradável e adaptada à idade e mentalidade dos Lobinhos.

O Lobismo contém em si mesmo conselhos práticos para alcançar a perfeição: Promessa, Lei, virtudes, máximas de Jângal, espírito de fraternidade e as boas ações que os Lobinhos devem fazer cada dia.

O Assistente Religioso deve saber encontrar no ambiente e nos incidentes da vida da Alcatéia muitos pontos

análogos para iniciar os Lobinhos na vida da fé. A preocupação do Assistente Religioso quanto ao adestramento religioso, previsto para os Lobinhos, não deve ser tanto em transmitir conhecimentos e sim criar atitudes.

F. O ASSISTENTE RELIGIOSO E OS ESCOTEIROS

A função do Assistente Religioso na Tropa é decisiva. Os rapazes estão num momento psicológico muito importante. É a idade da reflexão, da crítica, da revisão de tôdas as coisas. É a idade na qual êle procura razão de tudo porque êle é mandado fazer e procura também a origem de seus sentimentos e instintos profundos. A idade na qual adquire os hábitos que caracterizarão a personalidade. Ao lado dêstes rapazes deverá estar o Assistente Religioso ajudando, orientando nas descobertas e procuras, nas novas experiências, nas inquietações e na formação religiosa.

O Assistente Religioso deve ser membro integrante da Tropa. Deve estar incorporado à comunidade Escoteira. Deve formar parte ativa da Tropa. Sacerdote como é, certamente, deve ser acessível a todos, a pessoa à qual se tem confiança e à que instintivamente se acode, quando está em dificuldades, porque se sabe que é compreensivo, e competente. Não é pessoa que manda, que repreende, senão quem aconselha, anima e orienta, ajuda no ideal, faz sentir entusiasmo e desejos de superação. Deve misturar-se o mais possível nas atividades dos Escoteiros: Reuniões, passeios, acampamentos, atividades especiais na Tropa e nas patrulhas.

O Assistente Religioso se integra na comunidade da Tropa com um fim específico: Levar sua presença sacerdotal, seu testemunho sobrenatural.

Apresente aos Escoteiros a amável presença do mundo religioso simples e exequível. Esteja longe de todo espírito paternalista.

A ação do Assistente Religioso na Tropa se dirige aos rapazes que estão no começo de sua formação religiosa e têm necessidade de coisas concretas. Logo sua ação aproveitará importantes elementos que não foram anotados nos princípios gerais:

— Abertura ao Evangelho, que leva ao conhecimento de Cristo, ao amor de sua pessoa, à prática de seus mandamentos.

— Abertura à liturgia, que inclui a oração em comum, os sacramentos e se estende à oração pessoal.

— Abertura ao mundo feminino por meio de Nossa Senhora, modelo da mulher e além disso da realização cristã.

— Abertura à Vida Cristã pela prática da Lei Escoteira, boas ações, sentido da Promessa como valor do compromisso; tudo isso tem uma função comunitária, essencial dentro da vida escoteira, tanto na comunidade da Tropa, como do grupo e na sua projeção ao ambiente do rapaz na família, colégio e vida social.

A ação do Assistente Religioso na tropa tem um papel muito importante na Côrte de Honra. Nesta patrulha, modelo das outras, os Monitores da patrulha aprendem o que é o Escotismo e qual é a função de chefes. Daqui partem todos os impulsos positivos para o Espírito da Tropa; tudo o que êles recebem ali, transmitem aos outros rapazes da tropa. A ação do Assistente Religioso poderá exercer-se para formar o ambiente, dar diretivas, colaborar na solução de problemas, criar atitudes e vivências para a formação individual. Por meio dêstes

rapazes se abre a porta ao Assistente Religioso para entrar na intimidade das Patrulhas.

No tempo das atividades da Tropa a ação do Assistente Religioso é muito importante na inspiração dos momentos mais altos da vivência religiosa: Vida litúrgica, orações, reflexões, vigílias com motivo da Promessa, palavras inspiradoras no Fogo de Conselho etc...

G. O ASSISTENTE RELIGIOSO E OS ESCOTEIROS SENIORES E PIONEIROS

A problemática do jovem desta idade pode resumir-se em: Crise de valores, autoridade, fé, mecanismo de defesa (racionalizações, ascetismo) e auto-afirmação, rejeição do autoritarismo, anseio de diálogo. Suas características positivas são: Autenticidade, sinceridade, solidariedade, justiça, atividade, generosidade e grande abertura ao amor.

O que este jovem espera é:

— Ter conceito claro de sua realização como homem e para isso precisa protótipos com os quais possa identificar-se.

— Ter conceitos de seu chamado à Fé por meio de experiências vitais, em ambiente eclesial; protótipos pessoais e comunitários; e uma informação religiosa atrativa e dinâmica.

— Que os orientadores da juventude aceitem os rapazes desta idade como são; sejam para eles como irmãos. Sejam compreensivos, capazes de orientá-los para o heroísmo, valorizem as suas iniciativas, para realizarem sua própria vocação.

Estas considerações iniciais condicionam a ação do Assistente Religioso se quiser dar uma resposta adequada à juventude. Deverá procurar a formação de um cli-

ma religioso, são, viril, onde os jovens, ainda perturbados pelos restos da crise da adolescência, possam ter a experiência de uma religião tão exigente quanto atraente. Deve provocar em cada Sênior e Pioneiro opções que não de comandar toda a sua existência e evitar que religião seja um simples comportamento de sua vida, externo, sem conseqüências totais. Deve orientar os rapazes para Cristo, para sua amizade, para lograr um perfil autêntico na sua vida religiosa, e sejam capazes de um verdadeiro testemunho. Deve dar para eles um claro sentido da Igreja, amor à liturgia, religião viva, pessoal e comunitária. Assim poderá produzir para o mundo uma geração de jovens cristãos autênticos e corajosos, desejosos de serviço, com vontade para estabelecer o Reino de Deus neste mundo.

Para isto o Assistente Religioso deve ser membro ativo e efetivo do Clã ou da Tropa Sênior. Viverá com eles o programa. Estará presente em suas aventuras, e também contribuirá com suas iniciativas para a elaboração do programa. Terá sempre presente que "saber perder tempo para conquistar a simpatia sempre é ganhá-lo."

Para esta idade o Assistente Religioso deverá ter um conhecimento apropriado do método escoteiro e dos objetivos do Pioneirismo. Nestas seções se aplica de maneira admirável os princípios de dinâmica de grupos.

O trabalho do Assistente Religioso é proporcional ao seu espírito sobrenatural e às dimensões de sua própria personalidade. Deverá ser jovem de alma, capaz de resistência física, apto para a vida áspera do acampamento, capaz de entregar-se com toda força ao trabalho dos rapazes. Deverá representar sempre o entusiasmo,

gosto pela vida, liberdade, alegria. Deverá representar o espírito comunitário na participação equilibrada na vida da comunidade jovem.

H. O ASSISTENTE RELIGIOSO E OS CHEFES

Embora este ponto já esteja implícito nos capítulos anteriores, é necessário fazer algumas observações.

O Chefe exerce uma função muito importante como educador no Escotismo. Por isso o Assistente Religioso deve ajudar com muita solicitude na função do Chefe.

O Assistente Religioso e os chefes são co-educadores dos rapazes, cada um de seu posto. O Assistente Religioso é também educador espiritual dos Chefes; logo deverá ter com eles contato pessoal, saberá ganhar sua confiança e logrará fazer por seu influxo que eles sejam realmente homens aptos para influir nos rapazes.

O Assistente Religioso deverá ter sempre uma atitude de respeito para com os Chefes. Sua influência será discreta, delicada, amistosa. Nunca permitirá a crítica dos erros, mas poderá em diálogo fraternal fazer a revisão dos resultados e fracassos obtidos. O Assistente Religioso deve dar aos chefes responsabilidades na formação religiosa e moral dos rapazes. "Que o sacerdote cuide de ser um pouco Chefe para permitir que o Chefe seja um pouco Sacerdote."

O Assistente Religioso deverá estimular aos Chefes para que aperfeiçoem sua formação em todos os campos da vida, mostrando para eles a necessidade no campo técnico, humano e espiritual.

Embora não diretamente dentro da categoria dos Chefes, existem no Movimento Escoteiro pessoas com

grande responsabilidade e muito importantes. São os Membros do Conselho de Pais com os quais o Assistente Religioso deverá manter contato para, através do Movimento, unir mais e mais os rapazes aos pais, os adultos aos jovens.

I. O ASSISTENTE RELIGIOSO E O ADESTRAMENTO

Não é preciso gastar palavras para frisar a importância deste assunto. A presença do Assistente Religioso nos Cursos de Adestramento é indispensável para transmitir aos Chefes e Dirigentes uma vivência religiosa profunda.

Salientamos que os próprios Assistentes Religiosos deverão ser devidamente adestrados, também nos cursos técnicos, para melhor compreenderem a metodologia escoteira. Os Assistentes Religiosos explorem os cursos de psicologia social, de pastoral juvenil e de catequese para melhorar o nível do adestramento religioso no Grupo Escoteiro.

Deverão promover cursos básicos para a formação religiosa dos Chefes tais como: "Deveres para com Deus", ADERE (Adestramento Religioso do Escotista), APERE (Aperfeiçoamento Religioso do Escotista).

Além dos Cursos de formação religiosa para os Chefes, os Assistentes Religiosos têm o encargo de promover, organizar e cobrar o adestramento religioso dos escoteiros. Deve ser uma ação pastoral coordenada e progressiva com a colaboração mútua dos Chefes.

Assim terão perspectivas maravilhosas na ação pastoral junto aos Chefes e aos Escoteiros, onde o funda-

mental não é tanto a informação ou conhecimentos religiosos e sim a vivência pessoal de vida religiosa.

Recomendamos enfim a participação dos Assistentes Religiosos em reuniões, encontros e Seminários tanto em nível Nacional como Regional ou Distrital onde deverão abordar a temática da ação pastoral no adiestramento religioso dos Chefes e dos Escoteiros.

J. O ASSISTENTE RELIGIOSO NO ACAMPAMENTO

Acampamento, Acantonamento, Jamboree. São os melhores momentos de ação pastoral entre a juventude escoteira; momentos em que o Assistente Religioso pode exercer o seu ministério, a sua missão de uma maneira fácil e total. É no campo, no meio da natureza, na comunidade de colegas do mesmo ideal, num mundo totalmente seu, que se abre o coração do nosso escoteiro. É então que a Lei Escoteira cria uma atmosfera, um ambiente, que exige a presença do Assistente Religioso. O Assistente Religioso é para o acampamento escoteiro o que é a alma para o corpo. Os Chefes dirigem o "grande jôgo", mas quem lhe dá a vida e o santifica é o Assistente Religioso. Por conseguinte, o Assistente Religioso deveria envidar todos os esforços para acompanhar os seus escoteiros no grande acampamento do ano. É a ele que cabe viver entre seus escoteiros como Cristo viveu com os seus apóstolos: Sempre pronto para ensinar, para ajudar, para santificar.

a) Necessidade de Planejamento do Programa Religioso

Mas não basta só a presença do Assistente Religioso no campo. Torna-se necessário um bom planejamento do programa religioso para o campo, um planejamento feito em conselho com os Chefes e Monitores da Tropa. O programa terá muito mais resultado, se, ao invés de ser impôsto pelo Assistente, fôr elaborado pelo Conselho da Tropa. Naturalmente, o Assistente Religioso há de dirigir o planejamento, sugerir atividades e novas experiências a serem feitas, orientar as discussões. Deixando os Chefes tomar parte no planejamento, o programa não tomará o aspecto de uma obrigação, mas de um compromisso livremente aceito. A Pedagogia e a Psicologia nos ensinam que haverá muito mais eficiência.

b) A Celebração Eucarística — Centro de nossa vida no Acampamento

Os dias de acampamento, de intensa vida comunitária e fraternal, darão ao Assistente Religioso ótimas oportunidades para fazer compreender aos escoteiros o valor do Sacrifício Eucarístico para a vida pessoal e comunitária. Mais facilmente hão de compreender que nossa comunidade escoteira recebe sua melhor expressão e íntima união pelo sacrifício de Cristo e pela Mesa Eucarística. Mais facilmente também hão de tirar as conseqüências. Ao celebrar a Missa no campo, deixaremos que nossos escoteiros tomem parte ativa na ação litúrgica. Estaremos reunidos no local comum de encontro da Tropa. O Assistente Religioso se paramente

permitindo que os escoteiros lhe apresentem as vestes sagradas. Poderia dar alguns pensamentos sobre o sentido do Sacrifício da Missa, ou sobre a Liturgia do dia e comunicar a intenção da Santa Missa. Cantando, dirigir-nos-emos em procissão para o altar. Os escoteiros poderão carregar todos os objetos necessários para a celebração da Missa. Chegando ao altar o Assistente Religioso espera que os escoteiros preparem o altar e começará a celebração. A leitura da Epístola poderá ser feita por um escoteiro. Nunca deixará o Assistente Religioso de dirigir algumas breves palavras aos escoteiros, referindo-se sempre às atividades escoteiras do dia. Antes do ofertório podemos fazer as preces comunitárias. Ao ofertório deixaremos os escoteiros que querem comungar levar a hóstia para o altar. A água e o vinho também serão trazidos por dois escoteiros. Depois do Agnus Dei poderíamos dar a saudação da paz. O Chefe irá ao altar e receberá a saudação do sacerdote. Transmitti-la-á em seguida com a mão esquerda a seus Assistentes e Monitores e estes a seus escoteiros. Dêste modo, a missa campal será certamente uma vivência para cada escoteiro e uma ótima escola de Liturgia.

c) O Acampamento deve levar o Escoteiro a Dialogar com Deus

Outro aspecto da vida religiosa, que receberá nossa atenção especial durante os acampamentos, será a oração. Não penso tanto nas orações diárias, de manhã, antes e depois das refeições, de noite na hora da Ave-Maria, pois estas orações pressuponho como hábito de cada escoteiro, mas antes refiro-me aqui ao espírito de

oração na conversa amigável e filial do escoteiro com Deus. Nenhuma atividade escoteira se presta tanto para desenvolver no rapaz a oração, o diálogo com Deus, como o acampamento. O contato contínuo com a natureza e suas maravilhas, o convívio fraternal, as alegrias nos jogos e sucessos, as dificuldades vencidas, as habilidades adquiridas e especialmente a presença do Assistente Religioso amigo, sempre lembram ao rapaz o bom Deus, Criador, Pai e Amigo. Aproveitemo-nos destes fatores para ajudar aos escoteiros a encontrar uma relação bem pessoal frente a Deus e o seu modo peculiar de falar com Deus. Devemos neste ponto ser muito prudentes e não querer impor nossas experiências e pontos de vista. Não devemos querer ser mais do que conselheiros. O fogo de conselho, a Córte de Honra, a celebração da Santa Missa, a solenidade da Promessa e sobretudo a conversa particular proporcionarão ao sacerdote muitas possibilidades de lançar a semente da palavra de Deus, de orientar os jovens, ajudá-los a resolver os problemas e dificuldades. E será aqui no acampamento que o rapaz nos abrirá sua alma, à hora da confissão. Dois fatores ajudam ao menino e ao Assistente Religioso. De um lado a vontade sincera de cumprir a lei, de ser um bom escoteiro e do outro o convívio com o Assistente Religioso, do qual em breve resultará amizade sincera, admiração e grande confiança. O Assistente Religioso por sua vez poderá conhecer muito melhor os seus escoteiros, suas aspirações, problemas e dúvidas e poderá ajudá-los a procurar solução. A pergunta "você não quer ser um bom escoteiro?" será um grande estímulo para o bem e atuará no mais fundo da alma de cada rapaz.

d) Lema e Padroeiro

Em cada dia do acampamento os escoteiros deveriam receber um lema e, como exemplo a imitar, um Santo que em vida de modo especial concretizou esta virtude. De preferência escolheremos os nossos Santos Padroeiros: Nossa Senhora da Boa Viagem, São Francisco, São Jorge e São Paulo ou a figura de um Santo simpático aos meninos da idade escoteira. Assim São João Batista, São Tarcísio, São Miguel, São Sebastião, São Dom Bosco, São Cristóvão, Santo Estêvão, etc. Se fôr escolhido São Francisco como Padroeiro do dia, o nosso lema poderia ser "sou um arauto do grande rei" ou "sempre alegre e caridoso para com tôda criatura". Se fôr São Paulo, então nos guiará o lema "tornar-se tudo para todos". São Tarcísio e São Cristóvão poderiam sugerir o lema "sou portador de Cristo" etc. O Conselho escolherá o Patrono e o Lema para o dia seguinte. Desta maneira podemos bem concretamente motivar e estimular os esforços dos nossos rapazes a se tornarem sempre melhores escoteiros, concretizando cada vez mais o ideal cristão.

15. A Importância do Exemplo Pessoal do Chefe Escoteiro

NUMA ANÁLISE sôbre a educação moral e religiosa no Escotismo, verificamos que nesta educação o comportamento e o modo de proceder do Chefe constitui para o jovem um papel importantíssimo.

Não é necessário despender muitas palavras. O assunto é lógico e evidente por si. Em qualquer setor da vida humana, fãcilmente podemos verificar que o exemplo repercute muitíssimo mais na alma dos jovens do que qualquer forma de discurso ou recomendações; mas, no campo da educação moral e religiosa, isto adquire relevância especial. Não pensemos, porém, que o exemplo deve ser apreciado sômente por seu aspecto de exortação ou de sugestão. Pelo contrário, como escreve G. Nosengo, êle "apresenta-se como necessário justamente antes de tudo para passar à ação, pois quem executa um ato necessita de uma imagem concreta das ações que deve praticar e dos movimentos que deve realizar; uma imagem imperfeita do "bem" ou uma imagem do "mal" contrastante com as exortações feitas por palavras arrasta à imitação com fôrça muito mais irresistível que a exortação, inutilizando-se assim a instrução moral dispensada nas palavras".

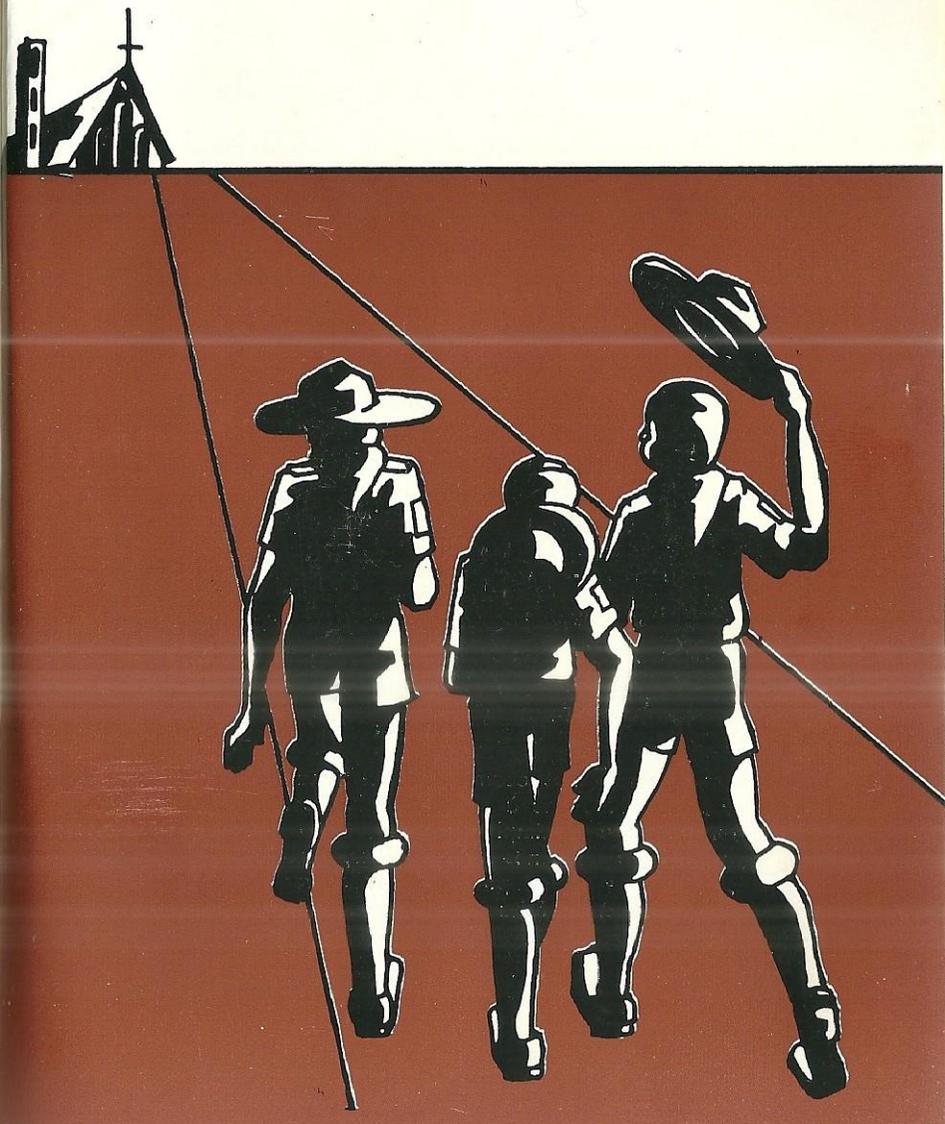
Para o Escotismo, êste recurso pedagógico do exemplo encerra importância ainda maior e mais decisiva. Um dos meios mais persuasivos e atraentes para conseguir do jovem a adoção do estilo Escoteiro é o de apresentar-lhe o estilo de vida Escoteira como o estilo próprio de tôdas as pessoas de valor — e não é possível que o Chefe não seja uma delas. Acresce que, no Escotismo, o educando desfruta de muito mais oportunidades para observar o comportamento do Chefe na vida prática, pois o educador vive continuamente junto do jovem, muito mais do que ocorre nas escolas ou nas outras instituições educacionais. Conseqüentemente, o jovem esforçar-se-á por regular sua vida de acôrdo com o protótipo que está constantemente diante de si.

Compreendemos agora os repetidos apelos que Baden-Powell dirige aos Chefes Escoteiros, lembrando-lhes a responsabilidade que pesa sôbre seus ombros. Estava êle firmemente convencido de que seriam baldados todos os esforços, se o jovem presenciasse, mesmo por uma única vez, exemplos medíocres ou menos corretos. “O sucesso no treinamento do rapaz depende sobretudo e essencialmente do próprio exemplo pessoal do Chefe. É fácil tornar-se como que o irmão mais velho do rapaz e até mesmo um herói para êle. Geralmente quando crescemos, nós esquecemos rapidamente da grande capacidade que possuem os meninos de admirar os heróis. Pois bem. O Chefe (que é um verdadeiro herói para seus rapazes) maneja uma poderosa arma para seu desenvolvimento e educação, mas simultâneamente assume uma grande responsabilidade. Os meninos são bastante perspicazes para perceberem e notarem os mínimos detalhes de seu caráter, quer sejam êles qualidades e vir-

tudes, quer sejam vícios e defeitos. Seus modos serão também os dêles. Suas atitudes corteses, sua bruscas irritações, sua radiante felicidade ou seu impaciente arrebatamento, seu pronto contrôle e disciplina, suas pequenas quebras de padrões morais, tudo enfim, não só será observado, como também imitado pelo seu séquito. Portanto, para induzi-los a cumprir a Lei Escoteira e tudo que nela repousa, o Chefe deve, êle próprio, cumprir escrupulosamente seus preceitos em cada detalhe de sua vida cotidiana. Seus rapazes acompanha-lo-ão, apenas com uma pequena palavra de esclarecimento”.

Daí resulta a necessidade de o Chefe não só praticar o bem, mas poder também ostentar abertamente seus atos, embora sem ter a pretensão de pô-los em muita evidência. Isto se aplica em qualquer setor da vida humana, mas de modo especial no que diz respeito à vida religiosa.

Para finalizar, frisemos ainda que Baden-Powell, firmemente persuadido de que o exemplo mais eficaz não é o exemplo dado esporádica e irregularmente, ou por uma só pessoa, insiste sôbre a importância decisiva da influência exercida pelo ambiente na educação de jovens. Por isso, dá êle o máximo pêsso e valor, precisamente no que concerne à educação moral, à patrulha e ao ambiente em geral que reina em todo o Grupo.



Jornada

«Seria bom que não nos ocorresse dizer: Amanhã vou à missa. Mas sim: Não vou à missa amanhã, porque esta última frase marca uma simples exceção, como a falta de alimento ou de sono» (Guy de Larygaudie).

O bom Escoteiro cumpre sempre os seus deveres para com Deus, só falta por exceção.

16. Comentários, Jogos e Atividades Referentes ao Adestramento Religioso para Escoteiros, Contido no Livro «Escalada».

A MENSAGEM RELIGIOSA deverá ser, comumente, transmitida num ambiente tranqüilo depois que os rapazes tenham despendidas suas energias em jogos movimentados, não cansativos demais, pois isto prejudicaria a boa recepção da Mensagem. Os momentos oportunos para tanto são as reuniões semanais, os acampamentos, o Culto Dominical ou o fogo de Conselho.

Ao abordar o tema o Chefe deverá ter segurança no assunto. Má orientação poderá acarretar sérios problemas aos rapazes, inclusive perturbações psicológicas.

A segurança, o Chefe poderá adquirir mediante os cursos realizados pela Equipe Nacional de Adestramento e pela Assistência Religiosa Nacional (Deveres para com Deus, Adere e Apere).

COMO APLICAR OS TEMAS EXPOSTOS NA ESCALADA

a) Começar com um dos jogos ou atividades aqui sugeridos lendo depois com os rapazes os comentários escritos na ESCALADA.

b) Partir do texto da ESCALADA e elaborar uma atividade condizente com o assunto, tendo o cuidado de criar um ambiente propício à exposição do tema.

Começaremos nossos comentários com o número 10 à página 38 do livro "Escalada".

10. UMA PROMESSA IMPORTANTE — pág. 38 Atividades

Sobre este assunto já existe uma série de diapositivos intitulada "O Grande Desafio" que poderá ser adquirida na Assistência Religiosa Nacional.

A promessa é uma das características fundamentais do Escotismo, merecendo toda atenção por parte dos chefes nas suas respectivas tropas. O chefe deverá abordá-la com segurança e firmeza, o que exige uma formação adequada. Uma panela quebrada ou uma barraca estragada pode ser substituída por uma nova; uma educação errada dificilmente se conserta: eis a nossa responsabilidade.

Atividades

1. Cada Patrulha escreverá com letras grandes numa folha o seguinte título: *PROMETO PELA MINHA HONRA CUMPRIR MEU DEVER PARA COM DEUS*, em seguida ilustrará com fotos e recortes de jornais e revistas explicando como se pode colocar em prática este artigo da Promessa em casa, no colégio, na rua etc...

2. Cantar com os Escoteiros o Hino da Promessa ou outro canto apropriado que fale da beleza da vida (ver o Devocionário Escoteiro).

3. Boiar com os Escoteiros uma Boa Ação a ser praticada no decorrer da semana e fazer uma revisão na semana seguinte, lembrando-se de que vale muito o esforço desempenhado na tarefa.

11 e 12 — UMA LEI A SEGUIR E
FUNDAMENTOS BÍBLICOS —
“ESCALADA” págs. 44 e 46

Para Baden-Powell a Lei é um ideal que o Escoteiro procura alcançar, um programa de vida e não um atestado de boa conduta. Será apresentada para manter vivos os ideais escoteiros da honra, da lealdade, da amizade e não para garantir a disciplina ou reforçar a autoridade do chefe. Deve-se evitar o uso da Lei na correção dos erros dos rapazes, já que isto torna a mesma odiosa. Autoridade não se consegue apelando para códigos morais, mas sim, através de um respeito e amizade à tropa.

Atividades

1. Fazer um jogo de verdade na Patrulha onde cada membro perguntará ao grupo o seu procedimento no cumprimento da Lei Escoteira.
2. Organizar uma Boa Ação sobre uma das Leis.
3. Escrever uma carta enigmática a ser decifrada pelo grupo, usando símbolos e enigmas que se referem à Lei.

13. NA PISTA DO EVANGELHO —
“ESCALADA” pág. 61

É um tema vasto que suscita bastantes perguntas exigindo boa preparação e uma certa clareza no assunto. Reconhecer a finalidade das passagens bíblicas e o seu objetivo. Há fatos narrados, apenas, para ensinar alguma verdade moral ou religiosa, são as “estórias”, outros fatos realmente acontecidos trazem consigo várias conseqüências religiosas ou morais, são as “histórias”.

131

As duas formas são maneiras didáticas na explicação da razão das coisas. A distinção delas é tarefa de um aprendizado religioso.

Atividades

1. Pedir às Patrulhas para traduzirem várias passagens bíblicas numa linguagem atual, dramatizando-as em seguida.
2. Promover um jogo de reveasamento entre os Escoteiros na procura de várias citações do Antigo e do Novo Testamento.
3. Dar a cada Escoteiro uma citação da Bíblia, devendo cada Patrulha formar com várias citações uma história condizente com o espírito bíblico.

14. ENCONTRO COM CRISTO —
“ESCALADA” pág. 73

O cristão situa sua vida na convivência com os outros e não apenas numa casa chamada Igreja. O chefe deve aproveitar dos acontecimentos diários e encaixá-los nos assuntos apresentados. Fazer ver no céu azul de um dia, na boa ação de cada pessoa, na beleza da natureza a presença de Deus. A natureza é um dos meios mais eficientes para os jovens descobrirem que Deus não é só o Criador, mas também o continuador de sua obra, o amigo certo nas horas incertas.

Atividades

1. Realizar um jogo de “caça à natureza” em que cada Patrulha buscará uma espécie mineral, vegetal e animal, como representadora da grandeza de Deus.
2. Fazer uma exposição com fotografias sobre a natureza.
3. Construir um Crucifixo usando apenas materiais da natureza.

132

4. Procurar na Bíblia três citações onde Cristo lhe aparece mais amigo e justificar a razão de sua preferência.

15. A TROPA QUE CRISTO FUNDOU — “ESCALADA” pág. 77

A Igreja é uma organização com uma hierarquia semelhante à do Escotismo. Cristo é o fundador de toda a Igreja, e a sua Pessoa deve ser a base real da vida e do treinamento de todo Escoteiro. No Escotismo o jovem deve sentir-se seguro, ciente de que está pertencendo a um grupo organizado. Partindo da experiência de grupo no Escotismo é que o jovem adquire o senso de vida comunitária.

Atividades

1. Jôgo de revesamento: Coloca-se na frente das Patrulhas duas cadeiras, uma para a resposta afirmativa e a outra para a resposta negativa. Feito isto, o chefe faz ao grupo perguntas referentes ao assunto exposto anteriormente. As respostas deverão ser respondidas com um sim ou um não. Ganha o jôgo o rapaz que consegue, por primeiro, sentar-se no lugar certo.

2. O chefe prepara, por escrito, várias frases distribuindo-as entre os Escoteiros. As frases versam sobre o tema abordado. De dois em dois os Escoteiros deverão discutir um assunto e tentar encaminhá-lo de tal forma que suas frases se encaixem nele.

3. Fazer um organograma da hierarquia eclesiástica.

16. O ESCOTEIRO, AMIGO DE CRISTO — “ESCALADA” pág. 84

Desta vez fixamo-nos bastante sobre o aspecto comunitário da Igreja. Por diversas vezes o assunto voltará no decorrer dos temas. Até poucos anos atrás a

Igreja se fixou por demais no aspecto da salvação individual. Não se lembrou da Oração de Cristo: Pai Nosso que estais no céu... Com o Concílio a Igreja redescobriu o seu aspecto comunitário e fraterno. Cabe, portanto, ao chefe educar os rapazes para uma atitude mais social.

Atividades

1. Descobrir atividades que o Escoteiro pode fazer sozinho e outras onde ele precisa da Patrulha.

2. Recolhendo dados do ambiente freqüentado pelos Escoteiros, o chefe propõe à Patrulha um julgamento dos fatos (da escola, do trabalho, da família etc...): estarão eles numa linha comunitária idealizada e querida por Cristo ou servem apenas à autopromoção, ao lucro e ao egoísmo de certas pessoas?

3. Baseado na Lei e na Promessa Escoteira organizar uma exposição de cartazes deixando ver bem claro de um lado o egoísmo, a exploração e a ganância e do outro lado a colaboração, o desprendimento e a ajuda mútua do Escoteiro.

17. A MÃE DE TODOS — “ESCALADA” pág. 87

Este tema é de suma importância na puberdade, pois poderá ajudar o rapaz nos seus primeiros desejos de amar e de ser amado por uma mulher. Mas isto só poderá acontecer se apresentarmos Maria como verdadeira mulher que amou, que dedicou sua vida a Jesus, que sofreu ao pé da Cruz e que suportou perseguições por amor a seu Filho e aos demais homens. É muito importante o papel da mulher na vida do homem. E o rapaz deverá ser educado dentro de um clima de amor, doação e dedicação.

Atividades

1. *Organizar na própria sede uma Celebração sobre Nossa Senhora, Mãe de todos. As tarefas são distribuídas às diversas Patrulhas: preparar o altar e o ambiente; elaborar o roteiro das orações e cânticos; fazer cartazes com o título: A Mãe de todos; expandir convites para os pais; escrever um pequeno sermão a ser pronunciado durante o culto.*

2. *Incentivar uma Boa Ação de ajuda às mães pobres ou solteiras do bairro.*

3. *Procurar na Bíblia passagens que falam de Maria, encenando-as sem que a figura de Maria apareça em cena.*

18. O ESCOTEIRO E SUA VOCAÇÃO DE HOMEM — “ESCALADA” pág. 91

O Escoteiro atravessa a fase da auto-afirmação. É a oportunidade de mostrar-lhe o valor e a dignidade da pessoa humana; a par disso cabe ressaltar que este valor é realizado dentro da comunidade. O descuido leva o rapaz a fechar-se, tornando-se individualista e exibicionista; contribuindo para isto a má orientação que alguns chefes dão aos distintivos e as condecorações. Estes não visam ressaltar tanto o próprio valor do jovem, mas sim os feitos realizados em benefício do grupo e da comunidade. A finalidade do Escotismo não é a auto-promoção do jovem, mas a sua educação para a sociedade.

Atividades

1. *Relembrar algumas façanhas do homem moderno onde desafia a natureza, no domínio da terra, no avanço das ciências (medicina, astronáutica etc...).*

2. *Debater problemas sociais ou econômicos cuja solução desafia o homem: guerra, racismo, doenças, fome etc...*

3. *Bolar um plano de trabalhos manuais úteis à comunidade onde você vive: construção de uma caixa d'água, preparação de cursos de higiene, escadaria no morro da javela etc...*

19. O ESCOTEIRO, PESSOA ABERTA PARA A COMUNIDADE — “ESCALADA” pág. 94

Muitas vezes fazemos um bem ao outro apenas para tranqüilizar nossa consciência. Não damos conta de que nos alienamos face aos verdadeiros problemas e necessidades da comunidade pobre. Nossa ajuda tranqüiliza o pobre, mas não o faz sair da situação de pobre para caminhar com os próprios pés. Em muitos casos a melhor esmola é o trabalho.

Atividades

1. *Discutir a frase: “Não adianta dar peixe, é preciso ensinar a pescar.”*

2. *Fazer um levantamento sócio-cultural de um bairro pobre.*

3. *Analisar as boas ações que vocês fizeram até hoje na Tropa sob os seguintes aspectos:*

a) *A Boa Ação realmente promoveu o homem, ajudou-o a ser mais independente?*

b) *A Boa Ação realmente sanou o mal, ou apenas colocou um pano quente? Quais as causas disso?*

20. CRISTO PRESENTE NA IGREJA — “ESCALADA” pág. 97

Todos procuramos seguir um ideal na vida. Cristo se nos apresenta como o ideal do cristão, ideal personificado. É importante colocarmo-nos face a face com Ele para que aos poucos nos identifiquemos com Ele. O encontro com Cristo se realiza mediante os Sacra-

mentos, que são os ritos, mediante os quais expressamos nossa comunhão com Cristo. A nossa comunhão com Jesus Cristo se processa em comunidade.

Atividades

1. Promover um concurso de desenhos entre as Patrulhas, representando os sete Sacramentos através de símbolos. Exemplo: Batismo = fonte, água...

2. GRANDE JÔGO DOS SACRAMENTOS:

Material:

a) Cinco bandeiras brancas com as seguintes frases em letras grandes:

1. BATISMO — ENTRADA NA IGREJA
2. CONFIRMAÇÃO — MATURIDADE CRISTÃ
3. EUCARISTIA — ENCONTRO DA COMUNIDADE
4. PENITENCIA — RECONCILIAÇÃO COM DEUS E A COMUNIDADE
5. ORDEM — SERVIÇO A COMUNIDADE

b) Cinco bolas para cada inimigo.

c) Um rapaz que faça o papel do padre.

d) Um grupo representa os Cruzados.

e) Outro grupo, três vezes menor, representa os pagãos.

Modo de Jogar:

O jôgo desenrola-se ao ar livre. Todos trazem uma fita igual no braço. Os pagãos, em menor número, estão disfarçados no meio dos Cruzados (sem que estes os identifiquem). Distribuem-se as bandeiras brancas pelo campo, e os Cruzados deverão conseguir ler em voz alta todas as frases das bandeiras. Após ter lido todas as mensagens o Cruzado retira a fita do braço e a coloca na cabeça. Os pagãos devem impedir a leitura das mensagens tirando a vida dos Cruzados atingindo-os com as bolas. O Cruzado recupera a vida respondendo ao padre as perguntas religiosas que este lhe propor. Depois de um tempo

determinado ganha a equipe que tiver mais gente em campo.

3. Visitar uma Igreja para tomar conhecimento dos objetos usados na administração dos Sacramentos.

21. VALEMOS PELO QUE SOMOS — “ESCALADA” pág. 101

Nesta idade o rapaz tem ideais elevados, mas as vezes pouco realistas. Mesmo assim, é uma fase importante da vida. Os sonhos fazem parte da juventude. Isto, porém, não impede que de vez em quando coloquemos o rapaz em atitude crítica face a seus sonhos. Esta atitude não deve causar choque, pois isto poderá inibi-lo. Não são os sonhos que determinam nosso valor pessoal, mas sim as nossas atitudes.

Atividades

1. Confiar às Patrulhas tarefas de difícil execução a fim de levá-los ao reconhecimento de suas limitações, apesar da boa vontade.

2. Aproveitar a ocasião para fazer uma revisão das provas e especialidades: valemos pelo que sabemos e não pelos distintivos que usamos no uniforme.

3. Fazer na Patrulha uma apresentação: cada um falará de si próprio (seus estudos, seus passatempos, sua família etc...). O que vale é a sinceridade do relato e não as vantagens. Com isto todos reconhecerão seus verdadeiros valores.

22. A CAMINHO DO GRANDE ACAMPAMENTO — “ESCALADA” pág. 103

Cada momento de nossa vida é importante e o Escoteiro deve saber aproveitar o seu tempo. O trabalho

eleva o homem e contribui para um maior progresso da comunidade. Os chefes deverão frisar aos Escoteiros o valor do trabalho e da responsabilidade de cada um na comunidade.

Atividades

1. Cada um deverá fazer por escrito um programa semanal, desde o levantar até o deitar. Depois procurar um equilíbrio entre as horas de lazer com as horas de trabalho.
2. Elaborar um projeto de trabalho e ver qual Patrulha fará o trabalho mais eficiente e completo em menos tempo.
3. Mostrar que todo trabalho para ser eficiente e produtivo deve ter um planejamento anterior. Exemplo: Antes de fazer uma ação social precisamos conhecer os problemas da pobreza, do analfabetismo etc...

23. A UNIÃO FAZ A FÔRÇA — “ESCALADA” pág. 107

O tradicionalismo religioso de muitos cristãos deturpou a imagem da igreja de tal modo que muitos jovens têm receio de se confessarem como cristãos autênticos. Este fanatismo causou uma falsa imagem da Igreja. O Concílio Ecumênico Vaticano Segundo, procurando dar uma resposta ao homem de hoje, definiu a Igreja como o Povo de Deus em marcha para o Céu, é um conjunto de pessoas que testemunham a presença de Cristo no meio dos homens. Pertencer à Igreja significa cuidar para que este mundo se desenvolva onde cada homem possa crescer em humanidade, valer mais, ser mais.

Atividades

1. Dividir as Cartas de São Paulo entre os Escoteiros para anotarem tôdas as referências do Apóstolo.

Uma Patrulha procurará descobrir num mapa os percursos das viagens missionárias de São Paulo. Desta forma o grupo conseguirá um bom material para uma exposição no colégio, ou na Igreja sobre este grande Apóstolo que foi São Paulo.

2. Fazer com as Patrulhas uma lista de argumentos sobre o afastamento dos jovens da Igreja. Ver se os rapazes entenderam o que significa Igreja.

3. Com recortes de jornais, revistas e fotografias fazer um mural mostrando como a Igreja está se transformando nos últimos tempos.

24. O ESCOTEIRO E A CIDADANIA — “ESCALADA” pág. 109

Ser libertos da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprêgo estável; ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situações que ofendam a sua dignidade de homens; ter maior instrução; numa palavra, realizar, conhecer, e possuir mais, para ser mais: tal é a aspiração dos homens de hoje. A religião e o Governo devem estar a serviço da realização destas aspirações humanas. A Igreja, sem ser partidária, deve orientar os seus fiéis quanto às ideologias dos partidos, aprovando-as ou desaprovando-as. Os chefes Escoteiros deverão educar os rapazes a participarem na vida nacional, ajudando o Estado a cumprir sua missão de servir ao bem comum dos homens.

Atividades

1. Fazer uma pesquisa entre os Escoteiros sobre o conceito de Estado, autoridade civil e militar, representação popular no Governo etc... (o material poderá ser encontrado nos manuais de Civismo).

2. *Estudar os fundamentos ideológicos do sistema econômico-político dos países ocidentais.*
3. *Promover um Curso de Dinâmica de Grupo.*

25. O ESCOTEIRO E A BUSCA DA LIBERDADE — “ESCALADA” pág. 112

Liberdade é a possibilidade de caminhar com responsabilidade e conhecimento. É a condição fundamental para o homem se realizar como pessoa. Os chefes deverão despertar nos rapazes um grande desejo de liberdade responsável. Se este assunto não fôr abordado com lealdade e franqueza os rapazes cairão nos abusos de libertinagem e da anarquia. A orientação deve ser dada não para condenar os que erram, mas criar nos jovens uma atitude crítica diante das coisas e diante de si mesmos. A melhor expressão de uma verdadeira liberdade é a constante revisão das nossas atitudes.

Atividades

1. *Enumerar 10 casos concretos de perda de liberdade (que não significa diretamente prisão) e analisar criticamente as suas causas.*
2. *Realizar na Tropa um curso de saúde, higiene, alfabetização, bem-estar doméstico, recreação infantil ou outros cursos semelhantes.*
3. *Promover uma campanha publicitária conscientizando o povo da necessidade de substituir o assistencialismo por uma verdadeira promoção humana.*

26. O ESCOTEIRO E O SENSO DE JUSTIÇA — “ESCALADA” pág. 115

Sem justiça não há condições para o homem se desenvolver. O cristão deve lutar pelo desenvolvimento

das pessoas, pois é nossa tarefa fazer os homens chegar mais perto da pessoa exemplar que é Cristo. Assim os cristãos devem lutar pela justiça. Mas é necessário mostrar aos rapazes que primeiramente eles devem promover a justiça. No seu grupo não devem existir rapazes marginalizados pelos colegas, pois a maior das injustiças é a marginalização pela antipatia, pela raça, pelo dinheiro. Isto seria negar os princípios básicos do Escotismo e do cristianismo: “O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros; e amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”.

Atividades

1. *Discutir na Tropa o seguinte tema: Dar pão aos que têm fome e fome de justiça aos que têm pão.*
2. *Planejar com os Escoteiros uma Boa Ação de justiça.*
3. *Visitar uma favela ou um bairro pobre. Conversar com uma família, depois trazer para a Tropa o relatório do bate-papo, discutindo-o em comum.*

27. O ESCOTEIRO, JOVEM DE PERSONALIDADE — “ESCALADA” pág. 117

As facilidades de hoje fizeram o Escotismo perder muito da primitividade criada por Baden-Powell. Ele justamente quis ser uma reação contra a moleza e a escravidão pelo luxo. Hoje grassam os tóxicos (maconha, cocaína, heroína e outros) e as degenerações sexuais. Problemas tais preocupam hoje numa sábia educação da juventude. O importante é educar a vontade dos rapazes dando-lhes energias pessoais.

Atividades

1. Realizar com os rapazes um acampamento de sobrevivência, caminhando uns 20 km. Assim você desafia a dominação do corpo.

2. Provocar na Tropa uma discussão a qual você tem a certeza que esquentará os ânimos (por exemplo: o futebol, cinema...), levando os rapazes a não se alterarem durante o debate.

3. Organizar uma vigília de meia hora. O jovem terá oportunidade de fazer sozinho uma auto-análise a base do assunto exposto.

28. O ESCOTEIRO, PESSOA CAPAZ DE DIALOGAR — “ESCALADA” pág. 120

Numa enquête realizada há vários anos verificou-se que a maior parte dos divórcios são frutos da falta de diálogo entre os cônjuges. Nunca foram acostumados a ouvir. Quando pensamos ouvir, apenas damos atenção ao que nos interessa. E quando falamos, preocupamos pouco se os outros nos entendem. Cultivamos pouco o nosso vocabulário, a má linguagem é fonte de mal-entendidos. Diálogo exige reciprocidade. Reciprocidade exige engajamento. O verdadeiro diálogo é construtivo, levando as pessoas a tomarem uma atitude.

Atividades

1. Fazer uma mesa-redonda onde cada Escoteiro expõe suas experiências pessoais. A finalidade é ensinar a escutar sem fazer objeções.

2. Encenar uma situação que demonstre falta de diálogo. Descobrir as causas da falta de diálogo.

3. Lançar um tema de discussão. Comunicando-se apenas com mímica deverão chegar, em 20 minutos, a uma conclusão.

143

29. O ESCOTEIRO E SUA VOCAÇÃO PARA O TRABALHO — “ESCALADA” pág. 124

A escolha da profissão é um dos pontos altos na vida de um jovem. Disso dependerá muito a sua própria realização. Em muitos casos os rapazes, levados por oportunismo, olham apenas o aspecto lucrativo da profissão. Mais tarde descobrem o erro. Como educadores mostremo-lhes o valor da profissão como realização de uma vocação. Cada homem deseja realizar algo. Se não descobrir este algo na sua juventude, dificilmente chegará a uma realização profissional. Será um insatisfeito, trabalhando de mau gosto apenas por dinheiro. O chefe Escoteiro auxiliará o rapaz a descobrir suas aptidões para que acerte na sua realização profissional.

Atividades

1. Planejar visitas a várias empresas: editôras, hospitais, escritórios, fábricas etc... Analisar com os rapazes o valor de cada atividade.

2. Incumbir os rapazes de elencar várias profissões, dando uma explicação breve de cada uma. Ganha a equipe que trazer a lista mais completa e explicada.

3. Promover uma entrevista dos filhos com os pais sobre suas profissões ressaltando os pontos positivos e negativos.

30. O ESCOTEIRO E SUA VOCAÇÃO DE CRISTÃO — “ESCALADA” pág. 127

Os cristãos são chamados à plenitude da vida e à perfeição da caridade. Nessa visão, religião não se torna um conjunto de atos e ritos, mas uma maneira de encarar a vida. Perante o progresso atual das ciências,

144

das novas descobertas, torna-se difícil crer nas verdades religiosas. Cabe aos chefes criar nos Escoteiros um espírito crítico, na análise sincera e real de nossa realidade perante o mundo e Deus. O ensino dêste espírito crítico levará os jovens a perceberem a verdadeira dimensão da fé. Não uma fé sentimental, baseada em crenças e magias, mas uma fé consciente. O cristão é aquele que fez sua opção por Cristo vivendo os valores evangélicos em comunidade. A nossa opção por Cristo nos deve levar a um profundo compromisso conosco e com os outros. Eis a nossa tarefa.

Atividades

1. *Provar pela Bíblia que Cristo não era "bôca-mole", mas dizia a verdade sem receio.*
2. *Realizar um concurso de artigos para o jornal de sua cidade sobre o verdadeiro sentido do Escotismo. O melhor trabalho poderá ser enviado para o boletim Sempre Alerta.*
3. *Organizar, por Patrulha, uma Boa Ação em prol dos menos favorecidos, cuidando para não cair no assistencialismo.*

31. O ESCOTEIRO E SUA VIVÊNCIA BATISMAL E CRISMAL — "ESCALADA" pág. 130

Cristianismo é ação comunitária. Todos aqueles que fizeram sua opção por Cristo pertencem à Igreja, sinal e instrumento da união com Deus e com as demais pessoas. O Batismo e o Crisma são como um compromisso assumido com Cristo e com a comunidade. Êste compromisso tem sérias conseqüências para a vida prática. O Escoteiro deve sentir que o valor espiritual assumido

por êle no Batismo e no Crisma não paira no ar, mas que encontra sua vivência concreta na comunidade em que vive. A vivência religiosa não se resume em frequentar os Sacramentos, em fazer suas orações diárias, em visitar a igreja cada dia, mas sim, em criar condições para que os outros também encontrem o caminho do evangelho e se possam realizar como pessoas.

Atividades

1. *Organizar na Tropa uma Semana Litúrgica ou Bíblica em coordenação com o seu vigário.*
2. *Que ação concreta pode ser realizada na sua cidade a partir da noção de que cristianismo é ação comunitária?*
3. *Elaborar uma palestra de 10 minutos sobre o Batismo e apresentá-la na próxima reunião dos pais.*

32. O ESCOTEIRO E A FRATERNIDADE EUCARÍSTICA — "ESCALADA" pág. 133

O Escoteiro vive uma fase de imitação, quer identificar-se com um herói. Antes que seja vítima dos líderes comercializados vale a pena apresentar-lhe um autêntico herói: a figura de Cristo. O pão usado na Eucaristia é sinal de Cristo. Ao consumi-lo fazemos de Cristo parte de nossa vida, assim como o pão comum assimilado passa a ser parte do próprio corpo. O simbolismo do pão significa o máximo de identificação com Cristo.

Atividades

1. *Num domingo fazer um levantamento das pessoas que vão às Missas, seguindo o critério: homens, mulheres, jovens e crianças.*

2. *Organizar, em combinação com o vigário, a celebração de uma Missa para a Tropa. Ressaltando, pelos comentários, a Missa como encontro.*

3. *Refletir com os Escoteiros sobre a relação entre Eucaristia e a Doutrina Social da Igreja.*

33. O ESCOTEIRO E A CONQUISTA DO PERDÃO — “ESCALADA” pág. 136

A confissão para os jovens constitui um problema: “Por que me confessar?” “Por que se confessar ao padre?” “A Confissão não muda nada?” Esta falsa visão da confissão pode ser alterada, dando ao jovem o verdadeiro sentido de que o pecado afeta a comunidade e, confessar-se, é reconciliar-se com os outros. O padre é a pessoa escolhida pela comunidade para, em nome de Deus, conferir o perdão à pessoa arrependida. Confessar-se é o contínuo esforço de libertar-se das barreiras que nos separam dos outros e nos enclausuram em nós mesmos.

Atividades

1. *Numa vigília noturna faça com a Tropa uma reflexão sobre o pecado, dando chance aos que querem confessar-se com o padre.*

2. *Promover um debate sobre o pecado no mundo e a necessidade do perdão (sem ligar este assunto diretamente com a religião).*

3. *Expressar através de cartazes e fotografias a verdadeira atitude diante da confissão.*

34. O ENCONTRO COM DEUS PELA ORAÇÃO — “ESCALADA” pág. 143

A vida levada a sério resume em si uma verdadeira atitude de oração. O relacionamento com Deus, encon-

tro, amizade, exige uma expressão concreta através de palavras adequadas, de ritos, de cerimônias. O amor se expressa através de gestos e sinais. Isto implica na necessidade de oração pessoal e da oração comunitária. A atitude pessoal durante a oração dependerá da personalidade de cada um: uns rezam de joelhos, outros em pé, alguns preferem o silêncio, enquanto outros a prece recitada. O importante é fazer da oração um encontro com um amigo: Deus.

Atividades

1. *Cada Escoteiro elabore uma oração pessoal. Analisar o conteúdo da mesma.*

2. *Colecionar de livros e revistas orações condizentes com o espírito jovem.*

3. *Estudar uma das quatro Orações Eucarísticas da Missa. Traduzi-la em linguagem popular.*

35. POR QUE A CASTIDADE? — “ESCALADA” pág. 146

O adolescente vive uma fase em que se sente arastado e dirigido pela força de seus instintos de vida. Período máximo da masturbação, expressão de uma vitalidade que desperta e que ainda não está integrada. Período dos primeiros amôres exclusivos e inquietos. Nesta fase o jovem necessita de três coisas: Um clima compreensivo e tranquilizante criado por uma linguagem positiva, que ajude a superar com otimismo a etapa difícil; um esclarecimento quanto aos problemas sexuais; uma orientação para poder dominar-se espontaneamente, ante a força e a agitação dos instintos.

Atividades

1. Entrevistar 10 jovens sobre o porquê da castidade. Julgar em equipe as opiniões recolhidas.
2. Julgar a frase: "Rapaz casto não é normal."
3. Chamar um médico para discutir o problema do ponto de vista científico.

36. O INSTINTO SEXUAL E SEU CONTRÔLE — "ESCALADA" pág. 149

O êxito deste tema vai mostrar se o chefe conseguiu através dos anos despertar nos rapazes a vontade de ser uma pessoa livre. É escravo quem se deixa dominar pelas paixões. O tema sexo deve ser apresentado de uma maneira positiva e não como código de proibições. Antes cabe mostrar aos jovens as vantagens do autocontrôle. O rapaz conhecerá as dimensões tôdas do amor. Com esta pedagogia aprenderá a valorizar o sexo em si e nos outros não como objeto do prazer egoísta, mas como força de integração do homem e da mulher, como expressão do amor autêntico: a serviço do outro, da doação completa à pessoa que se ama. Aí o segredo da felicidade, da harmonia pessoal. O autocontrôle positivado faz o rapaz superar a fase da masturbação, comum em certa etapa do desenvolvimento.

Atividades

1. Debater na Patrulha a distinção entre amor, sexo e paixão. Nos filmes atuais quais dos três é comumente enfocado? Por quê?
2. Debater o nu artístico. Qual a diferença entre pornografia e arte?
3. Discutir a frase: "A moda é uma ameaça para o autocontrôle?"

37. O ESCOTEIRO E O NAMÔRO — "ESCALADA" pág. 153

É no tempo do primeiro namôro que muitos Escoteiros abandonam a Tropa. Isto por dois motivos: envolvem-se completamente no namôro, não achando tempo para a reunião com a Tropa. Acham desnecessária a convivência com os colegas de infância. Uma segunda razão de abandono provém do fato de não ser acolhido na Tropa, com a devida compreensão. Todos gozam dêle e apontam defeitos da namorada, para êle a pessoa mais bonita do mundo. Qual a atitude do chefe nestas ocasiões? Preparar o ambiente. Antes de pensar em namorar o rapaz já devia ter visto a namorada ou a espôsa do chefe. Este em conversas informais poderá contar o sentido de seu namôro. Com isto os rapazes adquirem visão clara do valor do namôro, em nada incompatível com o Escotismo. Cria-se na Tropa um clima de maturidade, desfazem-se as piadas e chacotas a respeito de Escoteiros que se iniciam no namôro. Pelo contrário, preocupe-se positivamente pelas namoradas dos rapazes, perguntando pelas suas qualidades e opiniões, sem entrar em pormenores que afetam a intimidade.

Atividades

1. Fazer um levantamento quanto ao número de desquitados ou separados no seu bairro. Quantas famílias desajustadas você conhece? Quais as causas desses desajustamentos?
2. Numa discussão, veja se a sua opinião corresponde àquela apresentada na Escalada.
3. Coleccionar opiniões sobre o namôro, analisando a mentalidade que as sustenta.

38. NAMÔRO E FIDELIDADE — “ESCALADA” pág. 156

É comum entre jovens considerar o namôro algo como faz a borboleta, que pousa aqui e ali sem fixar-se. Muitos pais e educadores fomentam tais abusos, justificam ao jovem, fazendo-o crer que ainda é cedo para moderar-se, que deve aproveitar o frescor da idade. O namôro não é um assunto que se experimenta, mas sim uma coisa que se vive profundamente e porque não dizer sofridamente. Namôro que não signifique um desafio para o rapaz não tem valor. É neste sentido que precisamos orientar os rapazes face à sensualidade, à vida fácil revestida de “exigências do corpo e liberdade plena”. O Escoteiro não pode ir na onda, antes deve ter um caminho próprio, certo e digno de um jovem.

Atividades

1. *Convidar um casal de experiência e vivência harmoniosa no casamento. Presidirão debate com os Escoteiros sobre o tema.*
2. *Estudar a Lei e a Promessa, referindo os artigos com o tema “fidelidade”.*
3. *Cada um escreverá como imagina sua futura esposa (não apenas no aspecto físico). No fim o chefe escreverá o seguinte comentário: “Seja você hoje o que você espera dela amanhã.”*

39. MATRIMÔNIO SANTO — “ESCALADA” pág. 159

Esclarecer que a gente não se casa apenas para ter relações sexuais ou ter filhos. O casal realiza-se como pessoas que necessitam de amor, de doar-se, ou seja, de

dar e de receber afeto, tranqüilidade e bem-estar. Este é o ideal que impulsiona o jovem para o alto, a progredir profissional, intelectual, afetiva e comunitariamente. Assim apresentado, o matrimônio é grandioso, mesmo que contenha limitações. Não é comunidade perfeita, mas em via de aperfeiçoamento. Muitos entraves serão superados se o rapaz, na época do namôro, souber escolher criteriosamente sua futura consorte.

Atividades

1. *Debater as perguntas afixadas na Escalada.*
2. *Analisar: “Como devemos preparar-nos para um casamento feliz?”*
3. *Realizar numa reunião de pais uma enquête sobre os problemas mais sérios que eles encontraram durante o casamento. Quais as causas destes problemas?*

17. Especialidades Religiosas para:

Lobinhos
Escoteiros
Escoteiros-Seniores

*Estudo e Explicações das Especialidades
para Uso dos Chefes e Aquelás*

ESPECIALIDADES RELIGIOSAS PARA LOBINHOS CATÓLICOS

ACÓLITO:



- Habitualmente ajudar o padre junto às funções litúrgicas;
- Saber arrumar o altar para as funções;
- Distinguir Liturgia da Palavra da Liturgia Eucarística.

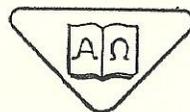
APÓSTOLO:



- Fazer uma exposição de cartazes sobre a vida da igreja (por exemplo: os sacramentos) ou sobre a Bíblia (por exemplo: o presépio);
- Fazer propaganda da exposição e explicar o sentido dos cartazes aos visitantes.

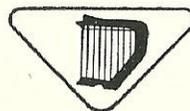
153

AMIGO DA BÍBLIA:



- Saber o nome dos quatro Evangelistas;
- Fazer três desenhos sobre a vida de Cristo e dar a explicação dos mesmos;
- Executar alguma atividade sobre o presépio (por exemplo: armar um presépio na Alcatéia);
- Contar, com expressão, alguma cena do Evangelho à Alcatéia.

CANTOR:



- Saber cantar ao menos cinco cantos litúrgicos;
- Ensaiar estes cantos na Alcatéia.

A. ESTUDO E EXPLICAÇÃO DAS ESPECIALIDADES RELIGIOSAS PARA LOBINHOS CATÓLICOS

As especialidades religiosas também fazem parte da conquista do adestramento. Tanto assim que para receber o Cruzeiro do Sul o Lobinho deverá ter uma especialidade religiosa. O Chefe tem um número enorme de estímulos para progredir sem cessar com sua Alcatéia: provas e especialidades. Boa Alcatéia é aquela que, entre outras coisas, tem elevado número de especialidades.

154

No dia em que os Lobinhos deixarem de ter interesse para progredir no caminho do adestramento, a Alcatéia morrerá. Não são os Lobinhos que descobrem que têm numerosos passos a dar em busca das estrélas: uma Alcatéia em pleno dinamismo depende do entusiasmo da Aquelá.

ACÓLITO

a) *Habitualmente ajudar o padre junto às funções litúrgicas.*

Para satisfazer esta exigência o Lobinho não deverá somente estar em contato constante com as celebrações litúrgicas, mas também mostrar uma inteligente compreensão dos atos de que participa.

b) *Saber arrumar o altar para as funções.*

Para o desempenho dos atos litúrgicos são necessários vários objetos que deles são parte imprescindível. Os objetos materiais ajudam para que a Liturgia, como um todo, atinja sua finalidade.

É necessário, antes de tudo, o *altar* com dimensões adequadas: 90 cm de altura, 60 cm de largura e comprimento razoável, onde se possa desenvolver a celebração. Pode ser confeccionado nos mais diversos materiais, dependendo da criatividade dos meninos. Conforme as possibilidades, poderá ser feita uma cobertura, cadeira para o sacerdote e pequena mesa para as galhetas. O altar é o centro de toda a celebração litúrgica, e representa o próprio Cristo.

Pedra d'ara (de altar) que contém as relíquias dos mártires. Nos primeiros séculos, a missa era celebrada sobre os túmulos dos mártires. Sobre a pedra d'ara é pôsto o cálice.

3 toalhas de linho branco para cobrir o altar. Representam os panos que envolveram a Jesus na sepultura.

Corporal — pequena toalha branca, estendida no meio do altar. Sobre ela o sacerdote coloca a hóstia e o cálice.

Cálice — é o vaso sagrado onde se consagra o vinho. Depois da consagração o cálice conterà o próprio sangue de Cristo. Por isso, exige-se que tenha pelo menos a parte superior de metal precioso. O cálice é consagrado pelo Bispo.

Galhetas — com água e vinho, postas ao lado direito do altar. O vinho deve ser legítimo, de uva. A água será pura, natural.

Livro (missal) com as orações próprias para cada dia, e o Ordinário da Missa.

Velas — a luz da vela representa o Cristo, a luz do mundo. A chama simboliza a graça, a fé e caridade que devem brotar de nossos corações.

Crucifixo — A missa é a *comemoração* do sacrifício da Cruz.

Flôres — A natureza e a arte do homem prestam seu tributo ao Salvador. No acantonamento, êstes três últimos elementos poderão ser um grande símbolo que domina o campo de atividades.

a) *Distínguir Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística.*

Inicia-se a missa com a Procissão de Entrada. O celebrante e os fiéis entram juntos para o templo. Parti-

cipamos de uma ação sagrada: ao pé do altar pedimos a Deus perdão de nossos erros, através do ato penitencial (*Eu, pecador, Senhor tende piedade de nós*). É também rezado o Hino à Trindade (*Glória a Deus nas alturas*), e Oração da Comunidade (diferente para cada dia).

O celebrante dá início à *Liturgia da Palavra*. Nesta parte, Deus nos fala: através das três leituras e da alocução do Presidente da Assembléia. A missa é o lugar próprio para ouvirmos a Palavra de Deus: uma das leituras é do Antigo Testamento, outra das Epístolas ou Atos dos Apóstolos e, a mais importante, extraída do Evangelho, é feita pelo sacerdote celebrante. Essa abundância de leituras bíblicas destina-se a que os fiéis conheçam sempre mais profundamente toda a Bíblia. Nesta parte de leituras, os leigos têm lugar importante: fazendo as leituras para a Assembléia, demonstram e exercem o sacerdócio que a eles toca por direito.

Após as leituras da Bíblia tem lugar a alocução do celebrante. A homília tem por objetivo explicar a palavra ouvida e aplicá-la à vida dos cristãos.

O *Creio* encerra a Liturgia da Palavra: resposta de fé a tudo aquilo que foi dito. Ouvimos a palavra de Deus e lhe respondemos. Seguem-se as Preces Comunitárias: as necessidades de todos os homens são apresentadas ao Pai.

Liturgia Eucarística — Nossa celebração não pode limitar-se a palavras. Deve ser levada à ação.

Abre-se esta parte do sacrifício pelo ofertório. Em procissão, os fiéis dirigem-se ao altar e depositam ali suas ofertas. Este oferecimento é também o símbolo de tudo o que temos: a vida, o trabalho, a alegria e a tristeza. É no meio destas coisas que os homens vivem: é atra-

vés delas que eles chegam a Deus. Tudo o que recebemos de Deus deve tornar-se oferta, unir-nos ao sacrifício de Cristo:

Expressando este ato de oferecimento, os fiéis cantam (“Senhor, vos ofertamos”) ou rezam (“Bendito seja Deus para sempre”), enquanto o sacerdote oferece o pão e o vinho.

Terminado o ofertório, o padre dirige-se aos fiéis: “Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso”.

Inicia-se a Oração Eucarística com o Prefácio (oração de louvor), diferente para cada uma das festas maiores. Este canto de louvor é completado pela Assembléia que aclama: Santo, Santo, Santo como fizeram os anjos na visão de Isaías. A Oração Eucarística propriamente dita (antigo cânon) tem quatro variantes. Nelas a História da Salvação é descrita, culminando com a instituição da Eucaristia.

A consagração é a parte central da missa. Nossas ofertas espirituais e materiais, simbolizadas no pão e vinho, são transformadas no Corpo e Sangue de Cristo. Essencialmente, repete-se a cena da Última Ceia. Cristo apresentou o pão e o vinho aos seus apóstolos e lhes disse: “Tomai e comei dele todos: Isto é meu corpo que será entregue por vós”. Neste momento, instituiu também o sacerdócio.

Inicia-se a Comunhão com o Pai-Nosso. Os participantes da celebração rezam a oração da comunidade. Depois, todos se reúnem ao redor da mesa e comem do mesmo pão. Atendendo ao pedido de Cristo (“Se estás para fazer tua oferta e te lembras que teu irmão tem algo contra ti, vai reconciliar-te primeiro com teu irmão”)

dá-se a saudação da paz. O gesto que expressa esta fraternidade é também dar-se as mãos enquanto se reza o Pai-Nosso. O pão que o sacerdote nos dá é o próprio Cristo: é a suprema prova de amor. Cristo quis estar conosco em forma de comida. A missa é, basicamente, o encontro dos irmãos. Encontro em que Cristo é um dos irmãos. Este caráter de encontro é melhor sentido numa refeição em família ou reunião de amigos. Por isso, a Última Ceia, a primeira missa que foi celebrada neste mundo, revestiu-se de caráter de refeição.

Após a Comunhão fazem-se as orações finais e termina a missa. A missa terminou. A vida dos cristãos continua. A missa não é acontecimento apenas. É ponto alto na vida dos cristãos. Não vamos à missa somente para cumprir uma obrigação. O que lá se passa é por demais grande para que estejamos inconscientes.

Exige-se, para esta prova, que o Lobinho tenha contato familiar com todo o texto do Ordinário da Missa, e o Missal. As noções que aqui se encontram apenas esboçadas poderão ser aprofundadas junto aos próprios textos.

APÓSTOLO

- a) *Fazer uma exposição de cartazes sobre a vida da Igreja (p. ex. os sacramentos) ou sobre a Bíblia (p. ex. o presépio)*

Sugestões: Vida da Igreja — Batismo — Numa cartolina fazer ou colar um desenho de Jesus sendo batizado no Jordão, ou do sacerdote batizando. Um letreiro explicativo, p. ex. "Pelo Batismo, Deus mora em nós."

Pelo Batismo nos tornamos filhos de Deus." O mesmo poderá ser feito com relação aos demais sacramentos.

Presépio — O letreiro poderá pôr em evidência as condições em que Jesus nasceu e o significado deste acontecimento: "O Salvador dos homens nasce pobre". A ilustração poderá referir-se à própria cena do nascimento ou às circunstâncias que o cercaram: os pastores, os anjos, a procura de hospedagem.

- b) *Fazer propaganda da exposição e explicar o sentido dos cartazes aos visitantes*

Será ao alcance da criança: o cartaz na escola, distribuição de convite entre os colegas, convidar os amigos da rua. Para atrair visitantes, é boa idéia fazer um concurso, com prêmios, onde se respondam questões relativas ao que está exposto. Com desembaraço, o Lobinho explicará aos visitantes a significação daquilo que expôs.

Os trabalhos ativos são uma excelente ocasião para que o menino penetre na compreensão do sentido das coisas religiosas. Também neste campo, é fazendo que o Lobinho adquire consciência de sua condição de cristão.

AMIGO DA BÍBLIA

- a) *Saber o nome dos quatro Evangelistas*

Mateus — Mt — Quando foi chamado a seguir Jesus, era publicano, cobrador de impostos. Escreveu seu Evangelho em língua hebraica, para os judeus convertidos. Por este motivo, faz numerosas alusões a profecias do Antigo Testamento que se cumpriram em Jesus.

Marcos — Mc — Foi discípulo (intérprete) de São Pedro. Em sua casa realizavam-se as reuniões dos primeiros adeptos do cristianismo. Escreveu o seu Evangelho (o mais curto de todos) em grego.

Lucas — Lc — Natural de Antioquia, na Síria. Era médico: o relato de Lucas tem numerosas referências a curas. Foi discípulo de São Paulo e escreveu para os gregos convertidos. Fêz também numerosas referências a Nossa Senhora e à infância de Jesus, pelo que seu Evangelho é chamado "da Infância".

João — Jo — A tradição atribui o quarto Evangelho ao Apóstolo São João. É o escrito por aquele apóstolo que, na Última Ceia, reclinou a cabeça no peito de Jesus. Seu Evangelho foi editado no fim do primeiro século, quando João já estava em idade avançada. É o Evangelho dos teólogos: tem a finalidade de alimentar a fé em Jesus Cristo, filho de Deus. Para isso, João quis mostrá-lo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, através de sinais.

b) *Fazer três desenhos sobre a vida de Cristo e dar a explicação dos mesmos.*

Algumas sugestões:

- Fuga para o Egito (Mt 2,1-19)
- Jesus entre os doutôres (Lc 2,41-51)
- Batismo de Jesus (Mt 3,13-17)
- Tentação no deserto (Mt 4,1-10)
- Jesus e as crianças (Mt 19,13-15)
- Última Ceia (Mt 26,20-29; Mc 14,17-25; Lc 22,14-38)

— Crucifixão (Mt 27,32-55; Mc 15,21-47; Lc 23,39-49)

— Ressurreição (Mc 16,1-8)

— Ascensão (Lc 24,50-53).

Exemplo — Fuga para o Egito — Herodes era o rei dos judeus. Chegaram uns reis do Oriente e perguntaram-lhe onde nasceria o rei dos judeus. Herodes, imaginando ser um concorrente que lhe roubaria o trono, fingiu-se interessado e solicitou que os magos, após acharem o menino, o avisassem. Mas êstes foram avisados, em sonhos, por um anjo e voltaram à sua terra por outro caminho. Vendo-se ludibriado, Herodes mandou matar tôdas as crianças do país, de dois anos para baixo, pensando também atingir, assim, o rei dos judeus. Mas os pais de Jesus, também avisados por um anjo, fugiram para o Egito. De lá voltaram somente depois que Herodes havia morrido.

c) *Executar alguma atividade sobre o presépio*

Sugestões: Ajudar a armar o presépio na escola, na alcatéia, na igreja ou no orfanato. Desenhar a cena do presépio. Armá-lo na Alcatéia (em pedras, paus, com bonecos de barro, figuras de gesso). A Edit. Vozes (C. Postal, 23 - Petrópolis, RJ) editou uma brochura ("A caminho do presépio") com personagens para montar e colar no decorrer de todos os dias do Advento.

É uma excelente ocasião a aproveitar para desenvolver a habilidade manual do Lobinho. Não importa tanto a perfeição do trabalho. O valor do trabalho mede-se pelo esforço do menino.

d) *Contar, com expressão, alguma cena do Evangelho*

Sugestões:

- Expulsão dos vendedores do templo (Mt 21,12-13)
- Ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 17,11-17)
- Filho pródigo (Lc 15,11-32)
- O rico avarento e o pobre Lázaro (Lc 16,19-31)
- Cura do leproso (Mt 8,1-4)
- Tempestade no lago (Mt 8,23-27)
- Esmola da viúva (M 12,31-41)
- Jesus caminha sobre o mar (Jo 6,16-21)
- Ressurreição de Lázaro (Jo 11,33-44)
- O lava-pés (Jo 13,1-11)

O menino tem uma imaginação muito viva que precisa ser orientada. A Aquelá deverá ajudar a preparação e dar oportunidade significativa para apresentar. Sem monopolizar, a própria Aquelá poderá participar da ação.

É interessante que o próprio menino escolha a cena que deseja ilustrar. Uma reunião de pais poderá ser o cenário em que o Lobinho vai desenvolver sua história.

CANTOR

a) *Saber cantar ao menos cinco cantos litúrgicos*

Sejam cânticos atuais, expressivos, que digam respeito às distintas partes da missa.

b) *Ensaiar êstes cantos na Alcatéia*

Difícilmente o Lobinho tem capacidade para, sozinho, fazer com que a Alcatéia aprenda a letra e a música. Aquelá deverá fazer grande parte do trabalho: como um anjo estará sempre ao lado do menino para encorajá-lo.

Faça com que sua Alcatéia cante. Não deixe passar uma reunião sem cantar. De preferência, canções que sejam acompanhadas de gestos: o Lobinho gosta de movimento, e fica impaciente quando parado. No *Cancioneiro* há uma seção especial para Lobinhos. Não esqueça os cantos litúrgicos. Gestos também poderão acompanhá-los e tornar a mensagem mais sensível.

ESPECIALIDADES RELIGIOSAS PARA ESCOTEIROS CATÓLICOS

LITURGIA:



- a) Ter uma noção geral sobre liturgia.
- b) Saber organizar uma equipe litúrgica escoteira, e dirigir uma missa no acampamento ou na paróquia, dando a respectiva função a cada um dos integrantes da equipe.
- c) Arrumar os objetos do culto, no altar, explicar o nome e o uso dos mesmos à Patrulha ou à Tropa.
- d) Dar a divisão do Ano Litúrgico.

AMIGO DAS MISSÕES:



- Conhecer os problemas das Missões em geral, especialmente algo sobre as Missões no Brasil.
- Saber transmitir à Patrulha ou à Tropa alguns conhecimentos sobre as Missões entre os índios no Brasil.
- Exercer alguma atividade em favor das Missões, por exemplo: recolher selos usados e enviá-los à Caixa Postal 23, Petrópolis, RJ.

AMIGO DA BÍBLIA:



- Possuir e usar frequentemente a Bíblia.
- Mostrar ao Chefe ou Assistente Religioso que sabe encontrar na Bíblia as citações numéricas, por exemplo, Mt 5,1-4.
- Saber marcar no mapa da Palestina os lugares em que se deram os principais acontecimentos da vida de Cristo.
- Conhecer dez episódios na linha da História da Salvação.

165

- Ter lido um dos quatro Evangelhos.
- Saber organizar e levar a efeito, com a sua Patrulha, a representação de uma cena evangélica.

MARIANISTA:



- Conhecer os principais fatos da vida de Nossa Senhora.
- Elaborar e executar um Culto Mariano na Patrulha ou na Tropa.
- Apresentar os Mistérios do Rosário através da Bíblia.
- Fazer um altar, na sede ou no acampamento, em honra de Nossa Senhora.

B — ESTUDO E EXPLICAÇÃO DAS ESPECIALIDADES RELIGIOSAS PARA ESCOTEIROS CATÓLICOS

LITURGIA

- Ter uma noção geral sobre Liturgia*

Liturgia não é apenas a celebração da missa. Nem a celebração dos sacramentos (Batismo, Crisma, Confissão). Nem só as bênçãos e encomendações.

Todos estes atos têm uma finalidade. Cada um deles está ligado a uma situação da vida. O Batismo está ligado ao nascimento. Logo que a criança entra neste mundo, recebe a bênção da Igreja. O Crisma é

166

dado no momento em que o menino começa a tomar consciência de sua vida: êle recebe forças para ser um cristão de verdade. A Eucaristia, que pode ser recebida todos os dias, é o alimento do cristão. Êste alimento é o próprio Cristo. Quando por nossa maldade e culpa fazemos algo que ofende o amor que Deus nos dedica, êle nos perdoa através do sacramento da Penitência, se estivermos sinceramente arrependidos. O casal se une para uma vida em comum: o sacramento do Matrimônio lhe traz a força de sua graça. Se o sacerdote se dedica ao serviço de Deus, recebe o sacramento da Ordem: é a graça especial que Deus lhe concede para viver dignamente esta vocação. No momento da morte (ou de doença grave) quando o cristão deixa êste mundo para viver uma outra fase de sua vida, recebe a Unção dos Enfermos.

Além dos sacramentos, para tôdas as ocasiões existem bênçãos especiais: bênção para os alimentos, para a inauguração de casas, para carros, para os que se dedicam a um ministério (religiosos, missionários).

Rezamos em tôdas as ocasiões (rezar é entrar em contato com Deus): tudo isso é ação sagrada, é Liturgia. A Liturgia está ligada a cada fato da vida. Nossa vida está envolvida pela Liturgia, se disso estivermos conscientes.

E qual é a finalidade disso? Santificar o homem. A finalidade da Liturgia é santificar o homem (santificar é fazer santo). E santo é só Deus. Se referirmos, se ligarmos tôdas as coisas com Deus, elas são santas: Cristo veio trazer Deus à terra. Êle é quem nos dá as coisas santas: Êle é o sacerdote. Por meio da Liturgia se exerce o sacerdócio de Cristo.

Esta santidade não é exercida individualmente. Cristo veio salvar (santificar) em comunidade. Por isso nos reunimos para o ato do Batismo, para o Crisma. A Comunhão é, em si, uma reunião de família.

Não fomos feitos para viver isolados. Fomos feitos para a amizade, para o amor. É por isso que na Liturgia somos nós que agimos. Se não participamos da missa, não somos santificados. E quando deixamos de ser santificados a Liturgia, a missa perde o seu sentido.

b) *Saber organizar uma equipe litúrgica escoteira e dirigir uma missa no acampamento ou na paróquia, dando a respectiva função a cada um dos integrantes da equipe.*

A equipe se comporá, essencialmente, dos seguintes elementos:

Comentarista — é a pessoa que faz a ligação entre o sacerdote celebrante e a assembléia do povo de Deus. Tem momentos determinados para intervir e dar breves e precisas explicações, a fim de ajudar a compreensão do ato litúrgico.

Cantor — é o responsável pelo canto, parte importante da celebração. Êle ensaiará os cânticos litúrgicos com o povo para que todos possam participar. Participar é fundamental.

Leitor — é a pessoa que faz as leituras que competem a essa função.

Acólito — serve o padre no altar.

Esta equipe se reunirá com o sacerdote antes da celebração para esclarecer qualquer dúvida e combinar todos os detalhes. Como a missa é uma celebração pú-

blica, deverá apresentar, também em sua parte externa, um aspecto funcional.

A cada membro da equipe compete não somente desempenhar sua função específica, mas estar perfeitamente consciente daquilo que faz. Para isso o chefe da equipe cuidará que cada um possa se instruir sempre mais profundamente em Liturgia.

c) *Arrumar os objetos litúrgicos do culto, no altar, explicar o nome e o devido uso dos mesmos à Patrulha ou à Tropa.*

Pedra d'ara (pedra de altar) — contém as relíquias dos mártires. Colocada no centro do altar, sobre ela é pôsto o cálice. Nos primeiros séculos a missa era celebrada sobre os túmulos dos mártires.

3 toalhas de linho branco — para cobrir o altar.

Corporal — pequena toalha branca, estendida no meio do altar, sobre ela é colocado o cálice e a hóstia.

Cálice — é o vaso sagrado que contém o vinho, e depois da Consagração, o sangue de Cristo.

Pala — cobertura do cálice.

Galhetas — recipientes que contêm a água e o vinho. São colocados ao lado direito do altar.

Livro (missal) — contém as orações próprias da missa: as que mudam todos os dias (o próprio) e as que são comuns em tôdas as missas (Ordinário da Missa). É colocado ao lado direito do altar.

Velas — a luz simboliza Cristo.

Crucifixo — a missa é a *atualização* do sacrifício da cruz.

Paramentos do sacerdote:

Amito — pano branco, colocado sobre as costas e amarrado à cintura.

Alva — túnica branca, longa. É o símbolo da pureza exigida para o exercício da ação sagrada.

Cíngulo — A alva é presa à cintura pelo cíngulo.

Estola — Tira de pano que passa à volta do pescoço, cruza-se no peito e é também presa na cintura pelo cíngulo.

Casula — Espécie de capa, caída na frente e atrás, com a cruz e a coluna em que Cristo foi açoitado e crucificado. A casula tem as mais diversas formas, sendo que a arte cristã lhe deu sempre a aparência solene e sóbria, própria das celebrações litúrgicas.

Os paramentos do sacerdote são arrumados na sacristia ou no próprio altar, de modo que possam ser vestidos com facilidade.

A demonstração desta prova o Escoteiro a fará nunca teoricamente. Sempre terá os respectivos objetos à mão. Fará parte da prova providenciá-los. O Assistente Religioso será pessoa que muito poderá ajudar o Escoteiro a conseguir todos estes objetos (*Escalada*, p. 163).

d) *Dar a divisão do ano litúrgico*

Todos os dias não são iguais: há dias de semana e sábados e domingos. Há dias úteis e dias de grandes festas cívicas. Dentro do ciclo do ano civil, as festas se repetem.

Dentro do ano litúrgico também há dias comuns e dias de festa (Páscoa, Pentecostes, Natal). Uma grande

festa está sempre precedida de um tempo de preparação, e um tempo de complementação.

O ano litúrgico, o da Igreja, tem três festas importantes: Natal, Páscoa e Pentecostes.

O tempo do Advento é a preparação para o Natal. O Advento (chegada do Messias, Jesus) são quatro semanas (domingos) que precedem o Natal. Neste período é evocado o tempo que os judeus passaram à espera do Salvador. Nossa Senhora é a grande figura do Advento; ela é a mulher que trouxe Cristo a este mundo.

O Natal é o ponto alto do Advento: Cristo, o Salvador dos homens, nasce em forma de homem.

Ao Natal segue a festa dos Reis Magos (6 de janeiro) e os domingos depois da Epifania (manifestação do Cristo).

Terminado o ciclo do Natal, inicia-se o da Páscoa, com a Quaresma. Enquanto o Advento tinha um caráter de alegre esperança, na expectativa da vinda do Salvador, a Quaresma se apresenta como um período mais sério, de penitência. É a Semana Santa, com a prisão, flagelação, crucifixação e morte de Jesus.

A Semana Santa, porém, termina com a Páscoa: a vitória de Cristo sobre a morte. O caráter sério da Quaresma termina com a alegria da Ressurreição.

A Ressurreição é o maior acontecimento da História da Salvação.

A Páscoa é a maior festa do ano litúrgico. Após a Páscoa comemoram-se diversas aparições de Jesus a seus discípulos, e sua ascensão.

Pentecostes é a terceira etapa do ano litúrgico. O Espírito Santo desce sobre os apóstolos e Maria Santíssima. O Espírito Santo lhes dá forças e eles saem pelo

mundo pregando a Boa Nova de Cristo. Cristo semeou a mensagem, mas é o Espírito Santo quem a fecunda. Cristo esteve pouco tempo sobre a terra, somente pouco mais de trinta anos. Os apóstolos é que trouxeram sua mensagem até nós, assistidos pelo Espírito Santo. A assistência constante que o Espírito dá à Igreja é simbolizada pelos domingos (26) que se seguem à sua descida no Cenáculo.

O ciclo do ano litúrgico se repete, de forma semelhante, todos os anos, em forma de cadeia sem fim. Cristo é o senhor dos tempos: é isso que esta repetição anual quer simbolizar.

AMIGO DAS MISSÕES

a) *Conhecer os problemas das Missões em geral, especialmente algo sobre as Missões no Brasil.*

A iniciativa de levar a doutrina de Cristo a todos os povos baseia-se na ordem de Cristo: Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura (Mc 16,13). Os próprios apóstolos o fizeram quando se dispersaram pelo mundo. O Evangelho é Boa Nova e esta deve ser divulgada.

A Igreja como sal da terra e luz do mundo é chamada a renovar toda a criatura para que os homens constituam uma só família.

Chamam-se Missões as iniciativas especiais de pregadores do Evangelho que, enviados pela Igreja, vão pelo mundo todo realizando o dever de pregar o Evangelho e fundar a Igreja entre os povos ou sociedades que ainda não crêem em Cristo.

A comunidade é fundada e cabe a ela sustentar-se com forças próprias. Algumas vezes, em certas sociedades ocorrem mudanças tão radicais que é preciso uma nova evangelização.

A razão desta atividade está no fato de que Deus quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade (1 Tim 2,4-5). Em Cristo e em ninguém mais existe salvação. Não podem salvar-se aqueles que, vendo que a Igreja foi fundada por Deus, através de Jesus Cristo, como instituição necessária, não quiseram nela entrar ou nela perseverar. Mas Deus tem caminhos para levar à fé aqueles que sem culpa própria ignoram o Evangelho.

Por todos esses motivos, a atividade missionária da Igreja conserva sua força e necessidade. O amor com que os membros da Igreja amam a Deus faz com que eles desejem comungar com todos os homens nos bens espirituais da vida presente e futura.

Por isso é que a Igreja está presente em todas as terras que se descobrem e em todas as comunidades que se fundam. No Brasil, ela chegou com os descobridores e, em todas as aldeias da África ou da Ásia, ergue-se a igreja como símbolo da presença e da obediência à ordem de Cristo.

Dêse dever de anunciar o Evangelho a povos nativos ou sociedades civilizadas que ainda não conhecem ou esqueceram a Cristo, surgem vários problemas. A língua é o primeiro deles. Os missionários são, em geral, estrangeiros e chegam com uma cultura, um modo de vida que é inteiramente diverso daqueles a quem vão evangelizar. E eles não possuem, tantas vezes, a capacidade de compreender este problema.

Além do que, a mensagem cristã está elaborada dentro de uma concepção ocidental, de uma determinada cultura ou costumes, que não são compartilhados pelos nativos.

b) *Saber transmitir à Patrulha ou à Tropa alguns conhecimentos sobre as Missões entre os Índios no Brasil*

O zelo da Igreja em levar a Boa Nova a todos os homens se estende também aos índios, que possuem cultura própria e estão separados de nossa civilização. Principalmente no interior do Mato Grosso e Amazônia são numerosas as Congregações e Ordens Religiosas que mantêm Missões. Esta obra não se limita somente a transmitir a mensagem cristã. Leva, além disso, conhecimentos técnicos, culturais e de higiene. A Missão nunca se circunscreve à Igreja. Escola, oficina, hospital, lavoura, tudo isso compõe uma comunidade missionária. Para manter tudo isso é necessário grande número de pessoas e recursos materiais vultosos. Há leigos cristãos que põem um certo período de tempo de sua vida a serviço das Missões. Eles são o braço direito, quando não o substituto, dos padres entre os nativos. Voluntários estrangeiros, enviados por instituições beneficentes também são de grande valor. Não se esqueçam as Irmãs (freiras), a presença constante em terras de Missão.

Não é somente a Igreja Católica que mantém Missões entre os indígenas. Todas as demais seitas o fazem. E muitas vezes levam vantagem sobre as Missões Católicas porque dispõem de mais recursos materiais.

O trabalho cristão entre os índios é árduo e exige uma vocação especial. Principalmente pela falta de re-

curso humano e materiais, e o cuidado que deve ter para *educar* o silvícola e não impor-lhe *padrões* estranhos.

- c) *Exercer alguma atividade em favor das Missões, por exemplo, recolher selos usados em benefício das Missões e enviá-los à Cx. Postal, 23, Petrópolis, RJ.*

Há inúmeras instituições que sustentam Missões com pequenos trabalhos deste gênero. Não existem grandes despesas e servem para manter aceso no menino o espírito missionário.

AMIGO DA BÍBLIA

- a) *Possuir e usar freqüentemente a Bíblia*

A leitura freqüente da Bíblia é algo que se recomenda. As palavras de Deus inscritas na Bíblia (Nôvo Testamento, especialmente) encontram repercussão profunda no homem: êle é uma criatura de Deus.

- b) *Mostrar ao Chefe que sabe achar na Bíblia as citações numéricas*

Para facilitar a localização de cada trecho na Bíblia criou-se um código, em que cada livro tem sua abreviatura. Mt 5, 1-4: Evangelho segundo São Mateus, capítulo 5, versículos 1 a 4 (*Escalada*, p. 63-67).

- c) *Saber marcar no mapa da Palestina os lugares em que se deram os principais acontecimentos da vida de Cristo.*

- Belém — nascimento de Jesus — Lc 2, 1-20.
- Caná — primeiro milagre de Jesus, a pedido de Maria — Jo 2, 1-11.
- Jerusalém — Milagres, pregações, disputas com os judeus, Instituição da Eucaristia, morte, ressurreição, aparições de Jesus — Mt 26, 28, 1-8; Mc 14, 12-16, 8; Lc 22-24, 1-12; Jo 18-20, 1,26.
- Cafarnaum — vários milagres.
- Cesaréia de Filipe — Instituição do Primado de Pedro — Mt 16, 13-20; Mc 8, 27-30; Lc 9, 18-21.

- d) *Conhecer dez episódios na linha da História da Salvação*

As indicações que aqui se dão deverão ser pesquisadas na Bíblia.

- Criação e Pecado
- Promessa e Messias
- Preparação da Aliança: Abraão
- Aliança realizada: Moisés e o Deserto
- Os Mandamentos: Concretização da Aliança
- Aliança purificada: Os Profetas
- A pessoa de Cristo
- A figura de Cristo
- A obra de Cristo
- Novo Povo de Deus: A Igreja

- e) *Ter lido um dos quatro Evangelhos*

O Escoteiro deverá apresentar um resumo para comprovar o aproveitamento de sua leitura. Não se trata somente de ter passado os olhos sobre as palavras escri-

tas. O Escoteiro deverá apresentar demonstração de uma compreensão inteligente da mensagem que leu. Para isso conhecerá alguma coisa sobre o Evangelista, as circunstâncias e a finalidade para que se escreveu determinado Evangelho. Obter todas estas informações será pesquisa muito útil ao rapaz. Não se aconselha escolher o Evangelho de São João: é por demais teológico para ser compreendido devidamente.

f) *Saber organizar e levar a efeito, com sua patrulha, a representação de uma cena evangélica*

Os personagens deverão estar suficientemente caracterizados para que os espectadores tenham uma idéia exata do fato bíblico. Além do que, o Escoteiro deverá ter a capacidade de revestir a apresentação com o respeito que ela merece. A fidelidade aos trajes, costumes e modos de falar correntes no tempo de Cristo é elemento que pode complementar a prova.

Sugestões:

- Última Ceia — Mt 26, 20-29; Mc 14, 17-25; Lc 22, 14-38
- Crucifixão — Mt 27, 32-55; Mc 15, 21-47; Lc 23, 39-49
- Expulsão dos vendedores do templo — Mt 21, 12-13
- Filho pródigo — Lc 15, 11-32
- O rico avarento e o pobre Lázaro — Lc 16, 19-31
- Tempestade no lago — Mt 8, 23-27
- Ressurreição de Lázaro — Jo 11, 33-44.

MARIANISTA

a) *Conhecer os principais fatos da vida de Nossa Senhora*

Maria é a mulher mais importante dentro de toda a História da Salvação. Soube desempenhar sua função (fundamental) e permanecer, ao mesmo tempo, no seu papel de autêntica mulher. As referências que sobre ela encontramos na Bíblia são poucas. A mariologia (parte da Teologia que estuda Maria) se baseia em grande parte na investigação (especulação) científica.

Depois que Adão e Eva pecaram, Deus expulsou-os de sua presença, amaldiçoou a serpente e prometeu que uma mulher lhe esmagaria a cabeça. Esta é uma referência a Maria.

As demais passagens que se referem a Maria encontram-se esparsas na Bíblia.

São elas:

- Anunciação — Lc 1, 26-38
- Visita a Santa Isabel — Lc 1, 39-56
- Nascimento de Jesus — Lc 2, 1-20; Mt 1, 18-22
- Fuga para o Egito — Mt 2, 13-15
- Perda de Jesus no templo — Lc 2, 41-51
- Primeiro milagre em Caná — Jo 2, 1-11
- Crucifixão — Jo 19, 25-27
- Vinda do Espírito Santo — At 2, 1-12

b) *Elaborar e executar um Culto Mariano na Patrulha ou na Tropa*

Sugestão — Pode ser feito por ocasião de qualquer festa de Nossa Senhora: Anunciação, Assunção, Imaculada Conceição, Natal.

Anunciação — 25 de março:

- Canto mariano
- Alocução do Assistente Religioso ou Chefe de Grupo com referência à festa.
- O dirigente faz uma leitura, AT
- Invocação em forma de ladainha, em que os participantes respondem a um estribilho
- Segunda leitura, do NT (Lc 1, 26-37), ou do Vaticano II
- Deixa-se espaço para reflexão pessoal, após a qual cada um poderá exprimir em voz alta suas considerações
- Final: Canto “A minha alma engrandece o Senhor”.

Quanto mais breve e bem estruturada fôr a celebração, mais frutos poderá ter. É aconselhável que seja feita no ambiente do Fogo de Conselho ou antes de iniciar as atividades do dia, e todos os Escoteiros estejam presentes.

c) *Apresentar os Mistérios do Rosário através da Bíblia*

Os 15 Mistérios do Rosário são uma meditação dos grandes acontecimentos da História da Salvação. Enquanto rezamos as Ave-Marias, desfilam diante de nós os grandes acontecimentos da vida de Cristo e Nossa Senhora.

Mistérios gozosos:

1º — *Anunciação* — O anjo mensageiro é enviado a Maria e lhe diz: Salve cheia de graça. O Senhor é contigo. Ela se espanta com a saudação, mas Gabriel lhe diz: Não tenhas medo. Tu agradaste a Deus. Conceberás e darás à luz um filho que terá o nome de Jesus. Ele será

grande e será chamado Filho de Deus. Maria: Como pode dar-se isso se eu não tenho a intenção de casar-me? O anjo: O Espírito de Deus virá sobre ti, por isso o Santo gerado de ti será chamado Filho do Altíssimo. Isabel, tua parenta, também concebeu na sua velhice. A Deus nada é impossível. Então disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. Era a resposta que o anjo queria levar a Deus. Sem entender completamente, Maria confia inteiramente em Deus. E o anjo se retirou (Lc 1, 26-38).

2º — *Visita a S. Isabel* — E Maria foi visitar Isabel. Saudou-a. Isabel respondeu: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Que honra vir a mim a mãe do meu Senhor. Feliz és tu que tiveste fé no que te foi dito da parte de Deus. Percebendo Maria que Isabel tivera conhecimento do que se passara entre ela e o anjo, entoou o Canto de Louvor a Deus que chama os pequeninos a fazerem grandes coisas: “Engrandece minha alma ao Senhor e rejubila meu espírito em Deus, meu Salvador. Porque êle olhou para a humildade de sua serva” (Lc 1, 39-56).

3º — *Nascimento de Jesus* — Para atender o recenseamento, José e Maria dirigiram-se de Nazaré para Belém, sua cidade natal. Estando ali, completaram-se os dias para o parto. Por não haver lugar para êles nas casas, dirigiram-se a um abrigo de animais e Jesus nasceu num estábulo. Mas o anjo chamou os pastôres que guardavam o rebanho: Anuncio-vos uma grande alegria, que é para todo o povo: nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, o Cristo Senhor. Uma multidão de anjos se juntou a êles e cantavam: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por êle amados. Tudo se passou entre gente simples. Os

homens da cidade ignoraram inteiramente o fato (Lc 2, 1-20).

4º — *Apresentação de Jesus no templo* — 8 dias depois, tempo de circuncidar o menino, levaram-no a Jerusalém para consagrá-lo ao Senhor. Todo o primogênito da família deveria ser consagrado ao Senhor.

Simeão, justo e piedoso, que tinha a promessa de que não morreria antes de ver o Cristo, veio ao templo, tomou o menino nos braços e disse: Agora, Senhor, já podes deixar ir teu servo em paz, segundo a tua palavra. Ana, profetisa, também louvava a Deus e falava a todos que esperavam a redenção de Israel. Seu pai e sua mãe estavam maravilhados com tôdas as coisas que se diziam dêle. Voltaram para a Galiléia, e o menino crescia e fortalecia-se, cheio de sabedoria e a graça de Deus estava com êle (Lc 2, 22-40).

5º — *Encontro do menino Jesus no templo* — Quando Jesus tinha doze anos, subiu com seus pais a Jerusalém para a festa da Páscoa. Acabados os dias da festa, o menino ficou em Jerusalém sem que seus pais o soubessem. Após três dias de procura, acharam-no no templo, sentado no meio dos doutôres, ouvindo-o e interrogando-o, Maria lhe perguntou: Filho, por que agiste assim conosco? Teu pai e eu estávamos aflitos à tua procura. Jesus: Por que me procuráveis? Não sabeis que devo ocupar-me com as coisas de meu Pai? Depois, veio com êles a Nazaré e lhes era submisso. Sua mãe meditava tôdas estas coisas em seu coração. Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens (Lc 2, 41-51).

Mistérios dolorosos

Ao contrário dos gazosos, que inspiram alegria, os mistérios dolorosos se referem ao sofrimento de Cristo.

1º — *Oração de Jesus no Jardim das Oliveiras* — Terminada a Ceia, e sabendo que se aproximava a hora de seu sofrimento, Jesus se dirigiu, como fazia sempre, ao Monte das Oliveiras. Deixou seus discípulos e lhes recomendou: Orai para que não entreis em tentação. Afastou-se dêles, prostrou-se com a face em terra e orou a Deus: Pai, se queres, afasta de mim êste cálice, mas não se faça a minha, porém a tua vontade. Apareceu-lhe então um anjo para confortá-lo. Cheio de angústia Jesus orava com mais insistência. E seu suor tornou-se em grossas gôtas de sangue. Levantando-se, voltou até seus discípulos e os encontrou dormindo (Lc 22, 39-46).

2º — *Jesus é despojado de suas vestes* — Logo em seguida, chegaram os soldados e, mediante o beijo de Judas, êles o reconheceram e prenderam. Seus discípulos o abandonaram e êle foi entregue aos soldados que o maltrataram durante tôda a noite. No dia seguinte foi levado a Pilatos e Herodes. Tendo sido escarnecido públicamente por Herodes, Jesus voltou a Pilatos que, não encontrando nêle nada de criminoso, acedeu aos pedidos do povo e, depois de despojá-lo, foi açoitado pelos soldados (Lc 22, 47-71; 23, 1-25).

3º — *Jesus é açoitado* — Os soldados do Procurador reuniram-se ao redor dêle no Pretório e o flagelaram. Depois lhe lançaram um manto aos ombros, puseram-lhe uma coroa de espinhos. Dobrando o joelho diante dêle o escarneciam e lhe batiam com uma cana na cabeça, coroadada de espinhos. Depois de se haverem divertido com

êle, puseram-lhe suas vestes e levaram-no para o crucificar (Mt 27,27-31).

4º — *Caminho do Calvário* — Ele mesmo foi obrigado a levar sua cruz desde a cidade até o Calvário. Quando o iam conduzindo, obrigaram a um certo Simão de Cirene para que levasse a cruz de Jesus. Seguia-o grande multidão de povo e as mulheres se lamentavam por êle (Lc 23, 26-32).

5º — *Crucifixão e morte de Jesus* — Chegados ao lugar chamado Calvário, deram-lhe a beber vinho misturado com fel. Crucificaram-no e dividiram suas vestes, lançando sorte sôbre elas. Montaram guarda ao seu redor e sôbre sua cabeça estava escrito: Jesus Nazareno, rei dos Judeus. Jesus estava crucificado entre dois bandidos e os que passavam o escarneciam: Se és filho de Deus, desce da cruz. Junto à cruz estavam também várias mulheres, João e Maria. Jesus, vendo-os, disse a Maria: Mulher, eis aí teu filho. E depois, a João: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa. Para mitigar-lhe o sofrimento, ofereceram-lhe uma esponja embebida em vinagre. Jesus disse, então: Tudo está consumado. E inclinando a cabeça, entregou o espírito (Jo 19, 17-37; Mt 27, 38-55).

Mistérios gloriosos

Estes mistérios nos lembram os fatos gloriosos que sucederam após à missão que Cristo cumpriu sôbre a terra.

1º — *Ressurreição* — Depois de descido da cruz, o corpo de Jesus foi envolvido em panos e depositado no sepulcro nôvo de José de Arimatéia. No dia seguinte,

domingo, antes do sol nascer, quando as mulheres chegaram com aromas para ungirem o corpo de Jesus, não o encontraram mais. Um anjo estava ao pé do sepulcro para anunciar-lhes que Jesus havia ressuscitado.

Ter sido vencido por seus inimigos não significou que Jesus Cristo fôra vencido definitivamente. Venceu a morte porque era Deus.

Após a ressurreição, seguiram-se quarenta dias de intensa alegria, quando Jesus apareceu seguidamente aos seus para dar-lhes coragem (Mc 16,1-8).

2º — *Ascensão* — Depois de estar com êles durante quarenta dias, Jesus levou seus discípulos até perto de Betânia e levantou as mãos para abençoá-los, enquanto se elevava aos céus. Dois homens em vestes brancas puseram-se diante dêles: “Homens da Galiléia, por que estais olhando para o céu? Êste Jesus que dentre vós foi levado ao céu voltará assim como o vistes subir (At 1, 9-11). Voltaram então a Jerusalém com grande alegria e estavam continuamente no templo bendizendo a Deus.

3º — *Vinda do Espírito Santo* — Na sala em que estavam reunidos, produziu-se, de repente, um ruído do céu, como um vento impetuoso. Ficaram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que falassem. Os peregrinos que estavam em Jerusalém ficaram atônitos, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. Pedro, então, apresentou-se e falou ao povo sôbre todos os fatos acontecidos. Êles receberam a sua palavra e se batizaram e naquele dia se converteram umas três mil pessoas.

A partir da vinda do Espírito Santo a comunidade cristã começou a expandir-se. Era o Espírito Santo que fecundava a semente lançada por Cristo (At 2, 1-47).

4º — *Assunção de Nossa Senhora* — Passado o tempo de sua vida sôbre a terra, Maria foi levada ao céu.

5º — *Coroação de Nossa Senhora no céu* — Como rainha do céu e da terra, e medianeira de tôdas as graças, Nossa Senhora tem suas prerrogativas reconhecidas.

d) *Fazer um altar, na sede ou no acampamento, em honra de Nossa Senhora*

Neste ponto o Escoteiro tem a ocasião de mostrar, ao mesmo tempo, seus conhecimentos religiosos e sua habilidade manual. O altar deverá ser montado em lugar conveniente, de acôrdo com o Chefe. No *Escalada* (p. 169) há alguns modelos.

ESPECIALIDADES RELIGIOSAS PARA ESCOTEIROS-SENIORES CATÓLICOS

LITURGIA:



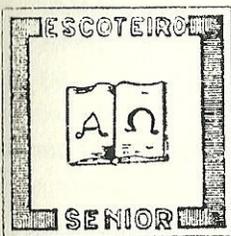
- a) Ter uma noção geral sôbre liturgia.
- b) Saber organizar uma equipe litúrgica escoteira e dirigir uma missa no acampamento ou na paróquia, dando a respectiva função a cada um dos integrantes da equipe.
- c) Arrumar os objetos litúrgicos do culto, no altar, e explicar o nome e o uso dos mesmos à Patrulha ou à Tropa.
- d) Saber dirigir a oração em comum nas reuniões de Tropa,

HISTÓRIA DA IGREJA:



- e ter participado de um Retiro espiritual.
- a) Ter um conhecimento geral das grandes épocas da História da Igreja.
 - b) Ser capaz de apresentar, em forma cênica, no ambiente do fogo de conselho, um acontecimento histórico da Igreja no Brasil.
 - c) Saber definir a atitude da Igreja, perante os problemas de ordem social conhecendo as principais Encíclicas sociais, sobretudo as de Leão XIII, Pio XI, Pio XII e João XXIII.
 - d) Descrever à Patrulha um fato das origens da Igreja, extraído dos Atos dos Apóstolos.
 - e) Apresentar um fato da Igreja atual (por exemplo, O Concílio Vaticano II).
 - f) Apresentar ao Chefe uma pesquisa, ilustrada com recortes sôbre o comêço da Igreja no Brasil.

EVANGELISTA:



- a) Possuir e usar freqüentemente a Bíblia.
- b) Conhecer no Antigo Testamento as principais profecias referentes a Cristo.
- c) Saber organizar e levar a efeito, com a sua Patrulha, a representação de uma cena evangélica.
- d) Ter lido os quatro Evangelhos.
- e) Ser capaz de preparar algum elemento da Patrulha para uma das especialidades religiosas.

MARIANISTA:



- a) Conhecer os principais fatos da vida de Nossa Senhora.
- b) Elaborar e executar um Culto Mariano na Patrulha ou na Tropa.
- c) Apresentar os mistérios do Rosário através da Bíblia.
- d) Fazer um altar na sede ou no acampamento em honra de Nossa Senhora.
- e) Elaborar uma pesquisa ilustrada com recortes de revistas, sobre Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.

C – ESTUDO E EXPLICAÇÃO DAS ESPECIALIDADES RELIGIOSAS PARA ESCOTEIROS-SENIORES CATÓLICOS

LITURGIA

- a) b) c) *Confira Especialidades Religiosas (Liturgia) para Escoteiros.*
- d) *Saber dirigir a oração em comum nas reuniões de Tropa e ter participado de um retiro espiritual*

As orações serão simples e acessíveis aos Escoteiros. Os presentes repetirão o que o dirigente diz ou responderão por meio de uma pequena invocação. É aconselhável que o Sênior que quer conquistar esta especialidade tenha um fichário de orações para as diversas ocasiões.

Retiro espiritual é um período de recolhimento, em que nos desligamos de todas as atividades comuns e nos dedicamos, exclusivamente, ao aperfeiçoamento de nossa vivência religiosa. Feito, em geral, em forma de estudos em grupo, este período de recolhimento tem-se revelado extremamente fecundo, pelo fato de se trocarem experiências e se comunicarem idéias. Retiros podem ser feitos por secções do Grupo, ou em estilo de Treinamento de Liderança Cristã (TLC).

HISTÓRIA DA IGREJA

- a) *Ter um conhecimento geral das grandes épocas da História da Igreja*

A marcha da Igreja através da História pode ser assim dividida:

- I. De suas origens até São Gregório Magno (604)
- II. A Idade Média (600-1500)
- III. A Reforma e a Contra-Reforma (1500-1715)
- IV. Século das Luzes, Revoluções e Restaurações (1715-1848)
- V. A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno (1848).

Como a História Universal, também a da Igreja pode ser dividida em grandes períodos. A Igreja não tem uma História especial. A História é uma só e dentro dela acontecem fatos que se revestem de importância para a vida da Igreja.

I. *As origens* — Os apóstolos estavam estreitamente ligados a Jesus. Quando êste subiu ao céu, ficaram como órfãos. Mas Jesus lhes enviou o Espírito Santo (At 2, 1-4). A partir de Pentecostes os apóstolos tiveram a coragem de levar a mensagem de Cristo para além da Palestina: Roma, Alexandria, no Egito. Como a mensagem que êles levavam era coisa inteiramente diferente daquilo que os homens do tempo pensavam, sofreram perseguições no Oriente e em Roma (grande perseguição de Diocleciano) e crises (heresias). Estas, no entanto, fizeram com que a Igreja firmasse sua posição. Apareceram, depois, sábios, doutôres que divulgaram os ensinamentos de Jesus Cristo. Pessoas importantes tornaram-se cristãs. Os tempos foram se transformando. Uma época diferente se definia: a Idade Média.

II. *A Idade Média* — Na chamada Idade Média, a Igreja teve na História uma influência importantíssima: os eclesiásticos eram, praticamente, os únicos que possuíam cultura (os monges é que preservaram os tesouros

literários dos clássicos) e isso os levou a influenciar profundamente na vida política.

O Papa, além do poder temporal, tinha exército e terras (Estados Pontifícios) e sustentava guerras. Gregório VII e Bonifácio VIII foram os dois que mais se destacaram. Surgiram neste tempo as Ordens Religiosas (Franciscanos, Dominicanos) e os nobres formavam exércitos a fim de preservar os Lugares Santos e converter os infiéis para Cristo. A Idade Média, que produziu o gênio teológico de S. Tomás de Aquino, tem também a Inquisição, tribunal eclesiástico que julgava os que eram suspeitos de erro contra a fé cristã.

III. *Reforma e Contra-Reforma* — Pelo fim da Idade Média, deu-se o *Renascimento*, movimento que levou os homens a admirar e imitar as obras artísticas e literárias da antiguidade clássica grega e romana. Êsse fato tirou, em parte, à Igreja o domínio cultural que exercia sobre os homens. Os indivíduos passaram a revoltar-se contra a autoridade que a Igreja exercia. As ciências desenvolveram-se e maior número de pessoas tiveram oportunidade de aceder à cultura, antes privilégio dos ricos e eclesiásticos.

O fato explodiu quando Martinho Lutero, que fôra sacerdote católico, afixou suas 97 teses na porta da Igreja de Wittemberg (Alemanha). Em suas "teses", Lutero se rebelava principalmente contra os abusos que se cometiam na Igreja (venda de indulgências) e expunha certas opiniões que contradiziam a doutrina oficial da Igreja. Desencadeado por Lutero o protestantismo se espalhou por toda a Europa. Zwinglio e Calvino também foram profetas de novas doutrinas religiosas, movimen-

tos chamados de "Reforma". Contra êles se insurgiu a Igreja através do Concílio de Trento.

A grande assembléia se reuniu de 1545-1563 e se preocupou em rebater os erros do protestantismo. De Trento é que data a elaboração de grande parte dos dogmas da Igreja.

Pio IV publicou também o *Índice dos Livros Proibidos*, que foi abolido por Paulo VI (1968). Os Jesuítas, Congregação religiosa que se propunha a ser milícia fiel, a serviço do Papa, surgiu também na Idade Média.

IV. *Revoluções e Restaurações* — O movimento contrário à Igreja não estacionou. Surgiu o filosofismo (esclarecimento) com um modo racionalista de interpretar o mundo, que não admitia o sobrenatural.

Surge, de outro lado, a maçonaria, que no início pregava luta sistemática contra a Igreja, o clero e o papado. Voltaire e todos os autores da *Enciclopédia* foram batalhadores contrários à Igreja.

Revolução Francesa: fêz culminar todos os movimentos de luta contra a Igreja. Secularizou seus bens, votou a "Constituição Civil do Clero", redistribuiu os Bispados segundo os Departamentos civis e desterrou grande número de eclesiásticos que não prestaram o Juramento Cívico. Napoleão, em manobra política, fêz uma concordata com o Papa (1801), restabelecendo o catolicismo como religião oficial da França. Em sua fúria imperialista, quis submeter a si a Igreja e gerou numerosos conflitos entre o Império e o Papado.

Dos grandes inimigos que a Igreja teve que enfrentar nesta época, foi Marx, que, com sua doutrina atéia, contrariava o ensinamento da Igreja.

Todos êstes homens que trabalharam contra a Igreja estão sendo, hoje, reabilitados, em parte, porque constatase que sua contribuição também foi valiosa para o progresso da humanidade. Êles atacaram uma determinada estrutura da Igreja e não a instituição divina da Igreja.

V. *A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno* — Tôdas estas lutas fizeram com que a Igreja reencontrasse seus próprios caminhos. Ela se imiscuirá demais em negócios políticos, defendendo interesses próprios.

Em 1891, Leão XIII escreveu a *Rerum Novarum* (Carta-encíclica sôbre a condição dos operários) que marcou época num campo que estava sendo agitado por Marx desde 1848 (Manifesto Comunista). A esta seguiram-se *Quadragesimo Anno* (Pio XI, 1931) e *Mater et Magistra* (João XXIII) onde se expõem os princípios cristãos da doutrina social. Esta inserção da Igreja nos problemas sociais culminou com a promulgação da *Gaudium et Spes*, Constituição Pastoral da Igreja no mundo moderno, promulgada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. Êste documento abriu caminho por onde agora segue a Igreja. Sua ação já não é mais defensiva, mas a de serenamente expor seu ponto de vista à consideração dos homens, e desenvolver uma ação direta com a maior humildade possível.

b) *Ser capaz de apresentar, em forma cênica, no ambiente de fogo de conselho, um acontecimento da História da Igreja no Brasil*

A Questão Religiosa — no fim do Império, a maçonaria tinha influência mesmo no seio das comunidades



Deveres para com Deus

«Todo o Escoteiro deve ter uma Religião e seguir fielmente os seus preceitos. Uma organização como a nossa faltaria ao seu verdadeiro objetivo se não infundisse em seus adeptos a consciência da religião» (Baden-Powell).
O preceito da nossa Religião pede o culto a Deus. Unidos em oração, celebrando o sacrifício da Missa, louvamos o Criador por tôdas as obras da criação.

religiosas. Havia padres que, protegidos pela Loja, se rebelavam contra seus Bispos. Quando Dom Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, decretou a suspensão do P. Martins (1872), o Visconde do Rio Branco, grão-mestre do Grande Oriente do Lavrácio e Chefe do Ministério, decidiu esmagar o Episcopado. Ao mesmo tempo, o grão-mestre Saldanha Marinho pronunciava violento discurso contra Dom Lacerda. Começara a "Questão Religiosa" que chegou a repercutir na Europa.

Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (27 anos), Bispo de Olinda e Recife, e Dom Antônio Macedo Costa, Bispo do Pará, opuseram-se aos maçons. Este compreendeu que a Igreja deveria ficar firme em seu posto, embora que haveria luta. Os dois bispos protestaram contra as injúrias que a maçonaria lhes fazia pelos jornais, e exortaram os sacerdotes, membros da confraria, a que abjurassem dela. Os que não se submeteram foram excomulgados. Os rebeldes recorreram à Coroa, embora fôsse ilegal, segundo o Código Brasileiro. Rio Branco e seu Conselho de Estado ignoraram esta ilegalidade e enviaram aos prelados um aviso assinado por Dom Pedro II para que suspendesse o interdito. Dom Vital e Dom Antônio, animados pelo Papa, recusaram-se a fazê-lo, no que foram acompanhados por outros Bispos. Vendo que não era possível evitar a intervenção pontifícia, o Governo encarregou o Barão de Penedo (1873) para ir à Santa Sé impor e conseguir os pontos de vista do governo maçônico. O Barão, pressentindo que as pretensões da maçonaria não seriam atendidas, apresentou ao Papa a urgência de se restituir a paz religiosa no Brasil, dizendo que o conflito poderia ter sido evitado se os dois Bispos tivessem sido mais prudentes. O Barão de Penedo silenciou a

moderação admirável dos dois prelados e as medidas que o governo brasileiro havia tomado contra eles.

Uma carta foi redigida a Dom Vital e Dom Macedo que lhes chegou às mãos quando estavam presos no Arsenal da Marinha. Nela o Papa censurava a pressa dos Bispos e mandava-os levantar o interdito, para depois, pacificar as Ordens Religiosas.

A carta, todavia, não foi publicada, embora o governo o exigisse, frustrando, assim, a manobra da maçonaria. Pouco depois, porém, chegaram a Roma as verdadeiras notícias a respeito dos dois Bispos.

Tendo o Papa escrito a êstes uma carta de apoio, foi espalhado que ela trazia a condenação da Santa Sé. Todos os que apoiavam os dois injustiçados afastaram-se dêles.

Dom Vital e Dom Macedo, chamados ao Tribunal, não se defenderam, por não reconhecerem a competência do Tribunal. 3 advogados ilustres, temidos pelo Governo e a maçonaria, tomaram a defesa dos acusados. A defesa foi brilhante. Os Bispos, no entanto, foram condenados: 4 anos de prisão e trabalhos forçados (Frei Dagoberto Romag, OFM, *Compêndio da História da Igreja*, 1941, 3º vol. p. 274-7).

Não é preciso dizer que deva ser necessariamente êste o episódio que será ilustrado. Dentro da História o Sênior poderá pesquisar outros fatos que se prestam a isso. Pela exigência que êste item da prova faz, conclui-se que o rapaz deverá ter uma capacidade para transformar êste fato em forma cênica.

c) *Saber definir a atitude da Igreja, perante os problemas de ordem social, conhecendo as principais En-*

cíclicas sociais, sobretudo as de Leão XIII, Pio XI, Pio XII e João XXIII.

Os documentos mais importantes que, nesta questão, devem ser analisados, são:

- Rerum Novarum (1891) — Leão XIII
- Quadragesimo Anno (1931) — Pio XI
- Mensagem de Natal — Pio XII
- Mater et Magistra (1961) — João XXIII
- Pacem in Terris (1963) — João XXIII
- Populorum Progressio (1967) — Paulo VI
- Constituição Pastoral Gaudium et Spes (1965)
— Conc. Vat. II.

O Escoteiro Sênior não passará nesta prova sem que tenha pesquisado pessoalmente êstes documentos. Com as questões nêles tratadas, podem, inclusive, ser iniciados grupos de debates, que farão o rapaz tomar consciência, de fonte segura, dos grandes problemas sociais da atualidade.

A Encíclica sôbre a “recente evolução da questão social” se propõe a fazer uma exposição desenvolvida do pensamento da Igreja, relativo aos mais importantes problemas do momento.

Nela o Papa toma conhecimento do fenômeno da socialização, exige critérios de justiça e equidade na remuneração do trabalho, estuda o problema da propriedade particular, destacando sua função social, tem palavras especiais para os agricultores, problemas demográficos e outros assuntos, tratados com equilíbrio e profundidade.

3 anos depois, o mesmo Papa escrevia a “Pacem in Terris” (sôbre a paz dos povos, na base da justiça, caridade e liberdade). Nela enuncia os vários direitos e deveres do homem, aponta três características de nosso

tempo: ascensão das classes trabalhadoras, ingresso da mulher na vida pública e evolução da sociedade num padrão nôvo.

A 2ª parte trata das relações entre os seres humanos e os poderes públicos, no interior das nações.

A 3ª — relações entre as comunidades políticas.

A 4ª — relações dos indivíduos e das comunidades políticas com a comunidade internacional.

Esta encíclica projetou a Igreja para a área de influência política mundial, tanto assim que Paulo VI, a 4 de outubro de 1965, foi convidado a falar na Assembléia da ONU.

Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”, do Concílio Vaticano II (1965), elaborada e longamente discutida por estudiosos e todos os bispos do mundo. Foi o documento que marcou um passo significativo no modo de ser da Igreja. Os problemas, desta vez são tratados num enfoque teológico. O matrimônio é dos grandes temas, a cultura, a vida econômico-social, a vida da comunidade política, a paz e a guerra.

O último documento que marca época na evolução da Igreja é a Encíclica “Populorum Progressio” (1967), que repercutiu intensamente em todo mundo e é a exposição do humanismo cristão. Seus itens principais: desenvolvimento integral do homem, Igreja e desenvolvimento, desenvolvimento solidário da humanidade, assistência aos fracos, equidade nas relações comerciais e caridade universal.

Os direitos e deveres enumerados na “Mater et Magistra” poderão ser comparados com a Carta de Direitos do Homem, da ONU (1948). Poder-se-á fazer uma pesquisa no sentido de se saber se são exercidos

e como na comunidade. Os temas da *Rerum Novarum* poderão ser comparados com os da *Mater et Magistra*. Que influências políticas a Igreja pode exercer, segundo os grandes documentos papais.

d) *Descrever à Patrulha um fato das origens da Igreja extraído dos Atos dos Apóstolos*

O Sênior pode escolher, entre outros:

- At 9,1-30
- At 5,1-11
- At 3,1-11
- At 5,12-42.

e) *Apresentar um fato da Igreja atual (p. ex. o Concílio Vaticano II)*

O Concílio Vaticano II surgiu da necessidade profunda de renovar as estruturas da Igreja. O inspirador foi o Espírito Santo e seu instrumento, o Papa João XXIII.

Aprovada a idéia de reunir um Concílio Ecumênico (universal), começou-se a estudar os temas que entrariam em debate na grande assembléia. Bispos, sacerdotes e leigos trabalharam nas diversas Comissões Preparatórias, até que a 11 de outubro de 1962 teve início o Concílio Ecumênico Vaticano II. Eram cerca de 2 500 Bispos do mundo todo. Foi um acontecimento que chamou a atenção do mundo. Os homens começaram a olhar para o Vaticano e desde àquela data não cessaram de fazê-lo. Por 4 anos, em períodos de 4 sessões, os Padres Conciliares estiveram trabalhando.

Acontecimento que enlutou a humanidade, mas não fez parar o Concílio, foi a morte de João XXIII. Paulo VI foi eleito seu sucessor e o mais importante Concílio da História da Igreja chegou ao fim, tendo produzido 16 documentos que abriram caminhos novos para a Igreja.

Os 16 documentos referem-se a problemas teológicos e pastorais principalmente. Tratou-se, ainda, da formação do clero, educação, missões, meios de comunicação social, etc.

f) *Apresentar ao Chefe uma pesquisa, ilustrada com recortes, sobre o começo da Igreja no Brasil*

O Brasil foi, desde o início, acompanhado, na sua colonização, pelo clero. Acontecimento marcante é a celebração da primeira missa, logo depois de os portugueses chegarem.

Fundaram-se escolas e colégios. Os primeiros centros de instrução que se criaram estavam ligados à religião.

As unidades administrativas, Paróquias, Bispados, antes ligados exclusivamente a Portugal, foram se desenvolvendo, até adquirirem vida própria.

Isto é apenas um esboço, pois nesta altura o rapaz tem conhecimentos suficientes para discernir e fazer, dentro da História do Brasil, um apanhado da ação da Igreja.

EVANGELISTA

a) *Possuir e usar freqüentemente a Bíblia*

Este será principalmente para ler diariamente, e estudar. Sendo a Bíblia um livro de inspiração divina o contato com êle deverá ser constante.

- b) *Conhecer, no Antigo Testamento, as principais profecias referentes a Cristo*

Já no Antigo Testamento o profeta Isaías profetizara que uma virgem conceberia e daria à luz um filho (Is 7,14).

Miquéias, de outro lado, profetizara que o Messias nasceria na cidade de Davi. “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais de Judá, porque de ti sairá um chefe que apascentará o meu povo de Israel” (Miq 5,2).

A matança dos inocentes também foi motivo de profecia de Jeremias: “Uma voz se ouve em Ramá, muita lamentação e gemido: é Raquel que chora os filhos e recusa ser consolada, porque já não existem” (Jer 31,15).

Isaías, o grande profeta do Messias, falou a respeito da mansidão do Messias. “Não disputará nem gritará, nem se ouvirá a sua voz nas praças” (Is 42,1-4).

- c) *Saber organizar e levar a efeito com sua Patrulha a apresentação de uma cena evangélica*

As sugestões poderão ser as mesmas que estão enumeradas para os Escoteiros, ‘Amigo da Bíblia’. O Sênior poderá acrescentar outras que mais lhe convierem.

- d) *Ter lido os quatro Evangelhos*

Para comprová-lo, o rapaz deverá apresentar relatório sobre o conteúdo do Evangelho, as circunstâncias em que foi escrito e seu autor.

- e) *Ser capaz de preparar algum elemento de sua Patrulha para uma das especialidades religiosas*

Possivelmente, o Sênior será, amanhã, um Chefe. É neste sentido que o Sênior auxilia o Chefe.

MARIANISTA

- a) b) c) d) — confirmam Especialidades Religiosas para Escoteiros — Marianista.

- e) *Elaborar uma pesquisa, ilustrada com recortes de revista, sobre Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil*

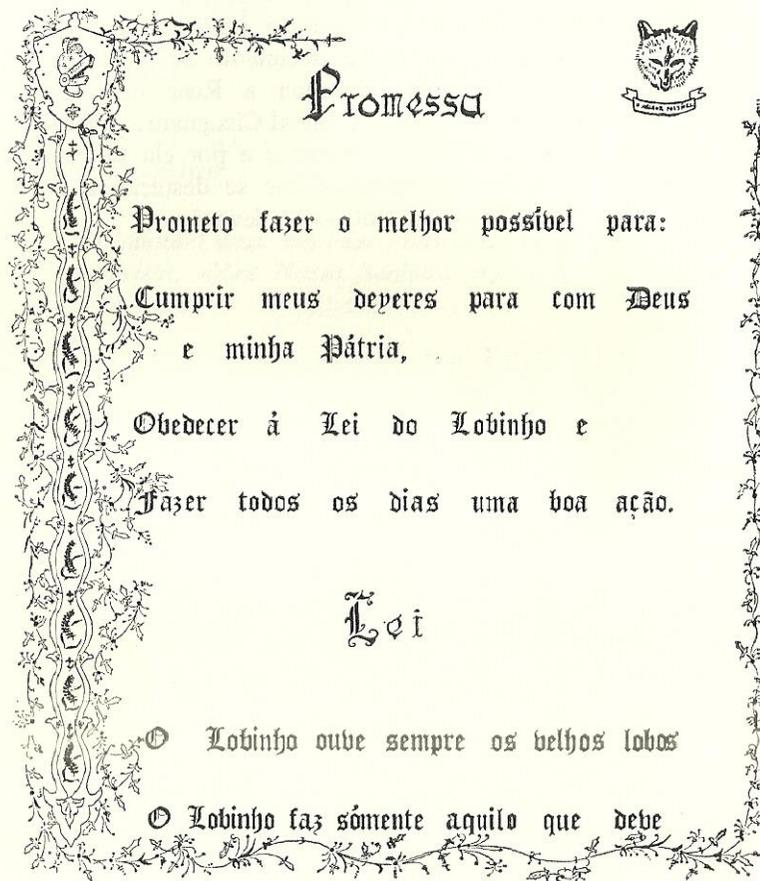
Em 1717, das águas do Rio Paraíba, foi tirada, pelo pescador Filipe Pedroso, uma pequena estátua de barro, que por ter aparecido de maneira admirável foi chamada de “aparecida”. Filipe, ao lançar as rês, encontrou o corpo da imagem e depois a cabeça. Ninguém foi capaz de saber quem a jogara no rio e quando. Começou-se a cultuá-la, primeiro na casa do pescador, depois numa capela e, mais tarde, num templo (1888) que foi dedicado por Pio X.

A devoção se propagou tanto que Pio XI, aceitando a pedidos dos Bispos, a proclamou padroeira do Brasil.

Em 1958, criou-se a Arquidiocese de Aparecida e deu-se início à construção de uma grandiosa igreja, ainda inacabada, que se ergue às margens da Via Dutra, na cidade de Aparecida. Todos os dias, principalmente aos domingos, Aparecida recebe milhares de peregrinos, gente simples na sua maioria, que para lá se dirige, a fim de receber as bênçãos de Deus e os sacramentos da Igreja. Sob os cuidados dos PP. Redentoristas, Aparecida tem-

se tornado um centro de irradiação: mantém a Rádio Aparecida e uma estação de TV está em projeto.

No 250º aniversário do aparecimento de Nossa Senhora, o Papa Paulo VI entregou a Rosa de Ouro (15-8-70) que foi trazida pelo Cardeal Cicognani. A Rosa de Ouro é uma tradição de mil anos e por ela se quer demonstrar o aprêço por pessoas que se destacaram ou para realçar santuários ou centros de devoção.



Promessa

Prometo fazer o melhor possível para:

Cumprir meus deveres para com Deus
e minha Pátria,

Obedecer à Lei do Lobinho e

Fazer todos os dias uma boa ação.

Lei

○ Lobinho ouve sempre os velhos lobos

○ Lobinho faz somente aquilo que deve

O ADESTRAMENTO RELIGIOSO DOS LOBINHOS

AS PROVAS DE RELIGIÃO PARA O USO DA
AQUELA

Consulte sempre o livro do Lobinho: A Gruta do Lobo

Introdução

AKELÁ, BALOO, Bagheera, Kaá, Chil, Raksha, Mowgli... quem de nós não os conhece? “Boa caça”, “filhote de homem”, “Trégua d’água”, quem não sabe o que isto significa? Quem não se lembra da “Apresentação de Mowgli na Alcatéia, do Rapto de Mowgli pelos Bandar-logs e da luta de morte de Akelá”?

Todos nós conhecemos e sabemos disso tudo muito bem. Sabemos muito mais. Conhecemos também semáfora, orientação, higiene. Sabemos quase de cor o Guia do Lobinho. Conhecemos bem o Manual do Lobinho e o Livro da Jângal. Temos até conhecimentos da psicologia infantil.

Isto tudo é importante, mas será o essencial?

O homem é um animal racional e por isso pergunta pela razão das coisas. Você já se perguntou: “Por que estou fazendo tudo isso?” “Qual o sentido das provas e atividades?”

Claro que você irá dizer que é para educar o caráter do menino. E daí por que você educa o caráter? Por que devemos ser bons e não ruins? Eis a dificuldade e vamos mostrá-la no seguinte fato.

Akelá já velho lutou com os lobos que queriam seu lugar. Acabou morrendo em luta e seus amigos fiéis

assistiram sem nada poder fazer. Do mesmo modo um homem chamado Cristo morreu diante de seus amigos que nada puderam fazer.

Você vê dois fatos iguais. Será que eles nos dão a resposta do porquê? Vejamos: Akelá morreu e acabou deixando apenas uma simples lembrança. Cristo morreu também mas a morte d’Ele traz a libertação, a Ressurreição.

Eis a razão da nossa luta pelo bem, pelo caráter bem formado. Somos homens. Somos imortais. Embora nossa carne desapareça, nós, que somos mais do que carne, permaneceremos.

Disse São Paulo: “Se Cristo não ressuscitasse, vã seria a nossa fé”. É a esta fé que nos referimos quando falamos em educação do caráter. Portanto qualquer tentativa de educação que não tenha como fundamento a Religião e a Crença na imortalidade do homem perde a sua razão de ser.

Para ajudá-lo fizemos este manual. Contém 22 reuniões e 5 dinâmicas de grupo. Se você fizer mensalmente uma destas reuniões terá atividades para 3 anos. Estas reuniões são apenas sugestões. Uma vez entendido o conteúdo você poderá aumentar este manual com outros trechos da Bíblia.

São pontos fundamentais do manual:

- levar os lobinhos a uma vivência cristã de Amor.
- encontrar Cristo que embora Deus viveu como Homem.
- formar uma comunidade pelo Amor Fraternal.
- fé na ressurreição de Cristo que agora está presente no outro.
- evitar estilo do catecismo antigo de decorar perguntas e respostas.

Antes da reunião

1. Reunião da chefia para preparação da reunião (ler o trecho; fazer cartaz).
2. Preparar a sala ou lugar onde será dada a reunião (colocar cartaz; material de jogos).
3. Ver se o lugar favorece; se o ambiente é de calma.

Na reunião

1. Reunir os lobinhos e acalmá-los (ex.: canto).
2. Fazer a revisão ou pelo canto ou pelo diálogo com os lobinhos (todos sentados em círculo).
3. Partir da vida do lobinho: o manual tem sugestões para esta parte mas algumas vezes será necessário adaptá-lo ao ambiente da reunião ou dos acontecimentos da semana passada. Esta parte deverá ser feita sempre em diálogo e lembre que o melhor diálogo é o chefe fazer as perguntas que suscitem nos lobinhos respostas que vão ao encontro daquilo que queremos. Naturalmente isto necessita de certo treino que você pode fazer na reunião de chefia.
4. *Trecho Bíblico*: Ninguém de nós toma o Livro da Jângal e lê para a Alcatéia. Do mesmo modo é a Bíblia. Para os lobinhos conte apenas o fato do mesmo modo como se conta uma história.
5. *Comentário*: Vale como memorização. Portanto, deve ser mais dos lobinhos que dos chefes, o comentário. Ex.: o manual quer mostrar apenas que sua função é suscitar. Suscitar quer dizer trazer à tona através de perguntas aquilo que o lobinho guardou da história. Só no caso em que nenhum dos lobinhos entendeu a mensagem principal, o chefe deverá completá-la.

207

6. *Para nossa vida*: Deve ser um procurar juntos como nós podemos viver hoje a Palavra de Deus. Aqui o lobinho tem a consciência de que alguma coisa deve ser feita para que a mensagem seja vivida.

7. *Agradecimento*: (lobinhos de pé). É a resposta do lobinho à mensagem recebida. Importante é também dar oportunidade para que os rapazes façam uma oração espontânea, que brote do seu coração. A oração espontânea do chefe no início será uma boa ajuda.

8. *Atividades*: Cada reunião tem, além das atividades na gruta do Lobo, mais três sugestões que são dadas em vista dos vários ambientes e condições de tempo. Portanto, escolha uma ou duas atividades para cada reunião. Aí também seria interessante que você criasse outras atividades tendo, porém, o cuidado de não sair do espírito da reunião.

Nós adotamos nos jogos que sugerimos as seguintes siglas:

M: material
F: formação
E: execução
V: vitória
O: objetivo

9. Ação prática:

No fim de cada reunião sugerir uma ação prática como "caçada da semana".

PLANO DE REUNIÃO

Veremos mais de perto os pontos de uma reunião. Isso ajudará a realizarmos melhor as reuniões.

208

1. Partindo da vida do Lobinho:

Parte-se sempre de um fato concreto da vida do Lobinho. A finalidade é despertar o interesse do menino. Não se deve demorar muito nisso, já que é só uma motivação para despertar e criar disposições para a aceitação da mensagem.

2. Trecho da Bíblia

O chefe pode ler o trecho ou contar o fato, o que pode ser feito, em seguida, por um dos Lôbos.

3. Depois da leitura do trecho, veja-se o fato mais de perto, perguntando e tentando descobrir a mensagem e a atitude de Cristo e das outras pessoas.

4. Para nossa vida (Para você viver):

Deve ser um procurar juntos como nós podemos viver hoje a palavra de Deus. Aqui o lobinho toma consciência de alguma coisa que deva ser feita, para que a mensagem seja vivida.

5. Agradecimento (para você rezar)

É a resposta do Lobinho à mensagem recebida. Importante é também dar oportunidade para que os lobinhos façam uma oração espontânea, que brote do seu coração. A oração espontânea do Chefe no início será uma boa ajuda.

6. Atividades

São muito importantes para que o Lobinho assimile melhor a mensagem.

MÁXIMAS DA JÂNGAL

O Lobinho pensa primeiro nos outros.



O Lobinho abre os olhos e os ouvidos.



O Lobinho está sempre limpo.

O Lobinho está sempre alegre.



O Lobinho diz sempre a verdade.



MÁXIMAS DA JÂNGAL

O Lobinho pensa primeiro nos outros.



O Lobinho abre os olhos e os ouvidos.



O Lobinho está sempre limpo.

O Lobinho está sempre alegre.



O Lobinho diz sempre a verdade.



a) *Perguntas e respostas*

Servem para memorizar o essencial da reunião. O Chefe deve ter o cuidado que estas perguntas e respostas sejam compreendidas, que o lobinho saiba o que querem dizer.

b) *Desenhos — recortes de revistas — cartaz*

Permitem ao Lobinho uma expressão pessoal da mensagem recebida. Deixar usar lápis de côr, porque as côres são a linguagem de suas impressões.

c) *Canto*

Facilita a compreensão da mensagem, que, além de ser também uma oração, promove ambiente de alegria e união da Alcatéia.

NOTAS PSICOLÓGICAS

Transmitimos a mensagem aos lobinhos. Já nos perguntamos quem são êstes lobinhos? O lobinho não é um adulto em miniatura. Ele tem, segundo a sua idade, uma maneira própria de pensar, de ver, de agir e reagir... Ele cresce e transforma-se. Certas coisas que êle gostava quando tinha 7 anos não gosta mais quando tem 9 ou 10 anos.

Para nossa maneira de dar as reuniões, é importante saber algo sôbre a "psicologia do Lobinho". Por isso aqui vão algumas notas e indicações de atividades adaptadas às idades.

IDADE	NOTAS PSICOLÓGICAS	ATIVIDADES ESPECÍFICAS PARA A IDADE
7-9	O lobinho é voltado para si mesmo, pensativo, sonhador. Fica pensando e interioriza. As experiências já vividas permanecem influenciando-o e ele faz uso delas.	<p>Atividades de memorização:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Desenho livre 2. Modelagem 3. Canto com gestos 4. Oração gesticulada.
9-12	O lobinho é atraído pelo exterior. É idade positiva, com interesse por tudo o que é perceptível pelos sentidos. Gosta de observar, construir. O menino quer ação. Ele tem uma mentalidade prática. Quer o mundo como ele é, não um mundo irreal (nada de lendas ou histórias inventadas). Aceita leis e regras (por ex.: os jogos). Tem muita solidariedade com o grupo.	<p>Atividades objetivas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Cantos ritmados — sensíveis 2. Fichas de trabalho 3. Desenho simbólico — objetivo 4. Álbuns por Matilha 5. Celebrações comunitárias 6. Pesquisas bíblicas 7. Redação <p>Atividades gerais:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Canto 2. Celebrações 3. Dramatizações 4. Caderno pessoal 5. Cartazes: individuais ou de equipe 6. Desenho livre ou simbólico 7. Cartaz com fotografias: expressivas — documentárias.

DINAMICA DE GRUPO

Um meio de revisão e fixação é a dinâmica de grupo. Ela é também um meio muito importante de entrosamento da Alcatéia; faz também crescer o sentido de grupo

e de co-responsabilidade. O lobinho aprende a pensar, a procurar e fazer um trabalho junto; a dar sua opinião e escutar a do outro.

Como fazer a dinâmica de grupo?

Antes da primeira dinâmica, é bom que se explique bem que:

1. Na matilha cada um precisa falar, seja qual fôr a resposta.
2. Todos também precisam escutar com atenção e interesse o que o outro fala.
3. Para todos entenderem, é necessário que fale um por um, e não várias pessoas ao mesmo tempo. (É bom relembrar sempre isso à Alcatéia antes de cada dinâmica).

O que fazer agora com a Alcatéia?

1. Contar os fatos das reuniões indicadas para a dinâmica ou ler os trechos no Evangelho.
2. Ler junto as perguntas para os debates, e se fôr preciso, explicar mais.
3. Procurem juntos as respostas das quais um deles precisa tomar nota no seu caderno para depois ler no plenário.
4. Passado o tempo indicado para o debate, reunir todos para escutar o relatório de cada Matilha.

Muito importante aqui é que a Akelá saiba valorizar as respostas de cada Matilha e se fôr necessário o chefe acrescentar o que a alcatéia não descobriu bastante.

N.B. — O Chefe precisa olhar bem as matilhas durante os debates para observar:

2. Meditação, por exemplo, sobre um trecho das reuniões preparadas por um dos chefes com troca de idéias de todos.

3. Pequena revisão das reuniões dadas depois da última reunião.

- resultados
- dificuldades
- sugestões para melhorar

4. Ver as novas reuniões

- procurar juntos a mensagem essencial a ser transmitida
- aplicação para a vida
- material necessário (figura, cartazes etc.).

5. Como estão as visitas ou contatos com os pais? Há colaboração de outros membros da comunidade?

N.B. — *Todos são responsáveis por esta reunião, e não só o Assistente Religioso. Por isso é importante dividir as responsabilidades.*

CONTATOS E REUNIÕES COM OS PAIS

A nossa responsabilidade como chefe é levar o Lobinho a uma vivência cristã, mas essa responsabilidade cabe em primeiro lugar aos pais.

Assim como a educação não depende somente das professoras, mas em grande parte dos pais, assim também é toda a orientação religiosa. A vivência dos próprios pais é de suma importância. No entanto, na maioria das famílias ela não existe, seja por falta de interesse e compreensão, seja por falta de formação. Se o lobinho não encontra nada em casa do que está escutando e aprendendo na Alcatéia, tudo ficará num sim-

ples aprender de cor, num conhecer com a sua inteligência e memória, mas não com o coração, para viver.

Aqui surge então a pergunta: "O que fazer para que os pais tomem a sua responsabilidade?"

Como sugestão, seria bom aproveitar todas as oportunidades de contatos com eles como por exemplo: na inscrição, visita em casa, festinhas, reuniões, etc. Isso ajudará a conhecer os interesses, a compreensão dos pais e o meio no qual os lobinhos vivem.

Para dar uma certa orientação aos pais, pode-se tentar fazer encontros ou reuniões mensais com eles com a colaboração de outros membros da comunidade. O que é muito importante nessas reuniões é que se crie um ambiente de amizade, espontaneidade, união, interesse e compreensão.

PLANO DE EVANGELIZAÇÃO PARA LOBINHOS

Encontro com o Cristo

1. Jesus Cristo se encontra comigo 221

Como Cristo é:

2. Cristo quer que eu seja alegre. (As bodas de Caná) 225
3. Cristo é bom (A viúva de Naim) 229
4. Jesus atende àquele que tem fé (Cura do filho do Oficial) 233
5. Cristo quer que todos vejam (Os dois cegos) .. 237
Revisão e Dinâmica de Grupo 240
6. Cristo alimenta as pessoas (Multiplicação dos pães) 242

O que Cristo exige de nós:

7. Cristo exige de nós a fé (Cristo anda sobre as ondas) 246
8. Cristo quer que nós amemos a todos (O bom samaritano) 251
9. Cristo quer que sejamos disponíveis a todos .. 256
Revisão e Dinâmica de Grupo 258

Cristo fala do Pai:

10. Cristo quer que a gente reze (O fariseu e o publicano) 261
11. Cristo ensina que a criação é presente de Deus 265

Cristo forma uma equipe:

12. Cristo forma uma equipe 269
13. Viver em equipe é dar-se para o outro 274
14. Os que não aceitaram a equipe 279
Revisão e Dinâmica de Grupo 282

Páscoa:

15. A última refeição da equipe	284
16. A páscoa de Jesus Cristo	288
17. A chegada do Espírito de Amor	292
18. As primeiras palavras de Pedro	296
Revisão e Dinâmica de Grupo	300
19. Cristo quer que sejamos batizados	302
20. Os primeiros cristãos	307
21. Encontro profundo com o Cristo	312
22. Cristo perdoa aqueles que demonstram amor ..	316
Revisão e Dinâmica de Grupo	321

I. Jesus Cristo se Encontra Comigo

A. Introdução

Sendo êste o primeiro encontro você deverá prepará-lo muito bem para que possa transmitir a mensagem dêste encontro. O seu contato com os meninos deve ser um encontro onde vocês se entendem. Haverá assim conhecimento mútuo.

Como nós nos encontramos, assim nos encontramos com Deus. É preciso criar ambiente para êste encontro. Silêncio ajuda!

Vendo êste trecho da Bíblia notamos que é Deus quem provoca o encontro que nos chama, sem nada têmos feito para isso. Êste encontro é um presente de Deus. Deus nos quer na sua amizade e por isso nos convida. Exige apenas que aceitemos o seu convite. Que aceitemos a sua amizade.

Veja bem como Jesus convida os dois apóstolos: "Vinde e Vêde". Aceitaram a vida de Jesus; acharam que valia a pena vivê-la. Certamente notaram também que a vida de Jesus não era tão fácil. Todavia, a amizade e o encontro fizeram com que ficassem com Cristo até o fim, suportando tôdas as conseqüências desta amizade.

B. Material

Cartaz com uma figura de pessoas que se encontram.

C. Revisão

Veja Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do lobinho

João e André eram irmãos e pela primeira vez iam à escola. A primeira vez tudo é novidade. Estavam no portão com suas pastas arrumadas, quando sua mãe, apontando para a rua, disse: "Vejam, ali está o professor. Vocês poderão ir com ele". João e André saíram atrás do professor e assim eles ficaram conhecendo o professor com quem iam estudar. Assim como João e André encontraram o professor assim aconteceu com alguns rapazes que encontraram Jesus Cristo.

E. Trecho da Bíblia — Jo 1,35-42 (contar)

F. Comentário

André e seu companheiro João seguiram Jesus Cristo. Cristo respondeu aos dois, que o seguiram e perguntaram onde ele morava: "Vinde e vede". Eles foram, conheceram a casa de Jesus, gostaram muito de Jesus e ficaram muitas horas conversando com Ele.

André gostou muito de Cristo e o que foi que ele fez? Foi ao encontro do seu irmão Simão, e contou-lhe, todo contente, que tinha encontrado o Cristo. "Eu, Simão, encontrei o Messias". Simão ficou muito curioso para conhecê-lo; então os dois irmãos seguiram, juntos, para verem a Cristo. Simão Pedro quis logo ficar com Ele porque gostou muito dEle; não o conhecia ainda di-

reito, mas queria conhecê-lo. Ele queria encontrar-se mais vezes com Cristo.

G. Para nossa vida

Cristo também nos chama: "Vinde e vede". Qual será a nossa resposta ao convite de Cristo? Como André, vamos conhecer a vida de Cristo e assim ficar com Ele. E como Ele nos convida? Ele fala: "Vinde e vede". A cada encontro que tivermos, ficaremos conhecendo melhor Jesus Cristo e lhe querendo bem.

H. Agradecimento

Quando recebemos um convite, nós sempre agradecemos. Cristo também nos convida "Vinde e vede".

— Cristo, muito obrigado pelo seu convite para conhecê-lo melhor. Vou seguir você o melhor possível. Venha às reuniões tôdas as semanas.

I. Atividades

a) *A Gruta do Lobo.*

b) *O Encontro*

F: Alcatéia dividida em duas equipes (aos pares — um André e um Simão) formando um círculo (um círculo André e um círculo Simão).

E: Os dois círculos distantes um do outro girando em sentido contrário; ao sinal do chefe todos correm para encontrar seus pares. Quando se encontram dão as mãos e se abaixam. O último par a se abaixar tem que responder a pergunta feita sôbre o trecho do Evangelho que foi lido.

O: Fixação da mensagem recebida; agilidade; quebra-gêlo.

c) *Vinde e vêde*

M: Uma fotografia de uma Igreja (casa de Cristo).

F: Alcatéia dividida em duplas (André e João).

E: Ao sinal do chefe as duplas sairão para procurar a fotografia da Igreja (casa de Cristo). Encontrando-a deverão deixá-la no lugar e voltar para dizer ao chefe (1) onde é a casa de Cristo. (1) — Simão.

V: Da dupla que ensinar primeiro a Simão onde é a casa de Cristo.

O: Fixação da mensagem recebida, observação, quebra-gêlo, lealdade.

d) *Onde está Cristo*

M: Lenços para vendar os olhos dos lobinhos.

F: Alcatéia formada em linha (um ao lado do outro); os lobinhos de olhos vendados a alguns metros de distância do chefe (Cristo).

E: Cristo dirá: "Vinde e vêde" e os lobinhos irão ao seu encontro.

V: Do lobinho que encontrar Cristo por primeiro.

O: Fixação da mensagem recebida; adestramento dos sentidos e lealdade.

2. Cristo quer que eu seja Alegre

A. Introdução

Cristo veio trazer uma mensagem de alegria. O amor só pode significar alegria. Quando amamos procuramos dar alegrias para as pessoas. Mesmo com dificuldade procuramos dar prazer, satisfação às pessoas que amamos. Cristo nos amou e nos ama. E sua mensagem só pode ser de alegria. Veja a história das bodas de Caná. Jesus quer a alegria dos seus amigos. Que se sintam bem entre si. E que assim se possam amar melhor.

A mensagem de Cristo é de paz, amor e alegria. Cristo traz para nós justamente algo que não podemos possuir sòzinhos. A união com Ele provoca em nós uma satisfação que fôrça nenhuma, violência nenhuma, nos pode tirar.

Esta alegria todavia não pode ficar só em nós. Deve ser distribuída para os outros. Do contrário secará com o nosso egoísmo. Um cristão triste é um triste cristão.

O mundo está cheio das mais diversas mensagens. Espalhemos uma mensagem de alegria.

B. Material

Cartazes com figuras de pessoas alegres. Texto: "Cristo quer que todos sejam alegres".

C. Revisão

Na outra reunião vimos Jesus Cristo escolher alguns amigos. Jesus me escolheu também para ser seu amigo. Ele me convidou: "Vem e vê".

Canto: "Veja Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Tua mãe faz a festinha do teu aniversário. Como é a festa? (deixar contar). Sim, convidamos os nossos parentes, amigos. Todos ficam animados! Jair todo contente, recebendo a todos e todos lhe dão presentes. Mas imagine se faltar guaraná. Imagine como a mãe do Jair ficaria triste. O títo, que estava ajudando a mamãe, percebeu a falta. Ele gosta muito do Jair. O que ele vai fazer? Vai comprar guaraná.

E. Trecho da Bíblia — Contar Jo 2, 1-12

F. Comentário

Jesus e seus discípulos foram a uma festa de casamento. Todos estavam alegres. Maria, percebendo que o pessoal da casa estava em dificuldade, contou ao seu filho. Como Maria falou? (perguntar aos lobinhos) "Eles não têm mais vinho." E qual foi a resposta de Jesus? "Mãe, que é que nós temos com isso?"

Maria, porém, sabia que seu filho faria alguma coisa, para alegrar as pessoas que estavam na festa. Vocês sabem o que Maria disse aos empregados? "Fazei tudo o que ele vos mandar".

E o que foi que Jesus ordenou? Muito bem. Ele disse: "Enchei os jarros com água". Eles encheram os jarros de água até a boca. Em seguida disse-lhes Jesus:

"Tirai agora a água e levai-a ao chefe dos garçons." E o que tinha acontecido com a água? A água estava transformada em vinho, e em vinho muito gostoso. Este foi o primeiro milagre de Jesus.

G. Para a nossa vida

Sendo amigo de todos, Jesus fez este milagre para dar alegria a todos. Jesus é bom. Ele quer que todos estejam felizes. Ele também nos ama. Ele nos mostra como se preocupa com a felicidade da outra pessoa. Você não ficaria contente, se fôsse com você? Jesus também quer nossa alegria.

Como poderei alegrar a vida dos meus irmãos, dos meus colegas, dos meus pais?

H. Agradecimento e Ação Prática — Veja a Gruta do Lobo

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Festa de Caná.*

M: quatro garrafas com suco de uva (marcar com esparadrapo 6 divisões); canudo para cada lobinho.

F: por matilha em coluna para revezamento.

E: ao sinal do chefe o primo corre até a garrafa e toma o suco de uva até a marca; volta, bate na mão do segundo lobinho e vai para trás da matilha; o segundo faz o mesmo e assim sucessivamente até o primo voltar a ser o primeiro.

V: da matilha que acabar primeiro.

O: fixação da mensagem, avaliação, espírito de equipe.

c) *Corrida de jarros*

F: Alcatéia dividida em grupos de 3, formada em linha. O lobinho do meio (deve ser o menor) com as mãos na cintura como se fôssem as asas do jarro; os outros dois dão os braços ao lobinho do meio.

E: ao sinal do chefe (o lobinho do meio fica deitado com os pés no ar) os servos levam os jarros de água até o Cristo.

V: dos servos que chegarem primeiro.

O: fixação da mensagem; agilidade, resistência.

d) *Servir o vinho*

M: prato, 4 copos com água para cada matilha.

F: por matilha em coluna para revezamento.

E: os primos estão segurando os copos, ao sinal do chefe dos garçons começam a servir o vinho (vão até a linha e voltam); quando chegam na matilha passam o prato para o seguinte que faz o mesmo. Assim sucessivamente até o primo chegar ao seu lugar.

V: da matilha que terminar primeiro derramando menos vinho.

O: fixação da mensaegm recebida; equilíbrio e agilidade.

3. Cristo é Bom

A. Introdução

Tôdas as qualidades boas que temos estão retratadas na vida de Cristo. Tudo que somos provém de Cristo. A bondade é um dessas qualidades. Constantemente encontramos passagens na Bíblia em que Cristo se mostra bom e misericordioso. Caso típico é a cura do jovem de Naim. Diante da dor, do sofrimento, Jesus se sente atingido. Sendo a sua missão de alegria, de paz e amor, era necessário que se compadecesse da miséria dos homens. A cura do filho da viúva de Naim é apenas um reflexo da bondade de Deus. Como cristãos, como amigos de Jesus, fazendo parte do seu grupo, precisamos sentir com êle. O mundo está cheio das mais diversas misérias. A nossa tarefa é estarmos abertos para estas misérias e procurar resolvê-las. Os pobres e sofredores deverão receber mais do que ninguém o dom da nossa estima e bondade. Que todos à nossa volta criem sensibilidade para os sofrimentos dos outros.

B. Material

Cartaz com figura de um entêrro (ou uma mãe chorando). Texto: "Jovem, levanta-te".

C. Revisão — Veja na Gruta do Lobo

D. Partindo da vida do lobinho

Como é na sua casa? Quantos irmãos você tem? Quando um está doente, a mamãe não fica preocupada? Imagine a mamãe que só tem um filho. Ela também fica preocupada quando seu filho fica doente. Talvez mais do que as outras.

E. Trecho da Bíblia — Conte Jo 7,11-17

F. Comentário

Jesus teve pena daquela mãe. Ele compreendeu o seu sofrimento e ficou comovido. Jesus é bom e poderoso e tem compaixão dos que sofrem. Aproximando-se do caixão, manda parar o entêrro.

E o que disse Jesus? Vocês sabem? . . . Jesus disse: “Môço, eu te ordeno: Levanta-te”. E o rapaz levantou. Como Jesus é bom e como ama aqueles que sofrem! Vamos agradecer a Jesus por êste milagre: “Jesus, obrigado, por seu amor por nós (silêncio). E todos ficaram admirados e gostaram de Jesus. E, diante dêste milagre, louvaram a Deus.” Jesus fêz com que o povo agradecesse a Deus por tão grande milagre.

G. Para nossa vida

Jesus ajudou aquela mãe porque ama os que sofrem. E nós? Como vivemos nossa semana com Jesus? Vamos agora começar a viver o amor de Cristo neste encontro. Cristo mostra que Ele pode vencer a morte, que Ele é bom, mas principalmente que Ele amou a mãe do jovem. Esta semana, como poderemos viver êste amor que Cristo nos ensinou?

H. Agradecimento e Ação Prática

Veja na Gruta do Lobo.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Dramatização da estória.*

Depois de ter contado a estória, dê 10 minutos para que a Alcatéia (todos juntos) prepare a dramatização da estória. Peça que com o material existente na Gruta eles façam roupas e cenários. Eles terão 5 minutos para apresentarem a estória à chefia.

O: Fixação da estória; trabalho em equipe, imaginação e liderança.

c) *Caixa de socorros*

M: lápis e papel para cada matilha

F: por matilhas e em círculo

E: ao sinal do Chefe o primo escreve o nome de um remédio e para que serve, passa para o lobinho do lado que faz o mesmo e assim sucessivamente até o papel chegar ao primo.

V: da matilha que acabar primeiro não repetindo o nome do remédio.

O: fixação da mensagem recebida, agilidade mental, primeiros socorros.

d) *B. A. no Hospital:*

1) levar revistas e livros de estórias para o hospital (dependendo do hospital somente a chefia deve ir; os lobinhos apenas arranjam revistas, livros, lã e agulha para fazer trabalhos, etc.).

2) Ir com os lobinhos numa enfermaria infantil, onde os lobinhos conversarão e farão algumas atividades (próprias para o local) com os doentes.

4. Jesus Atende Àquele que tem Fé

A. Introdução

A amizade supõe confiança mútua. Requer que acreditemos na outra pessoa. Esta fé tem que ser de ambas as partes. Cristo fez tudo pelas pessoas que confiaram nele. Que acreditaram no seu poder e bondade. O centurião com atitude humilde confiou em Jesus. Acreditou que só Ele poderia salvar o filho. Mas notemos bem! O centurião pediu, com confiança absoluta, com humildade, esperando que Jesus resolvesse o seu problema. Todavia já tinha experimentado todos os recursos, de modo que Cristo não era um mero “quebra-galho” para ele.

O centurião acreditou em Jesus por causa da sua bondade. Ele acreditou na pessoa de Cristo. Assim o Centurião não se converteu por causa do milagre mas porque viu que Jesus podia transformar a sua vida.

B. Material

Frase: “Vai, disse-lhe Jesus, o teu filho está passando bem”.

C. Revisão — Veja a Gruta do Lobo

D. Partindo da vida do lobinho

Vocês têm em casa mais irmãos? Ou são filhos únicos como o jovem de Naim? Mesmo tendo um ou vários filhos, nossos pais gostam muito de nós. E eles sempre ficam preocupados, quando um filho adocece. E o papai e a mamãe correm logo para o médico, para que o seu filho logo fique bom, e se não melhora, procuram logo outro médico; fazem tudo para curar seu filho.

Como nossos pais, um pai que era centurião, foi ao encontro de Jesus Cristo, por amor do seu filho doente.

E. Trecho da Bíblia — Conte Jo 4, 46-54

F. Comentário

Cristo voltou para a Galiléia, e em Cafarnaum havia um oficial, cujo filho estava doente. Vocês sabem o que o oficial fez? Ao ouvir que Cristo estava na Galiléia, foi rogar-lhe que fôsse com êle à sua casa e curasse seu filho. Ele teve confiança porque sabia que Cristo curaria seu filho, que estava para morrer.

O que Cristo disse ao oficial? Cristo disse: "Se não virdes milagres e prodígios, não credes..." Então o oficial, com fé em Cristo, disse: "Senhor, vem antes que meu filho morra!" E Cristo, o que disse? Cristo disse: "Vai, o teu filho está passando bem. O oficial teve fé em Cristo e mesmo Cristo não indo à sua casa, êle acreditou que seu filho ficaria curado. E o seu filho ficou curado. Cristo atende àquele que tem fé. E o oficial e tôda a sua família acreditaram em Cristo.

G. Para nossa vida

Cristo também quer se dar a conhecer a nós, mas é preciso confiar nêle como êste oficial acreditou em sua

palavra. Nós também devemos acreditar na palavra de Cristo. Êle também está falando para nós.

H. Agradecimento e Ação Prática

Obrigado, Senhor, por ter atendido ao oficial e curado seu filho. Quero fazer o mesmo que você fez, estando à disposição dos que precisam de mim.

Vou ajudar alguém que precise de mim, por ex.: ajudar meu irmão a fazer o dever de escola, ajudar a mamãe no trabalho de casa, ajudar um velhinho (pedir aos lobinhos que escolham a ação prática ou dêem outras sugestões).

I. Atividades

a) *Veja Grua do Lôbo.*

b) *Eu creio.*

M: Vendas para a metade da alcatéia, corda, cabo, bastões, bola, etc.

F: Alcatéia em duplas (1 lôbo com os olhos vendados);

E: Faça uma pista com obstáculos, ex.: Passar por cima de uma corda (não muito alta); rastejando passar por baixo de outra corda; emendar os cabos de modo que o lobinho possa passar por dentro; segurar 2 bastões de modo que o lobinho possa passar entre êles, etc.

Ao sinal do chefe os lobinhos saem para encontrar Cristo, guiados pelos que estão vendo.

V: da dupla que chegar primeiro.

O: fixação da mensagem, crer no outro, adestramento dos sentidos.

c) *Eu confio*

M: Frases recortadas (2 a 2). "Se não virdes milagres e prodígios não credes". "Vai, o teu filho está passando bem".

F: por matilha, duas a duas.

E: ao sinal do chefe cada um pede ao outro a palavra que acha que vai completar a frase.

O: fixação da mensagem.

d) *Símbolo da Fé*

M: Algumas figuras ou objetos escondidos, lápis e papel.

E: Alcatéia sai para procurar os objetos (deixando-os no lugar). Ao voltarem, escreverão os objetos encontrados e qual deles pode simbolizar a Fé.

V: do que fizer a relação mais completa.

O: fixação da mensagem recebida, memória, dedução.

A fé deve ser simbolizada pela luz ou fogo.

5. Cristo quer que todos Vejam

A. Introdução

Ver é uma qualidade humana. Sem ela estaríamos na tristeza. Quando alguém perde a vista e a recupera novamente isto se torna causa de grande alegria.

Jesus se compadeceu dos cegos e os curou. Mas existe cegueira pior do que a cegueira dos olhos que é a cegueira do coração. Essa cegueira muitas vezes não é culpa da pessoa. Trata-se de um fechamento, de uma falta de amor, onde a pessoa não consegue se desenvolver espiritualmente.

Cristo quis certamente mostrar que a nossa ajuda aos outros visa construir um mundo de pessoas equilibradas, que se amam verdadeiramente. Cristo quer o nosso bem, a nossa felicidade. Está sempre pronto a nos ajudar em qualquer circunstância ou miséria em que estivermos.

B. Material

Frase: "Senhor, que os nossos olhos se abram."

C. Revisão — Veja a Gruta do Lobo

D. Partindo da vida do lobinho

José era um menino muito alegre. Ficou doente e a doença atacou os seus olhos e êle não podia mais ver. Então êle ficou muito triste mas a mamãe levou-o ao médico e depois de um longo tratamento, êle ficou curado. Imaginem a alegria do José.

E. Comentário

Cristo estava saindo de Jericó e uma grande multidão o seguia. Dois rapazes cegos, à beira do caminho, o que fizeram, quando souberam que Cristo passava por ali? Muito bem! êles gritaram: "Senhor, filho de Davi, tem piedade de nós". Algumas pessoas, porém, mandavam que se calassem. Mas êles gritavam ainda mais alto: "Senhor, filho de Davi, tem piedade de nós".

Então o que aconteceu? Jesus parou, chamou-os e lhes perguntou: "que querem que eu vos faça?"

Cristo é bom e gosta de ajudar a nós, e quer ajudar àqueles cegos. O que pediram os cegos? "Senhor, que nossos olhos se abram!" Cristo teve compaixão dêles e tocou-lhes os olhos. E no mesmo instante êles começaram a ver e logo começaram a segui-lo.

Cristo quer que todos vejam e possam segui-lo e amá-lo. Êles ficaram vendo. Imagine como êles ficaram felizes.

F. Para nossa vida

Cristo fez com que êles vissem e ficaram contentes. Até agora não vimos direito a Cristo, mas já podemos vê-lo melhor, pois também nos abre os olhos para o seu amor. Êle gosta muito de nós. Peçamos a Cristo que possamos conhecê-lo sempre melhor.

G. Agradecimento e Ação prática

Cristo, muito obrigado por êste milagre. Obrigado por você ter feito com que os dois cegos pudessem ver de nôvo. Obrigado, Senhor, pelos meus olhos que podem ver tantas coisas bonitas.

(Para você viver) Agora já conhecemos Jesus Cristo um pouco melhor. Êle gosta de nós. Como podemos mostrar que gostamos dêle? Agradecendo, quando vemos coisas bonitas, olhando bem onde é que damos ajuda aos outros em casa ou no colégio.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Fio de Areadne*

M: alguns metros de barbantes, venda para cada lobinho.

F: Alcatéia em fila; os lóbos com os olhos vendados.

E: amarra-se o barbante na altura da cintura dos lobinhos formando um caminho. Ao sinal do chefe os lobinhos segurando o barbante têm que percorrer o caminho.

O: fixação da mensagem recebida, memória, adestramento dos sentidos.

c) *Kim*

M: 10 objetos, lápis e papel.

F: Matilhas em linha, lobinhos sentados com as mãos para trás.

E: Ao sinal do chefe começa-se a passar os objetos; pelo tato os lobinhos procurarão identificá-los. Depois terão 3 minutos para fazer a relação dos objetos passados.

V: do que acabar primeiro com o maior número de objetos identificados.

O: fixação da mensagem recebida, memória, adestramento dos sentidos.

d) *Quem é?*

M: uma venda.

F: Alcatéia formada em círculo. No centro um lobinho com os olhos vendados.

E: Alcatéia dá uma volta quando o lobinho do centro aponta um e terá que identificá-lo pela voz (o lobinho dirá: Que quereis que eu vos faça?).

O: fixação da mensagem recebida, adestramento dos sentidos.

DINAMICA DE GRUPO

sôbre as últimas cinco reuniões

a) Os Lobinhos estão reunidos em seus cantos de matilha

b) Refletem sôbre as últimas cinco reuniões

1. Jesus Cristo se encontra comigo
2. Cristo quer que eu seja bom
3. Cristo é bom
4. Jesus atende aquêles que têm fé
5. Cristo quer que todos vejam

c) Perguntas para serem discutidas por matilha:

- Por que Cristo transformou a água em vinho?
- Como você pode mostrar que tem confiança?
- O que você pode fazer para conhecer melhor a Cristo?

d) Plenário:

A Aquelá reúne os Lobinhos em plenário para juntos analisarem as respostas das diversas matilhas.

6. Cristo Alimenta as Pessoas

A. Introdução

Por sermos pessoas humanas e não pedras, sentimos frio, fome e sede. Precisamos nos alimentar para viver, trabalhar e estudar. Jesus também sabia disso. Quando viu a multidão faminta que o acompanhava, teve pena dela. Com a multiplicação dos pães alimentou a todos. Deu-lhes condições para continuarem a ouvi-lo. Assim podia continuar anunciando o amor, a bondade e a comunhão entre os homens. Talvez Cristo quis mostrar também o seu poder para depois anunciar o grande sinal da unidade dos homens entre si e com Deus que seria a EUCARISTIA.

A necessidade de alimento espiritual é inata no homem. Ele precisa se encontrar com os homens e com seu Deus. Sem isso ficará no esquecimento, na solidão e na angústia. Fomos feitos seres sociais e temos que viver em amor e harmonia com Deus e todos os homens.

B. Material

Cartaz com figuras de pessoas lanchando.
Frase: Cristo alimenta as pessoas.

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Zèzinho foi passear no campo. Depois de brincar, ficou muito cansado, pois tinha andado muito e estava com fome. Quando estamos com fome, o que fazemos? Procuramos nos alimentar. Já pensou o que é estar com fome como Zèzinho e estar longe de casa?

E. Trecho da Bíblia

O que aconteceu com Zèzinho, que estava com fome e longe de casa, aconteceu com uma multidão que seguiu Cristo. Conte Jo 6,1-15.

F. Comentário

Cristo tinha conversado muito com aquela multidão. Falava palavras que aquelas pessoas gostavam.

Vocês sabem dizer o que Cristo perguntou a Filipe? Jesus perguntou a Filipe: Onde compraremos pão para que todos estes tenham o que comer? Cristo estava longe das cidades e lá não havia nada para comer. Cristo é bom e teve pena daquela multidão que estava faminta. Como um pai que gosta dos filhos, ele deseja matar a fome da multidão. Mas o que respondeu Filipe à pergunta de Jesus? Filipe respondeu: Duzentos cruzeiros de pão não bastam para que cada um receba um pedaço.

Mas Cristo sabia o que ia fazer. De repente André se aproximou de Jesus e disse: "Aqui está um menino que tem cinco pães e dois peixes... mas o que é isso para tanta gente?" Cristo mandou que seus amigos se sentassem na grama. Assim, sentaram-se e eram mais de cinco mil homens. Cristo tomou os pães, abençoou-os e mandou que os seus discípulos os distribuíssem. E todos

comeram e ficaram satisfeitos. Depois que todos tinham se alimentado Cristo mandou que os seus discípulos recolhessem os pedaços dos cinco pães e eles encheram doze cestos.

G. Para a nossa vida

Cristo gosta muito dos homens, teve pena daquela multidão e fez o milagre da multiplicação dos pães. Neste encontro com seu povo, depois de ter falado muitas palavras de amor, Ele saciou a fome. Nós também temos fome e procuramos nos alimentar. Assim também nós estamos nos alimentando da palavra que Cristo nos diz a cada reunião.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, nós lhe agradecemos e pedimos que você nos alimente com a sua palavra como alimentou a multidão. Agradecemos e pedimos que você nos conte mais sobre sua vida, na próxima reunião, para nós o amarmos mais.

Nesta semana vou ler a estória deste milagre e ficar conhecendo melhor a Jesus. Vou me lembrar que Cristo gosta de todos, gosta de mim, por isso devo também gostar dos outros.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Divisão dos pães.*

M: balas enroladas em papéis coloridos.

F: por matilhas em colunas para revezamento.

E: dado o sinal do chefe os primos correm até as balas e fazem um monte de balas (uma de cada côr) e voltam à matilha; sai o seguinte e faz o mesmo e assim sucessivamente até o primo chegar a ser o primeiro da matilha. Então os primos (apóstolos) começam a distribuir os pães (dois de cada vez).

V: da matilha que terminar por primeiro.

O: fixação da mensaegm recebida, agilidade, competição entre matilhas.

c) *Os Peixes*

M: fôlha de jornal

F: em linha

E: ao primeiro sinal os lobinhos cortam com as mãos o jornal no formato de peixe. Ao segundo sinal todos colocam os peixes no chão. No terceiro sinal saem soprando o peixe até a linha de chegada (não deve ser muito grande a distância).

d) *Recolher os pães*

M: várias bolinhas de papel espalhadas pelo terreno (pães). 4 cestas para as matilhas.

E: ao sinal dos chefes os Apóstolos sairão para recolher os pães colocando-os no cesto; quando o chefe chamar todos voltam.

V: da equipe de apóstolos que recolher mais pão.

O: fixação da mensagem, agilidade, espírito de equipe.

7. Cristo Exige de nós a Fé

A. Introdução

Uma palavra pequena mas que muito significa. Fé é fundamental não só na religião mas principalmente na vida do homem. O homem sem fé é um frustrado; vencido, sua vida não tem sentido. Já a criança é o contrário. Confia em tudo e em todos; é a alegria, a esperança. A criança aceita tudo que recebe sem duvidar ou perguntar por que está recebendo. A criança vive, sente, crê. Por isso não vamos projetar as nossas dúvidas de fé nas crianças.

Vamos antes nos reeducar. Vamos tentar redescobrir a nossa fé e esperança de criança. Só podemos dar aquilo que temos. Por exemplo, no fato bíblico apresentado, não vamos ver o milagre em si mas a atitude de Pedro. Não nos interessa se o milagre aconteceu ou não. O essencial é a mensagem que nos traz a história.

Ter fé é acreditar, é lançar-se no escuro, porque confia que o outro o espera. Na fé a razão não tem mais lugar. Isso não quer dizer que a fé seja irracional e sim, que a fé está além da razão. Para acreditar é necessário ter tido a experiência de Cristo em nossa vida. Portanto, no fundo, fé é um dom divino, que se experimenta e que não pode ser estudado.

Cristo disse: "Deixai vir a mim as criancinhas por que delas é o reino do céu." Todos nós deveríamos ser como as crianças. Todavia, não infantis. Ser criança é amar, confiar e crer espontaneamente. O adulto só tem estas atitudes com muito esforço.

B. Material

As seguintes frases: "Não tenham medo, sou eu!" "Homens, pobres de fé, por que duvidastes?"

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Começar com exercícios, como na primeira reunião; falar em voz baixa.

Vocês sabem nadar? É muito bom tomar banho no rio ou no mar. Mas há pessoas que não sabem nadar; o que acontece, quando elas entram n'água? Isso mesmo, elas afundam. Você seria capaz de andar sobre as águas?

E. Trecho da Bíblia

A nós não é possível, porém Cristo andou sobre as águas. Conte Mt 14,22-33.

F. Comentário

Depois que Cristo despediu a multidão, subiu ao monte para rezar. A noite já havia descido e seus discípulos estavam na barca que estava atravessando o lago. Cristo dirigiu-se então a eles, caminhando pelo mar. O que aconteceu, quando os discípulos notaram que uma

pessoa caminhava em cima das águas? Isso mesmo, eles ficaram com medo e gritaram: "É um fantasma!"

O que disse aos discípulos? Muito bem, Cristo disse: "Calma, pessoal, sou eu, e não tenham medo!" Depois disto Pedro já não estava com medo, mas para se convencer que era o Cristo, pediu que o deixasse caminhar sobre as águas, até ele. Cristo deixou, dizendo: "Vem!"

Pedro foi ao encontro de Cristo; mas como o vento ficasse mais forte, teve medo e começou a afundar.

Se fossem vocês, o que fariam no lugar de Pedro? Pedro naquele momento gritou para Cristo o salvar e ele o salvou. Todos ficaram admirados, dizendo entre si: "Na verdade, Ele é o Filho de Deus!"

G. Para a nossa vida

Cristo foi ao encontro de seus discípulos; e eles ficaram com medo. Ele os amava e por isso os tranquilizou. "Não tenham medo, sou eu." Pedro queria fazer também o mesmo: andar sobre as águas. Cristo o deixou e lá foi ele, todo contente, orgulhoso mesmo, pensando: Ah! sou o maior. Mas o vento forte fê-lo lembrar-se que estava em cima das águas; ele começou a duvidar de Cristo e começou a afundar. Mas quando já afundando, ele olhou para Cristo e gritou: "Salva-me, Senhor!" No último momento ele confiou no Cristo. Teve confiança total em Cristo. Teve fé. Cristo, vendo sua fé, o salvou mas deu-lhe uma lição: "Por que duvidaste, homem de pouca fé?"

Cristo exigiu de Pedro confiança total. Foi a confiança no Cristo que o salvou da morte. Cristo também exige de nós a fé; porque ele gosta muito de nós e nos

quer bem. Ele quer que vivamos sempre juntos, em todos os lugares; em casa, na escola, com os colegas; Cristo, também para nós, estende as mãos, como nosso melhor amigo; Ele quer nos ajudar, mas precisamos ter confiança na sua palavra e gostar d'Ele.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, muito obrigado porque você gosta de mim; eu terei agora mais confiança no seu amor.

Vou contar para a mamãe, o papai e os meus irmãos o milagre do Cristo, caminhando sobre as águas. Pedir outras sugestões.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *"Vem".*

M: duas latas (do mesmo tamanho) para cada matilha.

F: matilha para revezamento.

E: quando o chefe diz "Vem" o primo coloca as latas no chão e começa a andar (coloca uma lata para frente e se equilibra na outra). Não pode colocar o pé no chão. Quando chega ao chefe (a distância deve ser pequena) volta correndo para a matilha e sai o seguinte que faz o mesmo e assim sucessivamente até todos andarem.

O: fixação da mensagem — equilíbrio.

c) "Vem"

M: um pólo (muro) a um metro de altura.

F: alcatéia em fila.

E: O chefe diz: "Vem". O lobinho sobe no pólo e vai até ao chefe.

O: Fixação da mensagem; equilíbrio.

d) *Dramatização da história narrada.*

8. Cristo quer que nós Amemos a todos

A. Introdução

Hoje se fala muito em amor. Até nas propagandas de sabonete ou máquinas. Tudo é amor. Mas será que é deste amor que Cristo falou? Amar no sentido bíblico significa: dar-se e não: dar alguma coisa. Você pode dar um presente, uma esmola a um pobre, mas isto não é amor.

Amar é dar-se a si mesmo. O amor só é verdadeiro quando envolve a nossa pessoa; onde nós procuramos o bem do outro e não a nossa satisfação ou realização. Um gesto de carinho que apenas tranqüiliza nossa consciência é apenas um egoísmo disfarçado.

Amor é aquela atitude de Cristo que não se rende diante da morte mas ao enfrentá-la salva o mundo.

Você, prezado chefe, nunca será capaz de ensinar o amor. Você pode abrir os olhos para o amor. Amor só se transmite pela vivência e pelo exemplo. Assim mais uma vez é preciso que você comece amar verdadeiramente antes de transmitir a mensagem.

Difícilmente você poderá falar de amor se você faltou a seu compromisso na semana passada apenas para satisfazer um capricho pessoal. Tampouco você poderá falar de amor verdadeiro, se os lobinhos sabem que você nor-

malmente só pensa em paixão, namôro, etc. O lobinho tem uma grande capacidade de percepção e logo vai notar a falta de coerência entre o que você fala e aquilo que você vive. Portanto, no caso de incoerência, você destruirá sua própria imagem diante dos lobinhos.

B. Material

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Nós já vimos que Cristo fez muitos milagres; mudou água em vinho (deixar que os lobinhos falem), multiplicou os pães, ressuscitou o filho da viúva de Naim. E fez outros milagres, mas durante a sua vida ele também ensinou ao seu povo como deviam amar.

E. Trecho da Bíblia

Amar sem limites; Cristo conta uma história para um doutor que queria pô-lo à prova. Lc 10, 25-37.

F. Comentário

O doutor queria colocar Cristo numa situação difícil. E faz uma pergunta: Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? E o que respondeu Cristo? Como está escrito na lei?

Respondeu o doutor: Amarás o Senhor teu Deus, de todo teu coração, de toda tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu pensamento e a teu próximo como a ti mesmo.

Cristo gostou da resposta e disse: "Respondeste bem, faze isto e viverás". "Mas ele, fingindo que não enten-

dia, perguntou a Cristo: "E quem é o meu próximo?" Então o Cristo contou uma história. Como é mesmo a história?

Um homem saiu de Jerusalém e ia para Jericó e eis que aconteceu no caminho, o quê? Ele caiu nas mãos de ladrões, que o roubaram e, depois de o maltratarem muito, o deixaram cheio de feridas e quase morto. Passando um sacerdote pelo mesmo caminho, o que fez ele? Isto mesmo, ele viu o homem, mas, com medo, foi embora. O mesmo fez o levita, que viu o homem e foi embora. Mas passou também por ali um samaritano e o que fez ele?

Vendo aquele homem, ele teve pena, aproximou-se, fez curativos nas feridas com azeite e vinho; depois colocou-o sobre sua própria montaria e o levou a um hotel.

Que mais fez o samaritano? Muito bem, deu ainda dois dinheiros ao hospedeiro e disse: Trata dele e, quanto gastares a mais, na volta eu te pagarei. Qual deles deu amor àquele homem que estava quase morto, no meio da estrada? Isto mesmo, foi o samaritano e Cristo disse: "Vá você também e faça o mesmo".

G. Para a nossa vida

Cristo, nesta história, nos mostra como devemos amar todos os conhecidos e também os desconhecidos. Fazer o bem, sempre por amor, mesmo não conhecendo a pessoa. Ele nos fala: Vá você. . . José, João, Carlos. . . e faça o mesmo. Cristo quer que nós amemos a todos.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, nesta semana, você nos ensinou como devemos amar. Cristo, que eu aprenda a amar.

Vou contar esta semana a história que Jesus nos contou aos meus colegas que não vêm ao nosso encontro; vou contar também em casa.

I. Atividades

a) *Ver gruta do lobo.*

b) *Samaritanos* (para ser dado num terreno grande).

F: uma matilha (ladrões), uma matilha (samaritanos), duas matilhas (viajantes).

E: os viajantes terão que ir de Jerusalém a Jericó, no caminho serão assaltados e ficarão feridos no lugar; pouco depois os samaritanos passarão e os levarão para a estalagem (chefe).

O: Fixação da mensagem, agilidade.

c) *Samaritanos*

F: 3 lobos serão os ladrões, um samaritano. marca-se 2 linhas (Jerusalém e Jericó)

E: o viajante terá que sair de Jerusalém e ir para Jericó (ir e vir). Os que foram assaltados duas vezes serão levados para a estalagem (o samaritano deve ajudar o que já foi assaltado duas vezes).

O: Fixação da mensagem, agilidade.

d) *Viajante*

M: cada lobinho terá um papel dizendo quais seus ferimentos; caixa de primeiros socorros.

F: duas equipes (viajantes e samaritanos)

E: os viajantes saem de Jerusalém para Jericó, ficam no meio do caminho deitados. Os samaritanos o encontram e levam para a estalagem (chefes) onde fazem os curativos.

O: Fixação da mensagem recebida, socorros, serviço.

9. Cristo quer que Sejam Disponíveis para os outros

A. Introdução

Para ser cristão o essencial é ser disponível.

Poderíamos dizer que amor e disponibilidade são quase sinônimos. Reconhecemos que esta reunião fica um tanto fora do esquema do lobinho, pois o lobinho faz somente o que deve. Devemos levar o lobinho a fazer mais do que o mero dever.

Ser disponível significa procurar alguém e não apenas aceitá-lo quando vem a nós. Será que assim estamos indo contra o método do Lobismo? De modo algum. Sabemos pela psicologia infantil que o menino é incapaz de doar-se. Ele é egocêntrico e portanto só fará aquilo que deve.

Mas desde cedo devemos despertá-lo para uma maior doação e embora ele não consiga viver em grande grau esta doação devemos, nós chefes, dar o exemplo desta doação em nossa vida. Quando o lobinho crescer, ele vai achar o caminho certo pela lembrança dos nossos atos.

Não é à toa que se diz que o chefe de Lobinhos semeia, e o Mestre Pioneiro colhe. Mas se nós não semearmos, o Mestre Pioneiro nunca colherá. Somos co-responsáveis assim por mais um homem fracassado pela falta de disponibilidade e amor em sua vida.



Proteção

Maria, Mãe de Deus, é a nossa Mãe! É a nossa proteção!
O, Mãe, ajuda-nos a chegar perto de ti, sermos cumpridores
fiéis de nossa Promessa, sermos puros, corteses, honestos,
leais e amigos de todos.

B. Material

Cartaz com figura de pessoas trabalhando.

C. Revisão:

Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Relembrar a reunião anterior; pedir para alguém falar sobre a reunião.

E. Trecho da Bíblia

Assim o Cristo nos mostra como devemos nos dar.
(Contar Mt 21, 28-32)

F. Comentário

O pai chama o filho para trabalhar na vinha. Logo
êle responde "não vou". Mas ficou arrependido da res-
posta má e foi. Chegou o outro filho e êle lhe respondeu
sim, mas não foi. O Cristo exige de nós um sim de amor,
um sim sincero, um sim de coração aberto.

G. Para a nossa vida

Cristo gosta que o nosso sim seja sincero. Este sim
sincero é, para o Cristo, dar-se de bom coração.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, você gosta do nosso sim sincero. Vou dar-me
de bom coração.

Vamos dizer sim à mamãe, para tudo que ela nos pedir.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Sim ou não?*

F: alcatéia em círculo.

E: o chefe diz Cristo nos ama, e aponta para qualquer lobinho.

Se a resposta fôr Sim, o lobinho dá um passo à frente; se a resposta fôr Não, o lobinho dá um passo para trás.

O: Fixação da mensagem recebida, agilidade mental.

c) *Sim ou não?*

M: várias tarefas

F: matilhas

E: o chefe passa primeira série de tarefas. O primo diz sim (apanha) ou "não", sendo que cada matilha tem que fazer três tarefas.

O: Fixação da mensagem.

DINÂMICA DE GRUPO

sobre as quatro reuniões anteriores

a) Os Lobinhos estão reunidos em seus cantos de matilha

b) Refletem sobre as quatro reuniões anteriores

6. Cristo alimenta as pessoas
7. Cristo exige de nós a fé
8. Cristo quer que nos amemos a todos
9. Cristo quer que sejamos disponíveis para os outros

c) Perguntas para serem discutidas por matilha:

— Por que Pedro afundou nas águas?

— Como Cristo nos mostrou que devemos amar a todos?

— Como nós podemos mostrar que somos sempre disponíveis?

d) Plenário:

A Aquelá reúne os Lobinhos em plenário para juntos analisarem as respostas das diversas matilhas.

10. Cristo quer que a Gente Reze

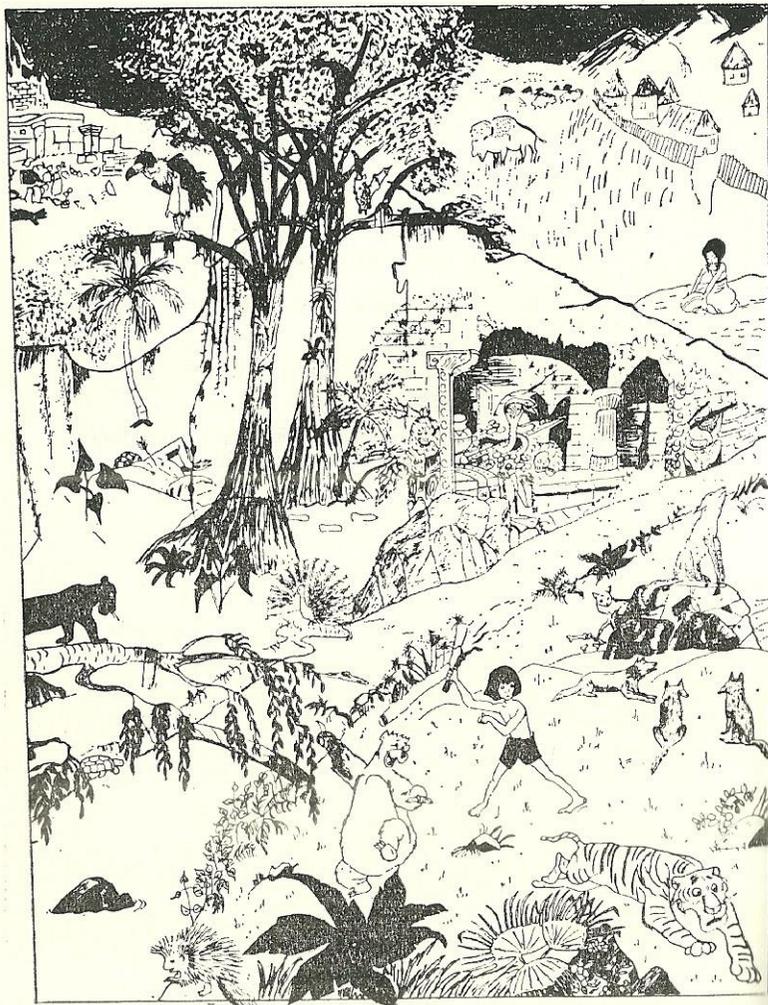
A. Introdução

Ninguém precisa dizer a você, chefe, o que é rezar. Quando você nasceu, a primeira coisa que seus pais fizeram foi o sinal da Cruz sobre você. Quem sabe, as primeiras palavras que você soube falar foram a Ave-Maria e Pai-Nosso.

Quando falamos aqui em oração, não nos referimos a isto. Oração é mais do que fórmulas decoradas (quantas vezes as orações na sua reunião já se tornaram meras fórmulas). O que queremos mostrar aqui é que oração é um modo de vida, um sentir-se junto com Cristo.

Quando vejo uma árvore, eu me lembro de Deus. Quando vejo a construção de um arranha-céu, agradeço a Cristo o poder que deu ao homem. Quando vejo uma injustiça, sinto vergonha por nós homens estarmos tão longe de Cristo. Tudo o que nós vemos e sentimos tem relação com este homem ideal que é Cristo.

Ninguém precisa de fórmulas para conversar com o pai ou com a mãe, embora as tenha para os dias especiais. Muitas vezes para conversar com eles não são necessárias palavras. Basta a sua presença que já há comunicação.



JÂNGAL BALOO O CAÇADOR GOND MOR RAMA SHERE KHAN THUU A ALDEIA DOS HOMENS RAKSHA A ROCA DA PAZ CHIL A ROCA DO CONSELHO JACALA MOWGLI TABAQUE AKELÁ.

Esta é a atitude que queremos transmitir neste encontro. A tarefa é difícil. Pois a grande maioria dos pais ainda está numa mentalidade de religião “decoreba”, de perguntas e respostas ou fórmulas decoradas.

Mas nós no Escotismo temos a chance de mudar, pois ainda não foram atingidos por falsos catecismos e os pais não exigem que demos tôdas estas fórmulas. Assim, somos privilegiados e podemos ser anunciadores de um cristianismo mais autêntico conforme os Bispos e Padres e evidentemente o próprio Cristo o querem.

B. Material

Cartaz com figuras de pessoas que estão rezando.

C. Revisão:

Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Cristo às vezes ficava no templo, observando quem nêle entrava. Muitas vezes contava uma história para esclarecer ao povo os seus ensinamentos.

E. Trecho da Bíblia

A parábola do fariseu e o publicano (Lc 18, 9-14).

F. Comentário

Cristo não perde oportunidade para ensinar ao povo; desta vez êle nos ensina a rezar.

Como Cristo quer que a gente reze? — Sim, muito simples, a nossa oração deve sair do nosso coração; de

um coração que confia no amor de Deus e espera o perdão.

Qual dos dois rezou bem? — Muito bem, foi o publicano. Como o fariseu rezou? — Assim mesmo... orgulho... não pensou em agradecer a Deus, mas humilhou o outro, em sua oração. Enquanto isso, o publicano reconhecia os seus pecados e pedia perdão... Cristo diz que só o publicano voltou para casa justificado.

G. Para a nossa vida

O que Cristo ensina nesta parábola? — Muito bem, Cristo quer que também nós conversemos com Deus. Isto é rezar. Mas Cristo exige que a nossa conversa, nossa oração seja verdadeira; que tenhamos confiança e simplicidade para dizer a verdade a Deus. Reza boa foi a do publicano que só disse: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.”

Que nós também saibamos agradecer tudo a Deus, dizendo bem baixinho no nosso coração: Obrigado, Senhor, eu gosto de você.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, ensine-nos a rezar... nós queremos ser seus amigos e dizer lá no fundo do nosso coração... eu gosto de você... nos ensine a rezar... a melhor maneira de falar com Deus.

Ação: Como poderemos nesta semana estar sempre em união com Deus. Sugestões: (como faço minha oração da manhã?... Fazer o propósito de agradecer ao Senhor todo dia de amanhã e oferecer-lhe o nosso coração). Pedir mais sugestões.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Oração*

M: lápis e papel

F: Matilha

E: ao sinal dos chefes as matilhas terão que preparar uma oração.

O: Memorização da mensagem.

c) *Oração que Cristo ensinou*

M: as frases da oração do Pai-Nosso cortadas em tiras e divididas entre os lobinhos; cartolina e cola.

F: por matilha para revezamento.

E: O chefe distribui as frases dobradas (os lobinhos só podem ler quando chegarem na cartolina). Ao sinal do chefe os primos correm e colam sua frase na cartolina e voltam. O seguinte faz o mesmo e assim sucessivamente até acabar.

V: da matilha que acabar por primeiro e sem erro.

O: Fixação da mensagem, agilidade mental, calcular o espaço e colagem.

d) *Cartazes:*

M: figuras, cartolinas, pincel atômico, cola.

F: Matilhas

E: Distribua o material com a matilha. Dê 10 minutos para que elas façam um cartaz e uma oração de acordo com o cartaz.

O: Fixação da mensagem, imaginação, colagem, trabalho em equipe.

II. Cristo Ensina que a Criação é Presente de Deus

A. Introdução

Com o advento da técnica o homem entrou numa crise profunda. Ele se sente pequeno diante das forças da natureza exploradas pela técnica.

Conseqüências disso podemos constatar a todo momento. Tóxicos, neuroses, loucuras que levam até o suicídio. O homem perdeu o seu centro. Ele, que foi feito para ser rei do mundo, acabou se nivelando. Este nivelamento se expressa através da libertinagem, falta de valores fundamentais, exploração do sexo, corrupção e infidelidade. O homem perdeu sua autoconsciência. Ele não sabe mais que ele, fisicamente fraco, domina as máquinas e as forças pelo seu espírito.

Isto ainda se agrava mais pela falta de educação, de instrução. Anos atrás o operário não precisava saber ler e escrever, pois a enxada dominava a terra. Hoje o mesmo operário que não sabe ler e escrever se sente perdido dentro do mundo de tratores, máquinas e superprodução.

Para reconstituir o equilíbrio entre a natureza e o seu senhor que é o homem, o único caminho é a cultura. É para isso que nós mantemos nossas alcatéias. Para que os meninos aprendam, através do autodomínio, a ser senhores desta terra. Pelo autodomínio, eles serão ele-

mentos úteis à sociedade, isto se tiverem uma consciência clara da sua dependência de Deus, que é o autor de todos os valores.

B. Material

Cartaz com gravuras de água, flores, animais, homens e a frase: "A criação é presente de Deus para nós".

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Quando vêm para a reunião vocês passam por onde? O que vocês vêm no caminho? Isso mesmo: árvores, flores, passarinhos e pessoas.

E. Trecho da Bíblia

Hoje sabemos do Cristo quem é o Criador de tudo que existe no mundo. Conte Lc 12, 22-31.

F. Comentário

Neste trecho, o Cristo nos mostra que seu Pai criou tudo, que deu às flores a sua beleza, que alimenta os pássaros. Deus criou tudo e deu vida a todas as coisas criadas. Cristo nos mostra o amor de Deus Pai, que cria tudo por amor e continua a estar presente a tudo que criou. Cristo fala que o homem é o mais belo, o mais capaz dos seres que Ele criou. Se Ele não abandona as flores e os passarinhos que dirá o homem!

Cristo anuncia mesmo a este povo que escuta: Deus fez maravilhas e o homem é seu filho. Vocês se lembram

do trecho que diz isto: "Vosso Pai Celeste sabe que necessitais de tudo isto." Deus nos criou por amor e é nosso Pai.

Cristo mostra que não devemos ficar preocupados com cuidados exagerados; o essencial é procurar fazer a vontade do Pai, que nos criou por amor e que não nos abandona.

G. Para a nossa vida

Cristo mostrou-nos que o Pai Celeste criou tudo e está conosco. Vamos pensar nas coisas que Ele fez por nosso amor (silêncio).

Deu-nos também a vida e nos convida a participar da sua obra criadora, buscando o Reino de Deus e a Justiça.

Cristo fala-nos que nosso Pai quer que, como meninos, vivamos e participemos de sua obra criadora, amando a todos e vivendo o ensinamento de Cristo. Cristo esta semana nos encontra para anunciar que Deus criou tudo por nosso amor e quer que respondamos, na nossa vida, a este amor, amando a nossos irmãos.

H. Agradecimento e Ação prática

Senhor, obrigado por eu poder participar, com meu trabalho e estudo, na sua obra da Criação.

Como vamos esta semana agradecer a Deus Pai por tudo que ele criou para nós homens? Poderíamos agradecer cada vez que vemos uma flor bonita, alguma coisa ou alguém de quem gostamos, dizendo: "Pai, obrigado porque criou isso para mim!"

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Caça à natureza*

M: cabos

F: matilha

E: com os cabos faça o limite de pequenas áreas (uma para cada matilha).

Depois dê 10 minutos para que as matilhas pesquisem esta área e façam o relatório.

O: Fixação da mensagem, observação.

c) *Arca de Noé*

M: nome de animais (aos pares). Cabos para fazer a Arca de Noé.

E: a alcatéia se espalha; ao sinal do chefe todos começam a imitar o animal (voz). Os pares que se encontrarem irão para a Arca de Noé.

Os últimos que chegarem para serem salvos terão que responder a pergunta feita pelo Noé.

O: Fixação da mensagem, agilidade.

d) *Sherlock*

M: lápis e papel

F: matilha

E: cada chefe fica com uma matilha no lugar onde passam pessoas desconhecidas. Durante 10 minutos observam. Depois os lobinhos terão que fazer uma relação das pessoas que viram e dizer o máximo que puder a respeito delas (ex.: idade, profissão, condição social, estava alegre, apressada, etc.)

O: fixação da mensagem recebida, observação, analisar as pessoas.

12. Cristo Forma uma Equipe

A. Introdução

O mundo está ficando pequeno. Telecomunicações, jatos, satélites encurtam distâncias que há 15 anos eram intransponíveis. Assim facilmente a demagogia, a desonestidade e todo o mal já por sua própria constituição se unem para garantir maior força. Se queremos que se estabeleça o equilíbrio no mundo em que vivemos, também nós devemos nos organizar em comunidade em todos os sentidos.

Não se pode imaginar um cristão isolado. Isolamento é sinal de pecado porque Cristo declarou-nos todos unidos num único corpo, mas isto não só no sentido religioso e eclesial mas esta união deve se irradiar também entre colegas, entre chefes na alcatéia, e até mesmo na grande sociedade.

Nada mais fácil para nos educar para o comunitarismo, pois todo nosso sistema, baseado em equipes, seja na matilha, ou na própria alcatéia, são pequenas famílias; precisa-se apenas usar um pouco de imaginação e cuidado para não deixar crescer rivalidade e competição exagerada entre as equipes e seremos uma família verdadeiramente cristã de estrutura comunitária.

Numa alcatéia é costume os lobinhos apenas receberem seu distintivo e especialidade depois de terem

demonstrado, que ensinaram a outro lobinho (não da sua matilha) seus conhecimentos adquiridos.

Pois numa verdadeira comunidade todos colocam tudo em comum: o saber e o ter, possuem uma função social e deverão estar a serviço da comunidade. Se conseguirmos isto em nossa alcatéia muitos poderão dizer de nós como disseram dos primeiros cristãos: "Vêde como eles se amam."

B. Material

Cartaz com gravura de um grupo reunido com a frase:

"Cristo, queremos participar de sua equipe".

C. Revisão:

Quando foi que admirei e agradei as coisas bonitas que Deus criou pelo mundo?

D. Partindo da vida do Lobinho

João estava brincando com sua bola, quando chegaram mais colegas. Então eles resolveram formar uma equipe de meninos para jogar no campo vizinho. Assim como João formou esta equipe de meninos para jogar, Cristo formou uma equipe de amigos.

E. Trecho da Bíblia

(Conte Mt 10, 2-12) — escolha e instrução dos apóstolos.

F. Comentário

Cristo reuniu seus 12 discípulos, chamou-os para eles o seguirem; convidou-os: "Vinde e vêde". Passaram

juntos muito tempo e Cristo foi-se revelando com toda compreensão e amor; fez muitos milagres. Cristo falou de seu Pai de quem ele só quer fazer a vontade. Ensinou-lhes a rezar e agora Cristo envia seus discípulos para comunicarem a todos que o reino dos céus está próximo. Antes porém os reúne, chama cada um pelo nome e dá-lhes uma missão. O amor de Cristo está agora entre os homens. Antes Cristo fez milagres; agora Cristo dá aos seus discípulos o poder de fazer os mesmos milagres, só que em seu nome. O que eles receberam de graça do Cristo vão agora dar para os que estão afastados, que ainda não ouviram o anúncio do Evangelho. Aconselha-os a só pensar nos outros e não se preocupar consigo mesmos. Cristo forma uma equipe para ir ao encontro dos outros.

Cristo forma esta equipe para proclamar a sua mensagem de salvação aos afastados.

G. Para a nossa vida

Cristo também aqui nos reuniu para nos formar; Ele nos quer ensinar o seu amor para que possamos também nós, através de nossa vida, anunciá-lo aos outros.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, muito obrigado por ter-nos convidado a participar da sua equipe de discípulos, eu também sou discípulo de Cristo. Você, Cristo, me escolheu para conhecê-lo melhor e para, com todos os meus colegas, servir a você com alegria.

Como poderemos anunciar o Cristo esta semana? (pedir sugestões) — Podemos pensar nesta semana em levar aos outros a alegria de ter encontrado o Cristo: —

contando para minha mãe a reunião de hoje; contando para os meus colegas tudo que já sei de Cristo, que Ele é bom, que Ele dá alegria; etc.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *A mensagem*

F: matilha em coluna distante um do outro.

E: Cristo chama os primeiros apóstolos (primos) e dá a mensagem que deverá ser transmitida (Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei) ao seguinte; este transmite ao outro e assim sucessivamente até o último apóstolo que vai dizer ao Cristo que aquela mensagem já foi transmitida.

V: da matilha (equipe de apóstolos) que transmitir por primeiro a mensagem certa.

O: Fixação da mensagem e espírito de equipe.

c) *Decifrar a mensagem*

João escrevia as mensagens de Cristo em grego e Mateus em hebraico. Um dia João tentou decifrar o que Mateus tinha escrito e achou um pouco difícil mas acabou descobrindo. Vamos agora tentar descobrir o que Mateus escreveu?

V. Mensagem (Sompril so sezilef orpueq et rãoes gomasi Sued ed)

F: por matilha— (Felizes os limpos de coração porque serão amigos de Deus).

E: ao sinal do chefe as matilhas começam a decifrar a mensagem.

V: da matilha que terminar primeiro com a mensagem certa.

O: Fixação da mensagem, agilidade mental.

d) *Transmissão*

M: um texto do evangelho para cada matilha.

F: matilhas

E: Cada primo tira uma mensagem do texto e tem 10 minutos para treinar como vai transmitir esta mensagem aos outros.

O: Fixação da mensagem recebida, trabalho em equipe.

13. Viver em Equipe é dar-se para o outro

A. Introdução

Certa vez um chefe foi convidado para trabalhar num curso. Trabalho humilde de cozinha. A resposta foi a seguinte: "Eu ajudar na cozinha?! Isto é serviço para os rapazes!"

Quantas vezes nós mesmos impomos os serviços mais humildes para os nossos rapazes ou nossos assistentes? Certamente esta não é a atitude cristã. Este caso quer nos mostrar que o verdadeiro líder é aquele que serve. Notaremos que nossos meninos são bem adestrados no sentido de ter capacidade de observar. Eles logo notam quando o chefe deixa as coisas ruins para os outros, enquanto ele fica na "boa vida".

Portanto, o gesto do chefe lavar panela, enxugar prato, e porque não, também limpar o banheiro, pode dar mais resultado do que as milhares de palavras destes encontros.

Será que com isto estamos acabando com a hierarquia, com os cargos? Hierarquia é apenas uma função. Não significa ser mais ou ser menos. Não somos mais pessoas que o menino. Temos apenas outra função, e quem sabe se este menino não terá mais tarde um cargo bem mais elevado do que nós.

Portanto, exerça cada um a sua função. Mas, além da função, seja um ser igual a todos.

B. Material

Cartaz com gravuras de pessoas ouvindo os outros com a frase: "Cristo nos ensina a servir."

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Numa equipe de futebol de meninos, José e Paulo foram pedir ao chefe da equipe os primeiros lugares, de capitão e chefes do time. Os seus colegas ficaram aborrecidos, mas o chefe da equipe disse: Aquêles que melhor jogar e servir ao time, este será o primeiro. Assim também na equipe de discípulos aconteceu quase a mesma coisa.

E. Trecho da Bíblia

Conte Mc 10, 35-45. Pedido de Tiago e João.

F. Comentário

Tiago e João foram pedir a Cristo os primeiros lugares. Cristo compreende que eles são jovens e que ainda não entenderam sua missão mas Cristo, através deste fato, vai dar-lhes mais uma lição de como viver em equipe, nesta equipe de outros discípulos de Cristo. Cristo diz mesmo: não sabeis o que pedis. Cristo prepara aqueles jovens para os acontecimentos, mostra que Ele sofrerá e pergunta se estão preparados. Os discípulos responderam que podem passar por tudo. Cristo confirma. Na Verdade vocês passarão pelos mesmos sofrimentos. Mas, quanto aos primeiros lugares, que disse ele (Cristo)?

Muito bem, quanto aos primeiros lugares, Cristo disse que não depende d'ele.

O resto da equipe dos discípulos, ouvindo isto, ficou aborrecido com Tiago e João, mas Cristo mais uma vez aproveita-se d'este fato para formar sua equipe. Mostra que eles não serão como prefeitos, nem vereadores, da sua mensagem, mas aquêles que desejam ser o primeiro entre eles, deve ser servidor, seguindo o seu exemplo, que veio para servir aos homens; não só para servir, mas amar a ponto de dar sua vida em redenção por muitos.

G. Para a nossa vida

Cristo nos ensina a servir... a pensar não só em nós, mas nos companheiros de equipe. Se somos também a equipe de Cristo, ele nos quer também ensinar que o amor que ele pregou é um amor que se dá, se dá aos outros, servindo. Cristo nos deu o exemplo para que, como ele, nós também fôssemos humildes e trabalhássemos para ele com amor. Poderíamos pensar no amor de Cristo e como ele está sempre pronto a ajudar? Lembrem-se das bodas de Caná e da multiplicação dos pães... Como a equipe de Cristo gostava d'ele! E nossa equipe da alcatéia? Vamos pensar como podemos servir melhor aos outros, como Cristo fez (silêncio, deixar as crianças pensar, criar um clima de oração).

H. Agradecimento e Ação prática

Pedir a um lobinho para fazer a oração de agradecimento. No fim, toda a alcatéia dirá: Obrigado, Cristo; Como você, quero servir a meu próximo.

Se fazemos também parte da equipe de Cristo, ele quer também ensinar que o amor que ele prega é o amor

que se dá. Como posso servir a meu próximo? (pedir sugestões aos lobinhos). Podemos melhor servir, ajudando em casa, aos vizinhos, aos meus colegas.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *João e Tiago servem.*

F: André e João formaram suas equipes e começaram a trabalhar. Divida a alcatéia em duas equipes e dê tarefas que tragam benefício para alguém (ex.: arrumar a sede, fazer um quadro de avisos para a Tropa, etc.)

O: Aqui é importante que as tarefas tragam benefício para o grupo e não para a alcatéia.

c) *Tiago serviu*

Antes desta atividade Tiago (primos) aprende a fazer um trabalho (um tapete para a sede)

F: por equipe

E: ao sinal do chefe Tiago começa a ensinar o trabalho para os outros.

O: Fixação da mensagem recebida, trabalho de equipe, serviço ao próximo.

d) *Revisão de vida*

F: alcatéia sentada em círculo

E: o chefe faz perguntas (ex.: tenho feito todos os dias minha boa ação? tenho sido amigo dos meus colegas? tenho começado a brigar com meus irmãos?) deixando que eles pensem um pouco.

O: Fazer com que eles parem um pouco e revejam o que fizeram; se eles não estão fazendo o Melhor Possível como poderão melhorar?

Observações: Esta atividade pode ser feita em silêncio (cada um pensa para si o que fez) ou cada um respondendo de uma vez, sem seguir a ordem (eles falam espontaneamente; não se deve obrigar ninguém a falar).

Já fizemos esta experiência na alcatéia e os resultados foram melhor do que esperávamos, pois todos os lobinhos falaram, deram opinião no "problema" do outro e eles mesmos chegaram à conclusão de como melhorar. Neste caso o papel da chefia é apenas coordenar a conversa para que não saia briga e dar a conclusão.

14. Os que não Aceitaram a Equipe

A. Introdução

Todos somos unânimes em concordar que devemos ser autênticos, que compromisso assumido deve ser compromisso cumprido em todos os seus requisitos.

Somos cristãos. Fazemos questão deste nome. Damos esmola em nome de nosso Cristianismo, vamos até à Missa, freqüentamos os sacramentos. Mas nos perguntamos se esta amizade com Cristo não se faz presente só quando estamos na Igreja ou quando é útil aos nossos desejos. Quantas vezes esquecemos esta amizade com Cristo quando, para o nosso prestígio, passamos para trás o nosso irmão, enganamos os outros de tôdas as formas, desrespeitamos a dignidade da pessoa do outro.

Eu poderia responder, para acalmar minha consciência, que Cristo não tem nada com isso. Mas Cristo mesmo disse: "O que fizerdes ao menor dos meus irmãos é a mim que o fizestes."

Sejamos sinceros conosco mesmos! Quantas vezes traímos a Cristo no nosso irmão, de uma forma mais vergonhosa do que o próprio Judas. Talvez sejamos mais culpados do que Judas ou nossa malícia seja maior do que a dele. Nunca poderemos separar Cristo de nosso próximo. Querer amar a Cristo sem amar o irmão não é

possível. Se enganamos ou traímos os outros, estamos enganando e traindo ao próprio Cristo. Sem sinceridade e amor aos outros nunca seremos realmente cristãos. Teremos apenas um título diante da sociedade, mas não terá nenhum valor real para nós. Na vida de uma comunidade são necessários amor e sinceridade a cada momento. Assim seremos da equipe do Cristo.

B. Material

Cartolina com a frase: "Que o nosso sim seja um sim de verdade."

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Numa equipe de futebol, um grupo de amigos joga pela mesma camisa, com os mesmos objetivos de vitória. Aconteceu que um deixou a equipe por causa de dinheiro, afastando-se dos amigos e traindo o chefe da equipe. Com a equipe do Cristo também aconteceu fato semelhante.

E. Trecho da Bíblia

Conte Lc 22, 1-6. Conspiração dos sacerdotes de Judas.

F. Comentário

Aquêles que não aceitaram o ensinamento de Cristo se afastaram e procuravam matá-lo, pois todo o povo gostava dele. Um dos seus amigos, Judas Iscariotes, o traiu, trocando a amizade de Cristo pelo dinheiro dos escribas e fariseus que não aceitaram Cristo. Cristo ama a todos os seus amigos e sabe que um deles o vai trair. Cristo ama, quer salvar a todos, mas cada um tem a liberdade

de aceitá-lo ou não, de ser seu amigo ou se afastar de sua amizade. Cada um tem que responder ao chamado de Cristo. Cristo mesmo disse: "Ninguém pode servir a dois senhores". Ou dizemos "sim" e ficamos em sua presença ou dizemos "não" e nos afastamos. Cristo, em sua vida de união com os discípulos, mostra que é preciso mesmo que êle sofra, para depois retomar sua vida e a vida de todos os seus amigos, salvando-os.

G. Para a nossa vida

Nós também nos encontramos com Cristo, o estamos conhecendo, nestes nossos encontros aqui. Aproxima-se a hora de pensarmos se queremos ser mesmo amigos de Cristo. Se queremos viver de acôrdo com êle. "Cristo, na nossa vida, nós queremos pertencer sempre à sua equipe". (silêncio) "Cristo, na nossa vida, nós queremos ser seus amigos."

H. Agradecimento e Ação prática

Veja a Gruta do Lobo.

Esta semana vou tentar falar muitas vêzes nom Cristo pedindo cada vez mais perdão por minhas faltas.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Apóstolos e sacerdotes*

M: duas bolas de côres diferentes

F: alcatéia em círculo, um apóstolo — um sacerdote; ao centro 2 chefes (um com cada bola).

E: os chefes começam a jogar as bolas ao mesmo tempo; cada um só pode apanhar a sua bola. Se a bola jogada para o apóstolo fôr a do sacerdote, o sacerdote da esquerda é que tem que apanhá-la ou vice-versa.

c) *Judas traidor*

M: 2 equipes (apóstolos e sacerdotes) em linha, um pique atrás dos apóstolos.

E: os apóstolos combinam quem é Cristo e Judas. Ao sinal Judas dá um apêrto de mão em Cristo. Cristo fica parado e os apóstolos fogem dos sacerdotes. Os apóstolos que são pegos passam para sacerdotes. No fim de 3 vêzes troca-se.

d) *Judas e apóstolos*

M: uma bola

F: alcatéia em círculo.

E: o chefe joga a bola para um outro lobinho dizendo: "Judas". O lobinho dirá um defeito (ex.: infiel) e jogará a bola para outro lobinho dizendo Judas ou Apóstolo. Judas será sempre um defeito e Apóstolo uma qualidade.

O: Fixação da mensagem recebida.

DINAMICA DE GRUPO

sôbre as cinco reuniões anteriores

a) Os Lobinhos estão reunidos em seus cantos de matilha

b) Refletem sôbre as cinco reuniões anteriores

10. Cristo quer que a gente reze
11. Cristo ensina que a criação é presente de Deus
12. Cristo forma uma equipe
13. Viver em equipe é dar-se ao outro
14. Os que não aceitaram a equipe

c) Perguntas para serem discutidas por matilha:

- Como nós devemos rezar?
- Por que é tão importante a gente se reunir na Alcatéia?
- Por que Judas traiu a Jesus?

d) Plenário:

A Aquelá reúne os Lobinhos em plenário para juntos analisarem as respostas das diversas matilhas.

15. A Última Refeição da Equipe

A. Introdução

É fácil perceber o profundo sentido da “Última Ceia”. Também para nós a melhor expressão da amizade e união é um jantar íntimo. Pena que façamos em geral das “coisas da Igreja” algo de distante, de diferente; não nos lembramos que Cristo na verdade nunca usou uma auréola e de certo também não tinha aquêlo rosto doce que em geral lhe damos. Cristo, um homem corajoso, reúne os seus amigos íntimos num lugar secreto para dar o seu jantar de despedida. Assim podemos imaginar a união, a amizade e o amor que os uniu.

Foi neste ambiente que Cristo inaugurou a sua presença para sempre entre os que o amam. Veja a diferença entre nossa atual Missa, que quer lembrar tal fato, e a reunião de jantar do Cristo. A nossa tarefa consiste em conseguir que os meninos percebam esta amizade que Cristo tem por nós, e que nós devíamos ter entre nós, embora que as coisas externas muitas vezes não ajudem.

B. Material

Cartaz com figura da última ceia e a frase: “Cristo dá-se a si mesmo como presente.”

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Quando estamos fazendo anos, o que acontece? Isto mesmo: fazemos uma festa de aniversário. Convidamos nossos amigos e todos comem do bôlo. O Cristo também prepara uma festa para seus amigos. Vejamos o trecho do Evangelho.

E. Trecho da Bíblia

Conte Lc 22, 7-20. A última ceia.

F. Comentário

Cristo envia seus amigos na frente e ensina o que eles devem fazer. É um dia de festa do seu povo. Para Cristo aquela festa não será só para lembrar algum acontecimento, mas será também uma festa de encontro íntimo com seus amigos. Pedro e João vão preparar a festa. Na Hora, Cristo vê todos os seus amigos, olha para cada um, como a gente faz, aqui na reunião. Vê cada um e mostra quanto gosta deles. E o Cristo diz o quê? Vocês se lembram? Isto mesmo: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer.”

É uma refeição de um grupo que se quer bem e está unido. Cristo os ama tanto que lhes dá um presente. Quando vamos a um aniversário sempre damos um presente; o Cristo dá também um presente; não é uma bola nem uma boneca nem uma bicicleta. Cristo dá-se a si mesmo, através da simples comida. Estão todos unidos com Cristo e unidos entre si. Era uma festa e que alimento havia nesta refeição? Isto mesmo: Havia pão e

vinho. Todos se serviram deste mesmo pão e vinho e ficaram unidos a Cristo.

O que ele disse, ao tomar o cálice de vinho e o pão? Tomando o cálice, agradeceu ao Pai e disse: "Tomai este cálice e distribuí entre vós." Depois tomou o pão, dizendo: "Isto é o meu corpo, que é dado por vós? Fazei isto em memória de mim." Cristo está unido com seus amigos e quer que todos os seus amigos participem de sua vida, de sua união.

G. Para a nossa vida

Cristo ama seus amigos de equipe e faz com eles uma última refeição, que chamamos "última ceia". Cristo quer se dar a cada um e ficar bem unido com todos e todos unidos num só amor. Há uma comum união em torno de um mesmo alimento. Cristo quer conversar com eles, se dá a conhecer agora totalmente. Dá a sua própria vida de presente. Cristo se dá por nós também; Ele quer ardentemente tomar esta refeição conosco; por isso nos prepara para este encontro. Cristo quer nos unir a todos para sermos todos um.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, você é muito bom; você se dá como presente; Cristo, nós lhe queremos bem. Nós o aceitamos, cremos na sua palavra, queremos ficar unidos com (deixar que os lobinhos façam outras orações espontâneas). Vou dar, do pouco que tenho, para um irmão ou colega; por ex.: uma bola de gude, uma bala, etc.

Em silêncio poderíamos pensar como viver melhor esta "união" como Cristo e seus amigos.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Quem fez?*

M: lápis e papel

F: por matilha

E: as matilhas terão 3 minutos para fazer a relação das pessoas que trabalharam para que o pão e o vinho pudessem ser feitos.

V: da matilha que fizer a relação mais completa.

O: Fixação da mensagem recebida, mostrar quantas pessoas trabalharam em benefício deles; valorizar o serviço do outro por mais humilde que seja.

c) *Cartazes*

M: um cartaz com: (campo, pá, trator, pessoa, caminhão, etc.) lápis e papel.

E: Mostre o cartaz durante 2 minutos e dê 3 minutos para que eles façam a relação do que viram e para que servem (Ex.: caminhão transportando vinho).

V: da relação mais completa

O: Fixação da mensagem, agilidade mental.

d) *Última ceia*

M: massa plástica, barro, tabatinga, etc.

F: por matilha

E: reproduzir neste material a última ceia.

O: Fixação da mensagem, modelagem.

16. A Páscoa de Cristo

A. Introdução

Neste encontro meditaremos sobre o fato principal da vida do cristão como já ficou dito na introdução destes encontros. Chamamos a atenção que nas nossas reuniões não há nenhuma que se preocupe especialmente com a morte de Cristo. Não se trata de um acaso mas assim fizemos de propósito. Nós brasileiros, por falta de educação religiosa e talvez por nosso sentimentalismo inerente, exploramos demais a morte de Cristo.

Mas não há razão de se exaltar a morte de Cristo se não fosse sua Ressurreição.

Cristo, sendo nossa esperança exatamente por sua ressurreição, continua vivo e é isto que importa: a vida que ele nos traz é a plenitude da vida. Portanto pedimos aos chefes que fiquem fiéis aos textos e não explorem demais o fato da morte nesta reunião. A reunião deve ter um cunho de alegria e não de tristeza. Para o cristão a morte é apenas uma passagem para uma vida diferente e por isto é festa, é alegria, é luz.

B. Material

Cartaz com o texto: do agradecimento.

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.



A chamada

Deus e o mundo precisam de ti para continuar a salvar os homens.

Não esqueça: amar é dar; dar sempre, dar tudo, dar o ano todo, dar a vida inteira.

A chamada é para você!

Pela Promessa Escoteira você empenhou a sua honra para ajudar aos outros a serem melhores!

D. Partindo da vida do Lobinho

No Rio, na Praça 15, onde se pega a barca para atravessar a baía, aconteceu um fato. (Seria bom levar fotografia de um pôrto). Uma criança caiu na água; um marinheiro pulou para salvá-la, mas perdeu sua vida. Foi assim que o Cristo fez. Sacrificou sua vida para nos salvar.

Nota: O chefe não deve dramatizar muito o fato para não criar uma situação difícil de continuar o encontro.

E. Trecho da Bíblia

Conte Lc 24, 1-12. A Ressurreição.

F. Comentário

Cristo venceu a morte e ressuscitou. Seus amigos, que o viram sofrer na cruz, foram à sua sepultura e a encontraram aberta. Os personagens que estavam na porta do túmulo do Cristo lhes comunicaram a novidade: Aquêlê que estava morto está vivo entre vocês. Quais foram as palavras do Cristo que o personagem lembrou? Isto mesmo: "o Filho do Homem devia ser entregue às mãos dos pecadores e crucificado, mas ressuscitaria ao terceiro dia."

E aquelas mulheres que levavam flôres para a sepultura voltam alegres para dizer a todos os discípulos que o Cristo, nosso amigo, tinha vencido a morte e ressuscitado. E todos ficaram querendo ir à sepultura, para certificar-se do acontecimento. Cristo passou da morte para a vida e com sua passagem deu esperança e certeza que também nós vamos ressuscitar como Cristo e voltar para perto do Pai. Pedro e todos os outros discípulos se admi-

raram do grande acontecimento, mas acreditaram nas palavras do Cristo.

G. Para a nossa vida

Cristo ressuscitou, isto é, passou da morte para a vida; os seus amigos também passarão pelas mesmas coisas. Agora, também nós estamos salvos da morte e temos certeza da vida. Cristo, nosso amigo, nos deu sua vida e nos chamou para ficarmos unidos com o Pai. Saímos de um estado de solidão e tristeza, para a alegria de saber que Cristo está conosco.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, você ressuscitou. Obrigado pelo nosso amor. Agora estamos sempre com você... (Despertar na alcatéia uma oração espontânea).

— Pela sua morte e ressurreição, obrigado, Senhor.

— Pela sua presença entre nós, obrigado, Senhor.

— Pelo seu amor, obrigado, Senhor.

— Por nos ter dado alegria, obrigado, Senhor.

Podíamos contar em casa e aos nossos colegas que Cristo morreu e ressuscitou porque nos quer bem e para nos fazer felizes. Vamos viver esta alegria, ajudando aos outros sempre com um sorriso.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Flôres para a mamãe*

M: sisal, arame fino, papel crepom verde, cola, anelina, pincel.

E: desfie o sisal (20 cm), dobre em 4 partes; prenda o arame, pente, e cole o papel verde enrolando no arame.

O: Fixação da mensagem, trabalhos manuais.
(esta é apenas uma sugestão nesta reunião. O importante é que eles façam alguma coisa para alguém; dar alegria a alguém.

c) *Show para a vovó*

Organize uma apresentação (canções, representações curtas, etc.) e vá com a alcatéia num asilo ou enfermaria de pessoas idosas. Não esqueça de levar umas maçãs ou biscoitos, mas lembre-se que deve ser coisa leve pois as pessoas idosas têm dieta.

O: dar um pouco de alegria aos outros e fazer com que os lobinhos sintam que as pessoas idosas são gente.

d) *Alegrai-vos*

F: por matilha

E: as matilhas têm 10 minutos para preparar um número alegre para ser apresentado para a alcatéia.

O: Fixação da mensagem, imaginação.

17. A Chegada do Espírito do Amor

A. Introdução

Não sei se já aconteceu com você que, depois de ter procurado durante dias a solução de um problema, de repente você a encontra. Poderíamos chamar isto de chegada do Espírito Santo na sua vida. Sempre estamos tentados a colocar Deus como coisa existente fora de nós. Mas Deus está tão unido a nós que dificilmente se separa de nós.

Por isso, todos estes fatos de nossa vida que chamamos de inspiração podemos designá-los como obra do Espírito de Amor. Antes, falávamos muito em comunidade, e dissemos que o Espírito de Amor age principalmente numa comunidade unida.

Quem de nós vai negar que uma atividade feita em grupo não é geralmente mais eficiente do que uma atividade realizada sozinho. A moderna dinâmica de grupo o confirma. Esta é a verdadeira ação do Espírito Santo infundido no mundo como Cristo quer, quando diz: "Eu não vou continuar no mundo, mas meu Espírito Santo, o Espírito de Amor, deverá continuar entre vós."

Sem este Espírito de Amor não há nem haverá jamais equipe ou comunidade.

B. Material

Cartolina com a frase: "E eles ficaram cheios do Espírito Santo, o Espírito de Amor que Cristo lhes tinha prometido."

C. Revisão: Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Nesta semana, preparamos o nosso coração para o nosso encontro de hoje, com os apóstolos e com o Espírito de Amor. Eles estavam reunidos numa casa, preparando-se para recebê-lo e eis que:

E. Trecho da Bíblia

Conte (Atos dos Apóstolos 2, 1-12)

F. Comentário

Chegando a festa de Pentecostes, todos estavam reunidos na mesma casa, preparando-se, como Cristo tinha pedido. Nesta festa, os judeus que moravam fora de Jerusalém lá voltavam para rezar. De repente, começou a vir do céu um ruído como uma ventania; todos correram ao Cenáculo, para ver o que ali estava acontecendo. Lá viram os amigos de Cristo, cheios de alegria, pois estavam recebendo a primeira visita do Espírito de Cristo.

Começaram a falar com alegria das maravilhas que Cristo realizou e realiza. Eram muitos os judeus que estavam ali. Todos ouviam falar em sua própria língua as maravilhas do Senhor. Todos que estavam na cidade correram ao Cenáculo e lá ouviram os amigos de Cristo falarem cada um em sua língua. Estavam todos confusos e

procuravam saber a razão daquilo tudo. Eles estavam confusos porque não sabiam; nós sabemos porque os amigos de Cristo abriram as portas e falaram. Por que eles estavam proclamando as maravilhas de Deus? Isto mesmo: porque tinham recebido o enviado do Pai: o Espírito de Amor do Cristo.

G. Para a nossa vida

Os amigos do Cristo esperavam rezando a chegada do Enviado do Pai. Eles ficaram tão contentes que anunciavam a todos a grande notícia. Cristo está conosco, enviou seu Espírito.

H. Agradecimento e Ação prática

Chefe: Cristo, nós lhe agradecemos sua presença entre nós.

Todos: Cristo, nós lhe agradecemos e queremos viver sua presença na nossa vida.

Ação: Quero, como os amigos de Jesus Cristo, anunciar para os outros a Boa Nova. Vou contar de novo em casa o que meu chefe me ensinou hoje.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Língua de fogo.*

M: velas

F: matilhas em coluna para revezamento: matilhas vis-à-vis.

E: ao sinal do chefe os 2 primos que estão com a vela (língua de fogo) correm e entregam a vela

ao primo da matilha em frente, e se coloca no fim da matilha; o que recebeu a vela faz o mesmo e assim sucessivamente até a matilha ficar junto de novo (a vela não pode apagar, quando isto acontece o lobo tem que voltar para acendê-la).

c) *Mensagem do Espírito Santo*

M: várias tiras escritas (xaire, shalom, pax vobis, a paz esteja contigo)

F: alcatéia espalhada.

E: ao sinal do chefe todos começam a procurar os que têm mensagem igual.

O: Fixação da mensagem, quebra-gêlo.

18. As Primeiras Palavras de Pedro

A. Introdução

Quantas vezes somos covardes. Percebemos que nossa reunião não anda certa. Sabemos que há erros graves em nossa alcatéia, ou no grupo, ou até na sociedade, mas, para facilitar nossa vida, dizemos: "E eu com isso?" Baden-Powell nunca teria dito isso, êle, quem incentivava a autoconfiança, a honestidade, e principalmente a coragem.

Um cristão não pode ser covarde. Amor é dar-se. Amor primeiro é reparar o êrro onde quer que seja, e com os sacrifícios que forem necessários. Cristo se deixou crucificar por nós.

Nós, chefes, pelo menos devemos ter a coragem de apontar os erros e sugerir as soluções, mesmo que isto doa a alguém, porque amor e "carinho" não são necessariamente sinônimos. O médico que corta a perna do paciente, embora o faça sofrer, está salvando a sua vida. Devemos levar os meninos a uma vivência assim na nossa alcatéia. Deveria reinar um espírito de crítica autêntico. Os lobinhos deveriam ter a confiança de dizer abertamente ao chefe quando não gostaram de um jôgo ou uma atividade, naturalmente que com delicadeza. Do mesmo modo também entre êles mesmos. Não deveríamos falar

em lealdade, mas de fato praticá-la, não só nas reuniões, mas na nossa vida.

B. Material

Cartolina com a frase: "Pedro anunciou a Ressurreição de Cristo."

C. Revisão:

Veja Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Como nós vimos na reunião passada, com a vinda do Espírito de Amor, os apóstolos alegres começaram a anunciar as maravilhas do Senhor e todos os que estavam presentes ouviam-nos falar à sua maneira. Muitos se perguntavam o que significava tudo aquilo; outros diziam: êles beberam muito e estão bêbados...

Ouvindo isto, Pedro se pôs de pé e começou a falar.

E. Trecho da Bíblia

Conte (Atos dos Apóstolos 2, 22-24; 32-36).

F. Comentário

Pedro fala aos israelitas. "Este Jesus da cidade de Nazaré, homem de quem Deus tem dado testemunho diante de vós com milagres..."

Jesus fêz muitos milagres. Vamos pensar nos nossos encontros com Cristo e lembrar os milagres que vimos (deixar os lobinhos falar). Isto mesmo: a viúva de Naim, o filho do oficial, etc.

Pedro agora não tem mêdo de dizer claramente que aquêles homens levaram Cristo à morte, mas que o amor

de Deus fez com que ele ressuscitasse. Deus o ressuscitou e os apóstolos se puseram à disposição, como testemunhas de que o Cristo ressuscitou. Pedro continuou comunicando todo o amor de Cristo. Este mesmo Cristo ressuscitado esteve conosco e depois foi ao encontro do Pai, prometendo-nos o Espírito de Amor.

É este espírito de Amor que realiza o que vocês estão vendo e ouvindo. E este Jesus é que foi enviado por Deus para ser nosso salvador.

G. Para a nossa vida

A presença do Espírito de Cristo em seus amigos fez com que eles comunicassem, sem medo, a vida, a morte e ressurreição de Cristo.

A nós também Pedro anuncia estes acontecimentos. É preciso ver e ouvir a mensagem do Cristo; ter confiança n'Ele para que Ele mude a nossa vida, como mudou a de Pedro, de medroso para corajoso, de calado para disposto a falar as maravilhas de Deus. Como Pedro e outros apóstolos amigos de Cristo, sejamos também suas testemunhas.

H. Agradecimento e Ação prática

Pede-se que um lobinho faça uma oração espontânea ou mais de um, e no fim todos dizem: "Obrigado, Senhor, pela ação do Espírito Santo de Amor." Ou rezam todos juntos a seguinte oração: Obrigado, Jesus, porque você enviou o Espírito de Amor para seus apóstolos. Obrigado, Jesus, porque seu Espírito de Amor veio a mim. Faça que eu possa sempre amar.

Chefe: Cristo ressuscitou e continua entre nós. Como vamos ser testemunhas de Cristo esta semana?

Quero viver o amor de Jesus Cristo. Vou me esforçar para amar mais meu pai, minha mãe, meus irmãos, com um verdadeiro amor.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Primeira palavra de Pedro.*

F: alcatéia em círculo.

E: o chefe começa a contar o evangelho, joga a bola para um dos lobinhos. Este devolverá a bola e continua contando o fato até outro lobinho receber a bola (não se deve deixar o lobinho falar muito tempo).

O: fixação da mensagem, memória, atenção.

c) *Pedro começa a ensinar*

F: alcatéia em círculo.

E: Pedro quando começou a ensinar encontrou, um dia, um grupo de pessoas que queriam saber sobre o Cristo mas como não falavam a mesma língua Pedro teve uma idéia e falou por mímica. Se Pedro falasse será que vocês entenderiam?

Alcatéia em silêncio. O chefe, por mímica, conta uma das passagens da Bíblia (pequena). Depois as matilhas terão que escrever o que entenderam.

V: da matilha que entender o fato melhor.

O: fixação da mensagem recebida, atenção, dedução.

d) *Procurando a palavra de Cristo*

M: Evangelho.

F: por matilha.

E: mandar que as matilhas procurem no Evangelho quando Cristo anuncia a vinda do Espírito Santo.

DINÂMICA DE GRUPO

sobre as quatro reuniões anteriores

a) Os Lobinhos estão reunidos em seus cantos de matilha

b) Refletem sobre as quatro reuniões anteriores

15. A última refeição da equipe
16. A Páscoa de Cristo
17. A chegada do Espírito Santo
18. As primeiras palavras de Pedro

c) Perguntas para serem discutidas por matilha:

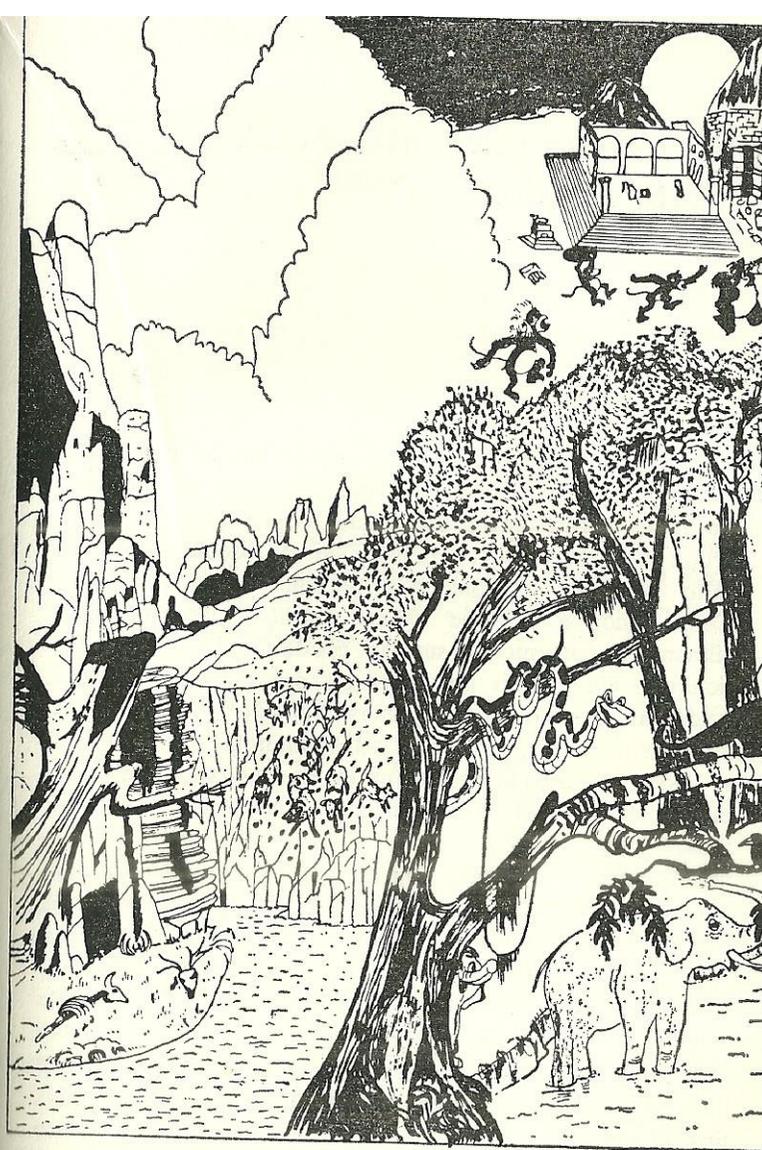
— O que Cristo fez para que todos nós nos sintamos unidos?

— O que o espírito de amor fez com os Apóstolos e o que faz ele conosco nos dias de hoje?

— Como podemos mostrar que somos testemunhas de Cristo?

d) Plenário:

A Aquelá reúne os Lobinhos em plenário para juntos analisarem as respostas das diversas matilhas.



A ROCA DAS ABELHAS BANDAR-LOG A CIDADE PERDIDA
HAITI OO BAGHEERA KO A OS CÃES VERMELHOS KAA A
FLOR VERMELHA TOCAS FRIAS FERAO MANG IKKI RIO
WAINGUNGA.

19. Cristo quer que Sejam Batizados

A. Introdução

Quando alguém entra no nosso grupo faz a sua inscrição. Assim também o Batismo no seu sentido mais profundo não é outra coisa que a inscrição oficial no grupo dos cristãos. A pessoa sai do isolamento (pecado original) e começa a pertencer à comunidade. Como ainda é costume batizar crianças pequenas dificilmente percebemos o sentido profundo deste gesto dificultado ainda mais por vivermos numa estrutura cristã ocidental que adaptou algumas tradições religiosas, às vezes secundárias, para sua vida comunitária. Com isto se esvaziou o sentido profundo da mudança de vida exigida no ato do nosso Batismo. Se antes podíamos pensar apenas em nós e no nosso maior lucro e felicidade, depois do batismo, ou seja, depois de termos assumido o compromisso de imitar a vida de Cristo, somente podemos viver em comunidade colocando os nossos bens espirituais, intelectuais, culturais e materiais a serviço, não apenas da nossa família e amigos do nosso grupo, etc., mas também a serviço de toda a sociedade.

Assim, ao menos, o fazem os que conhecem melhor a Mensagem de Cristo e que querem pô-la em prática na sua vida.

B. Material

Cartaz com figura de um batismo, com a frase: "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

C. Revisão:

Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

José tem um amigo chamado Joãozinho. Quando José está alegre, conta ao seu amigo Joãozinho o porquê da sua alegria: êle gosta de fazer com que Joãozinho participe de todas as suas alegrias. Uma vez Joãozinho recebeu uma bola de presente e logo contou ao seu amigo. Assim também é o Cristo; quer que participemos de sua vida, de sua alegria.

E. Trecho da Bíblia

Conte Mt 28, 16-20.

F. Comentário

Cristo quer que sejamos batizados com Êle; antes de ir ao encontro do Pai, deu ordem aos seus discípulos de ir a todos os lugares para pregar o evangelho e batizar.

Vocês já participaram de um batizado? O sacerdote repete as palavras do Cristo e quais são estas palavras? (deixar os lobinhos responderem.) Isto mesmo: "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

Cristo quer que participemos de sua vida de amor e união com o Pai e o Espírito de Amor, sendo seus ir-

mãos, tendo uma vida nova, tornando-nos participantes de sua comunidade. Este apêlo do Cristo foi para todos, de todo mundo, até do Brasil, para nós aqui na Alcatéia.

G. Para a nossa vida

Diante dêste chamado, temos que responder a Cristo se aceitamos ser seus amigos, se temos fé em sua Palavra. Nós fomos um dia, quando pequenos, também batizados; mas vimos que não basta ser batizado. É preciso ter fé no Cristo e mudar de vida. Quando éramos pequenos, os nossos pais e padrinhos responderam por nós; agora é chegada a hora de respondermos nós mesmos ao Cristo (vamos pensar na nossa resposta; ficar um pouco em silêncio). Nós encontramos o Cristo; em nossos encontros temos conhecido o Cristo que é bom e é nosso amigo. Ele, depois de viver como nós, morrer e ressuscitar, foi ao encontro do Pai e enviou-nos seu Espírito de Amor. Fomos, como Cristo, também batizados; mas agora, diante de todos, digamos que nós queremos ser amigos de Cristo, que acreditamos na sua pessoa.

H. Agradecimento e Ação prática

Chefe: Meus amigos do encontro das reuniões: "Quem é o Cristo para nós?"

Todos juntos: Nós encontramos e aceitamos Cristo; Ele é a pessoa que nos pode salvar de nossas tristezas e nos levar para uma vida de alegria. Nós cremos em você, Cristo, mas pedimos que você esteja conosco, para que sempre sejamos fiéis ao seu chamado.

Um lobinho: Cristo, sou um lobinho cristão, sou batizado e vivo na grande Família da Igreja. Obrigado, Cristo, por ter-me chamado. Ajude-me a viver sempre como um irmão dos outros, amando a êles.

Ação: Nesta semana vou rezar todos os dias esta bela oração acima.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *O Batismo.*

M: um pouco d'água.

E: o chefe pega um boneco ou pega um dos lobinhos e demonstra como se faz o batismo em caso de emergência (jogar água em sinal de Cruz na fronte, dizendo: (nome) "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

O: fixação da mensagem recebida, ensinar a batizar.

c) *Kim*

M: Cartaz (ou tiras de cartolinas espalhadas pelo chão) com os objetos usados no Batismo Solene; lápis e papel;

F: matilha;

E: depois de 2 minutos de observação dá 3 minutos para que escrevam;

O: fixação da mensagem recebida, memória.

OBS. — Objetos usados no Batismo: óleo dos catecúmenos, óleo do crisma, água batismal, vela, veste branca, estola, livro de batismo, toalha.

d) *Certo e errado*

M: várias frases certas e várias frases erradas.

F: matilha.

E: ao sinal do chefe as matilhas começam a fazer o bloco das frases certas e erradas.

O: fixação da mensagem recebida, agilidade, memória.

20. Os Primeiros Cristãos

A. Introdução

Quando falamos em primeiros cristãos devemos ter claro duas palavras: Cristianismo e cristandade. Cristianismo significa tôdas as mil e uma interpretações que a Sagrada Escritura recebeu durante os séculos. Os gregos interpretaram a Bíblia conforme a mentalidade dêles. Como achavam que os corpos vivem aqui na terra e as almas unidas vivem lá no céu, interpretaram a mensagem de Cristo desta maneira: "Salve a sua alma, porque o corpo é pecaminoso". Conseqüentemente a Igreja e a Religião não têm nada a ver com as coisas do corpo. Que o Padre cuide da missa, confissão, eucaristia. Passando da porta da igreja começa o mundo.

Depois do Concílio e, conforme a mentalidade de hoje, voltamo-nos mais para o pensamento e a vida do próprio Cristo que era israelita e não grego. Os israelitas achavam que o corpo e a alma de uma única pessoa são partes inseparáveis que, conseqüentemente, não podemos separar. O mesmo acontece com o mundo e a Igreja. O padre não vive apenas na sacristia como o leigo não vive apenas no mundo. Mas os dois juntos se interessam pela pessoa que é corpo e alma. Prova desta união são os Atos dos Apóstolos que falam dos primeiros cristãos

que vendiam tudo para então viverem na comunidade, interessados no bem material e na saúde, como também no bem espiritual das pessoas.

Este fato chamamos de Cristandade. Fazer com que na comunidade em que vivemos com os lobinhos vivamos conforme a mentalidade moderna, uma cristandade, não dando tanta importância ao Cristianismo, ou seja, ao que comumente chamamos de catecismo de perguntas e respostas.

Eis a razão por que também abandonamos no lobismo as provas de religião. Não nos importa o que os lobinhos sabem de religião, mas sim, o que vivem da religião.

B. Material

Cartaz com uma figura de um grupo de pessoas alegres com a frase: "Da multidão dos que creram era um o coração e alma".

C. Revisão:

Veja a Gruta do Lobo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Vicente tinha vários colegas; eles viviam tão bem, tão unidos, que todos se admiravam da união daquele grupo de colegas; vendo isso outros meninos também quiseram entrar no grupo e participar de alegria deles. Assim também acontecia com os primeiros cristãos.

E. Trecho da Bíblia

Conte Atos dos Apóstolos 4, 32-37; 2,42-47.

F. Comentário

Os cristãos viviam todos unidos no mesmo Espírito de Amor. Saíram do seu egoísmo e fechamento e mudaram de vida; tornaram-se abertos ao Cristo e unidos, sendo entre eles tudo comum. Com coragem continuavam a dar testemunho que o Cristo havia ressuscitado e assim os discípulos de Cristo aumentavam, por causa da vida de amor que os primeiros cristãos levavam. A mensagem de Cristo era propagada pela palavra e pela vida dos primeiros cristãos. Entre eles não havia fome nem necessitados. Os que tinham alguma coisa davam aos que não tinham nada; em todos era grande o sinal da presença do Amor de Cristo. Viviam em união não só quando estavam juntos mas também em união de pensamentos, pois todos eram um só coração. Iam à igreja e viviam uma vida de louvor a Deus; assim iam cativando a simpatia do povo que se convertia à verdade.

G. Para a nossa vida

Nós fomos batizados e entramos na família de Deus, na comunidade cristã, a Igreja. Somos todos irmãos em Cristo, Ele é o nosso irmão mais velho. Aceitamos o chamado de Cristo e este chamado só pode ser vivido numa comunidade; esta comunidade é a Igreja. Nós aqui neste encontro somos a Igreja, estes que aceitaram viver juntos o que o Cristo quer. E Cristo quer para nós a felicidade, esta felicidade que os primeiros cristãos viviam na alegria e na união.

Também hoje, nós temos que atrair as pessoas para o Cristo, através de nossa união, nossa alegria, pela nossa vivência da mensagem do Evangelho.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, você quer a felicidade de todos; você nos mostra hoje a união dos primeiros cristãos; eles, pela sua união e alegria, cativam a simpatia do povo. Ajuda-nos, Cristo, a seguir o exemplo dos primeiros cristãos.

Pedir aos lobinhos que façam também uma oração espontânea.

Ação: Esta semana vou viver unido aos meus irmãos, quer dizer: vou ajudá-los como posso e viver alegre com eles.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Primeiros Cristãos:*

F: Alcatéia sentada em círculo.

E: Todos batendo palmas e cantando (música escoteira), os primeiros cristãos dançando em volta. Em dado momento param em frente de um e o convidam para entrar na dança.

O: fixação da mensagem recebida.

c) *Abertura:*

F: Alcatéia em círculo.

E: Os cristãos fora do círculo tentam entrar para que os pagãos entrem na comunidade cristã.

O: fixação da mensagem recebida.

d) *Imitação:*

F: Alcatéia espalhada e escondida, mas de modo que possa ver o chefe.

E: O chefe fará alguns movimentos, entre um e outro movimento procurará descobrir os lobinhos. Os que forem descobertos deverão imitar o chefe nos gestos.

V: Dos lobinhos que não forem descobertos pelo chefe, mas souberem imitar seus gestos, no fim do jogo.

21. Encontro Profundo com Cristo

A. Introdução

Quando dois namorados querem noivar e casar, como símbolo externo de sua união, eles usam a aliança. Sempre para haver união é preciso haver um objeto ou uma idéia que una.

Para unir os cristãos temos a Eucaristia, um pedaço de pão que para nossa fé se torna a presença de Cristo. Portanto, o sentido da Comunhão não é em primeiro lugar adorar a Cristo, mas sim unirmo-nos aos nossos irmãos. Cristo disse claramente: "O que fizerdes a um destes pobres que vive no meio de vós, é a mim que o fizestes".

Cristo, portanto, não quer apenas ser adorado na Igreja, mas principalmente nas pessoas que nos rodeiam. A missa é a reunião festiva da comunidade e nesta reunião nós nos conscientizamos que Cristo libertou o homem da ganância, da sede de lucro e do egoísmo.

Quando ele diz "faizei isto em memória de mim", ele nos dá a missão de libertar os outros de tudo o que os oprime.

B. Material

Um cartaz com a figura de Cristo e uma família em refeição!

C. Revisão:

Será que ajudei alguém ou contei para alguém que Cristo é bom e quer se dar a nós?

D. Partindo da vida do Lobinho

José gosta muito de seu pai, faz sempre a sua vontade. Aproximando-se o dia dos pais, ele, sendo o irmão mais velho, resolveu dar ao pai um presente, em nome de todos os irmãos. E quis dar uma festa, para mostrar ao pai todo o seu carinho: Vejamos como o Cristo procede de maneira semelhante.

E. Trecho da Bíblia

Conte Mt 26, 17-19.

F. Comentário

Estamos nos encontrando como o Cristo, que nos fala sempre da comunhão. Comunhão que ele realizou em sua vida; comunhão com o Pai e comunhão com todos que com ele viviam. Ele comungou com os noivos das bodas de Caná, transformando a água em vinho. Comungou com os cegos, dando-lhes a graça de enxergar. Comungou com a multidão faminta, dando-lhe pão. Comungou com o povo que tinha fome da palavra de amor; Ele tirou o povo da sua tristeza para lhe dar alegria.

É chegada a hora em que Cristo também quer fazer sua Páscoa; Ele deseja ardentemente nos encontrar; preparou-nos todo este tempo para participarmos melhor de sua refeição festiva, na qual Ele próprio se dá como alimento.

Ele nos reuniu; é o dono da festa e nos convoca, em nome do Pai. Antes, porém, de Êle nos fazer participantes do alimento comum, preparou-nos com a sua palavra e com a sua vida. Agora Êle quer encontrar-se conosco e que nós também sempre nos encontremos. A nossa comunhão não é o fim, mas o início de nossa constante comunhão com o Cristo e com os nossos irmãos.

Cristo se faz união, uma nova união com os homens, isto é: uma nova aliança, pela qual Êle nos chama para uma vida de encontro.

G. Para a nossa vida

Nós estamos mais próximos do encontro mais profundo com Cristo e nossos irmãos, através de um sinal que é verdadeiro, através da comida de pão e vinho, que é a própria presença de Cristo. Êle se dá em comunhão, para realizar uma mudança em nossa vida. Mudança de uma situação de procura para a situação de encontro mais profundo = comum-união!

Cristo é a descoberta de tôda essa nossa procura. Êle vai tornar-se o nosso melhor amigo, nosso irmão, que é capaz de sacrificar-se por amor dos outros irmãos.

H. Agradecimento e Ação prática

Cristo, no nosso primeiro encontro, você nos chamou pelo nome. Hoje também você nos chama para um encontro mais profundo com você. Para uma comunhão entre nós e você. Cristo, descobri que a comunhão não é só minha, mas de tôda uma equipe, de nossa alcatéia com você. Muito obrigado, Cristo.

Ação: Vamos pensar como vamos preparar-nos para o encontro com o Cristo e a nossa Alcatéia.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Visitar uma Igreja e fazer uma oração a Jesus Eucarístico.*

Pedir ao padre que mostre os paramentos e os objetos sagrados para a celebração da missa.

c) *Dramatização.*

d) *O Cálice:*

M: objetos da natureza.

F: matilha.

E: as matilhas terão que executar um cálice e uma hóstia, com objetos da natureza.

22. Cristo Perdoa Aquêles que Demonstram Amor

A. Introdução

Já em outra reunião falamos no sentido do pecado, ou seja, o isolamento. Nesta reunião agora, queremos mostrar o sentido profundo da confissão cristã. Todos nós alguma vez em nossa vida já sentimos medo ou vergonha de ir confessar com o padre. Porém, poucos de nós já procuraram o sentido dêste gesto. Qualquer falha que cometemos, fazemo-la a alguém, a uma pessoa. Se eu combino uma reunião às 15 horas e chego às 15,15, todo o grupo fica esperando por mim.

Não há pecado que não seja contra a comunidade. Habitualmente pedimos desculpas das falhas públicas e socialmente admissíveis diretamente às pessoas envolvidas no caso. E as falhas que a sociedade não admite publicamente? Injustiças, hipocrisia, mentiras, etc.? Para estas falhas a sociedade coloca uma pessoa, na qual ela confia, para ouvir o pedido de desculpas, pois faz parte da psicologia do homem pedir desculpas pelas falhas, sem o que êle se traumatizaria e se frustraria.

Esta pessoa chamamos de sacerdote, padre, frei. Eis o sentido da confissão. Disse um psicólogo famoso: "Se todo mundo tivesse fé e acreditasse na função social do padre confessor, muitas neuroses não teriam acontecido."

Naturalmente nós devemos ter como hábito pedir desculpas e, quando fôr o caso, desculparmo-nos com sinceridade e não com uma palavra que nem nós mesmos acreditamos.

B. Material

Cartolina com a frase: "Perdoados lhe são os seus pecados, porque êle amou muito."

C. Revisão:

Veja a Gruta do Lôbo.

D. Partindo da vida do Lobinho

Paulo era um menino muito levado. E considerado no bairro o menino mais travêso. Certo dia Paulo encontrou um môço chamado Sérgio que, com sua amizade, ajudou-o a tornar-se um môço a quem todos passaram a admirar e a querer bem.

E. Trecho da Bíblia

Conte Lc 7, 36-48.

F. Comentário

Cristo foi convidado para almoçar na casa de um fariseu chamado Simão. O que aconteceu, quando êle chegou lá? Isto mesmo. Êle se encontrou com uma mulher, que todos consideravam pecadora. E o que ela fez? Muito bem. Ela se aproximou do Cristo, ficou ajoelhada aos seus pés; chorou e, com lágrimas, banhou os pés de Cristo, os enxugou com seus cabelos e derramou perfume sôbre êles. Vendo isto, o dono da casa co-

meçou a pensar: Este homem não é profeta, pois, se fôsse, descobriria que está diante de uma pecadora pública.

Percebendo o seu pensamento, Cristo o chamou e contou-lhe uma parábola. Qual foi a parábola? Isto mesmo: um credor tinha dois devedores; um devia mais e o outro menos; não podendo nenhum dos dois pagar resolveu perdoar a ambos. Perguntou Cristo a Simão: Qual dêles gostará mais do Credor? Exatamente, você respondeu bem; aquêle a quem o credor perdoou mais. Então Cristo começou a explicar o que Ele queria dizer com esta parábola. Queria dizer que Simão não tinha sido gentil com Ele. Mas aquela mulher, considerada por todos pecadora, tinha sido gentil com Ele. Foi muito carinhosa com Cristo, querendo com isto mostrar-lhe o seu arrependimento. Ela, disse Cristo, demonstrou muito amor. Ela se arrependeu e foi ter com o Cristo, lá chegando, foi humilhada, soube reconhecer suas faltas e demonstrou muito amor. Reconheceu suas faltas e quis mudar para uma vida de mais amor. Ela se arrependeu e foi ter com o Cristo, lá chegando, foi humilhada, soube reconhecer suas faltas e demonstrou através daquele lavapés a sua vontade de mudar. Sendo assim, Cristo disse: "Perdoados te são os teus pecados". "Tua fé te salvou, vai em paz."

G. Para a nossa vida

Cristo perdoou à mulher pecadora; Ele a aceitou como ela era e soube descobrir o seu gesto de amor. A mulher pecadora reconheceu suas faltas e quis viver uma vida de Amor. Começou a procurar Cristo; Ele não só admirou seu gesto como também lhe perdoou suas faltas.

Na verdade, Cristo quer estar com todos os que querem amar. Ele ajuda a nós pecadores, para que saíamos da solidão e do fechamento para os outros, que é o pecado. Para quê? Para vivermos uma vida de amor com Ele e com os outros.

Cristo não olha tanto o pecado, mas a disposição da pessoa que quer melhorar. Mostra que os pecados são perdoados pela fé: aceitar o Cristo, querer viver a vida como o Cristo ensina. Cristo não olha a falta, mas a nossa disposição de amor.

Cristo, neste encontro, nos mostra a atitude de uma pecadora, arrependida, que demonstrou muito amor. Como ela somos também pecadores. Quantas vezes deixamos de viver uma vida de amor. Quantas vezes nos afastamos de nossos irmãos, brigando, não os amando, mas ofendendo. Paremos um pouco e pensemos em nossa vida. Como temos vivido? Será que vivemos como Cristo quer que vivamos? Qual tem sido a nossa atitude?

A do fariseu ou a da pecadora? (deixar o lobinho em silêncio.)

Precisamos saber que confessar-se é colocar-se diante de Cristo e dos irmãos e reconhecer as faltas. É sermos capazes de querer mudar para melhor e vivermos unidos com Cristo. Quem está em situação de pecado se afasta de Cristo e dos irmãos de nossa equipe, que é a Igreja.

H. Agradecimento e Ação prática

Jesus Cristo, obrigado por mais êste encontro. Você ama os que se arrependem; gostaria de pedir-lhe perdão, e que aumente o meu amor para com você e para com os outros, com quem vivo cada dia.

Vamos procurar amar Jesus Cristo amando os nossos irmãos. Vou pedir desculpas, quando cometer uma falta.

I. Atividades

a) *Veja a Gruta do Lobo.*

b) *Bem e mal.*

M: distribuir com as matilhas uma estória.

F: matilha.

E: As matilhas terão que dizer quais as qualidades más e boas dos personagens da estória.

c) *Confissão.*

M: uma bola.

F: alcatéia em círculo.

E: O chefe joga a bola para o lobinho. Este tem que dizer uma falta que geralmente se faz.

d) *Jôgo do perdão.*

F: matilhas.

E: os primos vão até o padre; confessam e o padre perdoa (apêto de mão) e voltam ao seu lugar. Sai o seguinte que faz o mesmo e assim sucessivamente até todos confessarem.

O: fixação da mensagem.

DINÂMICA DE GRUPO

sôbre as quatro reuniões anteriores

a) Os lobinhos estão reunidos em seus cantos de matilha.

b) Refletem sôbre as quatro reuniões anteriores.

19. Cristo quer que sejamos batizados.

20. Os primeiros cristãos.

21. Encontro profundo com Cristo.

22. Cristo perdoa aquêles que demonstram amor.

c) Perguntas para serem discutidas por matilha.

— Como se batiza em caso de emergência e qual a finalidade do batismo?

— Por que as pessoas comungam todos os domingos?

Não esqueça que a comunhão tem duas finalidades.

— O que Cristo nos ensina quando Ele nos perdoa os nossos pecados na confissão?

d) Plenário:

A Aquelá reúne os lobinhos em plenário para juntos analisarem as respostas das diversas matilhas.

19. Bibliografía Consultada:

- *Educación e Escotismo* — Piero Bertolini
- *Sêde Perfeitos* — E. J. Rowland
- *Documentos Pontifícios sôbre o Escotismo*
- *Carnet de la Ruta* — Luís Perez Aguirre
- *Der Georgspfadfinder* — Handbuch fuer Pfadfinder
- *Guia do Corpo Nacional de Escutas* — Portugal
- *A arte de ser Chefe* — G. Courtois
- *Política Religiosa da Conferência Interamericana sôbre o Escotismo* — C.I.E.
- *1º Encontro Episcopal Interamericano sôbre o Escotismo* — C.I.E.
- *O Lobinho e a Formação do Caráter* — V. Barclay
- *P.O.R. (Princípios, Organização e Regras)*
- *Regimento Interno da U.E.B.*
- *Regulamento da Assistência Religiosa Católica*
- *Il Sacerdote degli Esploratori* — Itália
- *Cristo y el Rover*
- *El Capellán Scout* — Scouts Salvadoreños
- *El Escultismo y la Iglesia Católica* — Dr. Alfredo Muller
- *L'Assistente al Campo* — D. Nobels
- *Las Obligaciones Religiosas de los Scouts*
- *Guia do Chefe Escoteiro* — Lord Baden-Powell
- *O Manual do Lobinho* — Lord Baden-Powell
- *Escotismo para Rapazes* — Lord Baden-Powell
- *Caminho para o Sucesso* — Lord Baden-Powell
- *Deberes para con Dios en la Mañada* — H. Addis
- *Kuraten Handbuch* — P. Michael Nordhausen
- *Azimute* — Boletim da ARCA

Índice

1. Prefácio: D. Paulo Evaristo Arns	5
2. Apresentação: Mensagem aos Chefes e Assistentes Religiosos	9
3. Regulamentação da Assistência Religiosa:	
A) P.O.R. (Princípios, Organização e Regras)	13
Secção 1 — Princípios gerais	13
Secção 3 — Orientação religiosa	16
B) Regimento Interno — Assistência Religiosa	18
C) Regulamento da Assistência Religiosa	
Finalidade 20	Estatuto pessoal 27
Organização 20	Administração 27
Nomeações 25	Publicações 28
Duração do mandato 27	A ARCA e a CISC 28
A ARCA e as outras religiões	29
A ARCA e os membros católicos da UEB	29
4. A ação pastoral no Escotismo	
A) O Escotismo, um movimento educacional	30
1. As três constantes:	
a) O sistema de patrulha	30
b) O espírito aventureiro	32
c) A insistência na confiança	33
2. O Escotismo, um movimento educacional, com espírito cristão:	

a) Esquecemo-nos que o Escotismo é um método para formar o cristão	36
b) Corremos o risco de desenvolver um gênero de vida que se avizinha do estoicismo	37
c) Corremos o risco de desenvolver uma mentalidade infantil que se fixa para toda a vida	37
3. Formação positiva:	
a) Noções básicas	38
b) A imperiosa necessidade do silêncio	39
B) Delimitação das funções:	
1. A dupla Chefe-Assistente Religioso	40
O papel do responsável leigo (Chefe)	40
O papel do Assistente Religioso	41
2. As relações da dupla Chefe-Assistente Religioso	43
C) As Atividades Religiosas:	
a) Podêres e privilégios do Assistente Religioso	44
b) O Adestramento religioso	45
c) As especialidades religiosas	46
d) A vida religiosa no campo	47
e) A palavra do Assistente Religioso	47
5. Sugestões para ação pastoral	
A) A necessidade de uma pastoral de conjunto	49
B) Abertura ao diálogo	50
C) Princípios gerais	50
D) Liturgia e Escotismo	55
E) Sistema Escoteiro e ação pastoral	56
6. O Escotismo como método de educação integral	58
7. O problema do adestramento religioso	62
A) O exemplo pessoal do Chefe	65
B) A observação da natureza	66

C) O sentido do serviço e autoridade em função do amor	66
D) O fogo de Conselho	66
E) A atmosfera religiosa no acampamento	67
8. As exigências do adestramento religioso	68
A) Adestramento religioso para Lobinhos	68
B) Adestramento religioso para Escoteiros	69
C) Adestramento religioso para Escoteiros-Seniores	71
D) Adestramento religioso para Pioneiros	72
9. Princípios do Escotismo:	
A) O que é o Escotismo	74
B) Características da pedagogia escoteira	74
C) Finalidade concreta de cada Ramo no Escotismo	76
10. A Religião como base do Escotismo	78
11. O Pensamento do Fundador	83
12. O lugar reservado à Religião na educação escoteira	86
13. Escotismo e suas relações com a Igreja	91
14. O Assistente Religioso no Escotismo	98
A) Princípios gerais	98
B) A figura do Assistente Religioso	100
C) A presença do Assistente Religioso no Escotismo	105
1. Método ativo	106
2. A vida ao ar livre	108
3. A vida em comunidade	109
D) O Assistente Religioso e a União dos Escoteiros do Brasil	112
E) O Assistente Religioso e os Lobinhos	113
F) O Assistente Religioso e os Escoteiros	115
G) O Assistente Religioso e os Escoteiros-Seniores e Pioneiros	117
H) O Assistente Religioso e os Chefes	119

I) O Assistente Religioso e o Adestramento	120
J) O Assistente Religioso no acampamento	121
a) Necessidade de planejamento no programa religioso	122
b) A celebração eucarística no acampamento	122
c) O acampamento leva ao diálogo com Deus	123
d) Lema e Padroeiro	125
15. A importância do exemplo pessoal do Chefe	126
16. Comentários, jogos e atividades referentes ao adestramento religioso para Escoteiros, contido no livro "Escalada"	129
17. As Especialidades Religiosas:	
A) Estudo e explicação para Lobinhos	154
Acólito 155	Amigo da Bíblia 160
Apóstolo 159	Cantor 163
B) Estudo e explicação para Escoteiros	166
Liturgia 166	Amigo da Bíblia 175
Amigo das Missões 172	Marianista 178
C) Estudo e explicação para Escoteiros-Seniores	188
Liturgia 188	Evangelista 198
História da Igreja 188	Marianista 200
18. O Adestramento religioso para Lobinhos Católicos "A Gruta do Lobo" — "As provas de Religião para Lobinhos" — uso da Aquelá	203

PLANO DE EVANGELIZAÇÃO PARA LOBINHOS

Encontro com o Cristo

1. Jesus Cristo se encontra comigo	221
------------------------------------	-----

Como Cristo é:

2. Cristo quer que eu seja alegre. (As bodas de Caná)	225
3. Cristo é bom (A viúva de Naim)	229

4. Jesus atende àquele que tem fé (Cura do filho do Oficial)	233
5. Cristo quer que todos vejam (Os dois cegos) Revisão e Dinâmica de Grupo	237 240
6. Cristo alimenta as pessoas (Multiplicação dos pães)	242
<i>O que Cristo exige de nós:</i>	
7. Cristo exige de nós a fé (Cristo anda sobre as ondas)	246
8. Cristo quer que nós amemos a todos (O bom samaritano)	251
9. Cristo quer que sejamos disponíveis para os outros	256
Revisão e Dinâmica de Grupo	258
<i>Cristo fala do Pai:</i>	
10. Cristo quer que a gente reze (O fariseu e o publicano)	261
11. Cristo ensina que a criação é presente de Deus	265
<i>Cristo forma uma equipe:</i>	
12. Cristo forma uma equipe	269
13. Viver em equipe é dar-se para o outro	274
14. Os que não aceitaram a equipe	279
Revisão e Dinâmica de Grupo	282
<i>Páscoa:</i>	
15. A última refeição da equipe	284
16. A páscoa de Jesus Cristo	288
17. A chegada do Espírito de Amor	292
18. As primeiras palavras de Pedro	296
Revisão e Dinâmica de Grupo	300
19. Cristo quer que sejamos batizados	302
20. Os primeiros cristãos	307
21. Encontro profundo com o Cristo	312
22. Cristo perdoa aqueles que demonstram amor	316
Revisão e Dinâmica de Grupo	321
19. Bibliografia	322

Este livro foi composto na Linotipia Luna, Rua Camerino, 162, GB, e impresso nas oficinas gráficas da Editôra Vozes Limitada, Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.

Livros da Assistência Nacional Religiosa Católica da União dos Escoteiros do Brasil:

Editados até 1970:

1. ESCALADA — Livro do Escoteiro e Sênior. Contém o adestramento religioso com temas de reflexão e debate e as Especialidades religiosas.
2. ROTEIRO PASTORAL — Livro do Chefe, Aquelá e Assist. Religioso. Contém as orientações pastorais. Comentários, jogos e atividades referentes aos temas de "Escala-lada". As provas de religião para Lobinhos (uso da Aquelá). Estudo e explicação das Especialidades religiosas. Regulamentação da Assistência Religiosa.
3. SÉDE PERFEITOS — Palestras sobre a Promessa e a Lei Escoteira.
4. 1º ENCONTRO EPISCOPAL INTERAMERICANO SOBRE O ESCOTISMO.
5. 2º ENCONTRO EPISCOPAL INTERAMERICANO SOBRE O ESCOTISMO.
6. POLÍTICA RELIGIOSA DA CONFERÊNCIA ESCOTEIRA INTERAMERICANA.
7. CURSO ECUMÊNICO "DEVERES PARA COM DEUS" (Uso exclusivo da Equipe dirigente).
8. CURSO "A D E R E" (uso da Equipe). Adestramento religioso dos Escotistas. Curso de três dias, organizado e dirigido pela Assistência Religiosa Nacional.
9. CURSO "A P E R E" (uso da Equipe). Aperfeiçoamento religioso dos Escotistas. Encontro de um dia, um mês após o ADERE.

Edições previstas para 1971:

10. A GRUTA DO LÔBO — Livro do Lobinho. O adestramento religioso (provas de religião) para Lobinhos.
11. O DEVOCIONÁRIO ESCOTEIRO. Orações, cânticos sacros, paraliturgias e cultos ecumênicos.
12. RETIRO PARA ESCOTEIROS. Temas de reflexão para um dia de retiro com os Escoteiros.

O livro "Roteiro Pastoral" foi editado pela UEB e pela ARCA em 1971.

Possui o formato A5 (13 x 18 cm) como livro de lombada quadrada.

Com capa colorida em 2 cores (azul e preto) papel 120gr plast.

Possui 330 páginas brancas impressas em preto, e mais 6 ilustrações coloridas.

O original deste livro nos foi emprestado por Eurico Souza Leite Filho, vindo de Portugal.

"Uma vez Escoteiro, sempre Escoteiro"

A digitalização e montagem deste PDF foi feita pelo chefe Paulo Cabello do site: www.lisbrasil.com

ROTEIRO PASTORAL